

A detailed botanical illustration of three yellow peaches with green leaves. The peaches are arranged in a cluster, with one in the foreground and two slightly behind it. The leaves are large, green, and have prominent veins. The background is plain white.

ELIF
SHAFAK

Três Filhas de
EVA

«Na ficção de Elif Shafak
quase tudo é política.»
Isabel Lucas, *Público*



QUETZAL
serpente emplumada





ELIF
SHAFAK

Três Filhas de
EVA

*«Na ficção de Elif Shafak
quase tudo é política.»*
Isabel Lucas, Público



QUETZAL
serpente emplumada



Elif Shafak nasceu em França, em 1971. É uma ficcionista largamente premiada e uma das autoras mais lidas na Turquia. Os críticos referem-na como uma das vozes que mais se destacam na literatura turca e na literatura mundial da contemporaneidade. Os seus livros estão traduzidos em mais de 40 línguas. Shafak escreve ficção em inglês e turco e o seu trabalho literário resulta de diversas tradições literárias e de um profundo interesse em história, filosofia, misticismo, política e direitos das mulheres. A sua escrita derruba categorias, clichés e guetos culturais.

Elif Shafak colabora com importantes jornais — *Financial Times*, *The Guardian*, *The New York Times*, *Die Zeit*, *La Repubblica*, *The Independent* — e revistas, como a *Newsweek* e a *Time*.



Havia quatro pessoas na imagem. O professor e as suas alunas. Felizes, esperançosas e prontas para mudar o mundo, ignorando alegremente o que o futuro lhes reservava. Peri lembrava-se do dia em que a fotografia fora tirada. «O pior inverno das últimas décadas em Oxford.» Lembrava-se de tudo: manhãs de enregelar os

ossos, canos congelados,
pilhas de neve nos
passeios e o inebriante
elixir do enamoramento a
percorrer-lhe o corpo.
Nunca se sentira tão viva.

Elif Shafak

Título: Três Filhas de Eva

Título original: Three Daughters of Eve

Autor: Elif Shafak

1.ª edição em papel na Quetzal: maio de 2018

Tradução: Tânia Ganho

Revisão: António Brás

Preparação: Diogo Morais Barbosa

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Fotografia da capa: Ivan-96/Getty Images

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2018 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 2016 Elif Shafak

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-524-6

«Que farás tu, meu Deus, quando eu morrer?
Sou o teu cântaro (quando me quebrar?)
Sou a tua bebida (quando me estragar?)
Sou o teu manto e o teu operar,
Comigo tu o teu sentido vais perder.»

R.M. RILKE, in *O Livro de Horas*

«Virias se alguém te chamasse
pelo nome errado?
Chorei, porque durante anos
Ele não veio ao encontro dos meus braços;
depois, uma noite, contaram-me um segredo;
talvez o nome que dás a Deus
não seja realmente o Dele,
talvez seja apenas um pseudónimo.»

RABIA, a primeira santa sufi,
século VIII, Iraque

Primeira Parte

A carteira



Istambul, 2016

Foi num dia banal de primavera em Istambul, numa tarde longa e plúmbea, semelhante a tantas outras, que ela descobriu, com uma sensação oca na barriga, que era capaz de matar. Sempre desconfiara que até as mulheres mais calmas e doces eram propensas, sob pressão, a ataques de violência. Como não se considerava nem calma nem doce, deduzira que o seu potencial para se descontrolar fosse, assim, consideravelmente maior. Mas «potencial» era uma palavra traiçoeira. Toda a gente dissera, a dada altura, que a Turquia tinha um grande potencial, e vejam só no que isso deu. Por isso, ela reconfortara-se pensando que o seu potencial para as trevas também não daria em nada.

E, felizmente, o Fado — essa tabuinha bem conservada onde estava inscrito tudo o que acontecia e o que ia acontecer — poupava-a, em grande parte, à prática do mal. Durante todos aqueles anos, levava uma vida decente. Não fizera mal a outro ser humano, pelo menos não de propósito, pelo menos não recentemente, excetuando um pouco de bisbilhotice ou maldizer, o que não devia contar para nada. No fim de contas, toda a gente o

fazia e, se fosse um pecado assim tão grande, os poços do Inferno estariam a transbordar. Se causara angústia a alguém, fora a Deus, e Deus, embora se aborrecesse facilmente e fosse manifestamente caprichoso, nunca ficava magoado. Magoar e magoar-se era uma característica humana.

Aos olhos da família e dos amigos, Nazperi Nalbantoğlu — Peri, como todos a tratavam — era *boa* pessoa. Apoiava obras de beneficência, participava em campanhas de sensibilização para a doença de Alzheimer e angariava dinheiro para famílias carenciadas; fazia voluntariado em lares da terceira idade, onde entrava em torneios de gamão, nos quais perdia de propósito; levava guloseimas na carteira para os abundantes gatos vadios de Istambul e, de vez em quando, mandava-os esterilizar à sua própria custa; estava atenta ao desempenho dos seus filhos na escola; organizava jantares elegantes para o patrão e os colegas do marido; jejuava no primeiro e no último dia do Ramadão, mas tendia a ignorar os restantes; sacrificava sempre uma ovelha pintada com hena no Eid¹. Nunca atirava lixo para o chão na rua, nunca desrespeitava as filas no supermercado, nunca levantava a voz, mesmo quando a tratavam indelicadamente. Era uma boa esposa, uma boa mãe, uma boa dona de casa, uma boa cidadã, uma boa muçulmana moderna.

O tempo, como um destro alfaiate, cosera com uma costura invisível os dois tecidos que cobriam a vida de Peri: o que as pessoas pensavam dela e o que ela pensava de si própria. A impressão que causava nos outros e a sua autopercepção tinham sido unidos num todo tão perfeito que ela já não sabia até que ponto cada dia era definido pelo que os outros desejavam ou pelo que ela realmente queria. Sentia muitas vezes vontade de pegar num balde

cheio de água com sabão e esfregar as ruas, as praças públicas, o governo, o parlamento, a burocracia e, já agora, umas quantas bocas também. Havia tanta porcaria para limpar; tantos cacos para colar; tantos erros para corrigir. Todas as manhãs, quando saía de casa, soltava um suspiro discreto, como se, com uma expiração, pudesse eliminar os detritos da véspera. Embora Peri questionasse, sem falta, o mundo, e não fosse de se calar perante a injustiça, decidira, havia uns anos, contentar-se com o que tinha. Foi, por conseguinte, uma surpresa quando, num dia mediano, aos trinta e cinco anos, bem instalada na vida e respeitada, deu por si a contemplar o vazio da sua alma.

Foi tudo por causa do trânsito, pensaria mais tarde para se consolar. Estrondos, bramidos, o estrépito de metal a bater em metal como os gritos de mil guerreiros. A cidade inteira era um gigantesco estaleiro. Istambul crescera descontroladamente e continuava a expandir-se, um peixinho-dourado inchado, sem noção de que devorara mais do que conseguiria digerir, e sempre em busca de comida. Olhando em retrospectiva para essa tarde fatídica, Peri concluiria que, se não fosse o terrível engarrafamento, a cadeia de acontecimentos que despertara uma parte da sua memória há muito adormecida nunca teria sido posta em marcha.

Ei-las, avançando a passo de caracol ao longo de uma estrada de duas faixas, meio bloqueada por uma carrinha virada de lado, encurraladas entre veículos de todos os tamanhos. Os dedos de Peri tamborilavam no volante, mudavam de estação de rádio de tantos em tantos minutos, enquanto a filha, de auscultadores postos, exibia uma expressão entediada no banco ao seu lado. Como uma varinha mágica nas mãos erradas, o trânsito transformava minutos em horas, humanos em bestas e qualquer vestígio de sanidade em

pura loucura. Istambul não parecia importar-se com isso. Tinha tempo, bestas e loucura de sobra. Mais uma hora, menos uma hora, mais uma besta, menos um louco... a partir de determinada altura, já não fazia diferença.

A loucura corria nas ruas daquela cidade, como uma droga inebriante na corrente sanguínea. Todos os dias, milhões de habitantes de Istambul engoliam mais uma dose, sem perceber que estavam cada vez mais desequilibrados. Pessoas que se recusavam a partilhar o seu pão partilhavam, ao invés, a sua loucura. Havia algo de inescrutável na perda coletiva da razão: se suficientes olhos sofressem a mesma alucinação, esta tornava-se uma verdade; se suficientes pessoas se rissem da mesma miséria, esta tornava-se uma graça.

— Ai, para de catar as peles das unhas! — disse Peri, de repente. — Quantas vezes já te avisei para não o fazeres?

Devagar, muito devagar, Deniz puxou os auscultadores para o pescoço.

— As unhas são *minhas* — respondeu, e bebeu um gole do copo de cartão que estava pousado entre elas.

Antes de se fazerem à estrada, tinham passado por um Star Börek — uma cadeia de cafés turca que a Starbucks já tinha levado várias vezes à justiça por usar o seu logotipo, a sua ementa e a sua versão distorcida do nome, mas que, por causa de lacunas na lei, continuava a funcionar — e comprado duas bebidas: um café com leite magro para Peri e um *frappuccino* com natas e uma dose dupla de pepitas de chocolate para a filha. Peri já tinha bebido o seu, mas Deniz estava a demorar horas, bebericando cuidadosamente como um pássaro ferido. Lá fora, o Sol fundia-se no horizonte e os seus últimos raios pintavam os telhados das barracas, as cúpulas das

mesquitas e as janelas dos arranha-céus com o mesmo tom baço de ferrugem.

— E o carro é *meu* — retorquiu Peri entre dentes. — Estás a deixar cair as peles para o chão.

Assim que as palavras lhe fugiram da boca, arrependeu-se. «O carro é meu!» Que coisa horrível de se dizer a um filho... ou seja, a quem for, já agora. Ter-se-ia tornado um daqueles loucos materialistas cuja noção de ego e lugar no mundo assenta nos bens que possuem? Esperava que não.

A filha não pareceu surpreendida. Encolheu os ombros ossudos, olhou lá para fora e avançou furiosamente para a unha seguinte.

O carro arrancou e parou outra vez com uma chiadeira de pneus. Era um Range Rover de uma cor chamada Azul Monte Carlo, segundo o catálogo do vendedor. Havia outras cores disponíveis na brochura: Branco Davos, Vermelho Dragão Oriental, Rosa Deserto Saudita, Azul-Brilhante Polícia do Gana ou Verde Mate do Exército da Indonésia. Peri imaginou, de lábios crispados e a cabeça a abanar, os tipos frívolos do marketing que inventaram aqueles nomes e perguntou-se se os condutores teriam noção de que os automóveis todos modernos e reluzentes em que se exibiam eram associados à polícia, ou aos militares, ou a tempestades de areia na península árabe.

Independentemente das suas cores, Istambul pululava de veículos de luxo, muitos dos quais pareciam fora de contexto, como cães com *pedigree* nobre que, embora estivessem destinados a uma vida de conforto e comodidade, se tivessem perdido e vagueassem num ermo. Havia descapotáveis de corrida que rugiam de frustração por não poderem acelerar; veículos todo-o-terreno que, por mais hábil que fosse a manobra, não cabiam em lugares de

estacionamento diminutos — quando, por sorte, os havia —, e sedãs caros concebidos para estradas largas e desimpedidas que só existiam em terras longínquas e nos anúncios de televisão.

— Li algures que foi considerado o pior do mundo — disse Peri.

— O quê?

— O trânsito. Estamos no primeiro lugar da lista. Pior do que o Cairo, vê só. Pior ainda que Deli!

Ela nunca tinha ido ao Cairo nem a Deli, mas enfim. Como tantos naturais de Istambul, Peri estava convencida de que a sua cidade era mais civilizada do que esses lugares distantes, agrestes e engarrafados, embora «distante» fosse um conceito relativo e os adjetivos «agreste» e «engarrafado» fossem, amiúde, aplicados a Istambul. Ainda assim, aquela cidade fazia fronteira com a Europa. Uma proximidade dessas tinha de valer alguma coisa. Era tão incrivelmente perto que a Turquia tinha posto um pé na porta da Europa e tentara avançar por ela dentro com toda a sua pujança... mas acabara por descobrir que a abertura era tão estreita que, por mais que o resto do corpo se contorcesse e encolhesse, não conseguiria passar. Também não ajudava que, entretanto, a Europa estivesse a empurrar a porta para a fechar.

— Fixe! — exclamou Deniz.

— Fixe? — repetiu Peri, incrédula.

— Sim. Pelo menos somos os primeiros em alguma coisa.

Ultimamente, era assim a sua relação com a sua filha: qualquer opinião que Peri exprimisse acerca de um assunto, Deniz defendia logo a perspectiva oposta. Todos os comentários que Peri fizesse, por mais aptos ou lógicos, eram sempre recebidos pela filha com uma hostilidade que raiava o ódio. Peri estava ciente de que Deniz, tendo chegado à idade complicada de doze anos e meio, tinha de se

libertar da influência dos pais, em especial da da *mater familias*. Compreendia isso. O que não conseguia perceber era a fúria desmesurada que tal implicava. A filha fervilhava com uma raiva que Peri nunca sentira em nenhuma fase da vida, nem sequer na adolescência. Ela própria atravessara a puberdade num estado de inocente confusão, quase que de ingenuidade. Fora uma adolescente tão diferente, comparada com a filha, embora a sua mãe não tivesse nem metade da sua compreensão e sensibilidade. De uma maneira qualquer circular, quanto mais Peri sofria com os ataques fortuitos de agressividade da filha, mais se irritava consigo mesma por, no passado, não se ter revoltado mais contra a sua própria mãe.

— Quando chegares à minha idade, já não terás paciência para esta cidade — murmurou Peri.

— *Quando chegares à minha idade...* — imitou Deniz, amarga. — Antes, não costumavas falar assim.

— Porque agora as coisas estão a piorar!

— Não, mãe, tu é que te fazes velha — ripostou Deniz. — É a maneira como falas. E já olhaste bem para a tua roupa?

— O que é que tem o meu vestido?

Silêncio.

Peri baixou os olhos para o seu vestido de seda roxo e para o casaco de chiffon bordado com missangas. Comprara o conjunto numa butikue, num espaço comercial novinho em folha, aninhado dentro de um centro comercial maior, como se um tivesse acabado de parir o outro. Era demasiado caro. Quando se queixara do preço, o empregado da loja não dissera nada, limitara-se a esboçar um sorrisinho ao canto da boca. «Se não tem dinheiro que chegue, minha senhora, o que é que está aqui a fazer?», dizia o sorriso.

Aquele ar de condescendência humilhara Peri e ela dera por si a dizer: «Eu levo-o.» Agora, sentia que o tecido lhe estava demasiado apertado na pele e via que a cor era péssima. O roxo que lhe parecera ousado e confiante, sob as luzes fluorescentes da loja, afigurava-se-lhe agora demasiado garrido e pretensioso à luz do dia.

Eram pensamentos inúteis, uma vez que não tinha tempo para ir a casa trocar de roupa. Já estavam atrasadas para um jantar na mansão à beira-mar de um homem de negócios que, nos últimos anos, fizera uma fortuna colossal. Não havia nada de invulgar nisso, o que mais existia em Istambul eram velhos pobres e novos ricos e gente desejosa de ser catapultada da primeira para a segunda categoria.

Peri não gostava dessas festas, que se prolongavam pela noite dentro e muitas vezes a deixavam com uma dor de cabeça, no dia seguinte. Preferia ficar em casa e, na hora das bruxas, estar mergulhada num romance, sendo a leitura a sua maneira de se ligar ao universo. A solidão, porém, era um privilégio raro em Istambul. Havia sempre um evento importante ou uma responsabilidade social urgente, como se a cultura do país, qual criança com medo da solidão, teimasse que toda a gente devia ter sempre companhia. Tanto riso e tanta comida. Política e charutos. Sapatos e vestidos, mas, acima de tudo, carteiras de marca. As mulheres exibiam as suas carteiras como troféus ganhos em longínquas batalhas. Não havia maneira de saber quais eram originais e quais eram falsas. As senhoras das classes média e alta de Istambul, como não queriam ser vistas a comprar artigos de contrabando, em vez de visitarem lojas duvidosas no Grande Bazar e à sua volta, convidavam os vendedores para irem a sua casa. Carrinhas cheias de Chanel, Louis Vuitton e Bottega Veneta, com os vidros fumados, as

matrículas obscurecidas pela lama (embora o resto do veículo estivesse absolutamente imaculado), andavam de um lado para o outro entre os bairros endinheirados e entravam nas garagens privativas das vivendas pelos portões das traseiras, como num film noir ou num filme de espões. Os pagamentos eram feitos em dinheiro vivo, não havia recibos, nem perguntas. No encontro social seguinte, essas mesmas senhoras inspecionavam as carteiras umas das outras, não só para identificar a marca de luxo, mas também para avaliar a autenticidade, ou a qualidade da imitação. Era preciso um esforço enorme. Um esforço ótico.

As mulheres observavam-se fixamente. Perscrutavam, esmiuçavam, esquadrihavam, em busca das falhas das outras mulheres, quer evidentes quer camufladas. Manicures descuradas, quilos adquiridos, barrigas flácidas, lábios com *botox*, varizes, celulite ainda visível depois da liposucção, raízes a precisar de tinta, uma borbulha ou uma ruga escondida por baixo de camadas de base... Não havia nada que os seus olhares penetrantes não conseguissem detetar e decifrar. Por mais despreocupadas que as mulheres estivessem antes de chegar à festa, demasiadas delas acabavam por se tornar vítimas e perpetradoras. Quanto mais Peri pensava no serão que tinha pela frente, mais pavor sentia.

— Preciso de esticar as pernas — disse Deniz, saindo do carro.

Peri acendeu imediatamente um cigarro. Tinha deixado de fumar havia mais de uma década, mas, ultimamente, dera em andar com um maço de tabaco e em acender um cigarro de vez em quando; embora ficasse satisfeita ao fim de umas passas, nunca fumava nenhum até ao fim. Deitava sempre a beata fora, com um sentimento de culpa e algo parecido com repulsa. A seguir, mascava pastilha de mentol para disfarçar o cheiro, apesar de não gostar do

sabor. Sempre achara que, se os sabores das pastilhas elásticas fossem regimes políticos, o mentol seria o Fascismo: totalitário, estéril, severo.

— Mãe, nem se consegue respirar — queixou-se Deniz, entrando no carro. — Não sabes que isso mata?

Deniz estava naquela idade em que as crianças tratam os fumadores como se fossem vampiros à solta. Na escola, fizera uma apresentação sobre os malefícios do tabaco, com um cartaz em que setas fluorescentes ligavam um maço de cigarros acabado de abrir a uma campa acabada de escavar.

— Está bem, está bem — disse Peri, abanando a mão para encerrar o assunto.

— Se eu fosse presidente, mandava prender os pais que fumassem ao pé dos filhos. A sério!

— Então, ainda bem que não és candidata à presidência — respondeu Peri, antes de carregar no botão para abrir a janela.

O fumo que ela expirou lá para fora rodopiou no ar e depois, lenta e inesperadamente, entrou pela janela aberta do carro ao lado. Essa era uma das coisas de que uma pessoa não se conseguia livrar naquela cidade: proximidade. Tudo ficava adjacente a qualquer coisa. Os peões abriam caminho por entre as ruas como um só organismo; os passageiros dos *ferries* sentavam-se à cunha ou seguiam de pé nos autocarros e no metro, colados uns aos outros; umas vezes, os corpos colidiam e esbarravam, e outras, coexistiam sem peso, roçando suavemente uns nos outros como esporos de dentes-de-leão na brisa.

Estavam dois homens no carro ao lado. Sorriram-lhe ambos. Lembrando-se de que o *Manual do Patriarcado — Nível Avançado* definia o ato de uma mulher atirar fumo para a cara de um

desconhecido como um convite sexual declarado, Peri empalideceu. Embora, por vezes, fosse fácil esquecer-se disso, a cidade era um mar tempestuoso pejado de icebergues de masculinidade à deriva, e convinha uma pessoa afastar-se deles, cautelosa e astutamente, porque nunca se sabia qual a dimensão do perigo que se escondia abaixo da superfície.

Quer de carro quer a pé, o melhor era uma mulher manter o olhar desfocado e virado para dentro, como se perscrutasse recordações distantes. Sempre que fosse possível, devia baixar a cabeça para transmitir uma mensagem inequívoca de modéstia, o que não era fácil, uma vez que os perigos da vida urbana, já para nem falar na atenção masculina indesejada e no assédio sexual, exigiam que uma pessoa andasse em estado de alerta constante. Peri não entendia como é que uma mulher podia manter a cabeça baixa e simultaneamente ter os olhos bem abertos. Deitou fora o cigarro e fechou a janela, esperando que os dois desconhecidos perdessem depressa o interesse. O semáforo passou de vermelho para verde, mas não fez diferença nenhuma. Estava tudo parado.

Foi então que reparou num mendigo que caminhava pelo meio da estrada. Alto e esgalgado, com um rosto anguloso, era etéreo como um sussurro, tinha a testa enrugada como um velhinho, uma erupção cutânea no queixo e as mãos manchadas de eczema. Peri pensou que fosse um dos milhões de refugiados sírios que tinham fugido da única vida que conheciam... embora também pudesse muito bem ser um turco da zona, ou um curdo, ou um cigano, ou um bocadinho de tudo. Quantas pessoas naquela terra de infindáveis migrações e transformações podiam afirmar com toda a certeza que eram de uma só etnia, a menos que estivessem a querer enganar-

se a si próprias... e aos filhos? Mas, enfim, o que não faltava em Istambul eram logros.

Os pés do indivíduo tinham crostas de lama ressequida e ele usava um casaco andrajoso com o colarinho puxado para cima, tão sujo que era quase preto. Tendo encontrado o cigarro dela, manchado de batom, fumou-o descontraidamente. O olhar de Peri deslocou-se da boca dele para os olhos, surpreendida por ver que ele a estivera a observar com uma expressão divertida. O seu porte tinha um toque de bazófia, quase de desafio; parecia, mais do que um mendigo, um ator a fazer de mendigo e, seguro do seu desempenho, esperava aplausos.

Como tinha agora três homens a evitar, os dois no carro mais o mendigo, Peri virou-se bruscamente para o lado, esquecendo-se do copo de café que ali estava. O *frappuccino* virou-se, derramando o conteúdo espumoso no seu colo.

— Oh, não! — guinchou Peri, abrindo a boca, horrorizada, ao ver a mancha escura a espalhar-se-lhe no vestido tão caro.

A filha soltou um assobio, claramente divertida com o desastre.

— Podes sempre dizer que é uma peça de um estilista novo meio maluco.

Ignorando o comentário e amaldiçoando-se, Peri pegou às cegas na sua carteira — uma Birkin de avestruz alfazema, perfeita em todos os pormenores, exceto no acento mal colocado na palavra «Hermès» porque não havia nada que os contrabandistas da cidade não conseguissem imitar, exceto a ortografia correta — que tinha entalado entre as pernas. Tirou um pacote de lenços de papel, embora soubesse, ou uma parte de si soubesse, que tentar limpar agravaria a mancha. Com a distração, cometeu um erro que nenhum motorista experiente alguma vez cometeria em Istambul:

atirou a carteira para o banco de trás... e as portas destrancaram-se.

Pelo canto do olho, viu qualquer coisa a esvoaçar. Uma menina mendiga, que não devia ter mais de doze anos, aproximava-se do carro, pedindo moedas. Com as roupas a adejar à volta do corpo magricela e a palma da mão estendida, andava sem mexer o corpo da cintura para cima, como se atravessasse água. Parava diante de cada automóvel durante cerca de dez segundos e, depois, avançava para o seguinte. Peri pensou que talvez ela tivesse concluído que, se uma pessoa não conseguisse inspirar piedade nesse curto lapso de tempo, nunca o conseguiria. A compaixão jamais funcionava ao retardador: ou era espontânea ou era inexistente.

Quando a rapariga chegou ao Range Rover, Peri e Deniz olharam automaticamente para o lado contrário, fingindo não a ver. Mas os mendigos de Istambul estavam habituados a ser invisíveis e, portanto, estavam bem preparados. Exatamente no sítio para onde mãe e filha tinham virado a cabeça encontrava-se outra criança, mais ou menos da mesma idade, à espera, com a palma da mão estendida.

Para alívio enorme de Peri, o semáforo mudou para verde e o trânsito precipitou-se para a frente como água jorrando de uma mangueira. Preparava-se para pôr o pé no acelerador, quando ouviu a porta de trás abrir e fechar com a rapidez de uma navalha de ponta e mola. Pelo espelho retrovisor, viu a sua carteira a voar do carro.

— Ladras! — Com a voz rouca do esforço, Peri gritou: — Socorro, roubaram-me a carteira! Ladras!

Os carros atrás de si buzinaaram freneticamente, ignorando o que acontecera, desejosos de avançar. Era óbvio que ninguém ia ajudá-

la. Peri hesitou, mas só um instante. Com uma destra guinada no volante, virou o carro para a berma da estrada e ligou os quatro piscas.

— O que é que estás a fazer, mãe?

Peri não respondeu. Não havia tempo. Vira a direção em que as crianças tinham fugido e precisava de as seguir imediatamente; algo dentro de si, que até podia ser um instinto animal, garantiu-lhe que, se as conseguisse encontrar, recuperaria o que lhe pertencia por direito.

— Esquece isso, mãe. É só uma carteira... e ainda por cima falsa!

— Tenho o dinheiro e os cartões de crédito lá dentro. E o meu telemóvel!

Mas a filha estava preocupada, e embaraçada, também. Deniz não gostava de dar nas vistas, a única coisa que queria era fundir-se na paisagem, numa gota cinza num mar cinza. A sua rebeldia parecia exclusivamente destinada à mãe.

— Fica aqui, tranca as portas e espera por mim — disse Peri. — Por uma vez na vida, faz o que eu mando. Por favor!

— Mas, mãe...

Sem pensar, sem pensar um segundo sequer, Peri saiu precipitadamente do carro, esquecendo-se por um instante de que estava de saltos altos. Descalçou os sapatos e os seus pés aterraram com força no asfalto. Dentro do automóvel, a filha observou-a, boquiaberta, de olhos arregalados de espanto e vergonha.

Peri correu. Com o seu vestido roxo, carregando o peso dos anos, de faces em brasa, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-três-filhos teve dolorosamente consciência, diante de dezenas de olhos, de

que os seus seios saltavam freneticamente para cima e para baixo sem que pudesse fazer alguma coisa para o evitar. Apesar disso, saboreando uma estranha sensação de liberdade, invadindo uma zona proibida cujo nome desconhecia, atravessou a estrada num sprint em direção às ruas interiores, enquanto os outros condutores se riam e as gaivotas rodopiavam por cima da cabeça dela. Se hesitasse, se abrandasse nem que fosse um segundo, teria ficado horrorizada com o seu ato. A possibilidade de pisar pregos ferrugentos, garrafas de cerveja partidas ou urina de ratazana tê-la-ia aterrorizado. Ao invés, acelerou. As suas pernas, como se fossem independentes e tivessem uma memória própria, avançavam cada vez mais depressa, recordando-se dos tempos de Oxford, quando corriam cinco a seis quilómetros todos os dias, fizesse chuva ou sol.

Antigamente, Peri adorava correr. Tal como acontecera com outros prazeres da sua vida, também esse deixara de existir.

¹ Festa do Sacrifício, uma celebração muito importante no calendário muçulmano. (*N. da T.*)

O Poeta Mudo

Istambul, anos 80

Quando Peri era pequena, os Nalbantoğlus viviam na Rua do Poeta Mudo, num bairro de classe média-baixa, no lado asiático de Istambul. Por entre os dias decadentes, pelas janelas abertas emanava um misto de odores — a beringela frita, café moído, pão ázimo acabado de sair do forno, alho refogado — tão intenso que permeava tudo, infiltrando-se nas caleiras e sarjetas, e tão pungente que o vento matinal mudava imediatamente de direção. Os habitantes do bairro, porém, não se queixavam. Nem sequer reparavam no cheiro. Só os forasteiros é que o detetavam, se bem que muito poucos forasteiros tivessem motivos para entrar naquela zona. As casas inclinavam-se caoticamente como lápides num cemitério abandonado. Uma neblina de tédio pairava sobre tudo e só se dispersava momentaneamente quando os gritos das crianças, a fazer batota num jogo qualquer, furavam o ar.

Eram muitos os rumores acerca da origem do nome peculiar da rua. Havia quem dissesse que um famoso poeta otomano que residira na zona, descontente com a parca gorjeta que recebera depois de ter enviado um poema para o palácio, jurara nunca mais abrir a boca até ser devidamente recompensado pelo sultão.

«De certeza que o Senhor das Terras de César e Alexandre, o *Grande*, o Soberano de Três Continentes e Cinco Mares, a Sombra de Deus na Terra concederia a sua generosidade sem limites ao seu humilde súbdito. Mas, se o não fizer, verei nisso um sinal de que os meus poemas são inferiores e ficarei mudo até ao dia da minha morte, pois é preferível um poeta morto a um poeta falhado.» Foram estas as suas derradeiras palavras antes de se remeter a um silêncio tão absoluto como o da neve à meia-noite. Não era fingimento; ele venerava, temia e obedecia à imagem mental que tinha de um suserano. Ainda assim, sendo artista, queria sempre mais atenção, mais elogios, mais amor... e mais umas moedas também não seria mau.

Quando o incidente lhe chegou aos ouvidos, o sultão, divertido com tamanho atrevimento, prometeu remediar o assunto. Como todos os déspotas, nutria sentimentos ambíguos pelos artistas: embora reprovasse a sua imprevisibilidade e teimosia, apreciava a sua companhia, desde que conhecessem os seus limites. Os artistas tinham uma maneira invulgar de olhar para as coisas, que podia ser engraçada, exceto quando o não era. Gostava de manter uns quantos na sua corte, com rédea curta. Eram livres de dizer o que bem lhes apetecesse, desde que não criticassem o Estado e as suas regras, a religião e o Todo-Poderoso e, acima de tudo, o soberano.

Quis o destino que, nessa mesma semana, na sequência de uma conspiração no palácio para derrubar o sultão e pôr o seu filho mais velho no trono, o soberano foi assassinado, estrangulado com uma corda em seda para não derramar o seu sangue nobre. Na morte, como na vida, os Otomanos gostavam de manter todas as pessoas nos seus lugares, tudo meticulosamente ordenado, inequívoco.

Enquanto os membros da realeza eram estrangulados, os ladrões eram enforcados, os rebeldes decapitados, os salteadores empalados, os dignitários locais triturados num pilão; as concubinas eram lançadas ao mar dentro de sacas com pesos; todas as semanas, um novo conjunto de cabeças cortadas era exibido nas forcas em frente do palácio, com as bocas cheias de algodão, se fossem oficiais de altas patentes, e de palha, se fossem pessoas sem importância. Era exatamente assim que o poeta se sentia. Preso ao seu juramento, permaneceu em silêncio até ao dia em que expirou o último fôlego.

Havia quem tivesse uma versão diferente da história. Quando o poeta exigiu ser generosamente recompensado, o sultão, irritado com tamanha afronta, mandou que lhe cortassem a língua, a picassem, fritassem e dessem aos gatos de sete bairros. No entanto, tendo proferido tantas palavras ácidas ao longo dos anos, a língua do poeta tinha um sabor acre, mesmo depois de ter sido salteada em gordura de cauda de carneiro e cebola fresca. Todos os gatos recusaram a comida. A mulher do poeta, que observara a cena por detrás das ripas de uma janela, recolheu em segredo os pedaços e coseu-os uns aos outros. Assim que pousou a sua obra na cama e foi procurar um cirurgião que lhe cosesse a língua na boca do marido, uma gaivota entrou pela janela aberta e roubou-a, o que não era surpresa nenhuma, uma vez que as gaivotas de Istambul são conhecidas pelas suas pilhagens e se regalam com o que quer que apanhem, seja qual for o sabor. Uma ave capaz de arrancar e engolir os olhos de animais com o dobro do seu tamanho consegue devorar tudo e mais alguma coisa. Assim, o poeta permaneceu mudo como a lanterna de um pescador. E, rodopiando

por cima da sua cabeça, uma ave branca crocitava os poemas que ele já não podia declamar para a cidade inteira.

Fosse qual fosse a verdade por detrás do seu nome, a rua em que viviam os Nalbantoğlus era uma viela pitoresca e sossegada, onde as virtudes mais acalentadas se baseavam nos três estados da matéria: obedecer a Alá — e aos imãs — com inabalável submissão, entrega suprema e inquebrável constância (sólido); aceitar o Rio Divino da Vida, por mais lama e detritos que arrastasse no seu caudal (líquido); e abdicar das ambições, uma vez que todas as posses e os troféus acabam por se evaporar (gasoso). Por aquelas bandas, todos os destinos eram considerados predeterminados e todos os sofrimentos inevitáveis, incluindo os que os moradores da rua infligiam uns aos outros, tais como brigas futebolísticas, discussões políticas e violência doméstica.

A casa dos Nalbantoğlus tinha dois pisos e era cor de ginja. Ao longo dos anos, fora pintada de diferentes tons: verde-ameixa-salgada, castanho-geleia-de-noz, roxo-beterraba-em-salmoura. Os Nalbantoğlus arrendavam o rés do chão e o senhorio vivia no andar de cima. Embora a família não fosse rica — toda a riqueza é relativa de acordo com os padrões de tempo e lugar —, Peri crescera sem se sentir privada de nada. Isso viria mais tarde e, como todas as coisas tardias, far-se-ia sentir com tanta força que parecia querer compensar o tempo perdido. Ela aprenderia a ver os defeitos da família na qual, em tempos, fora uma filha tão protegida e amada.

Era o benjamim dos Nalbantoğlus e a sua concepção fora uma enorme surpresa, uma vez que os pais, que já tinham criado dois rapazes adolescentes, eram considerados demasiado velhos para se reproduzirem. Resguardada, mimada e com todas as suas necessidades não só satisfeitas mas antecipadas, Peri levou uma

vida de conforto assumido, nesses primeiros anos. Ainda assim, apercebia-se de uma brisa de tensão em casa, que se transformava num vendaval desatado, sempre que o pai e a mãe estavam na mesma assoalhada.

Eles eram incompatíveis como uma taberna e uma mesquita. Os sobrolhos que se franziam, as vozes que se tornavam inflexíveis identificavam-nos, não como um casal apaixonado, mas como adversários num jogo de xadrez. No tabuleiro desbotado do seu casamento, avançavam ambos, planeando as suas próximas jogadas, capturando castelos, elefantes e vizires, determinados a infligir a derrota suprema. Cada parte via a outra como o tirano da família, o insuportável, e ansiava por dizer, um dia: «Xeque-mate, *shah manad*, o soberano está impotente.» O seu casamento estava tão entretecido de ressentimento mútuo que eles já nem precisavam de uma razão para se sentirem ofendidos e frustrados. Em criança, Peri percebeu que o amor não era, e provavelmente nunca fora, o motivo pelo qual os seus pais estavam juntos.

À noite, observava o pai curvado à mesa, com travessas de acepipes espalhadas à volta de uma garrafa de *raki*. Folhas de videira recheadas, puré de grão-de-bico, pimentos vermelhos grelhados, alcachofras em azeite e o seu preferido: salada de cérebro de borrego. Comia devagar, provando cada prato como um especialista picuinhas, embora a comida não passasse de uma necessidade, só para não beber com o estômago vazio. «Não jogo, não roubo, não aceito subornos, não fumo e não corro atrás de mulheres; de certeza que Alá perdoará à Sua velha criatura este delito», dizia Mensur. Normalmente, convidava um ou dois amigos para estas longas refeições. Vociferavam sobre política e políticos, deprimidos com o estado das coisas. Tal como a maioria das

peessoas naquela terra, aquilo de que mais falavam era do que menos gostavam.

«Se viajarem pelo mundo fora, verão que toda a gente bebe de maneira diferente», dizia Mensur. Ele próprio deslocara-se bastante na sua juventude, como engenheiro náutico. «Numa democracia, quando um homem se embebedada, grita: “O que é que aconteceu à minha amada?” Onde não há democracia, quando um homem se embebedada, grita: “O que é que aconteceu ao meu querido país?”»

Daí a pouco, as palavras fundiam-se em melodias e eles desatavam a cantar, primeiro animadas músicas dos Balcãs, depois canções revolucionárias do mar Negro e, gradual e inevitavelmente, baladas da Anatólia sobre corações partidos e amores não correspondidos. Letras turcas, curdas, gregas, arménias e ladinas misturavam-se no ar, como espirais de fumo entrelaçadas.

Sentada a um canto, sozinha, Peri sentia um peso no coração. Perguntava-se amiúde qual seria o motivo da tristeza do seu pai. Imaginava a mágoa a colar-se a ele como uma fina camada de alcatrão negro debaixo da sola do seu sapato. Não era capaz nem de o animar, nem de parar de tentar de o fazer, pois era, como toda a gente na família poderia afiançar, a menina do papá.

Da ornada moldura pendurada na parede, Atatürk — o pai dos Turcos — observava-os, com os seus olhos azul-aço salpicados de dourado. Havia retratos do herói nacional em toda a parte: Atatürk de farda militar na cozinha, Atatürk de sobrecasaca na sala de estar, Atatürk de casaco e *kalpak*¹ no quarto principal, Atatürk de luvas de seda e capa adejante no corredor. Nos feriados nacionais e dias comemorativos, Mensur pendurava uma bandeira turca com uma fotografia desse grande homem do lado de fora de uma janela, para todos verem.

«Lembra-te de que, se não fosse ele, teríamos sido como o Irão», dizia Mensur muitas vezes à filha. «Eu teria deixado crescer uma barba redonda e faria o meu próprio álcool clandestino. Acabaria por ser apanhado e levaria umas chicotadas em praça pública. E tu, minha alma, usarias o xador, mesmo sendo tão novinha!»

Os amigos de Mensur — professores, bancários, engenheiros — eram igualmente devotos de Atatürk e dos seus princípios. Liam, declamavam e, quando a inspiração os bafejava, escreviam poemas patrióticos, muitos dos quais eram tão semelhantes no estilo e repetitivos na essência que, em vez de obras distintas, pareciam ecos do mesmo apelo. Ainda assim, Peri gostava de ficar na sala, a ouvir a conversa deles, tão agradável, os tons e cadências das suas vozes, subindo e descendo a cada novo copo cheio até cima. Não se importavam com a presença dela. Aliás, o interesse de Peri parecia rejuvenescê-los, enchendo-os de esperança na juventude. Assim sendo, a menina deixava-se estar perto deles, bebericando sumo de laranja da chávena preferida do pai, que tinha a assinatura de Atatürk de um lado e uma citação do líder nacional do outro: «O mundo civilizado está diante de nós; não temos alternativa a não ser ir ao encontro dele.» Peri adorava aquela chávena, a suavidade da porcelana na palma da sua mão, embora ficasse ligeiramente pesarosa sempre que acabava de beber, como se, com o sumo, tivesse também desaparecido a oportunidade de ir ao encontro do mundo civilizado.

Peri andava num sobe e desce como um ioiô. Baldes de gelo para encher, cinzeiros para despejar, pão para torrar; havia sempre alguma tarefa para levar a cabo, especialmente desde que a sua mãe se ausentava desses serões.

Assim que Selma pousava a comida na mesa, suspirando baixinho, retirava-se para o seu quarto e só de lá saía na manhã seguinte. Às vezes, só reaparecia ao meio-dia ou depois. Naquela casa nunca se ouvira a palavra «depressão». «Dores de cabeça», explicava ela. Padezia frequentemente de enxaquecas fortes que a deixavam debilitada e de cama, de olhos quase fechados, como se os semicerrasse para se proteger de um sol constante. Quando o corpo se encontrava fraco, a mente estava purificada, alegava ela, tão pura que via presságios em tudo: um pombo a arrulhar à sua janela, uma lâmpada que se fundia de repente, uma folha a boiar-lhe no chá. Enclausurada no quarto, ficava prostrada, a ouvir e a identificar todos os sons. Era impossível não escutar: as paredes eram finas como folhas de massa tendida. Mas havia outra parede entre Selma e Mensur, um muro erguido décadas antes, que se tornava mais alto a cada ano que passava.

Havia algum tempo, Selma entrara para um círculo religioso liderado por um pregador famoso pela eloquência dos seus sermões e a rigidez das suas opiniões. Chamavam-lhe Üzümbaz Efendi, por afirmar que, sempre que via sinais de idolatria e heresia, os esmagava, como quem pisa uvas. Não se importava minimamente que a sua alcunha evocasse o fabrico do vinho, um pecado não menos grave do que o seu consumo. Nem as uvas sumarentas nem o vinho engarrafado suscitavam tanto o interesse do fulano como o ato em si de esmagar.

Sob a influência do pregador, Selma mudara visivelmente. Agora, não só se recusava a apertar a mão ao sexo oposto, como também era incapaz de se sentar num lugar de autocarro que tivesse acabado de ser ocupado por um homem, mesmo que ele se tivesse levantado para lhe ceder o banco. Embora não usasse o *niqab*,

como algumas das suas amigas mais chegadas, cobria totalmente a cabeça. Já não aceitava a música pop, que considerava corrupta e corruptora. Baniu de casa todos os tipos de doces e petiscos, gelados, batatas fritas e produtos à base de chocolate — incluindo comidas com o rótulo *halal* —, quando Üzümbaz Efendi lhe disse que poderiam conter gelatina, que poderia conter colagénio que, por sua vez, poderia conter porco. Era tão grande o medo de ter contacto com qualquer extrato de porco que, em vez de champô, ela usava sabonete de azeite; em vez de pasta de dentes, um pau de *miswak*²; e em vez de uma vela, um pedaço de manteiga com um pavio. Desconfiando de que podiam ter sido feitos com cola fabricada a partir de ossos de porco, recusava-se a usar sapatos estrangeiros e aconselhava toda a gente a fazer o mesmo. Era mais seguro optar por sandálias. Durante anos, por ordem da mãe, Peri foi para a escola com sandálias de pele de camelo e meias de lã de carneiro... e foi alvo da chacota dos colegas.

Com um grupo de espíritos afins, Selma organizava excursões a praias em Istambul e nos arredores, para tentar convencer as mulheres que apanhavam banhos de sol de biquíni a arrepender-se da sua conduta antes que fosse demasiado tarde para salvarem a alma. «Cada centímetro de pele que exibirem hoje queimar-vos-á amanhã no Inferno.» O grupo distribuía panfletos, escritos com poucas regras gramaticais e muitos erros ortográficos, abundando em pontos de exclamação e carecendo de vírgulas, discorrendo sobre Alá, que não queria ver as netas de Eva seminuas em espaços públicos. À noite, quando as praias ficavam desertas, viam-se esses mesmos panfletos a adejar ao vento, rasgados e manchados, as expressões «deboche», «sacrilégio», «castigo eterno» espalhadas pela areia como fiadas de algas secas.

Embora Selma sempre tivesse sido uma pessoa cheia de vida, nessa sua nova fase da vida tornou-se ainda mais faladora e contestatária, desejosa de conduzir os outros, sobretudo o marido, para o caminho do bem. Como Mensur não fazia tentativas de se emendar, a família dos Nalbantoğlus dividiu-se na zona *dela* e na zona *dele* — *Dar-al-Islam* e *Dar-al-harp* —, o reino da submissão e o reino da guerra.

A religião aterrara-lhes na vida de uma maneira tão inesperada como um meteoro e criara um abismo, separando a família em dois campos opostos. O filho mais novo, Hakan, irremediavelmente religioso e excessivamente nacionalista, tomou o partido da mãe; o filho mais velho, Umut, na sua tentativa para desarmadilhar o conflito, permaneceu neutro durante uns tempos, embora fosse óbvio, por tudo o que dizia e fazia, que se inclinava para a esquerda. Quando finalmente se assumiu como esquerdista, fê-lo como marxista puro e duro.

Tudo isto deixou Peri, o benjamim da família, numa situação constrangedora, com os dois progenitores a tentarem cativá-la; a sua própria existência tornou-se um campo de batalha entre perspectivas rivais. A ideia de ter de fazer uma escolha, de uma vez por todas, entre a religiosidade belicosa da mãe e o materialismo belicoso do pai quase a paralisava. Peri era o tipo de pessoa que, se possível, tentava não ofender ninguém. Rodeada de guerreiros que se revoltavam uns contra os outros, disputando guerras sem fim, ela optou pela obsequiosidade forçada, obrigando-se a ser dócil. Sem ninguém saber, apagou o fogo dentro de si, transformando-o em cinzas.

O abismo entre os pais de Peri era mais visível do que nunca num canto específico da sala. Havia duas prateleiras por cima do

suporte da televisão, a primeira reservada aos livros do pai — *Atatürk: O Renascimento de uma Nação*, de Lord Kinross, *O Grande Discurso*, do próprio Atatürk, *Coisas que Eu Não Sabia que Amava*, de Nâzim Hikmet, *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, uma coleção inteira de memórias (de generais e soldados) da Primeira Guerra Mundial e uma velha edição do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, com a capa desfeita de tantas leituras.

A segunda prateleira era um mundo completamente diferente. Durante anos, fora ocupada por cavalos de porcelana de todos os tamanhos e feitios: pôneis, garanhões e éguas com crinas douradas e caudas de arco-íris, a brincar, a galopar, a pastar. Aos poucos, começaram a chegar os livros: *Hadiths* compilados por al-Bukhari; *Disciplinar a Alma*, de al-Ghazali; *Guia Passo a Passo da Oração e Súplica no Islão*; *Histórias dos Profetas*; *Manual da Boa Mulher Muçulmana*; *As Virtudes da Paciência e da Gratidão*; *A Interpretação Islâmica dos Sonhos*. O canto direito estava reservado aos dois livros de Üzümbaz Efendi: *A Importância da Pureza num Mundo Imoral* e *O Diabo Sussurra-te ao Ouvido*. À medida que foram sendo acrescentados novos títulos, os cavalos foram relegados, centímetro a centímetro, para o fim da prateleira, onde se equilibravam precariamente como que à beira de um precipício.

O dilúvio de palavras e emoções que atravessava os corredores da casa desconcertava a mente inocente de Peri. Sabia, por tudo o que lhe haviam ensinado, que Alá era o único Deus. No entanto, não conseguia acreditar por um instante sequer que os ensinamentos religiosos que a mãe considerava sagrados e contra os quais o pai protestava pertencessem ao mesmo Deus. De certeza que não. E se pertenciam, como é que Deus podia ser visto de maneiras tão diametralmente opostas por duas pessoas que

partilhavam uma aliança de casamento... embora já não partilhassem a cama?

Alerta e obsequiosa, Peri foi testemunha das vinganças dos pais, vendo os seus entes queridos a destroçar-se um ao outro. Muito cedo aprendeu que não havia briga tão dolorosa como uma briga familiar e nenhuma briga familiar tão dolorosa como as que se prendiam com Deus.

¹ Chapéu alto, geralmente feito de feltro ou pele de ovelha, usado pelos homens na Turquia e nos Balcãs. (*N. da T.*)

² Ramo feito à base da planta *Salvadora persica*. (*N. da T.*)

A faca

Istambul, 2016

Pouco depois, Peri avistou as mendigas que lhe tinham roubado a carteira. Embora tivessem fugido a sete pés, ela corria mais depressa do que as garotas. Nem quis acreditar na sorte que teve, se é que foi sorte. Precipitou-se atrás delas para um beco empedrado — as paredes de pedra erguendo-se das sombras —, com o peito a arder a cada inspiração.

As meninas ali estavam, paradas uma de cada lado de um homem... o mendigo que fumara o resto do seu cigarro. Peri deu um passo na direção deles, mas não foi capaz de falar. Agira sem pensar e, agora, que conseguia pensar, sentiu-se desorientada.

O mendigo sorriu serenamente, como se já estivesse à sua espera. De perto, parecia diferente, as linhas descarnadas das maçãs do rosto perfeitamente simétricas, um brilho jovial nas profundezas de tinta dos seus olhos. Não fosse o seu aspeto miserável e poder-se-ia dizer que havia algo de dândi nele. Segurava, reverentemente, na carteira de Peri, acariciando-a como se fosse uma amante há muito perdida.

— Isso é meu — disse Peri, com a voz tensa, engolindo o nó que se lhe formara na garganta.

Perante isto, ele abriu o fecho e ergueu a carteira no ar, virando-a de cabeça para baixo. Todo o conteúdo caiu: chaves de casa, batom, lápis dos olhos, uma caneta, um frasquinho de perfume, um telemóvel, um pacote de lenços de papel, uns óculos de sol, uma escova, um tampão... e um porta-moedas de pele, que ele apanhou cuidadosamente. Do interior tirou um maço de notas, cartões de crédito, um bilhete de identidade cor-de-rosa de mulher, uma carta de condução, fotos de recordações familiares preferidas. Sempre assobiando, enfiou o dinheiro e o telemóvel no bolso, ignorando os outros artigos. Soltava uma melodia chilreante e despreocupada, que parecia saída de uma antiga juke-box. Quando se preparava para deitar fora o porta-moedas, houve qualquer coisa que lhe chamou a atenção. Uma Polaroid, que escorregara de um compartimento onde fora meticulosamente guardada, longe da vista. Uma lembrança de um tempo há muito ido.

Arqueando uma sobrancelha, o mendigo examinou a Polaroid. Na fotografia, viam-se quatro rostos: um homem e três raparigas. Um professor e as alunas. Envolto em casacos, chapéus e cachecóis, estavam de pé diante da Biblioteca Bodleiana, em Oxford, encostados uns aos outros para se aquecerem, ou por hábito, aprisionados para sempre num dos dias mais frios daquele inverno.

O mendigo levantou a cabeça e sorriu para Peri como se tivesse reconhecido Oxford de um filme ou de um recorte de jornal. Ou talvez tivesse reparado simplesmente que uma das raparigas da imagem era a mulher que se encontrava parada diante de si. Tinha mais uns quilos e umas rugas, o cabelo mais curto e mais liso, mas os olhos eram os mesmos, excetuando o toque de tristeza. Deitou fora a fotografia.

Peri observou durante uns segundos — não mais do que isso — a Polaroid a voar pelos ares e, depois, a esvoaçar até ao chão. Estremeceu como se a fotografia estivesse viva e se pudesse ter magoado na queda.

Entrando em pânico, gritou para o mendigo que vinha gente a caminho para a ajudar: a polícia, a *gendarmerie*, o marido. Abanou a mão para mostrar a aliança, dolorosamente ciente, nesse instante, de que a rapariga que foi, em tempos, teria troçado de si por exhibir aquele símbolo do seu estatuto conjugal como se fosse um amuleto. Mas havia razões de sobra para o indivíduo não acreditar nela, a começar pelo nó na voz. O beco estava deserto, a luz esvaía-se do céu. Até que ponto se afastara ela da estrada principal? Ainda ouvia o ruído do trânsito, mas abafado, como se houvesse uma parede de vidro de permeio. De repente, teve medo.

O mendigo ficou imóvel durante um estranho momento. O ar estava tão parado que Peri achou que conseguia ouvir as patitas de um rato na pilha de lixo ali perto, correndo, vasculhando, enquanto o seu coração, do tamanho de um pistacho, lhe tamborilava no peito diminuto. O beco parecia encontrar-se fora do reino dos gatos de Istambul, fora das fronteiras da cidade e, naquele instante, fora do mundo.

Calmamente, o homem procurou uma coisa no bolso do casaco e tirou-a. Era um saco de plástico contendo um tubinho minúsculo de solvente. Pegou no tubo e espremeu-o todo para dentro do saco. A seguir, soprou lá para dentro, fazendo um pequeno balão. Sorriu ao ver a sua obra, um idílico globo de neve em que todos os flocos que caíam eram diamantes ou pérolas. Colocando-o sobre o nariz e a boca, inspirou fundo; uma vez, duas, depois uma terceira, mais longa. Quando voltou a erguer a cabeça, a sua expressão alterara-

se, estava ali e não estava. Era viciado em cola, percebeu Peri. Só então reparou nos derrames nas órbitas dele, como brechas na terra ressequida. Uma voz dentro de si mandou-a voltar para junto da filha e do carro, mas continuou tão quieta que era como se a cola tivesse sido derramada nos seus pés, fixando-a no lugar.

O mendigo deu o saco de plástico a uma das meninas, que, com a excitação, quase lho arrancou das mãos. Inspirou ruidosamente, enquanto a outra garota esperava pela sua vez, impaciente e irritada por ter ficado para o fim. Cola, a guloseima preferida das crianças de rua e das prostitutas menores de idade; o tapete mágico que as transportava, leves como penas, por cima de telhados, cúpulas e arranha-céus, para um reino distante onde não havia medo nem motivo para ter medo; nem dor, nem prisões, nem chulos. Ficavam nesse Paraíso o máximo de tempo possível, chupando uvas douradas arrancadas dos ramos, mordiscando pêssegos sumarentos. A salvo da fome e do frio, perseguiram ogres, escarneciam de gigantes e enfiavam génios dentro das lâmpadas de onde tinham fugido.

Tal como todos os sonhos doces, também este tinha um preço a pagar. A cola dissolvia-lhes a membrana das células cerebrais, atacava-lhes o sistema nervoso, destruía-lhes os rins e o fígado, devorando-os, centímetro a centímetro, por dentro.

— Vou chamar a polícia — gritou Peri, mais alto do que era necessário. «Não foi a coisa mais acertada para se dizer», pensou, e ainda mais alto, acrescentou: — A minha filha já chamou. Devem estar a chegar.

Como se fosse a sua deixa, o mendigo pôs-se de pé. Os seus movimentos eram lentos e deliberados, talvez para lhe dar tempo

suficiente para mudar de ideias ou, então, para deixar bem claro que nada do que estava prestes a acontecer era culpa sua.

As duas crianças tinham desaparecido por completo. Peri não fazia ideia de quando é que se teriam ido embora, nem para onde. Obedeciam às ordens do mendigo. Ele era o sultão dos becos, o imperador das pilhas de lixo e dos esgotos a céu aberto, de tudo o que fora descartado e abandonado; o magnânimo coletor de todas as coisas. A intensidade com que ele se movia, e não propriamente as suas feições, lembraram alguém a Peri... alguém que Peri pensava ter trancado no passado, alguém que ela amara como nunca amara mais ninguém.

Despregando os olhos do homem, por um segundo, Peri olhou para a Polaroid no chão. Era uma das poucas fotografias dos seus tempos de Oxford que guardara ao longo dos anos... e a única fotografia do Professor Azur. Não se podia dar ao luxo de ficar sem ela.

Quando voltou a olhar para o mendigo, ficou surpreendida ao ver que ele tinha o nariz a sangrar. Grossos pingos de sangue salpicavam-lhe o peito, de um escarlate tão vivo que parecia tinta. Continuando a arrastar-se em direção a ela, o indivíduo não parecia ter noção disso. Peri ouviu uma exclamação — a sua própria voz, desconhecida aos seus ouvidos — ao vislumbrar uma centelha de aço.

O brinquedo

Istambul, anos 80

Vieram numa sexta-feira, quando a noite já ia avançada. Como corujas, esperaram que o serão cobrisse a cidade com um manto negro para então perseguirem a sua presa. A mãe de Peri, que se deitara já passava da meia-noite, depois de cozinhar uma das suas especialidades — borrego assado em lume brando com folhas de menta — foi a última pessoa a ouvir as pancadas na porta da rua. Quando Selma finalmente acordou e se levantou, já a polícia estava dentro de casa a revistar o quarto que os seus filhos partilhavam. Depois da rusga, como que incapaz de se perdoar a si mesma, Selma nunca mais voltaria a dormir uma noite inteira; ela própria tornar-se-ia uma criatura noturna.

Embora a polícia examinasse tudo sem exceção, o comportamento dos agentes deixou claro que estavam ali por causa do filho mais velho, Umut. Mandaram-no ficar de pé, sozinho, a um canto, e proibiram-no de trocar sequer um olhar com a família. Ao vê-lo naquele estado, Peri, de sete anos, sentiu uma tristeza tão pura que raiou o desespero. Nunca o exprimira em voz alta, mas Umut era o seu irmão preferido. Grande, de olhos de avelã que se enrugavam nos cantos a cada sorriso e uma testa alta que o fazia

parecer mais maduro do que era. Tal como ela, tinha tendência para corar facilmente. Ao contrário dela, estava sempre bem-disposto, em consonância com o seu nome: esperança. Apesar da diferença de idades, Umut sempre fora chegado a Peri e alinhava nos seus jogos disparatados simplesmente por gostar dela, fingindo que era um príncipe raptado a bordo de um navio de piratas ou um feiticeiro intriguista no cimo das montanhas Kaf, o que quer que a história do dia exigisse.

Na universidade — Engenharia Química —, Umut tornara-se mais retraído. Deixou crescer um bigode luxuriante, de pontas descaídas, e pendurou nas paredes imagens de pessoas que Peri nunca tinha visto: um velhote de barba grisalha; um homem de óculos redondos de arame e rosto franco; outro de cabelo desgrenhado e boina escura. Havia também uma mulher de cabelo apanhado com ganchos e chapéu branco. Quando Peri perguntou quem eram, o irmão explicou: «Aquele é Marx e o outro, Gramsci. O da boina é o camarada Che.»

«Ah», dissera Peri, sem fazer ideia de quem ele estava a falar, mas impressionada com o ardor da sua voz. «E ela?»

«É a Rosa.»

«Quem me dera que o meu nome fosse Rosa.»

Umut sorria.

«O teu nome é mais bonito, acredita que é, mas, se quiseres, eu chamo-te Rosa-Peri. Talvez venhas a ser uma revolucionária.»

«O que é uma revolucionária?»

Umut fizera uma pausa, em busca de uma resposta adequada.

«Uma pessoa que quer que todas as crianças tenham brinquedos e que nenhuma os tenha em demasia.»

«Está bem...», respondera Peri, reticente; gostara de metade do que ouvira e desagradara-lhe a outra metade. «“Em demasia” significa quantos?»

Rindo-se, Umut despende-te-a, deixando a pergunta a pairar no espaço entre eles, sem resposta.

Agora, eram esses mesmos pósteres que a polícia estava a arrancar das paredes. Quando já não havia nada para rasgar, inspecionaram os livros, que eram, todos eles, de Umut, uma vez que Hakan não era grande adepto da leitura. *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*, de Friedrich Engels, *A Revolução Permanente*, de Leon Trotsky, *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, *Utopia*, de Thomas More, *Homenagem à Catalunha*, de George Orwell... Folheando as páginas com um olhar de frustração irritada, pareciam estar à caça de cartas e apontamentos privados. Apesar de não terem encontrado nada, confiscaram os livros.

— Porque é que andas a ler esta merda? — O chefe da polícia agarrou num livro, *O Beijo da Mulher Aranha*, e abanou-a na direção do Umut. — És um turco muçulmano. O teu pai é turco muçulmano, a tua mãe é turca muçulmana. Sete gerações de turcos muçulmanos. O que é que estas porcarias estrangeiras têm a ver contigo, hã?

Umut cravou os olhos nos pés descalços; os dedos dos pés, redondos e limpos, encostaram-se uns aos outros, como que para se protegerem.

— Se eles têm problemas, os malditos ocidentais, isso é lá com eles — disse o homem. — No nosso país, toda a gente é feliz. Aqui não há classes sociais. Nem sequer sabemos o que significa essa expressão. Alguma vez ouviste alguém perguntar: «E tu, de que

classe és?» É claro que não! Somos todos muçulmanos e somos todos turcos. Ponto final. Mesma religião, mesma nacionalidade, mesmo tudo. O que é que não entendes nisto?

O inspetor aproximou-se de Umut, inclinando-se para a frente como que para o farejar.

— Este país teve três golpes de Estado para acabar com essas tretas. E agora estão a aparecer outra vez! Achas que o vamos permitir? Os teus livros estão cheios de mentiras. Foram escritos com veneno! Talvez tenhas sido envenenado, foste?

Umut não disse nada.

— Fiz-te uma pergunta, imbecil! — gritou o homem, com as narinas a adejar. — Perguntei-te se foste envenenado!

— Não — respondeu Umut, numa voz que mal passava de um sussurro.

— Pois eu acho que foste — declarou o homem, fazendo que sim com a cabeça, concordando consigo próprio. — Tens cara de quem foi.

Os colchões, o guarda-roupa, as gavetas, até o interior do fogão a lenha... não houve canto nem recanto que não fosse inspecionado. O que quer que procurassem, não encontraram, o que os deixou ainda mais irritados.

— Eles esconderam tudo. Revistem o resto da casa — ordenou o chefe da polícia. Fumava cigarro atrás de cigarro, deitando as cinzas no chão.

— Desculpe... escondemos o quê? — atreveu-se Mensur, com o cabelo ralo despenteado, o pijama às riscas amarrotado, chinelos nos pés, do canto oposto da sala onde o resto da família tinha sido obrigada a esperar.

— Eu enfio-to pelo cu acima quando o encontrarmos — retorqui o chefe da polícia. — Como se tu não soubesses.

Estremecendo ante a dureza das palavras, Peri deu a mão ao pai, mas cravou os olhos no irmão. Estava preocupada com Umut, cujo rosto ficara pálido como uma lua minguante.

A polícia vasculhou os outros quartos, a casa de banho, a latrina, a despensa onde guardavam os quiabos secos e os pepinos em salmoura. Do interior da cozinha chegou-lhes o barulho de gavetas a abrir, caixas remexidas, talheres a tilintar. Onde antes havia prateleiras cuidadosamente arrumadas, com um rebordo de renda, havia agora caos. Passou uma hora, talvez mais. Lá fora, uma faixa muito tênue de luz atravessou o céu plúmbeo, como um dente bebé a rasgar uma gengiva em carne viva.

— E a miúda? — perguntou o chefe da polícia. Atirou a ponta de cigarro para o tapete e pisou-a com o tacão do sapato. — Revistaram os brinquedos dela?

Selma, de olhos fixos no tapete que limpara horas antes, exclamou:

— Deve haver algum engano, *efendim*¹. A nossa família é gente honesta. Somos todos tementes a Deus.

Ignorando o comentário, o indivíduo virou-se para Peri.

— Onde é que estão as tuas coisas, miúda? Mostra-nos.

Peri arregalou os olhos. Porque é que toda a gente estava interessada nos seus brinquedos, apesar de não serem demasiados: os revolucionários, a polícia...?

— Não digo.

Mensur, sem largar a mão de Peri, puxou a filha para trás e murmurou:

— Cala-te. Deixa-os ver, não temos nada a temer. — Depois, sem dirigir as suas palavras a ninguém em especial, disse:

— Ela guarda-os numa arca debaixo da cama.

Minutos depois, quando o chefe da polícia voltou, com os seus homens atrás de si, foi a expressão do seu rosto, mais do que o objeto que segurava entre as pontas dos dedos, o que assustou Peri.

— Bem, bem, bem... o que é que aqui temos?

Peri nunca tinha visto uma arma. Ao contrário das que apareciam na televisão, aquela parecia tão pequena e gira que, por um instante, se perguntou se seria de chocolate.

— Escondida dentro de um berço. Debaixo de uma boneca! Que conveniente!

— Eu juro pelo sagrado Alcorão que não sabemos nada sobre isso — disse Selma, numa voz quebradiça.

— É claro que não sabes, mulher, mas o teu filho, sim.

— Não é minha — disse Umut, com as faces coradas. — Eles pediram-me para a guardar durante uns dias. Ia devolvê-la amanhã.

— Eles quem? — perguntou o chefe da polícia. Parecia feliz.

Umut inspirou a custo, afundando-se no silêncio.

Lá fora, ergueu-se o canto encantatório do muezim a chamar de uma mesquita vizinha: «Só existe um Deus, que é Deus. É melhor orar do que dormir.»

— Muito bem, vamos — ordenou o chefe da polícia. — Levem-no.

Mensur, cujo rosto ficara petrificado ao ver a arma, disse:

— Por favor, tem de haver uma explicação. O meu filho é bom rapaz. Nunca faria mal a ninguém.

O chefe da polícia, que dera uns passos em direção à porta, girou sobre os calcanhares.

— É sempre a mesma treta. Não vigiam os vossos filhos; eles dão-se com sacanas comunistas ateus e metem-se em todo o tipo de merdas. Quando já é tarde de mais, choram e suplicam. Ué-ué. Para que é que fazem bebés se depois não cuidam deles, seus atrasados mentais? Não conseguem controlar a pila?

Com um movimento abrupto, o chefe da polícia agarrou nas calças do pijama de Mensur e puxou-as para os joelhos, deixando à mostra umas cuecas muito brancas, mas ligeiramente puídas. Um par de polícias riu-se. Outros fingiram indiferença.

Peri sentiu a energia da mão do pai esmorecer; os dedos tornaram-se leves e sem sangue, a mão de um cadáver à espera de ser dissecado. O silêncio do pai, a vergonha do pai, o pai que ela adorava, venerava, amava e idolatrava desde o dia em que proferira a sua primeira palavra. Quando Mensur, a tremer, conseguiu puxar as calças para cima, já os agentes da polícia tinham saído porta fora, levando Umut.

A família ficou sem ver Umut durante sete semanas, sete semanas em que ele esteve na solitária. Acusado de pertencer a uma organização comunista ilegal, confessara que a arma era sua... depois de o terem despido, vendado, amarrado à estrutura metálica de uma cama e infligido choques elétricos. Quando lhe prenderam elétrodos aos testículos e redobraram a voltagem, ele admitiu que era o líder de uma célula que andava a planear uma série de assassínios de oficiais do Estado. O cheiro acre a carne queimada, o cheiro acobreado a sangue, o cheiro pungente a urina e o cheiro a

canela da pastilha elástica do torturador-mor, um oficial chamado Hassan «Mangueira», assim apelidado devido às suas inventivas técnicas de tortura com uma mangueira.

Sempre que Umut desmaiava, reanimavam-no com água fria e encharcavam-no com baldes de água salgada, para aumentar a condutividade. De manhã, os mesmos agentes da polícia aplicavam unguentos medicinais nas feridas, para poderem continuar os maus-tratos à tarde. Enquanto esfregava o bálsamo nas feridas de Umut, Hassan «Mangueira» queixava-se do seu salário baixo e das horas de trabalho prolongadas, e que a filha tinha fugido com um homem mais velho, que era pai de uma criança e casado com outra mulher. Os pombinhos tinham regressado, passados seis meses, falidos e assustados. Teve vontade de os matar, ali mesmo; ao invés, poupava-lhes a vida. Tal como muitos torturadores profissionais, era bondoso para com os seus familiares, respeitador para com os seus superiores hierárquicos e cruel para todas as outras pessoas.

Entre as sessões de tortura, Umut era obrigado a ouvir os gritos de outros prisioneiros, assim como eles eram forçados a ouvir os dele. Uma e outra vez, tocavam o hino nacional em altos berros pelos altifalantes. Uma vez, durante um choque elétrico, esqueceram-se de lhe pôr uma toalha na boca, um mero descuido, e ele mordeu a língua, quase a cortando em duas. Durante muito, muito tempo, comer foi uma provação; só conseguia sentir o sabor da comida quando a engolia.

Dizia-se que a tortura, amplamente praticada nas prisões, centros de detenção e reformatórios juvenis espalhados pelo país fora, no rescaldo do golpe de Estado de 1980, já tinha abrandado por essa altura, mas, na realidade, perdurava. Os velhos hábitos demoram a extinguir-se. Não é que não houvesse mudanças.

Falaka, chicotadas nas plantas dos pés, foi, em grande parte, substituída pela suspensão pelos braços durante horas, um método mais limpo, que deixava menos marcas. Queimaduras com cigarros e a extração de unhas ou de dentes saudáveis também estavam ultrapassadas. Os choques elétricos eram rápidos, eficientes e praticamente não deixavam marcas. O mesmo acontecia com práticas como obrigar os prisioneiros a comer os seus próprios excrementos, a beber a urina uns dos outros e a passar horas em fossas sépticas. Não havia sinais visíveis de maus-tratos. Nada que os jornalistas bisbilhoteiros ou que os ativistas ocidentais dos direitos humanos conseguissem detetar, se por acaso aparecessem inesperadamente.

Umut acabou por ser condenado a oito anos e quatro meses de prisão efetiva.

Depois de anunciado o veredicto, os Nalbantoğlus passaram a visitar regularmente a prisão nos arredores de Istambul. Chegavam em variadas combinações, consoante o dia: Mensur com o filho mais novo, Selma com a filha, Mensur com a filha, mas nunca Mensur e Selma juntos. A par com dezenas de outras pessoas, sentavam-se a uma larga mesa de plástico, cuja superfície exibia as marcas de centenas de encontros ansiosos e sofridos. Mantinham as mãos à vista, como mandavam as regras, para que não trocassem nada com os detidos. Nessas condições, tentavam remendar o buraco de silêncio com sorrisos que não lhes chegavam aos olhos e palavras que se partiam e lhes escorregavam dos dedos.

Numa ocasião, quando Umut se levantou para se ir embora, Mensur reparou numa mancha de sangue ao fundo das costas da farda de prisioneiro do filho. Um borrão com o tamanho e a forma de

uma folha de salgueiro. Tinha nome, o método de tortura que o causara: «Coca-Cola Sangrenta». Espancados e nus, os detidos eram obrigados a sentar-se numa garrafa de Coca-Cola. Dizia-se que era um cocktail servido só a uns quantos eleitos: presos políticos, alegados gays e transexuais recolhidos nas ruas.

Mensur ficou espedado a olhar para a mancha, atordado. Soltou um grito arquejante, como se lhe faltasse o ar, apesar de fazer um esforço desesperado para se conter. Felizmente, Umut, que já voltara para a sua cela, não o ouviu, mas Peri, a quem calhara acompanhar o pai nesse dia, sim. Assistiu à cena toda, embora, por algum motivo, tenha retido desse momento apenas imagens, como se visse um filme mudo. Depois desse dia, Mensur proibiu Peri de visitar a prisão. Ela devia ficar em casa, a escrever cartas ao irmão. Devia contar-lhe histórias aconchegantes e comoventes, pormenores alegres que lhe dessem esperança no espírito humano. Peri fê-lo o máximo de tempo possível. Redigia cartas com um prazer que não sentia, sobre pessoas que mal conhecia e incidentes que não tinham realmente acontecido como os descrevia. Umut, como se conseguisse perceber que era um logro, nunca respondia.

Porém, ele aparecia-lhe amiúde em sonhos. Dos quais ela acordava a meio da noite, aos gritos. Umas vezes, conseguia voltar a adormecer. Outras, saía da cama, enfiava-se no guarda-roupa e fechava a porta, tentando imaginar qual seria a sensação de estar numa cela. Enquanto ouvia o coração a bater nesse espaço escuro e reduzido, com medo de estar lentamente a ficar sem oxigénio, fingia que o irmão estava ao seu lado, a respirar, a respirar.

O horror de terem Umut atrás das grades, em vez de unir os Nalbantoğlus, distanciou-os uns dos outros, ao ponto de se tornarem inimigos entre si. Mensur culpava a mulher. Ele trabalhava o dia todo, argumentava; cabia a Selma ter mantido o filho debaixo de olho. Se tivesse passado menos tempo com os seus pregadores fanáticos, que lhe prometiam o cheiro do paraíso, e tivesse prestado mais atenção ao que acontecia debaixo do seu nariz, poderia ter evitado a calamidade que se abatera sobre eles. Reticente, taciturna, rancorosa, Selma, por sua vez, responsabilizava o marido. Fora Mensur quem plantara as sementes do ateísmo na mente do filho. Todos os seus solilóquios sobre o materialismo e o livre-pensamento tinham levado àquele desastre.

Ao longo dos anos, o casamento de Mensur e Selma endurecera e transformara-se numa casca vazia. Quando a casca estalou, deram por si em lados opostos do abismo. O ar dentro de casa tornou-se asfíxiante, pesado, como se tivesse absorvido a tristeza dos seus habitantes. A jovem Peri tinha a sensação de que assim que as abelhas e as traças entravam, pelas janelas abertas, fugiam alvoroçadas. Até os mosquitos insaciáveis tinham deixado de chupar o sangue dos Nalbantoğlus, com medo de ingerir a infelicidade deles. Nos desenhos animados e filmes que Peri via, os comuns mortais eram mordidos por aranhas, picados por vespões e, depois disso, transformavam-se em super-heróis com vidas empolgantes. No caso deles, era ao contrário. As pulgas e os insetos, depois de entrarem em contacto com os Nalbantoğlus, metamorfoseavam-se nos modos dos humanos, esmagados pelo peso de sentimentos para os quais não tinham utilidade.

Foi por essa altura que Peri começou a reenquadrar a sua relação com Alá. Deixou de rezar antes de se deitar, ao contrário do

que a mãe lhe ensinara, mas também se recusou a permanecer indiferente perante o Todo-Poderoso, ao contrário do conselho do pai. Ao invés, toda a angústia e dor que não se atrevia a expressar perto dos pais, transformou-as numa bala de canhão de palavras e arremessou-a impetuosamente para o céu.

Começou a discutir com Deus.

Peri brigava com Ele acerca de tudo, fazendo perguntas para as quais sabia não existirem respostas fáceis, mas fazia-as de qualquer maneira, baixinho, para ninguém ouvir. Que irresponsabilidade a Dele, permitir que acontecessem coisas horríveis a quem não o merecia. Consequia Deus ver e ouvir através das paredes da prisão e das grades das celas? Se não conseguia, não era Todo-Poderoso. Se conseguia, e não fazia nada para ajudar quem precisava, então não era misericordioso. Fosse como fosse, não era o que apregoava ser. Era um impostor.

A raiva que Peri não podia dirigir contra a mãe e o seu mestre Üzümbaz Efendi, a frustração que não conseguia conter em relação ao pai e à sua dependência alcoólica, a mágoa que não podia transmitir ao irmão mais velho e o cansaço que sentia em relação ao seu outro irmão, misturou-os todos numa massa pegajosa e despejou-a nos seus pensamentos sobre Deus. Aí assou, na fornalha da mente, subindo lentamente como um bolo, estalando no meio, queimando nas pontas. Enquanto os seus amigos pareciam leves e descomplicados como os papagaios de papel que lançavam nas ruas, divertindo-se na escola e encarando um dia de cada vez, Nazperi Nalbantoğlu, uma criança invulgarmente intensa e introvertida, andava afanosamente em busca de Deus.

Deus, uma palavra simples com um significado obscuro. Deus, suficientemente perto para saber tudo o que fazíamos — e inclusive

o que estávamos a pensar fazer — e, no entanto, impossível de alcançar. Mas Peri estava decidida a arranjar uma maneira de o fazer, porque se convencera, através de uma qualquer lógica tortuosa, de que, se conseguisse unir o Criador de Selma e o Criador de Mensur, poderia restaurar a harmonia entre os seus pais. Se houvesse uma espécie de entendimento acerca do que Deus era ou não era, haveria menos tensão em casa dos Nalbantoğlus e até no mundo inteiro.

Deus era um labirinto sem mapa, um círculo sem centro; as peças de um puzzle que pareciam nunca encaixar. Se conseguisse resolver esse mistério, poderia infundir sentido no sem sentido, razão na loucura, ordem no caos, e talvez conseguisse também aprender a ser feliz.

¹ «Senhor.»

O caderno

Istambul, anos 80

— Vem sentar-te junto de mim, querida — disse Mensur à filha, numa rara noite em que estava sozinho à mesa do jantar.

Peri obedeceu imediatamente. Tinha umas saudades terríveis dele. Embora vivessem na mesma casa, ele andava distante, absorto nos seus pensamentos, uma mera sombra do que costumava ser, desde o dia em que Umut fora detido.

— Deixa-me contar-te uma história — começou Mensur. — Em tempos, viveu em Istambul um tocador de flauta de junco, sufi, mas do tipo independente. Sempre que via uma garrafa de *raki* ou de vinho, ralhava com as pessoas à sua volta. «Não sabem que uma gota deste álcool é pecado?» Depois, abria a garrafa, molhava um dedo, esperava uns segundos e tirava o dedo a pingar. «Retirei a gota pecaminosa», dizia. «Agora, podemos beber tranquilamente.»

Mensur riu-se da sua própria piada... um riso grave e triste.

Peri perscrutou o pai, pressentindo na sua questão uma rebelião solitária, mas contra o quê ou quem? Cautelosamente, perguntou:

— Posso provar, *Baba*?

— O quê? Queres provar *raki*?

Peri anuiu. Nunca pensara nisso antes, mas, agora que tinha dito que queria, queria mesmo. Era uma maneira de criar laços com o pai.

Mensur abanou a cabeça.

— Tens sete anos. Nem pensar!

— Oito — corrigiu Peri. — Faço oito este mês.

— Bom, eu sempre disse que era melhor provar álcool pela primeira vez em casa com os pais do que às escondidas na rua. Não devias beber antes dos dezoito anos — cogitou Mensur. — Mas, por essa altura, sabe-se lá se será autorizado, graças a estes fanáticos religiosos. Talvez ponham uma garrafa ou duas em exposição algures. Exposição de Objetos Degenerados! Como os Nazis e a arte moderna, não é? Sim, talvez devesse beber uma gotinha antes que seja demasiado tarde.

Dito isto, Mensur encheu um copo com água e acrescentou uma dose generosa de *raki*. Enquanto Peri observava o álcool a dispersar-se na água, o pai observou-a a ela com uma expressão meiga.

— Vês estas gotas? Sou eu e os meus amigos. Dissolvemo-nos num mar de ignorância. — Mensur ergueu o copo e disse: — *Sherefe!*¹

Empolgada por a tratarem como adulta, Peri sorriu.

— *Sherefe!*

— Se a tua mãe nos vê, esfolá-me vivo.

À pressa, Peri bebeu um grande gole. O seu rosto contraiu-se de imediato numa expressão de repulsa. Era pavoroso. Pior do que tudo o que já provara na vida. O aperto a anis, ainda mais intenso do que o cheiro, queimou-lhe a língua, fez-lhe cócegas no nariz e

levou-lhe lágrimas aos olhos. Como é que o pai conseguia beber aquela coisa horrorosa, todas as noites, com tanto deleite?

— Promete-me — pediu Mensur, ignorando a reação da filha — que nunca vais acreditar em crendices. Entendes o que eu quero dizer?

— Sim, sim — disse Peri, depois de beber um copo de água de jorro e devorar uma fatia de pão, para se livrar do gosto que lhe ficara na boca. — Aquelas histórias de que não se deve saltar por cima de uma criança, senão ela para de crescer. E que se estalarmos os dedos partimos as asas de um anjo. E que quem assobia no escuro convida o diabo. Esse tipo de coisa.

— É isso mesmo, é tudo um chorrilho de disparates. Ouve, há uma regra que eu aprendi a respeitar, e aconselho-te a fazer o mesmo. Nunca acredites em nada que não tenhas visto com os teus olhos, ouvido com os teus ouvidos, tocado com as tuas mãos e alcançado com a tua mente. Prometes?

Desejosa de agradar ao pai, Peri cantarolou:

— Prometo, *Baba*.

Contente, Mensur bateu com o indicador no ar para sublinhar as suas palavras.

— A educação salvar-nos-á! É a única maneira de avançarmos. Tens de ir para a melhor universidade do mundo. — Fez uma pausa, enquanto ponderava que universidade seria essa. — Dos meus filhos, és a única capaz disso. Trabalha com afinco. Salva-te da ignorância, prometes mesmo?

— Prometo mesmo.

— Mas há um problema — acrescentou Mensur. — Os homens não querem que as mulheres sejam demasiado espertas nem demasiado cultas. E eu não gostaria que morresses solteirona.

— Não tem mal, eu nunca me hei de casar. Fico consigo.

Mensur desatou a rir.

— Vai por mim: não queiras fazer uma coisa dessas. Mas não entregues o teu coração a uma pessoa que não se importe com a ciência... com o conhecimento. Prometes mesmo?

— Prometo mesmo. — Peri escorregou para a ponta da cadeira, quando um novo pensamento lhe veio à cabeça. — Então, e Deus? Não O conseguimos ver, não O conseguimos ouvir, não Lhe conseguimos tocar... devíamos acreditar Nele?

Mensur fez uma expressão pesarosa.

— Vou contar-te um segredo. No que toca ao Todo-Poderoso, os adultos estão tão confusos como as crianças.

— Mas Deus existe? — insistiu Peri.

— É bom que exista. Quando eu O encontrar no próximo mundo, antes de Ele me interrogar, tenciono perguntar-Lhe onde é que se meteu este tempo todo. Deixou-nos por conta própria demasiado tempo! — Mensur enfiou uma fatia de queijo na boca e mastigou vigorosamente.

— *Baba...* Porque é que Alá não ajudou o Umut? Porque é que deixou isto tudo acontecer?

— Não sei, minha alma — respondeu Mensur, com a maçã de Adão a subir e a descer.

Ficaram calados. Peri enrolou os dedos dos pés e fincou os chinelos no tapete, sentindo que era melhor mudar de assunto. A referência ao irmão mais velho turvara ainda mais o estado de espírito sombrio, como uma nuvem que desliza diante da Lua pálida.

— Então, e o Céu e o Inferno? — As provações e tribulações do Inferno tinham sido um refrão constante na sua educação. A ideia de o pai poder ir parar ao domicílio dos condenados, com os seus

caldeirões fervilhantes, chamas castigadoras e anjos negros chamados *zabanis* aterrorizava-a.

— Bom, não sou propriamente perfeito para o Céu, pois não? Há duas hipóteses: se Deus não tiver sentido de humor, estou perdido. Vou direito ao Inferno. Se Ele tiver sentido de humor, há esperança, pode ser que vá ter contigo para o paraíso. Dizem que nos rios do Céu corre vinho do melhor!

Peri foi percorrida por uma onda de pânico.

— E se Alá for tão rígido como a mãe sempre disse que é? — sussurrou.

— Não te inquietes, teremos um plano B — respondeu Mensur.

— Não te esqueças de pôr uma picareta na minha campa e eu escavo um túnel para fugir do sítio onde for parar!

Peri arregalou os olhos.

— O Inferno é tão profundo que, se atirmos uma pedra, ela demora setenta anos a chegar ao fundo. Foi a mãe que me disse.

— Logo vi que era coisa dela. — Um suspiro silencioso. — Mas aqui tens uma coisa boa: um ano na Terra é apenas um minuto no Além. De uma maneira ou doutra, eu vou ter contigo. — O rosto dele alegrou-se. — Ah, já me ia esquecendo. Tenho uma coisa para ti!

Do seu saco de cabedal, Mensur tirou um embrulho: uma caixa prateada atada com um laço dourado.

— Para mim? — Peri examinou o embrulho.

— Não abres?

Dentro da caixa vinha um caderno. Um lindo caderno turquesa, cosido à mão, com lantejoulas e um mosaico espelhado na capa.

— Sei que tens curiosidade acerca de Deus — disse Mensur, pensativo. — Não consigo responder a todas as tuas perguntas. Na verdade, ninguém consegue, incluindo a tua mãe e o pregador

maluco dela. — Bebeu o resto do *raki* de um trago. — Não tenho empatia nenhuma com a religião, nem com os religiosos, mas sabes porque é que ainda gosto de Deus?

Peri abanou a cabeça.

— Porque Ele se sente sozinho, Pericim, como eu... como tu — respondeu Mensur. — Sozinho lá em cima, algures, sem ninguém com quem falar... tudo bem, talvez tenha uns anjos para conversar, mas que graça têm os querubins? Milhões de pessoas rezam a Deus: «Ai, dá-me a vitória, dá-me dinheiro, dá-me um Ferrari, faz isto, faz aquilo...» As mesmas palavras vezes sem conta, mas ninguém se dá ao trabalho de O conhecer a fundo.

Mensur encheu o copo, com uma centelha de tristeza nos olhos.

— Pensa na maneira como as pessoas reagem quando veem um acidente na estrada. Dizem logo: «Deus nos livre.» Dá para acreditar numa coisa dessas? A reação instintiva é pensarem nelas próprias e não nas vítimas. Tantas preces são cópias a papel químico umas das outras. Protege-*me*, ama-*me*, apoia-*me*, eu eu eu... Chamam-lhe religiosidade; eu chamo-lhe egoísmo encapotado.

Perante isto, Peri inclinou a cabeça para o lado, desejosa de consolar o pai, mas sem a mínima ideia de como o fazer. A casa mergulhou num silêncio tão delicado que um sopro de ar o teria derrubado. Peri perguntou-se se a mãe, por detrás das paredes, deitada na cama, estaria a ouvir a conversa e, se sim, o que pensaria.

— Daqui em diante, quando te ocorrer um pensamento sobre Deus, ou sobre ti, escreve-o no teu caderno.

— Como se fosse um diário?

— Sim, mas será um diário especial — respondeu Mensur, animando-se. — Um diário de uma vida inteira!

— Mas não tem páginas suficientes.

— Precisamente. A única maneira será apagando escritos anteriores. Percebes? Escreve e apaga, minha alma. Não te posso ensinar a não ter pensamentos negros. Eu próprio nunca descobri como os evitar. — Mensur fez uma pausa. — Mas gostava que conseguisses, pelo menos, apagá-los.

— Para poder ter novos pensamentos negros?

— Hum, sim... Apesar de tudo, é melhor ter novos pensamentos negros do que velhos pensamentos negros.

Nessa mesma noite, sentada na cama, Peri abriu o diário e escreveu o seu primeiro texto: «Acho que Deus vem sob a forma de muitas peças e cores. Posso construir um Deus pacífico e caridoso. Ou posso construir um Deus furioso e castigador. Ou, então, posso não construir nada. Deus é um conjunto de legos.»

Ergue e derruba. Escreve e apaga. Acredita e duvida. Seria isso que o seu pai realmente queria dizer? No fim, pouco importou, porque foi isso que Peri, recuando até esse dia, anos depois, decidiu que tinha ouvido. O ensinamento do pai consolidaria aquilo de que ela própria já desconfiava: enquanto algumas pessoas eram crentes fervorosas e outras fervorosas descrentes, ela ficaria sempre encalhada no meio.

¹ «À tua honra.»

A Polaroid

Istambul, 2016

O mendigo atirou-se a Peri, brandindo a faca com tanta destreza e precipitação que foi um milagre ela conseguir esquivar-se. A lâmina falhou o lado direito da barriga por uns centímetros, mas cortou-lhe a palma da mão. Peri soltou um uivo estridente, a sua voz estalando de dor. O sangue escorreu-lhe pelo pulso abaixo, manchando o vestido de seda roxo.

Com o coração a martelar-lhe a caixa torácica e o suor a pingar-lhe da testa, empurrou o homem com toda a sua pujança. Como não esperava resistência, ele desequilibrou-se, oscilando momentaneamente, um instante de trégua que ela usou para lhe arrancar a faca da mão. Furibundo, o mendigo bateu-lhe no peito com tanta força que, por um momento pavoroso, ela não conseguia respirar. Pensou na filha, à espera no carro. Pensou nos seus dois filhos mais novos, a verem o programa de televisão preferido em casa. Uma imagem do marido passou-lhe pela cabeça: no jantar, rodeado pelos outros convidados, consultando o relógio de minuto a minuto, aflito de preocupação. A tomada de consciência de que poderia não voltar a ver os seus entes queridos trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Que estupidez, morrer assim! As pessoas enfrentavam a

morte defendendo os seus países e as suas bandeiras e a sua honra; ela, a defender uma falsa carteira Hermès com um acento grave errado. Mas talvez fosse tudo igualmente sem sentido.

O mendigo deu-lhe outro murro, desta vez na barriga. Derrubada, Peri tossiu, quase esgotada.

Convocou as suas últimas reservas de força de vontade.

— Para! Estás a ouvir? Para! — gritou-lhe, como se repreendesse uma criança malcomportada. Tremia; o seu corpo parecia recusar-se a escutar as ordens do seu cérebro para não entrar em pânico. — Ouve — sussurrou, rouca —, se me fizeres mal, vais-te meter num sarilho enorme. Põem-te na cadeia. Quebram-te... — queria dizer «o espírito», mas, ao invés, disse: — os ossos. Acredita que sim.

O mendigo chupou os dentes.

— Puta — disse. — Quem é que julgas que és?

Nunca ninguém tinha chamado «puta» a Peri e a palavra perfurou-a como uma lasca de gelo. Fez mais uma tentativa, optando pela reconciliação.

— Fica com a carteira, está bem? Vai à tua vida e eu vou à minha.

— Puta! — repetiu ele, encalhado no insulto.

A expressão turvou-se-lhe; os olhos tornaram-se-lhe fissuras no rosto. Inspirou fundo, excitado com os seus próprios pensamentos. Um carro aproximou-se da entrada do beco e os seus faróis talharam, por instantes, um túnel de fuga. Peri quis gritar por socorro, mas era demasiado tarde, já o automóvel tinha desaparecido. Mergulharam novamente nas sombras. Ela recuou um passo.

Agarrando no pescoço de Peri, o mendigo empurrou-a para baixo. O cabelo dela soltou-se; o alfinete que prendia o totó fez ricochete no chão; um ruídozinho metálico. Quando ela caiu para trás, a cabeça bateu no asfalto. Estranhamente, não doeu. Dali de baixo, o céu parecia inacreditavelmente longe e assemelhava-se a uma chapa de bronze, imóvel, sólida, fria. Quis levantar-se, a sua mão deixando marcas ensanguentadas. Num ápice, ele atacou-a, tentando arrancar-lhe o vestido. Um cheiro azedo emanava-lhe da boca, a fome, tabaco, químicos. Era o fedor da decomposição. Peri sentiu o vômito vir-lhe à boca. A carne que tentava penetrar a sua carne era a de um cadáver.

Acontecia a toda a hora, naquela cidade que abrangia sete colinas, dois continentes, três mares e quinze milhões de bocas. Acontecia por trás de portas fechadas e em pátios abertos; em quartos baratos de motel e suítes de luxo cinco estrelas; a meio da noite ou em plena luz do dia. Os bordéis daquela cidade poderiam contar muitas histórias, se encontrassem simplesmente quem as quisesse ouvir. Call girls, prostitutas adolescentes e prostitutas envelhecidas, todos eles espancados, maltratados e ameaçados por clientes à procura da mais pequena desculpa para perderem a cabeça. Transexuais que nunca iam à polícia, porque sabiam que poderiam ser atacados uma segunda vez. Crianças com medo de alguns membros específicos da família e noivas com medo dos sogros ou dos cunhados; enfermeiras, professoras e secretárias assediadas por homens obcecados, só por se terem recusado a sair com eles no passado; donas de casa que nunca diriam uma palavra, porque não havia palavras naquela cultura para descrever a violação conjugal. Acontecia a toda a hora. Sob um manto de secretismo e silêncio que envergonhava as vítimas e protegia os

atacantes, Istambul conhecia muito bem os maus-tratos sexuais. Naquela cidade onde toda a gente temia os forasteiros, a maior parte das agressões provinha de quem era demasiado familiar e estava demasiado perto.

Nos minutos que se seguiram no sossego daquele beco, como se acordasse de um sonho e descobrisse que estava encurralada no pesadelo de outra pessoa, a percepção de Peri acerca dos acontecimentos quebrou-se em camadas díspares. Lutou. Era forte. Ele também, inesperadamente para quem tinha uma estrutura tão descarnada. Ele deu-lhe um golpe com a cabeça, deixando-a inconsciente durante uns segundos. Ela podia ter desistido, tão intensa foi a dor, tão irresistível a vontade de deixar o desespero apoderar-se de si.

Foi então que viu uma silhueta pelo canto do olho. Suave e sedosa, demasiado angelical para ser humana. Reconheceu-a... o. O bebé na bruma. Bochechas rosadas, braços rechonchudos, pernas robustas e gorduchas; cabelo penugento e dourado, ainda não escurecera. Uma mancha cor de ameixa cobria-lhe uma face. Um bebezinho giro, só que não era um bebé. Era um *jinni*. Um espírito. Uma alucinação. Fruto da sua imaginação sobre-estimulada e receosa... embora não fosse a primeira vez que o via.

Ignorando a aparição atrás de si, o mendigo praguejou entre dentes, enquanto mexericava nas calças. Impacientemente, deu puxões à corda que lhe servia de cinto. Devia tê-la amarrado com demasiada força e não conseguia desapertá-la com uma mão, estando a agarrar Peri com a outra.

O bebé na bruma gorjeou, divertido. Através dos seus olhos inocentes, Peri viu a loucura para onde fora sugada, a risível

miséria. Soltou uma gargalhada. Sonora e ousada. A sua reação desconcertou o mendigo, que se deteve por um fugaz segundo.

— Deixe que eu ajudo — disse Peri, apontando com a cabeça para a corda.

Os olhos dele cintilaram, meio desorientados, meio desconfiados. Uma centelha de condescendência perpassou-lhe o rosto. Consequira assustá-la e sabia, mediante experiências passadas, que o medo era o suficiente para fazer com que alguém, fosse quem fosse, descesse do pedestal e se ajoelhasse. Afastou-se, apenas dois ou três centímetros.

Com toda a sua força, Peri atirou-se ao homem. Apanhado de surpresa, ele cambaleou para trás e caiu de costas. Flexível e ágil, ela saltou e deu-lhe um pontapé na braguilha. Ele uivou como um animal ferido. Peri não sentiu nada, nem pena, nem raiva. As pessoas estavam sempre a aprender com as outras. Algumas ensinavam a beleza; outras, a crueldade. Ela não sabia se era a cola que ele snifara antes que lhe começava a fazer efeito no corpo, enfraquecendo-o, ou se era ela própria que estava mais forte, graças a uma qualquer energia selvagem e desconhecida, mas sentia-se poderosa. Treloucada. Perigosa.

Espetou um pé na cara dele, toda a sua força concentrada nesse ato singular. Um som nauseante ressoou no ar: o de um nariz a partir. A imagem do sangue dele, desta vez em abundância, ao invés de aterrorizar, incitou-a a bater-lhe com mais força. Sem dar por isso, desatou a dar-lhe pontapés e murros no corpo todo.

O mendigo agarrou-se à barriga, com o casaco enrolado deixando à mostra um torso emaciado. Inerte e leve, ele aguentou a sova como se estivesse cansado de perseguir, roubar, lutar e lidar com a mesquinhez de tudo.

— Seu filho da mãe — disse Peri. Naqueles anos todos, nunca praguejara em voz alta, não o fazia desde os tempos de Oxford, e a sensação foi, como da última vez, surpreendentemente natural e doce.

O bebê na bruma deslizou perto dela. Evanescente como um sussurro; uma figurinha feita das sedas e gazes mais delicadas. Já não sorria; as suas feições, esculpidas em cera cor de mel, não se moviam. Também não parecia julgar o que estava a acontecer. Estava para lá dessas coisas, alheio a este reino. Velozmente e, uma vez mais, tendo ajudado Peri, desapareceu. O vapor dissolveu-se na escuridão crescente da noite, sem deixar rasto.

De imediato, Peri parou de bater no mendigo. Uma brisa que se avolumava despenteou-a; uma gaivota aos guinchos — porventura uma descendente distante da outra gaivota que, havia uma eternidade, engolira a língua do poeta — descrevia círculos lá no alto, irada com algo ou alguém naquela cidade de betão e multidões.

O homem arquejava e cada respiração era um soluço. Tinha o rosto coberto de sangue e o lábio superior rachado.

«Desculpa», pensou Peri, e quase o disse em voz alta, as palavras ficaram-lhe presas na garganta. Nesse instante, como que condicionada, lembrou-se de uma voz, carinhosa e repreendedora ao mesmo tempo. «Continuas a pedir desculpa a toda a gente, minha querida?»

Se o Professor Azur tivesse sido transportado para Istambul, era isso que lhe diria nesse momento, quase de certeza. Que estranho o passado inundar-nos precisamente no instante em que a desordem rompia as margens do presente. Recordações aleatórias, ansiedades reprimidas, segredos guardados e culpa, muita culpa.

Com todos os seus sentidos turvados, o mundo tornou-se um fundo desfocado. Inundada por uma sensação de placidez, quase uma espécie de torpor, que a separava de tudo o resto, incluindo da dor que irradiava de uma parte do seu corpo que ela não conseguia identificar, Peri lembrou-se de coisas da sua vida que pensara ter deixado para sempre no passado.

O mendigo começou a chorar baixinho. Desaparecera o imperador das ruas, o pedinte, o viciado, o ladrão, o violador... todos os seus papéis lhe tinham sido arrancados, deixando para trás um rapaz a chorar no escuro por um toque reconfortante que nunca se concretizaria. Agora que o efeito da cola passara por completo, a dor física substituíra as alucinações.

Peri aproximou-se dele, com o sangue a latejar nos ouvidos, horrorizada com o que fizera. Ter-lhe-ia oferecido ajuda, se a sua filha não tivesse chegado nesse instante.

— Mãe, o que é que aconteceu?

Rápida como uma flecha, Peri virou-se para trás. Recompôs-se, esforçando-se ao máximo por ordenar as ideias.

— Querida... porque é que não esperaste no carro?

— Até morrer de velha? — ripostou Deniz, mas, fosse qual fosse a reprimenda que tivesse em mente, rapidamente se desvaneceu.

— Oh, meu Deus, estás a sangrar! O que é que aconteceu? Estás bem?

— Estou — disse Peri. — Foi só uma escaramuça.

O mendigo, que agora estava num silêncio de morte, pôs-se de pé, trôpego, e cambaleou até uma esquina, como se não tivesse o mínimo interesse nelas. Mãe e filha apanharam a carteira e todos os objetos de Peri que conseguiram encontrar.

— Porque é que não posso ter uma mãe normal como toda a gente? — murmurou Deniz, enquanto apanhava os cartões de crédito do chão.

Era uma pergunta à qual Peri não conseguia responder e, por conseguinte, nem tentou.

— Vamos — disse Deniz.

— Espera um instante. — Os olhos de Peri procuraram a Polaroid, mas parecia ter desaparecido.

— Anda! — gritou Deniz. — O que é que se passa contigo?!

Deixando o beco, voltaram rapidamente para o carro. O Range Rover Azul Monte Carlo estava à espera delas, sem que, miraculosamente, o tivessem roubado.

Fizeram o resto do caminho em silêncio: a filha a catar as cutículas, a mãe de olhos fixos na estrada. Só mais tarde é que Peri se daria conta de que não tinham recuperado o seu telemóvel. Talvez o mendigo ainda o tivesse no bolso; talvez tivesse caído durante a luta e, algures naquele beco, estivesse a piscar e a tocar... mais um grito que passaria despercebido em Istambul.

O jardim

Istambul, anos 80

A primeira vez que Peri viu o «bebé na bruma» tinha oito anos. O encontro alterá-la-ia para sempre, entrelaçar-se-ia na sua vida como uma videira numa árvore jovem. Seria também o início de uma série de experiências que, embora familiares por causa da sua similaridade, não perderiam o seu cunho assustador com o passar dos anos.

Ao contrário da maior parte das casas da vizinhança, a dos Nalbantoğlus tinha um jardim luxuriante a toda a volta. Era nas traseiras que a família passava quase todo o tempo ao ar livre. Era aí que penduravam pimentos vermelhos, beringelas e quiabos em cordéis para secarem ao sol, preparavam frasco atrás de frasco de molho de tomate picante e coziam cabeças de carneiro a vapor em caldeirões, no Eid al-Adha. Peri esforçava-se por não fitar os olhos do carneiro, abertos e fixos. A garganta contraía-se-lhe só de pensar que quem comesse aqueles olhos ingeriria também o horror que eles tinham visto, segundos antes de serem chacinados. A ideia perturbava-a duplamente, porque ela sabia que era o seu pai quem comeria a iguaria nessa noite, à sua mesa de *raki*.

Era também aí que empilhavam a lã crua e depois a arejavam, lavavam e batiam com paus antes de a enfiarem nos colchões. De vez em quando, um pedaço de lã soltava-se do resto e caía suavemente no ombro de alguém, como uma pena de um pombo atingido a tiro.

Quando Peri confessara ao pai que a lã crua lhe lembrava pássaros moribundos e que os olhos do carneiro a fixavam acusadoramente, Mensur sorria e dera-lhe um beijo na bochecha. «Não sejas tão sensível, *canimin içi*¹, não leves a vida tão a sério», como se ele próprio fosse diferente.

Uma vedação de madeira em bruto — com estacas tão afastadas umas das outras que parecia uma boca desdentada — separava o terreno deles do mundo exterior. De todas as atividades do jardim, a preferida de Peri, a seguir aos jogos a que brincava com as outras crianças, era a lavagem coletiva dos tapetes. Ansiava por essa ocasião, que ocorria de tantos em tantos meses. O tempo tinha de estar bom, nem demasiado seco nem demasiado húmido, os tapetes suficientemente sujos e toda a gente com o estado de espírito certo.

Num desses dias, todos os tapetes e capachos foram enrolados e arrastados lá para fora e, depois, estendidos na relva, lado a lado. Feitos à mão, tecidos sem pelo ou produzidos em fábrica, eram cerca de uma dúzia para lavar. Mergulhadas num universo de nós simétricos, medalhões centrais e símbolos escondidos, as crianças da Rua do Poeta Mudo saltavam de um lado para o outro com gargalhadas estridentes, viajando através dos mares e aterrando em portos nos seus tapetes voadores.

Entretanto, num canto à parte, fervilhava um caldeirão de ferro forjado, destapado, sobre uma fogueira a céu aberto. De dentro dele

tiraram-se tigelas de água, que depois foram despejadas nos tapetes para amaciar o tecido. A seguir, os tapetes foram ensaboados, escovados, esfregados e enxaguados. Uma e outra vez. Nem todas as mulheres participaram na lida. A mãe de Peri, por exemplo, ficou de lado, por achar o trabalho demasiado enfadonho e sujo para o seu gosto. Outras, as corajosas e as diligentes, arregaçaram as calças e as saias, de rosto corado ante a importância da sua missão, com os cabelos soltando-se dos lenços e, de pés descalços, espezinharam o pelo comprido dos tapetes como se atravessassem um campo de cevada tenra.

Nas horas que se seguiram, as crianças construíram castelos de lama; aprisionaram moscas, usando caixas de fósforos com geleia; comeram alperces (e esmagaram os caroços) e melancia (e secaram as pevides); fizeram grinaldas com agulhas de pinheiro; e perseguiram uma gata amarelada que ou era obesa ou estava gravidíssima. Quando se lhes esgotaram as coisas para fazer, ainda só um terço dos tapetes tinha sido limpo. Uma a uma, as amigas de Peri voltaram para casa, para regressarem mais tarde. Como era o seu jardim e a sua casa, Peri ficou.

Estava um lindo dia, radioso e quente. O vento estava saturado com o som de água, água a derramar-se, água a cair... As mulheres trocavam mexericos, riam e cantavam. Alguém contou piadas ordinárias, que Peri não percebeu, mas adivinhou que deviam ser obscenas, pela carranca da mãe.

À tarde, as lavadeiras de tapetes fizeram uma pausa para almoçar. Levaram para o jardim a comida que tinham preparado de antemão: folhas de couve recheadas, *börek* com queijo feta, pepinos em salmoura, salada de bulgur, almôndegas grelhadas, croissants de maçã... Uma grande travessa redonda servia de base

para cada prato pousado entre pilhas de pão ázimo e copos de *ayran*², brancos e espumosos como pedaços de nuvens servidos por um deus generoso.

Sentindo-se esfomeada, Peri tirou um *börek* da travessa. Ainda mal tinha dado uma dentada quando um guincho desesperado rompeu o ar. A sua mãe, com a pressa e a distração, tinha esbarrado no caldeirão a ferver, conseguindo miraculosamente não o derrubar por cima de si. Mas ficou com o braço esquerdo queimado do cotovelo até às pontas dos dedos. As outras mulheres largaram o que estavam a fazer e correram a ajudar Selma.

— Deitem água fria no braço dela — disse alguém.

— Pasta de dentes! Esfreguem-na na queimadura.

— Vinagre, foi assim que curámos as queimaduras da minha tia. As dela eram piores — acrescentou outra pessoa.

Com toda a gente a correr para dentro de casa, para tratar de Selma da melhor maneira possível, Peri ficou sozinha no jardim. Uma faixa de sol incidiu-lhe no rosto; um inseto zumbiu, entorpecido, perto dela. Debaixo de uma figueira, do outro lado da rua, avistou a gata amarelada, com os olhos de jade semicerrados, reduzidos a duas fendas. Apeteceu-lhe dar de comer ao animal. Pegando numa almôndega, passou por cima da cerca e, num ápice, estava do lado de fora.

— Como é que te chamas, menina?

Peri virou-se e viu um rapaz de camisa aos quadrados brancos e vermelhos e calças de ganga azuis que pareciam nunca ter sido lavadas. A boina que usava estava prestes a cair-lhe da cabeça. A princípio, não respondeu, porque sabia que não se deve falar com desconhecidos. Mas também não se afastou. A boina intrigou-a, lembrou-lhe o póster que Umut tinha no quarto. Talvez aquele

desconhecido fosse um revolucionário. Talvez tivesse ouvido falar no irmão dela... e no seu destino. Decidiu que, se não lhe dissesse a verdade, não estaria propriamente a dar-lhe informações. Por isso, respondeu:

— Chamo-me Rosa.

— Oh, nunca tinha conhecido uma Rosa, antes — disse ele, virando o rosto para o Sol. — E ainda por cima tão bonita. Vais partir corações quando cresceres.

Peri não disse nada, embora tenha sentido qualquer coisa estremecer dentro de si, uma ligeira onda de sensualidade, uma força que ainda não despertara, meio empolgada, meio repugnada com o elogio.

— Já vi que gostas de gatos — comentou ele.

Tinha uma voz discreta, quebradiça. Mais tarde, embora não naquele instante, Peri compará-la-ia ao feijão que guardava em algodão húmido junto do peitoril da janela. Tal como esse feijão, a voz do desconhecido escondia-se, modificava-se, germinava.

— Vi uma bola de pelo ao virar da esquina — disse ele. — Parece que ela pariu cinco gatinhos. São tão giros e minúsculos, parecem ratitos. Têm olhos cor-de-rosa.

Fingindo indiferença, Peri ofereceu o último pedaço de almôndega à gata.

O homem aproximou-se mais um passo: cheirava a tabaco, a suor, a terra húmida. Agachou-se e sorriu-lhe. Estavam agora cara a cara.

— É uma pena que a mãe deles os vá afogar.

Peri susteve a respiração. Ao fundo, no terreno baldio, onde os cães vadios vagueavam e umas quantas cabras pastavam, havia um reservatório que ninguém usava, porque, sempre que caíam

mais de sete centímetros de chuva, ficava contaminado com água de esgoto. Peri olhou nessa direção, meio à espera de ver corpos felinos a boiar.

— É o que os gatos costumam fazer — insistiu o homem, com um suspiro.

Peri não pôde deixar de perguntar:

— Porquê?

— Não gostam de olhos cor-de-rosa — retorquiu. Os dele eram castanho-claros com a pele encovada por baixo e muito juntos no seu rosto anguloso. — Têm medo de ter parido criaturas estranhas, como crias de raposa, por isso matam-nas.

Peri perguntou-se se as crias de raposa teriam olhos cor-de-rosa e, se sim, o que pensariam as mães disso. Na sua família, ela era a única que tinha os olhos verdes e sentiu-se sortuda por nunca ninguém ter visto nisso um problema.

O homem, reparando no desconcerto dela, afagou a cabeça da gata antes de se levantar.

— É melhor eu ir ver os gatinhos. Precisam que alguém cuide deles. Queres vir comigo?

— Quem? Eu? — disse ela, mas só porque não sabia o que mais dizer.

Ele crispou os lábios, demorando a responder, como se tivesse sido ela a sugerir acompanhá-lo.

— Podes vir, se quiseres. Mas eles são muito pequeninos. Prometes ter cuidado para não os magoar?

— Prometo — redarguiu ela alegremente.

Algures, abriu-se uma janela; uma mulher gritou para o vento, ameaçando o filho de que, se não fosse para casa almoçar imediatamente, lhe partia as duas pernas. O homem, subitamente

nervoso, olhou para a direita e para a esquerda. O rosto alongou-se-lhe quando disse:

— Não convém que nos vejam juntos. Eu vou à frente e tu segues-me.

— Os gatinhos... onde é que eles estão?

— Estão perto daqui, mas é melhor irmos de carro. Tenho o carro ao virar da esquina. — Apontou com um gesto vago e, depois, acelerou o passo.

Peri começou a seguir o homem, que coxeava visivelmente. Embora uma parte de si tivesse dúvidas sobre o que estava a fazer, aquela era a primeira decisão que tomava sem os seus pais e o mais perto que estivera de uma sensação de liberdade.

Daí a pouco, com um olhar evasivo por cima do ombro, ele chegou ao carro e sentou-se atrás do volante, à espera dela.

Peri deteve-se, alertada por algo mais físico do que propriamente intuitivo. Estremeceu como se um vento glacial lhe tivesse tocado na pele nua. Todavia, o que mais a assustou foi a bruma que surgira do nada. Uma cortina de nevoeiro, camadas atrás de camadas de cinzento, como rolos de tecido desenrolados numa loja. O nevoeiro baralhou-a, momentaneamente, fê-la pôr em causa para onde ia e porquê. Viu a silhueta leitosa de uma árvore ali perto, mas o mundo para lá dela já não era visível, incluindo o homem, a apenas uns passos de distância.

Dentro da nuvem cinzenta, Peri avistou uma imagem estranhíssima: um bebé, de rosto redondo, franco, confiante. Uma mancha roxa descia-lhe por uma das faces até ao maxilar. Tinha um bocadinho de líquido a pingar-lhe do canto da boca, como se tivesse acabado de regurgitar.

— Peri, onde é que estás? — A voz da sua mãe, carregada de pânico, chegou-lhe na brisa, vinda da casa cor de ginja.

Não conseguiu responder. O coração pulsava-lhe na concavidade da garganta, enquanto ela pestanejava, desconcertada, perante o bebé na bruma. «Deve ser um espírito, um *jinni*», pensou. Já tinha ouvido falar neles, criaturas feitas de fogo sem fumo. Já existiam muito antes de Adão e Eva terem caído aos trambolhões do Jardim do Paraíso; por isso, historicamente falando, a Terra pertencia-lhes. Os humanos tinham chegado depois, eram eles os invasores. Os *jinn* viviam em zonas distantes e isoladas — montanhas nevadas, cavernas escuras, áridos ermos —, mas apareciam muitas vezes na cidade, para se instalarem em latrinas fedorentas, adegas sujas, caves bafientas. Como vagueavam à solta, as pessoas tinham de andar com cuidado; pisar um deles por engano daria de certeza mau resultado, provavelmente provocaria paralisia. Às tantas, era isso que lhe tinha acontecido; mal se conseguia mexer.

— Peri! Responde! — gritou Selma.

O bebé na bruma retraiu-se como se tivesse reconhecido a voz. O cinza começou a dissolver-se. O bebé também, pedaço a pedaço, como uma neblina matinal sob os raios do sol nascente.

— Estou aqui, mãe! — Peri virou-se e voltou a correr a sete pés para o jardim de sua casa.

Mais tarde, perguntaria a várias pessoas se alguém no bairro tinha visto uns gatinhos de olhos cor-de-rosa. Ninguém tinha.

Mais tarde, muito mais tarde na vida, Peri percebeu que fora por um triz que não se tornara mais uma notícia num jornal. Uma vítima

sem nome, só as iniciais impressas: N.N.; a sua fotografia com uma tira preta a tapar-lhe os olhos. Podia lá ter ido parar, ao lado dos artigos sobre um ataque mortal contra um chefe da máfia em Istambul, o confronto entre o exército turco e os separatistas curdos, numa povoação situada na fronteira sudeste, e a decisão do tribunal de banir *Trópico de Capricórnio*, de Henry Miller. O país inteiro leria os pormenores do seu rapto, batendo na madeira, abanando a cabeça, estalando a língua, agradecendo a Deus por ter sido a filha de outra pessoa qualquer e não a deles.

Chamou ao seu salvador «o bebé na bruma» e deixou a coisa por aí, sem capacidade, nem vontade, de perceber de onde surgira. Continuou, no entanto, a ter essa visão, a intervalos inesperados ao longo da vida. Aparecia não só quando estava em perigo, mas também em momentos banais. Dentro ou fora de portas, de manhã ou de noite, o nevoeiro podia abater-se a qualquer instante e em qualquer lugar, cercando-a por todos os lados como se quisesse que ela reconhecesse, de uma vez por todas, até que ponto estava sozinha.

Anos mais tarde, foi esse segredo que ela levou na mala quando, aos dezanove anos, viajou para a Universidade de Oxford pela primeira vez. Não era permitido levar carne nem produtos lácteos não europeus para Inglaterra, mas ninguém disse que não podia levar os seus medos e traumas de infância.

¹ «Âmago da minha alma.»

² Bebida fria de iogurte.

O hodja

Istambul, anos 80

Uma semana depois, Peri arranhou coragem para contar ao pai o seu segredo.

— Dizes que andas a ver coisas? — perguntou Mensur, com as palavras cruzadas de um jornal dobradas no colo.

— Coisas, não, *Baba*. Só uma coisa — explicou Peri. — Uma criança.

— E onde é que está essa criança, ao certo?

Peri corou.

— No ar, a pairar.

Por um instante, o rosto dele manteve-se impassível.

— És a minha filha esperta — disse, por fim. — Queres transformar-te na tua mãe? Se queres, força, enche a cabeça de disparates. Esperava mais de ti.

Ela ficou desanimada. Decidida a nunca o desiludir, cedeu. Não custava assim tanto. No fim de contas, não tocara na aparição e, embora a tivesse visto, e mais tarde também a ouvisse, não podia confiar nos seus sentidos, dada a estranheza da experiência. Segundo os princípios do pai, o bebé na bruma não existia. Estava tudo dentro da sua cabeça, concluiu Peri, mas era incapaz de

arranjar uma explicação plausível para o porquê de estar dentro da sua cabeça.

— O mundo civilizado, Pericim, não foi construído sobre crenças sem fundamento. Foi construído com base na ciência, na razão e na tecnologia. Tu e eu pertencemos a esse mundo.

— Eu sei, *Baba*.

— Ótimo. Não fales mais nesse assunto. E nunca, nunca contes isso à tua mãe.

Porém, era inevitável. Se a física do pai tinha as suas leis universais, a psicologia humana também. Assim que nos diziam para não entrar na porta quarenta ou para não espreitar para dentro de uma arca, essa porta estava condenada a ser destrancada e a arca aberta. A bem da justiça, enquanto pôde, Peri cumpriu a sua promessa, mas, quando o bebé na bruma voltou a aparecer, ela foi a correr ter com a mãe, pedindo ajuda.

— Porque é que não me contaste antes? — disse Selma, de sobrolho franzido de preocupação.

Peri engoliu com força.

— Conte ao pai.

— Ao teu pai? O que é que ele entende destas coisas? — retorquiu Selma. — Ouve, isto parece coisa de um *jinni*. Alguns são bem-comportados, outros são o mal encarnado. O Alcorão alerta-nos para este perigo. Eles estão dispostos a tudo para possuir um ser humano, especialmente uma menina. As mulheres estão particularmente vulneráveis aos ataques deles. Temos de ter cuidado.

Selma inclinou-se para a frente e puxou um caracol do cabelo da filha para trás da orelha. O gesto, simples e afetoso, desencadeou uma onda de ternura dentro de Peri.

— O que é que eu faço? — perguntou.

— Duas coisas. Primeiro, dizes-me sempre a verdade. Alá capta todas as mentiras. E os pais são os olhos de Alá na Terra. Segundo, temos de procurar um exorcista.

No dia seguinte de manhã, foram as duas falar com um *hodja*, famoso pelos seus poderes para purgar as pessoas de possessão demoníaca. Um homem corpulento, com um bigodinho fino e escuro, e uma voz asmática. Na mão, tinha um rosário de ónix, que desfiava lentamente. A sua cabeça larga era desproporcionada em relação ao resto do corpo, como se ali tivesse sido colocada à pressa, *a posteriori*. E usava a camisa abotoada até cima, tão apertada que lhe engolira o pescoço.

Esquadrinhando o rosto de Peri, interrogou-a sobre a sua alimentação, lazer, estudos, sono e idas à casa de banho. Sob o olhar examinador dele, a criança sentiu-se constrangida, mas manteve-se quieta na cadeira, esforçando-se por responder com sinceridade. Ele perguntou-lhe se ela tinha matado recentemente uma aranha ou uma lagarta ou um lagarto ou uma barata ou um grilo ou uma joaninha ou uma vespa ou uma formiga. Esta última fez com que Peri hesitasse; sabia lá, até podia ter pisado uma formiga, ou pior, um formigueiro. O *hodja* confirmou que os *jinn*, esquivos como eram, podiam assumir a forma de insetos e que, se os esmagássemos sem dizer o nome de Alá, podíamos ficar possuídos na hora.

Dito isto, o *hodja* virou-se para Selma.

— Se a criança tivesse aprendido que era preciso recitar o *Fatiha*¹, isto não teria acontecido. Tenho cinco filhos, nunca nenhum deles foi incomodado por *jinn*. Porquê? É muito simples. Porque eles sabem como se proteger. Não lhe ensinaste nada, irmã?

O olhar de Selma saltou do homem para a sua filha e vice-versa.

— Eu tento, mas ela não me ouve. O pai é uma má influência.

— Isto não tem nada a ver com ele... — protestou Peri. Depois, baixinho: — E agora?

Em vez de responder, o exorcista segurou nos ombros da criança, aproximou o rosto do dela, durante o que pareceu ser uma eternidade, e sibilou:

— Seja qual for o teu nome, eu vou descobrir. E, então, serás meu escravo. Eu sei que fazes parte dos ímpios. Sua coisa má e rancorosa! Abandona esta criança inocente. Estou a avisar-te!

Peri cerrou os olhos. O indivíduo atenuou a força com que lhe apertava os ombros. Salpicou-lhe a cabeça com água de rosas, recitando preces para afugentar o mal. Mandou-a engolir papelinhos minúsculos com letras árabes e a tinta pintou-lhe a língua de um azul tão forte que duraria dias. Nada aconteceu. Nessa noite, sob as ordens do *hodja* e por insistência da mãe, Peri passou uma hora sozinha no jardim, estremecendo ao menor ruído, uma silhueta de medo à luz ténue de um candeeiro de rua. Na manhã do dia seguinte, mandaram-na perseguir uma matilha de cães vadios. Os cães é que a perseguiram a ela.

— Ai, *jinni*, dou-te uma última oportunidade — disse o exorcista, quando o foram consultar uma segunda vez. Na mão, tinha um pau comprido feito de um ramo morto de salgueiro. — Ou saís espontaneamente, ou eu dou-te uma sova das grandes.

Antes que Peri pudesse digerir o que ouvira, o homem bateu-lhe nas costas. A criança gritou.

Selma empalideceu.

— Isso é mesmo necessário, *efendim*?

— É a única cura. O *jinni* precisa de apanhar um susto. Quanto mais tempo permanecer no corpo dela, mais poderoso se tornará.

— Sim, mas... não posso permitir isto — disse Selma, cerrando os lábios numa linha fina. — Temos de ir embora.

— A escolha é tua — retorquiu o *hodja*, inexpressivo. — Mas aviso-te já, irmã, que esta criança é propensa às trevas. Mesmo que se livre deste *jinni* agora, pode ficar cativa de outro, é tão fácil como respirar. Fica de olho nela.

Mãe e filha, mais assustadas com o exorcista do que com qualquer eventual *jinni*, saíram da casa à pressa, mas não sem antes Selma ter feito um pagamento avultado.

— Não se preocupe, eu fico bem — disse Peri, quando chegaram à paragem do autocarro. Deu a mão à mãe, sentindo-se culpada. — Mãe, o que é que ele queria dizer quando disse que sou propensa às trevas?

Selma pareceu inquieta, não tanto devido à pergunta da filha, mas à sua incapacidade de lhe dar uma resposta.

— Algumas pessoas são assim, desde que nascem. Acho que isso explica as coisas que fizeste em pequenina... — Calou-se e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Sem saber a que coisas se referia a mãe, Peri receou ter feito algo de muito, muito errado.

— Eu vou ser boa, prometo.

Mais uma promessa que ela se esforçaria por cumprir daí em diante. Obedientemente, faria o que esperavam de si, reconstituindo os seus passos até ao ponto onde se desviara da rotina, com todo o cuidado para não causar surpresas, nem incidentes chocantes. Seria o mais discreta e inofensiva possível.

Selma deu-lhe um beijo na testa.

— *Canim*², vamos esperar que isto não se repita, mas tem cuidado! Pode voltar a acontecer. E, se assim for, tens de me dizer. Os *jinn* são vingativos.

Voltou a acontecer, mas, tendo aprendido a lição à sua custa, Peri não contou a ninguém. A mãe era demasiado supersticiosa e o pai demasiado racional para que qualquer um dos dois a pudesse ajudar numa questão tão surreal. Tudo o que fosse minimamente estranho, mesmo que só saísse um nadinha do normal, Selma atribuiria a uma causa religiosa, e Mensur, a pura loucura. Peri, por seu lado, preferia não se ater nem a uma coisa nem a outra.

Quanto mais analisava as suas hipóteses mais se convencia de que tinha de guardar as suas visões para si. Por muito inquietantes que fossem, aceitou-as como uma peculiaridade da vida, como uma mosquinha nos olhos, uma coisa que não desaparecia e que só a incomodava quando se apercebia dela, deixando-a sem alternativa a não ser viver com ela. Assim sendo, o bebé na bruma — quer fosse um *jinn* quer outra coisa qualquer — foi arquivado nos recônditos da sua mente, um enigma por deslindar.

Anos depois, pouco antes de partir para Oxford, escreveria no seu diário sobre Deus: «Será que não existe mesmo outra via, espaço para as coisas que não recaem nem na esfera da crença nem da descrença? Nem da pura religião nem da pura razão? Um terceiro caminho para pessoas como eu? Para quem considera as dualidades demasiado rígidas e não se quer confinar a elas? Porque deve haver outras pessoas que se sentem como eu. É como se procurasse uma nova linguagem. Uma linguagem esquiva que só eu falo e mais ninguém...»

¹ Capítulo inicial do Alcorão.

2 «Minha vida.»

O aquário

Istambul, 2016

Era um quarto para as nove da noite quando mãe e filha chegaram à mansão à beira-mar. Varandas de ferro forjado, escadarias de mármore branco, fontes com mosaicos, câmaras de vigilância de alta tecnologia, portões elétricos, vedação de arame farpado. A propriedade mais parecia uma ilha do que propriamente uma casa, uma cidadela palaciana que se isolara fora da cidade, ou isolara a cidade de si. Tinham sido tomadas todas as medidas de segurança para garantir que nenhum vendedor ambulante, nenhum ladrão, nenhum criminoso e nenhum estilo de vida indesejado transpunha o seu limiar.

Peri manteve a mão ferida junto ao peito e segurou no volante com a esquerda. Pelo caminho, tinham parado numa farmácia e pedido ao farmacêutico, um homem de meia-idade com um bigode grisalho, para lhe tratar do ferimento. Quando ele perguntou como é que aquilo tinha acontecido, Peri respondera rispidamente: «A cortar legumes. É o que acontece quando se cozinha à pressa.»

Ele rira-se. Os farmacêuticos de Istambul eram uma raça sensata. Nem deixavam uma mentira passar despercebida nem indagavam verdades desconfortáveis. Prostitutas com ferimentos

causados por clientes, chulos ou automutilação; mulheres espancadas pelos maridos; condutores que levaram pancada de outros condutores... todos eles podiam entrar numa farmácia e despejar as suas mentiras, seguros de que, mesmo que não acreditassem em si, pelo menos ninguém os interrogaria.

Peri verificou a ligadura, fazendo uma careta ao ver a mancha carmim que atravessara a gaze. Teria preferido tirá-la antes de entrar na festa, para evitar perguntas difíceis, mas a dor, o sangue e o risco de infeção foram suficientes para a fazer mudar de ideias.

Assim que pararam diante do portão, apareceu um segurança corpulento, envolto num fato escuro e numa nuvem de aftershave. Enquanto ele estacionava o carro, Peri e Deniz atravessaram o jardim muito bem aparado, com latadas cobertas de trepadeiras. Uma brisa suave restolhava as folhas dos plátanos.

— Querida, eu não devia ter perseguido aquele homem. Não sei o que é que me passou pela cabeça! — disse Peri, quebrando o silêncio. Com a mão ilesa, tocou na filha, muito ao de leve, como se ela fosse frágil, a sua raiva feita de vidro. Antigamente eram tão chegadas; tinham os seus próprios códigos. Custava a acreditar que aquela era a mesma menina que costumava rir convulsivamente das suas piadas tolas e dar-lhe a mão sempre que uma personagem da Disney deitava uma lágrima. Essa criança doce tinha desaparecido, deixando aquela desconhecida no seu lugar. A transformação... porque não havia outra palavra para isso... apanhara Peri desprevenida, embora tivesse lido inúmeros artigos que explicavam que a puberdade chegava cada vez mais cedo, especialmente nas raparigas. Sempre se esforçara por ter uma relação melhor com a filha do que a que tivera com a sua mãe. No fim de contas, não era essa a única verdadeira aspiração a concretizar na vida: educar

melhor do que os nossos pais, para que os nossos filhos fossem melhores pais do que nós fomos? Todavia, o que muitas vezes descobrimos, ao invés, é que, sem querer, repetimos os mesmos erros da geração anterior. Peri também sabia que a raiva de Deniz mascarava, as mais das vezes, medo. Baixinho, disse: — Desculpa se te assustei.

— Assustaste mesmo, mãe — disse Deniz. — Podiam ter-te matado!

A filha tinha razão. Naquele beco, Peri podia ter perdido a vida às mãos do mendigo. O que Deniz não sabia, porém, era que o contrário era igualmente verdade, ou mais ainda: ela podia ter matado o mendigo.

— Nunca mais faço uma coisa dessas — garantiu Peri, quando chegaram às escadas da casa.

— Prometes?

— Prometo, querida. Mas não contes nada ao teu pai, para não o deixar preocupado.

Deniz deteve-se, um instante de hesitação que desapareceu tão depressa quanto surgiu. Abanou a cabeça.

— Ele tem o direito de saber.

Peri preparava-se para dizer qualquer coisa em resposta, mas a enorme porta de carvalho, com flores e folhagem talhadas na madeira, abriu-se. Uma empregada de saia preta e blusa branca de chiffon, parada na entrada, sorriu-lhes. De trás dela vinham os sons e os cheiros de um jantar festivo em plena animação.

— Sejam bem-vindas, façam o favor de entrar.

A empregada tinha um sotaque muito acentuado, provavelmente moldavo, georgiano ou ucraniano; era uma das muitas mulheres estrangeiras que trabalhavam como domésticas em Istambul,

enquanto, na sua terra, os filhos eram criados por familiares e amigos, e os cônjuges esperavam pelas transferências bancárias mensais.

— Porque é que me trouxeste? — sibilou Deniz muito alto.

— Já te disse que a tua amiga vai cá estar. Anda, vamo-nos divertir.

Assim que puseram o pé dentro de casa, Peri viu o marido a abrir caminho por entre os convidados, dirigindo-se a elas, meio apreensivo, meio irritado. Casaco castanho-noz cintado, camisa branca imaculada, gravata azul e castanho-fulvo, sapatos reluzentes como vidro polido... Adnan arranjara-se com esmero. Era um *self-made man* que, através do sector da construção, subira a pulso de umas origens modestas para uma riqueza considerável. Dizia com frequência que devia o seu êxito exclusivamente a Alá Todo-Poderoso. Peri, por muito que respeitasse o trabalho árduo do marido e o seu sentido apurado para os negócios, não percebia porque é que o Criador haveria de o ter favorecido a ele e não a outros. Adnan tinha mais dezassete anos do que Peri, mas ela tinha a sensação de que a diferença de idades se tornava mais evidente do que nunca quando ele se aborrecia e as rugas da testa se lhe tornavam mais fundas... como naquele instante.

— Onde é que te meteste? Liguei-te umas cinquentas vezes!

— Desculpa, querido, perdi o telemóvel — disse Peri, na voz mais apaziguadora de que foi capaz. — É uma longa história, depois falamos disso.

— Sabes porque é que chegámos tão tarde, pai? — perguntou Deniz, com os olhos a cintilar por ver o pai. — Porque a mãe andou a perseguir ladrões!

— O quê?

Deniz afastou uma madeixa de cabelo dos olhos. Tinha o nariz de Adnan, comprido e ligeiramente bolboso, e a autoconfiança dele.

— Pergunta-lhe — disse, e foi ter com uma rapariga da sua idade, que parecia entediada no meio de convidados mais velhos.

Não houve, no entanto, tempo para explicações. O dono da mansão, tendo interrompido a conversa com um jornalista conhecido, aproximou-se deles. Era um indivíduo de ombros largos, corpulento, careca e com a tez rubicunda de quem bebe muito. Não exibia uma única ruga, todos os centímetros do seu rosto tinham absorvido os mais recentes tratamentos para combater o envelhecimento. Quando sorria, as suas feições permaneciam imóveis, tirando um mero estremecimento das comissuras da boca.

— Finalmente! — troou o homem de negócios. Os seus olhos azuis, brilhando de malícia, tiraram-lhe as medidas de alto a baixo. — O que é que lhe aconteceu à mão? Alguém a tentou raptar? A culpa é sua. Quem a manda ser tão bonita?

Peri sorriu, embora a piada a tenha feito empalidecer. Esperava que nem ele, nem ninguém, comentasse o estado do seu vestido: rasgado na bainha e manchado de *frappuccino*. Felizmente, as nódoas de sangue passavam por marcas acastanhadas irregulares.

— Tivemos um acidentezinho no caminho — disse.

Adnan franziu o sobrolho de preocupação.

— Um acidente?

— Nada de grave, a sério — respondeu Peri, tocando no cotovelo do marido, um sinal para não fazer mais perguntas. Virou-se para o homem de negócios, simpaticamente. — Que casa maravilhosa.

— Obrigado, minha querida. Infelizmente, temos motivos para acreditar que nos lançaram um mau-olhado. Tem sido calamidade

atrás de calamidade. Primeiro, os canos rebentaram. Ficámos com água até aos tornozelos no rés do chão. Depois, fomos atingidos por um raio, caiu uma árvore em cima do telhado. Já imaginaram uma coisa dessas? Tudo isto nos últimos meses.

— Deviam arranjar uma *nazar boncugu*¹ — sugeriu Adnan.

— Bom, temos uma coisa ainda melhor. Esta noite, convidámos um médium!

— A sério? — perguntou Peri, não por estar interessada no assunto, mas por saber que esperavam que dissesse alguma coisa. Tinha a sensação de que, ultimamente, o interesse por médiuns e cartomantes tinha disparado. Talvez não fosse coincidência o facto de, num país onde a instabilidade era a norma, haver tanta loucura por profecias e previsões, a maior parte delas expressa por mulheres, embora pertinentes para ambos os sexos. Por entre a ambiguidade política crónica e a falta de transparência, as analistas de bolas de cristal, quer falsas quer genuínas, cumpriam uma função social, dando à incerteza um ar de certeza.

— Toda a gente diz que ele é espantoso — explicou o homem de negócios. — Este tipo não se limita a falar com os *jinn*. Ele dá-lhes ordens. E parece que obedecem a tudo o que ele manda. Tem mulheres *jinn*, um harém cheio! — resfolegou, divertido, ao dizer «harém», mas, ao reparar que Peri não se ria, fixou-a. — O que é que se passa? Parece que também viu uma aparição.

Peri retraiu-se instintivamente. Havia momentos em que se interrogava se as pessoas seriam capazes de lhe adivinhar os pensamentos e perceber que tinha visões, coisas que os outros não conseguiam ver. Felizmente, o homem de negócios não estava com vontade de ouvir nenhuma voz que não fosse a sua.

— Conheço corretores da bolsa que consultam este tipo antes de comprarem ações. É uma maluqueira, não é? Médiuns e mercados bolsistas. — Riu-se. — Foi ideia da minha mulher. Não a critiquem, coitada, perdeu um bocadinho o juízo depois da colisão.

O caso tinha sido noticiado na imprensa. Havia cerca de seis meses, uma embarcação de transporte de carga seca, com cem metros de comprimento e a bandeira da Serra Leoa, entrara pela terra adentro e espatifara-se em cheio contra a residência à beira-mar. Destruíra o paredão e a ornada varanda virada a sul, que datava do último século do Império Otomano.

Foi nessa varanda que o *Kaiser* Guilherme II tomou chá com um paxá conhecido pela grandiosidade das suas ambições e a sua admiração pela cultura e proeza militar alemãs. Esse mesmo paxá tinha, depois, espalhado boatos de que o *Kaiser* era muçulmano, haviam-lhe sussurrado as primeiras frases do Alcorão ao ouvido quando nascera, antes mesmo de o pousarem no peito da mãe: o seu nome verdadeiro era Hajji Wilhelm, amigo de longa data e firme guardião do Islão, um rótulo conveniente quando chegou o dia de os Otomanos entrarem na guerra do lado da Alemanha.

Foi também nessa histórica varanda que um jovem herdeiro turco — embeijado por uma bailarina russa aristocrata que fugira para Istambul depois da Revolução Bolchevista —, não tendo conseguido convencer a família a aceitar a sua apaixonada, encostara uma pistola à cabeça e se matara. A bala, depois de lhe atravessar o cérebro e de lhe rachar o crânio, saíra pela orelha esquerda e perfurara a parede atrás dele, onde permaneceria escondida durante três décadas.

Na sua história tempestuosa, a mansão tinha assistido à ascensão e queda de heróis, à glória e declínio de impérios, à

expansão e retração de mapas, à transformação de sonhos em fino pó. Mas nunca antes fora abalroada por um barco. A proa da embarcação trespassara a parede, demolira uma pintura de Fahrelnissa Zeid e detivera-se miraculosamente antes do lustre de Murano. Agora, em memória desse dia, um navio miniatura pendia desse mesmo lustre, dando aos anfitriões a oportunidade de contar a história vezes sem conta.

— Ah, já chegou! Estávamos a ver que nunca mais vinha — gritou uma voz atrás deles.

Era a mulher do homem de negócios. Avistara Peri, ao sair da cozinha, onde fora bombardear o cozinheiro com pedidos. Envergava um vestido de cocktail verde-esmeralda assinado por um estilista, com o colarinho subido e as costas abertas, cingido na cintura. No dedo, cintilava um anel de cor idêntica, sendo a pedra do tamanho de um ovo de andorinha. Tinha os lábios pintados de carmim-vivo e o cabelo apanhado num totó tão apertado que fez lembrar a Peri a pele de cabra esticada sobre um *darbuka*².

— Foi o trânsito... — respondeu Peri, dando dois beijinhos à anfitriã.

Era a desculpa que granjeava o perdão a qualquer pessoa, por mais atrasada que chegasse. A palavra, assim que era proferida, tornava todas as explicações redundantes. Peri perscrutou os rostos dos anfitriões e viu, com alívio, que resultara. Pareceram convencidos, embora o seu marido não, nem por sombras. Lidaria com ele mais tarde.

— Não se preocupe, querida, todos nós sabemos como isso é — disse a anfitriã, enquanto observava o vestido de Peri, detetando cada rasgão e cada nódoa.

— Não tive tempo para mudar de roupa — desculpou-se Peri. Era verdade que se sentia nua sob aquele exame minucioso, mas, ao mesmo tempo, teve um prazer secreto por, numa festa cheia de carteiras de marca e vestidos caríssimos, chocar um bocadinho toda a gente.

— Não se preocupe, está entre amigos — retorquiu a anfitriã. — Quer que lhe empreste um dos meus vestidos?

Tendo em conta o seu historial naquele fim de tarde, Peri imaginou-se a despejar molho de tomate no vestido da fulana. Abanou a cabeça.

— Não é preciso, mas obrigada pela sugestão.

— Então, venha comer qualquer coisa, deve estar esfomeada — disse a mulher.

— O que é que quer beber? Tinto ou branco? — perguntou o homem de negócios.

— Muito obrigada, mas primeiro tenho de ir retocar-me — respondeu Peri.

Seguiu uma criada até às profundezas da mansão, sentindo, o tempo todo, o olhar fulminante do marido a abrir-lhe um buraco nas costas.

Na casa de banho, Peri trancou a porta, fechou a tampa da sanita e sentou-se. Enchendo os pulmões de ar, massajou uma têmpora com as pontas dos dedos, assolada pela exaustão. Não tinha nem energia nem vontade de sair e enfrentar aquela gente toda e, no entanto, sabia que teria de o fazer daí a nada. Se ao menos pudesse escapulir-se pela janela da casa de banho...

Cuidadosamente, desenrolou a ligadura. A faca cortara-lhe a palma da mão de um lado ao outro; o corte não era muito fundo, não precisara de pontos. Ainda assim, ao mais pequeno movimento, doía como o diabo e recomeçava a sangrar. Agora, com a ferida a latejar a cada batida do seu coração, Peri não conseguia parar de tremer. A gravidade do que acontecera estava finalmente a abater-se sobre ela. Tinha a boca seca como terra. Enfaixou novamente a mão.

Quando se levantou para lavar a cara, os seus olhos arregalaram-se de surpresa. Mesmo à sua frente estava um enorme aquário de corais, no qual assentava o lavatório. Dentro do tanque de vidro nadavam dezenas de peixes exóticos, todos eles em tons de amarelo e vermelho, as cores da equipa de futebol de que o homem de negócios era adepto. Toda a gente sabia que ele era um fã renhido, tinha um camarote privado no estádio da equipa e adorava ser fotografado com os jogadores sempre que possível. Tencionava tornar-se, um dia, em breve, presidente do clube e, com esse objetivo em mente, andava ativamente a fazer manobras de bastidores.

Peri observou os peixes naquele ambiente artificial, imaculado e protegido. De ambos os lados do lavatório havia tigelas prateadas de *hamam* com motivos em relevo, nas quais estavam empilhadas toalhas de mão engomadas e enroladas na perfeição. A toda a volta, no chão, ardiam velas com chamas altas e trémulas. Uma mistura de aromas chegou-lhe ao nariz, doce e xaroposa. Por trás disso, sentiu um intenso cheiro sintético a detergentes... um horrível lembrete da cola do mendigo.

Uma vontade súbita de fazer qualquer coisa de inesperado e atrevido apoderou-se dela. Apeteceu-lhe estilhaçar o aquário, ver

cacos de vidro a voar por todos os lados, enquanto os peixes escorregavam pelo mármore fora. Espalhar-se-iam pelo chão, a abanar as caudas, arquejantes, percorridos pela excitação da fuga; deslizariam ao longo do corredor, ziguezagueariam por entre os pés dos convidados, com as suas escamas a refletir a luz do lustre; saíam pela porta das traseiras, derrapariam de uma ponta do terraço até à outra e, quando receassem que a morte estava iminente, mergulhariam no mar profundo, onde encontrariam velhos amigos e familiares que tinham ficado nas mesmas águas, entediados e inalterados.

Os recém-chegados contariam aos outros peixes qual fora a sensação de viver naquela mansão sobranceira ao mar, abdicando da vastidão do azul em troca de não terem de se preocupar com a sua próxima refeição. Em breve, os peixes fugitivos seriam engolidos por predadores grandes; como é que criaturas habituadas ao habitat mimado do aquário de um homem rico poderiam sobreviver em águas perigosas? Ainda assim, não trocariam um único minuto de liberdade por todos os anos de cativeiro.

Se ao menos ela conseguisse arranjar um martelo... Às vezes, a sua própria mente assustava-a.

¹ «Conta contra o mau-olhado.»

² Tambor em forma de taça do Médio Oriente.

A mesa do pequeno-almoço

Istambul, anos 90

O encarceramento de Umut, como uma tocha incindindo nos cantos escuros, expôs as falhas e fraquezas que os Nalbantoğlus tinham andado a esconder, tanto de si próprios como dos outros. Qualquer pessoa que os observasse teria reparado no buraco que a ausência de Umut abria no meio das suas vidas, mas eles preferiram fingir que não existia esse ávido vazio. Era mera coincidência Mensur ter começado a beber mais; e mera coincidência, também, as faces de Selma exibirem um amarelo anémico de falta de sono, de tanto rezar, e de falta de alimentação adequada, de tanto jejuar.

Os sonhos de Peri tornaram-se cada vez mais perturbadores, e os seus gritos, mais descontrolados. Dormia de luzes acesas e deixava um colar de âmbar junto da cama, tendo lido que o âmbar afugentava os demónios. Nada ajudava. Nos sonhos, via escolas que pareciam prisões, e guardas que eram estranhamente parecidos com a sua mãe ou com o seu pai. Dava por si coberta de minhocas e de fezes, com o cabelo rapado à máquina zero, detida e encarcerada por um crime que não sabia ter cometido. Desses

pesadelos, acordava sempre com o coração a galopar e precisava de vários segundos adicionais para regressar ao mundo real.

Mensur mudara. Desaparecera o homem que bebia uns copos com os amigos no calor de velhas baladas e discussões políticas acesas. Agora, preferia beber sozinho, com o silêncio como seu fiel companheiro. Durante muito tempo, o seu corpo, forte e robusto, não deu sinais de deterioração, tirando as olheiras, as meias-luas escuras num céu pálido.

Depois, aconteceu o inevitável. De manhã, Mensur acordava suado e com dores, com ar exausto, como se tivesse passado a noite a partir pedra. Muitas vezes estava confuso, nauseado. Esforçando-se por esconder os tremores que lhe invadiam o corpo, mantinha-se distante, mergulhado em silêncio, ou falava demasiado, descontrolado. A empresa para a qual trabalhava decidiu dar-lhe a reforma antecipada, quando se tornou óbvio que não estava em condições de trabalhar. Sem emprego, começou a passar mais tempo em casa, uma mudança que não agradou à mulher, nem ao filho mais novo. Apreensivo, esgotado e facilmente agitado, parecia um império sob tensão a lutar em duas frentes: a velha fronteira oriental, a batalha com a sua mulher; e a fronteira ocidental, recém-aberta, a batalha com Hakan. Estava a perder em ambas.

Discutiam de forma constante e ferozmente, pai e filho, uma confusão de vozes masculinas, acusações ofensivas à mesa do pequeno-almoço, como cardumes de peixes mortos a flutuarem à tona depois de uma explosão de dinamite. Por fora, era por causa de assuntos completamente mesquinhos — um comentário sobre uma camisa de mau gosto ou sobre beber chá ruidosamente —, mas, por dentro, a fratura era profunda.

Sempre, sem exceção, Selma ficava do lado do filho mais novo. Era mais aguerrida a defender a prole do que a si própria. Feroz e vigorosa, parecia um falcão a proteger a cria do raptor inimigo. Assim, eram dois contra um. Uma equação que obrigava Peri a tirar partido e a socorrer o pai, nem que fosse por uma questão de equilíbrio. Contudo, não queria realmente ganhar. A única coisa que queria era uma espécie de cessar-fogo. Uma suspensão temporária da dor.

Pouco depois, Hakan, que nunca percebera o valor de uma boa educação, anunciou que ia desistir da universidade e que não fazia tensões de voltar para aquele *estábulo inútil*. Da noite para o dia, para mágoa dos pais, pôs fim à sua vida de estudante, selando a sua mente antes mesmo de a abrir. Viram nos olhos dele o quanto detestava a sua existência e as pessoas que, para si, eram responsáveis pela sua infelicidade.

Muitos dias por mês, Hakan ia a casa só encher a barriga, mudar de roupa e dormir. Tão desnortado como um balão ao vento, experimentou vários empregos sem êxito, até encontrar uma causa através de um grupo de amigos a quem chamava Irmãos. Colegas que tinham grandes opiniões sobre a América, Israel, Rússia, o Médio Oriente e que, em toda a parte, viam teorias da conspiração e sociedades secretas. Cumprimentavam-se batendo com as têmporas umas nas outras e despejando palavras sonoras, como «honra», «lealdade» e «retidão». Na companhia deles, Hakan mostrou que aprendia depressa. O cinismo e o pessimismo do seu novo círculo adequava-se-lhe. Com a ajuda dos Irmãos, arranjou um cargo num jornal ultranacionalista. Vergonhosamente descuidado no que tocava a gramática e ortografia, tinha, no entanto, jeito para usar as palavras, um talento para a retórica incendiária. Sob

pseudónimo, começou a escrever artigos que se tornaram cada vez mais estridentes e agressivos nas suas mensagens. Todas as semanas revelava os traidores da nação, as ovelhas negras que, se não fossem tratadas, poderiam dar cabo do rebanho inteiro: judeus, arménios, gregos, curdos, alevitas... Não havia um único grupo étnico em que um turco pudesse confiar, a não ser outro turco. O nacionalismo, como um fato feito à medida, assentava bem à sua personalidade. O nacionalismo garantia-lhe que tinha nascido numa nação superior, numa raça mais digna, e estava destinado a grandes coisas, não para si próprio, mas para o seu povo. Envergando esta identidade, sentia-se forte, com princípios, invencível. Ao observar a transformação do irmão, Peri acabaria por perceber que nada incha tanto o ego como uma causa motivada pela ilusão de puro altruísmo.

— Julgas que só tens um filho preso? Nesta casa, sinto-me tão preso como o Umut — gritou Hakan ao pai, depois de mais uma discussão ao pequeno-almoço. — O Umut tem sorte, não tem de ouvir as tuas arengadas todos os dias.

— Estás a dizer que o teu irmão tem sorte, seu infeliz? — gritou Mensur, com a voz a tremer ainda mais do que as mãos.

Peri ouviu-os, de cabeça baixa e com os ombros contraídos. Havia qualquer coisa numa discussão familiar que fazia lembrar uma avalanche iminente: uma palavra em falso e a situação ameaçava transformar-se numa calamidade que levava toda a gente à frente.

— Deixa-o em paz. Ele é jovem — murmurou Selma ao marido.

— Um jovem irresponsável que vive à custa do pai — ripostou Mensur.

— Ah, não queres que coma a tua comida, é? Muito bem, a partir de agora, isso acabou. — Hakan atirou o cesto do pão vazio contra a parede, onde fez ricochete como uma bola de borracha, espalhando migalhas no chão. — Seja como for, quem é que quer o pão de um alcoólico?

Nunca a palavra tinha sido proferida. Impensável. Irrevogável. Irreparável, chamar ao chefe da casa alcoólico e, no entanto, o mal estava feito. Hakan, incapaz de suportar o silêncio que se seguiu, foi-se embora intempestivamente.

Selma começou a chorar. Entre soluços, a sua voz subiu e desceu numa litania de lamentos.

— Fomos amaldiçoados. A família toda! Sim... é uma maldição.

Disse que, na desgraça do filho mais velho, via um castigo e um aviso de Alá. Como não tinham prestado atenção à mensagem divina, estava convencida de que sofreriam mais condenações.

— Isso é a coisa mais estúpida que já ouvi — respondeu Mensur. — Porque é que Deus haveria de querer destruir os Nalbantoğlus? Tenho a certeza de que Ele tem coisas mais importantes para fazer.

— Alá atua sobre nós de muitas maneiras. Quer ensinar-nos... ensinar-te *a ti*... uma lição.

— E que lição é essa?

— Veres que o teu comportamento está errado — disse Selma. — Até tu o admitires, nenhum de nós terá sossego.

Mensur sentou-se muito tenso na cadeira.

— Se achas mesmo que o que aconteceu ao Umut foi obra de Deus e que Deus precisa de prisões e torturadores para levar a cabo os seus ensinamentos, há qualquer coisa de muito errado em ti, mulher, senão, ora bolas, há qualquer coisa de muito errado é com o teu Deus.

— *Tövbe, tövbe...*¹ — murmurou Selma.

Para apaziguar a ira de Alá, Selma passava dias, por vezes semanas, quase sem comer; satisfazia-se com pão, iogurte, tâmaras e água. Oferendas votivas; negociações viscerais com o Todo-Poderoso. À noite, dormia pouco, passava o tempo a fazer as únicas duas coisas que lhe acalmavam a mente: rezar e limpar. Da cama, conseguia detetar uma camada de pó fino em cada móvel e ouvir as térmitas a comer os armários de madeira... porque é que os outros não ouviam nada? Aspirina triturada, vinagre branco, sumo de limão, bicarbonato de sódio. Esfregava, lavava, escovava, encerava e limpava. De manhã, a família acordava com o cheiro a detergente.

Selma lavava as mãos com tanta frequência, e com tamanha intensidade, que cheiravam sempre a desinfetante. A pele ficava gretada e sangrava aqui e ali, o que aumentava o seu medo de contaminação e a fazia lavá-las outra vez, ainda com mais força. Para esconder o estado das mãos, começou a usar luvas pretas com o *hijab* e um casaco comprido, escuro e largo, que lhe chegava quase aos calcanhares. Uma noite, quando Selma e Peri regressavam do mercado, Peri olhou para trás e, por um segundo fugaz, não conseguiu ver a mãe, de tão profundamente ela se fundira na noite.

Mensur, envergonhadíssimo com o aspeto da mulher, não quis que o vissem mais com ela. Passou a fazer compras sozinho e ela também. O traje de Selma era o epítome de tudo o que ele sempre desprezara, odiara e criticara no Médio Oriente. A escuridão intelectual dos religiosos. A presunção de que o seu modo de vida era o melhor, só porque nasceram naquela cultura e engoliram sem questionar o que lhes ensinaram. Como é que podiam ter tanta

certeza da superioridade das suas verdades quando sabiam tão pouco, se é que sabiam alguma coisa, sobre outras culturas, outras filosofias, outras maneiras de pensar?

Para Selma, os modos de Mensur encarnavam tudo o que a deixava nervosa: a condescendência nos olhos, o tom decisivo da voz, a retidão na inclinação do queixo. A arrogância dos modernistas seculares. A facilidade pomposa e pretensiosa com que se colocavam fora e acima da sociedade, olhando com altivez para tradições com séculos de existência. Como é que se podiam considerar esclarecidos quando sabiam tão pouco, se é que sabiam alguma coisa, sobre a sua própria cultura, a sua própria fé?

Tensos de pavor de terem de conversar, marido e mulher passavam um pelo outro, sem se tocarem. O que lhes faltava em amor, sobejava-lhes em ressentimento.

Entretanto, Peri encontrou refúgio na literatura. Contos, romances, poemas, peças... devorava tudo aquilo a que conseguia deitar a mão na limitada biblioteca da escola. Quando não havia mais nada ao seu dispor, lia enciclopédias. Devorando tudo, de Aaleniano até Zombie, ficou a saber coisas que, embora não lhe servissem para nada no seu quotidiano, poderiam um dia vir a ser úteis, esperava ela. Mas, se nunca viessem a cumprir uma função, continuaria a ler, impelida pela fome de aprender.

Os livros eram libertadores, estavam cheios de vida. Ela preferia estar na terra dos livros do que na sua terra-mãe. Recusando-se a sair do quarto ao fim de semana, mordiscando maçãs e sementes de girassol, lia os romances da biblioteca, uns a seguir aos outros. Descobriu que a inteligência, tal como um músculo, precisava de ser exercitada com níveis crescentes de pressão, para desenvolver plenamente o seu potencial. Insatisfeita com a aprendizagem de

rotina da escola, desenvolveu métodos verbais e visuais próprios para armazenar informação: nomes de plantas em latim; versos de poemas em inglês; datas de guerras, tratados de paz e mais guerras, que eram demasiado numerosas na história otomana. Estava determinada a superar-se em todas as disciplinas, da Literatura à Matemática, da Física à Química. Imaginou as diferentes disciplinas como pássaros tropicais instalados em gaiolas separadas, lado a lado. O que aconteceria se abrisse buracos na rede e os pássaros pudessem voar para a gaiola ao lado e para a outra a seguir? Estava desejosa de ver a Matemática na companhia da Literatura, a Física na companhia da Filosofia. Aliás, quem é que decidira que as disciplinas não podiam conviver umas com as outras?

Peri percebeu que a sua obsessão pelo estudo a isolava dos colegas e suscitava inveja e animosidade. Não se ralou nada com isso. Tal como todos os Nalbantoğlus, tinha uma propensão natural para a solidão. Não se importava que as outras crianças lhe chamassem a menina querida da professora; não se importava que as meninas mais populares não a convidassem para as suas festas de aniversário e que os rapazes mais populares não a convidassem para ir ao cinema. O facto de a vida ter que ver com esclarecimento, ideais ou amor... era isso que fazia sentido para si. A diversão é que nunca a interessara.

Tal como todos os marginais, rapidamente descobriu que não estava sozinha. Em todas as turmas, havia uns quantos que, por uma série de razões, se mantinham à margem de toda a gente. Reconheciam-se imediatamente. Era preciso um intocável para reconhecer outro: um rapaz curdo ridicularizado pelo seu sotaque; uma rapariga com pelos na cara; outra rapariga numa turma mais

atrasada que não conseguia controlar a bexiga quando ficava nervosa nos exames; um rapaz de cuja mãe se dizia ser uma devassa... Deles, Peri tornou-se boa amiga. Os seus verdadeiros companheiros, porém, eram sempre os livros. A imaginação era o seu lar, a sua pátria, o seu refúgio, o seu exílio.

Por isso, lia e estudava, e era a melhor aluna da turma, período letivo após período letivo. Sempre que a sua autoconfiança precisava de um certo ânimo, corria para o pai. E Mensur dava-lhe sempre o mesmo conselho: «A educação, minha alma. A educação salvar-nos-á. És o orgulho da nossa família triste, mas quero que estudes no Ocidente. Há muitas escolas boas na Europa, mas tens de ir para Oxford! Vais encher a cabeça com conhecimento e depois voltarás para cá. Só jovens como tu podem mudar o destino deste país velho e cansado.»

Na sua juventude, Mensur conhecera um estudante de Oxford, um mochileiro, um *hippie* pálido com quem sentira uma afinidade imediata. O indivíduo fazia tenções de viajar pela Turquia de bicicleta, completamente sozinho. Gabara-se de esconder o dinheiro todo na meia para evitar ladrões de rua e de hotel. Com medo de que algo de mal acontecesse àquele ingénuo estrangeiro, Mensur insistira em acompanhá-lo. Os dois tinham atravessado a península da Anatólia e, depois disso, o britânico louro atravessara a fronteira para o Irão. Mensur não sabia o que fora feito dele, mas nunca se esquecera do seu próprio desconcerto ao ver o seu país através dos olhos de um ocidental. Foi a primeira vez que se apercebeu de que o que era normal para si não o era necessariamente para um forasteiro. Foi a primeira vez que se apercebeu de que existia um mundo lá fora. Agora, queria que a sua filha fosse educada *lá*. Era o seu desejo mais fervoroso. Peri — e centenas de jovens como Peri

— tornar-se-ia uma rapariga licenciada culta, idealista, de ideias avançadas, que salvaria aquele país do seu atraso.

Peri percebeu e aceitou que algumas filhas nascem com uma missão: realizar os sonhos dos seus pais. E que, ao fazê-lo, estão também a redimir a sua pátria.

¹ «Arrepende-te, arrepende-te...» (*N. da T.*)

O tango com Azrael

Istambul, anos 90

No verão em que Peri fez onze anos, a mãe, realizando um sonho de longa data, fez uma peregrinação à Arábia Saudita. Como o irmão mais velho ainda estava na prisão e o outro irmão vivia ilegalmente sabia Deus em casa de quem, Peri e o pai ficaram por sua conta. Preparavam as suas próprias refeições (*kofte* e batatas fritas ao almoço, *kofte* e esparguete ao jantar), lavavam a louça (limitavam-se a passá-la por água) e viam os programas de televisão que bem lhes apetecia. Era como estar de férias, mas melhor.

No dia do mercado local, Peri acordou a sentir-se enjoada. Levou a mão à barriga com a sensação de que tanto *kofte* e esparguete tinham finalmente feito sentir os seus efeitos. Teria de pedir ao pai para mudar a ementa. Porém, na casa de banho, esperava-a uma surpresa: manchas na roupa interior. Demasiado escuras e, no entanto, soube que eram de sangue. A mãe avisara-a de que aquilo podia acontecer e, quando acontecesse, precisaria de ter ainda mais cuidado com os rapazes. «Não deixes que eles te toquem!» Era demasiado cedo! Na escola, tinha ouvido as raparigas mais velhas queixarem-se disso: «A minha tia voltou», diziam

alegremente. «Importas-te de ver se tenho alguma nódoa atrás?», pediam umas às outras, apressando o passo. Na sua turma, havia uma rapariga que dizia já ter tido o período, mas toda a gente sabia que era mentira. Isso fazia com que Peri fosse a primeira entre as colegas. Crescera demasiado depressa nesse último ano, por mais que o tentasse esconder. Já lhe tinham dito que era bonita vezes suficientes para saber que era isso que as pessoas pensavam de si. A sua própria autoperceção era completamente diferente. Adoraria ter o cabelo negro como a noite, em vez de castanho-claro desenhado; em vez das suas curvas que começavam a despontar, preferiria ser uma tábua rasa autoconfiante. Quem lhe dera ter sido o terceiro filho rapaz dos Nalbantoğlus. Não seria a vida mais fácil, se tivesse nascido rapaz?

Arranjou um lençol velho e limpo e cortou-o às tiras. Se as usasse com parcimónia e sensatez, não teria de dizer nada à mãe. Podia lavá-las, secá-las e reutilizá-las, como sabia que faziam muitas mulheres no país. Assim, esconderia a verdade até ter cerca de catorze anos, a idade que lhe parecia adequada para o seu primeiro período. Deus cometera um erro no seu cálculo divino e ela estava decidida a corrigi-lo.

Duas semanas depois, Selma regressou, queimada e mais magra. Deixou-se cair no sofá e começou a contar a sua viagem a Meca, as suas palavras galopando como teriam feito os seus cavalos de porcelana, se tivessem um sopro de vida neles.

— No ano passado, uma debandada dentro de um túnel de peões na cidade sagrada matou mais de mil peregrinos. Agora, os sauditas têm cuidado — explicou ela. — Mas não conseguem impedir as doenças. Fiquei tão doente que pensei que ia morrer. Ali mesmo!

— Oh, ainda bem que não morreste — comentou Mensur. — É bom ter-te de volta.

— Agradece a Alá eu ter voltado — disse Selma, com um suspiro. — Se eu não tivesse sobrevivido, teria sido enterrada na Medina, perto do Profeta, que a paz esteja com ele.

— Os cemitérios de Istambul têm uma vista melhor — brincou Mensur. — Temos ar puro do mar. Enterrada na Medina, terias servido de adubo a uma tamareira. Em Istambul, podes fertilizar aroeiras, tílias, bordos... Jasmim seria excelente. Passarias o ano inteiro banhada em perfume.

Selma retraiu-se ante as palavras do marido, como se fossem faúlhas quentes a espirrar de uma fogueira. Com medo de que se engalfinhassem outra vez, Peri interveio:

— O que é que tens na mala, mãe? Trouxeste-nos alguma coisa?

— Trouxe-vos Meca inteira! — Foi a resposta.

Peri e Mensur endireitaram-se, com um sorriso no rosto, como duas crianças expectantes. Uma a uma, as prendas foram desembulhadas: tâmaras, mel, *miswak*, águas-de-colónia, tapetes de oração, almíscar, rosários, lenços e água de Zamzam em frasquinhos.

— Como é que sabes que isto é água sagrada... alguém a autenticou? — perguntou Mensur, abanando um frasquinho. — Bem te podem ter vendido água da torneira.

Perante isto, Selma agarrou no frasquinho, abriu-o e despejou-o de um trago.

— Isto é Zamzam pura, mas tu tens uma mente imunda!

— Como queiras. — Mensur encolheu os ombros.

Apontando para uma caixa, Peri perguntou:

— O que é aquilo, mãe?

«Aquilo» era um relógio de parede, de bronze, em forma de mesquita — 50 cm x 45 cm — com um pêndulo e minaretes de cada lado. Selma explicou que podia ser programado para indicar a hora da oração em mil cidades espalhadas pelo mundo inteiro. Depois, pendurou-o num prego na sala, na direção de *Qibla*, à frente do retrato de Atatürk.

— Recuso-me a ter uma mesquita debaixo do meu teto — disse Mensur.

— A sério? Mas eu tenho de viver com um infiel debaixo do meu — ripostou Selma.

— Pois, agora, metade dos meus pecados são teus. Se não tivesses comprado essa coisa, eu nunca teria blasfemado. Tira-a da parede!

— Não tiro — gritou Selma. — Escolhi-a, paguei-a, carreguei-a o caminho todo desde a Terra Santa, onde adoeci e quase morri. Sou uma *hajj*, vê se tens algum respeito!

Foi a primeira vez que Peri ouviu a mãe gritar com o pai. Vindo de uma mulher cuja principal forma de rebelião era, havia anos, um silêncio estoico ou palavras cortantes proferidas com poucos decibéis, aquilo pareceu uma explosão. O relógio ficou onde estava, ainda que calado, uma solução de compromisso que não satisfiz nenhuma das partes.

Durante o resto do dia, Mensur fechou-se num amuo profundo. Nessa mesma noite, houve um corte de eletricidade que durou horas. Mensur ocupou o seu lugar à mesa de *raki* mais cedo do que era hábito, entre Atatürk e o relógio de oração, o seu rosto pálido mergulhado nas sombras lançadas por uma vela; disse que não se

sentia bem. Levando a mão ao coração, como que para saudar um ser invisível, inclinou a cabeça para o lado e desmaiou.

Foi um ataque cardíaco.

Até ao fim dos seus dias, Peri jamais esqueceria a maneira como a noite se tornara mais negra de minuto para minuto. Sob o seu olhar horrorizado, o pai caíra para a frente como um manequim inerte, batendo com a testa na mesa; os vizinhos acudiram, quando ouviram os gritos de Selma, e levaram-no para o sofá. Depois, quando o deitaram numa maca, o enfiaram numa ambulância, o levaram à pressa para as Urgências e o empurraram para um bloco operatório com máquinas a apitar por todos os lados, a única coisa em que ela conseguia pensar, repetidamente, era se seria um castigo de Deus. A pergunta era tão assustadora que não podia ser expressada em voz alta; tinha de ser engolida. Gostaria de a fazer à mãe, que chorava ao seu lado, mas sentia pavor da resposta que Selma eventualmente lhe daria. Era aquele o caminho de Alá? Primeiro, permitia que disséssemos profanidades e brincássemos sem inibições. A seguir, fazia-nos pagar o preço? Era quase como se esperasse que pecássemos para nos poder atingir com a Sua ira. Seria o caminho de Alá feito de dissimulação, um truque para camuflar uma vingança calculada?

Atormentava-a outro pensamento insistente. No seu âmago, Peri estava convencida de que o ataque cardíaco do pai fora, devido a uma qualquer cadeia tortuosa de causa e efeito no universo, instigado pelo seu período. Porque é que sangrara tão precocemente e enquanto a mãe se encontrava ausente? Não estava certo tentar tornar-se a mulher da casa. E também não estava certo, percebeu ela, porque, quanto mais depressa crescesse, mais depressa o seu pai poderia morrer.

Na sala de espera do hospital, Peri e Selma sentaram-se no sofá puído. Um feixe de luar perfurava as janelas, mas era devorado pela luz intrusiva das lâmpadas fluorescentes. O televisor estava aceso, embora sem som. No ecrã, uma mulher de vestido vermelho de lantejoulas fez girar a roda da sorte e ficou desiludida quando esta parou em «falência». O funcionário de serviço, um homem robusto com um bigode farfalhudo e a única pessoa que estava a ver o programa, riu-se alegremente.

— Vou rezar — anunciou Selma.

— Posso ir contigo?

Selma fixou a filha intensamente, meio à espera dessa pergunta.

— Por acaso, até seria bom. Alá ouve as preces das crianças.

Peri fez um gesto de assentimento com a cabeça, como uma filha obediente. Tirando umas quantas invocações aprendidas por rotina na escola, nunca fizera a *Saláh*, dado o seu desejo de apoiar o pai em todas as questões relacionadas com a fé. Mensur, ao contrário da mulher, atinha-se a preces sucintas e não cerimoniais. Raramente usava a palavra «Alá», preferindo «*Tanri*», mais secular. Agora, Peri estava disposta a fazer as coisas à moda da mãe. Faria fosse o que fosse para salvar a vida do pai, incluindo traí-lo.

Na casa de banho, efetuaram as suas abluções, enxaguando a boca e lavando o rosto, as mãos, os pés. A água estava fria, mas Peri não se queixou, considerando o ritual um preâmbulo para uma conversa com Deus. Não havia espaços de oração naquela ala do hospital, por isso usaram um canto da sala de espera, com o televisor ainda ligado e a mulher de vestido vermelho de lantejoulas ainda decidida a ganhar.

Como não tinham tapetes de oração, estenderam os casacos de malha no chão. Peri imitava tudo o que a mãe fazia, como um eco.

Assim, quando Selma cruzou as mãos no peito, Peri fez o mesmo. Selma baixou-se, endireitou-se e depois prostrou-se, com a testa a tocar no chão; Peri seguiu-lhe o exemplo. Houve, porém, uma diferença crucial. Os lábios da mãe estavam constantemente a mexer-se, enquanto os de Peri estavam imóveis. Passou-lhe pela cabeça que talvez Deus não apreciasse isso. Uma prece silenciosa era o mesmo que um envelope sem nada lá dentro. Como ninguém, nem sequer o Criador, gostava de receber um envelope vazio, ela concluiu que teria de dizer qualquer coisa. E depois de pensar um pouco, eis o que a criança proferiu:

«Querido Alá,

A minha mãe diz que me observas o tempo todo, o que é simpático, obrigada; mas também um bocado assustador, porque às vezes gosto de estar sozinha. A mãe diz que ouves tudo, mesmo quando falo comigo própria. Até os pensamentos dentro da minha cabeça. Também vês tudo o que acontece. Consegues ver o bebé na bruma? Ninguém repara nele a não ser eu, mas tenho a certeza de que Tu também.

Seja como for, estava a pensar que os nossos olhos são pequenos e demoramos cerca de um segundo a pestanejar. Ora os Teus olhos devem ser enormes, por isso deves demorar pelo menos uma hora a fechar as Tuas pálpebras e talvez durante esse tempo não consigas ver o meu pai.

Quando me irrita com alguém, o meu pai diz-me: “Não és uma criancinha, podes perdoar.” Se estás irritado com o meu pai, por favor perdoa-o e põe-no bom outra vez. Ele é um homem bom. Daqui em diante, podes pestanejar sempre que o meu pai pecar?

Prometo que vou recomeçar a rezar. Rezarei todas as noites até ao resto da minha vida.

Ámen.»

Empoleirada no seu casaco, Peri viu a mãe virar a cabeça para a direita e para a esquerda e esfregar as mãos na cara, terminando assim a prece, e imitou todos estes gestos, selando a sua carta confidencial.

No dia seguinte de manhã, Mensur estava sentado na cama, recostado numas almofadas, a brincar com as suas visitas e, uns dias depois, saiu do hospital com uma fatura choruda e um *pacemaker* a pilhas no coração. Aconselharam-no a largar a bebida e a afastar-se do stresse, como se o stresse fosse um familiar insuportável que pudéssemos simplesmente deixar de convidar para jantar. Fosse como fosse, Mensur não deu ouvidos. Tendo dançado um tango com Azrael, o anjo da morte, dizia que já não tinha nada a temer.

Também isso se imiscuiria nos sonhos de Peri, a imagem fantasmagórica do pai a dançar uma jiga desconjuntada com um esqueleto... que era o dele próprio.

O poema

Istambul, 2016

Na casa de banho da mansão à beira-mar, Peri imobilizou-se, observando o seu reflexo no espelho ornado. A fachada de compostura que conseguira manter perante a filha desaparecera, substituída pelo desassossego. A solidão dos peixes no aquário lembrou-lhe as personagens dos desenhos animados, irremediavelmente encalhadas numa ilha deserta, mas sem nunca pensarem em fugir. Conseguiria *ela* fugir a nado? Podíamos modificar hábitos diários, reformar personalidades, renunciar a alianças, quebrar amizades, inclusive desprezar dependências físicas, mas a coisa mais difícil de alterar na vida era a ligação a um lugar.

Uma onda de riso ergueu-se do outro lado da porta. O homem de negócios estava a contar uma piada, a sua voz erguendo-se acima do burburinho. Peri não ouviu o fim da anedota, que, pela reação, era ordinária, obscena.

— Ai, vocês, homens! — disse uma voz feminina, meio repreensiva, meio brincalhona.

Peri crispou os lábios. Nunca fora uma daquelas mulheres capaz de dizer em alto e bom som, e muito menos num tom tão sedutor:

«Ai, vocês, homens!»

Fossem homens ou mulheres, as pessoas que a intrigavam eram sempre as que tinham viagens agrestes no seu passado, incerteza nos olhos e feridas invisíveis na alma. Generosa com o seu tempo e leal até ao túmulo, tornava-se amiga desses quantos eleitos com um empenho e um amor inabaláveis. Mas, com todas as outras pessoas, que constituíam praticamente a maioria, o seu interesse rapidamente se metamorfoseava em tédio. E quando se sentia entediada, a única coisa que queria era fugir, libertar-se da pessoa, da conversa, do momento. Tinha o palpite de que, nessa noite, o tédio ia ser seu companheiro no jantar burguês e, para o contrabalançar, prometeu a si própria arranjar joguinhos para brincar, divertimentos só seus.

À pressa, salpicou a cara com água. Se não tivesse perdido a paleta de sombra dos olhos no beco e espezinhado o seu batom, teria retocado a maquilhagem. Penteando o cabelo rapidamente com os dedos, observou-se uma última vez no espelho. O rosto que a fitou no reflexo estava pálido, irrequieto... como se um espírito perturbado a tivesse perpassado sem que ela se apercebesse. Abriu a porta. Para sua surpresa, a filha esperava-a lá fora.

— O pai queria saber onde te meteste.

— Precisava de me lavar e arranjar um bocado. — Peri fez uma pausa. — O que é que lhe contaste?

Peri viu uma centelha de afeto nos olhos de Deniz antes de a indiferença se impor.

— Nada.

— Obrigada, meu amor. Vamos lá.

— Espera, esqueceste-te disto — disse Deniz, estendendo-lhe uma coisa na mão.

Peri não precisou de olhar mais de perto para perceber que era a Polaroid. Procurara-a em toda a parte naquele beco asfixiante. Pelos vistos, Deniz avistara-a antes e guardara-a no bolso. Agora, a sua filha perguntou:

— Porque é que eu nunca tinha visto esta fotografia?

Havia quatro pessoas na imagem. O professor e as suas alunas. Felizes, esperançosas e prontas para mudar o mundo, ignorando alegremente o que o futuro lhes reservava. Peri lembrava-se do dia em que a fotografia fora tirada. «O pior inverno das últimas décadas em Oxford.» Lembrava-se de tudo: manhãs de enregelar os ossos, canos congelados, pilhas de neve nos passeios e o inebriante elixir do enamoramento a percorrer-lhe o corpo. Nunca se sentira tão viva.

— Quem são estas pessoas, mãe?

Mantendo a calma — até de mais —, Peri respondeu:

— É uma fotografia antiga.

— É por isso que andas com ela no porta-moedas? Junto das fotos dos teus filhos? — perguntou Deniz, numa voz carregada de incredulidade e curiosidade. — Quem são?

Peri apontou para uma das raparigas. Usava um lenço magenta cuidadosamente enrolado na cabeça como um turbante e tinha os olhos de avelã sublinhados com um grosso traço de Kohl que descrevia um arco até às sobancelhas.

— Esta é a Mona, uma aluna egípcio-americana.

Concentrada e silenciosa, Deniz examinou a rapariga.

— A outra rapariga é a Shirin — explicou Peri. O seu olhar pousou numa figura muito vistosa, com uma volumosa cabeleira negra, o rosto todo maquilhado e botas de cabedal de salto alto. —

A família era do Irão, mas tinha mudado de país tantas vezes que ela se sentia completamente desenraizada.

— Como é que as conheceste?

Peri demorou um instante a responder.

— Eram amigas minhas da universidade. Partilhámos casa, andámos na mesma faculdade. Fizemos o mesmo seminário, mas não todas ao mesmo tempo.

— O seminário era sobre o quê?

Peri esboçou um ténue sorriso, a recordação gravada em todos os traços da sua expressão.

— Era sobre... Deus.

— Uau! — exclamou Deniz, a sua resposta habitual às coisas que não lhe interessavam minimamente. Deu um toque com o dedo no homem alto, no meio da fotografia. O cabelo dele, louro-acastanhado, era indomável e suficientemente comprido para encaracolar; os olhos pareciam brilhar por baixo da boina; o queixo era forte e bem definido; a expressão tranquila, embora não totalmente serena.

— Quem é?

Um arrepio de desconforto perpassou as feições de Peri, tão subtil que foi praticamente impercetível.

— Era o nosso professor.

— A sério? Parece um estudante rebelde.

— Era um professor rebelde.

— Isso existe? — perguntou Deniz. — Como é que se chamava?

— Chamávamos-lhe Azur.

— Que nome esquisito. Onde é que foi isto?

— Em Inglaterra... Oxford.

— O quê? Porque é que nunca me disseste que andaste em *Oxford*? — Deniz pronunciou a última palavra com uma cadência exagerada.

Peri hesitou, sem saber o que dizer. Tinha mais ou menos a noção de porque é que nunca partilhara isso com ninguém, nem sequer com os filhos, mas aquele não era nem o momento nem a hora de o explicar.

— Foi só durante uns tempos — disse, deixando esmorecer a voz. — Não acabei o curso.

— Como é que entraste?

Deniz parecia impressionada, mas Peri detetou também um toque de inveja tingido de ressentimento no comentário da filha. Deniz começara a preocupar-se com os exames da universidade, embora ainda faltassem uns anos para lá chegar. O sistema de educação, concebido para tornar as mentes jovens cada vez mais competitivas, podia resultar muito bem com alunos como Peri, mas, em espíritos livres como Deniz, causava uma infelicidade consumada.

— Podes não acreditar, mas tive sempre excelentes notas no liceu. O meu pai sempre quis que eu tivesse a melhor educação possível... na Europa. Ajudou-me a fazer a candidatura e eu preenchia os requisitos exigidos.

— O avô? — perguntou Deniz, com dificuldade em conciliar a imagem do velhote senil que ela tinha na mente com aquele impetuoso agente de mudança.

Peri sorriu.

— Sim, ele tinha muito orgulho em mim.

— A avó não? — Quis saber Deniz, detetando um conflito.

— Ela tinha medo de que eu me perdesse num país estrangeiro. Era a primeira vez que eu saía de casa. Não é fácil para uma mãe.

— Peri inspirou fundo, surpreendida com a sua própria frase, surpreendida por sentir empatia pela mãe.

Deniz pensou um instante.

— Quando é que foi isso?

— Na altura do 11 de Setembro, se é que isso significa alguma coisa para ti.

— Eu sei o que foi o 11 de Setembro — disse Deniz. O seu rosto iluminou-se quando se apercebeu de uma coisa: — Então, foi antes de conheceres o pai. Desististe de Oxford, voltaste para Istambul, casaste-te, abandonaste os estudos, tiveste três filhos de enfiada e tornaste-te dona de casa. Que original, parabéns!

— Eu não estava a tentar ser original — retorquiu Peri.

Ignorando o comentário, Deniz mordiscou o lábio inferior.

— Porque é que te vieste embora?

Era precisamente a pergunta à qual Peri não estava preparada para responder. A verdade era demasiado dolorosa.

— Era demasiado difícil para mim: as aulas, os exames...

Sem dizer nada, Deniz lançou à mãe um olhar de viés, claramente incrédula. Pela primeira vez, passou-lhe pela cabeça que a mulher que a parira, a mulher que ela vira todos os dias da sua vida e com a qual contava para satisfazer todas as suas necessidades e caprichos, talvez tivesse sido uma pessoa completamente diferente antes de ela e os irmãos terem nascido. Era uma ideia incómoda. Até esse dia, a sua mãe fora uma *terra cognita* da qual Deniz conhecia todos os vales bem-aventurados, todos os lagos plácidos e todas as montanhas invernosas. Não

gostava da possibilidade de haver partes desse continente ainda por cartografar.

— Dás-me a fotografia agora? — pediu Peri.

— Espera um instante.

Com as pestanas a apanharem a luz do teto, Deniz aproximou a Polaroid da cara e semicerrou os olhos, quase até ficar vesga, como se esperasse descobrir um código secreto algures na imagem. Por impulso, virou a fotografia e viu a inscrição no verso, na grafia rígida de quem fez um esforço por escrever muito certinho: «Da Shirin para a Peri, com irmandade / Lembra-te, Ratito: “Já não me posso chamar um homem, uma mulher, um anjo ou sequer uma alma pura.”»

— Quem é o Ratito? — perguntou a Deniz, soltando uma gargalhada.

— Era assim que a Shirin me chamava.

— Jamais me passaria pela cabeça essa alcunha!

— Bom, pelos vistos mudei — comentou Peri. — Anda, temos de ir.

Deniz continuava com um ar perplexo.

— O que é que significa: «já não sou um homem, uma mulher, um anjo...»? Que frase sem sentido é esta?

— É um poema... Querida, dá-me a fotografia.

Da sala, chegou-lhes o som de palmas e vivas. Estavam a trocar ou a desafiar alguém para alguma coisa. Curiosa, Deniz, após uma brevíssima hesitação, devolveu a fotografia à mãe e voltou para a festa.

Sozinha no corredor, Peri segurou na Polaroid com força e ficou surpreendida ao sentir o calor que irradiava, como se estivesse viva. Que estranho era — quando uma pessoa pensava nisso — que,

enquanto os momentos murchavam, os corações endureciam, os corpos envelheciam, as promessas morriam e até as convicções mais fortes esmoreciam, uma fotografia, uma representação bidimensional da realidade e uma mentira, permanecia imutável, para sempre fiel.

Enfiou a Polaroid no porta-moedas, com cuidado para não fitar nenhum dos rostos da imagem, resistente ao olhar do passado, resistente ao julgamento de uma Peri mais jovem acerca da mulher que se tornara. Endireitou as costas, pronta para ir ao encontro dos outros convidados, muitos dos quais não passavam, na verdade, de meros desconhecidos, e dirigiu-se lentamente para a festa.

O pacto

Istambul, anos 90

Na escola secundária, Peri atravessou fases de fé e fases de dúvida. Sem o pai saber, mantivera-se fiel ao voto que fizera a Deus. Todas as noites antes de se deitar, escolhendo cuidadosamente as palavras, sempre com a mesma paixão, rezava. Esforçava-se. Tinha esperança que, se sacrificasse a sua descrença no altar do amor e se tornasse tão piedosa como todos aqueles pregadores que peroravam sob os céus de Istambul, Alá ficasse mais contente com a sua família e fosse menos severo para com o seu pai. Um pacto irracional, claro, mas não o eram todos os pactos com o Todo-Poderoso?

O problema de rezar, porém, era que tinha de ser puro, monofónico. Uma voz consistente do princípio ao fim. Mas, quando falava com Deus, a sua mente fragmentava-se numa pletora de falantes, alguns à escuta, outros fazendo comentários espirituosos, outros exprimindo objeções. Pior ainda, imagens indesejadas inundavam-lhe a mente: de morte, escuridão, violência, genocídio, mas especialmente de sexo. Fechava os olhos, abria os olhos, esforçava-se por apagar da sua imaginação os corpos nus que se contorciam. Atormentada com a sua incapacidade de controlar o

cérebro e receosa de que esses pensamentos lhe maculassem as preces, recomeçava várias vezes e tentava despachar-se antes que ideias impuras se apoderassem novamente da sua cabeça. Preparar-se para rezar era como enfiar o lixo e a tralha toda num armário, antes de Deus visitar a casa da sua mente. Queria causar a melhor impressão, mas tinha perfeita consciência do que escondera do olhar divino.

Pensou que, se em vez de rezar em casa rezasse em público, talvez conseguisse calar as vozes que a atormentavam. Com umas quantas amigas de opinião idêntica, criou o hábito de visitar mesquitas locais. Apreciava a luz abundante que entrava pelas janelas altas em arco, os lustres, a caligrafia, a arquitetura de Sinan. Perturbava-a, contudo, que a secção das mulheres ficasse escondida nos fundos ou no andar de cima por trás de cortinas, sempre isolada, separada, pequena.

Num bairro, um homem de meia-idade seguiu-as até ao interior da mesquita e, depois, até ao pátio.

— As raparigas deviam rezar em casa — disse ele, percorrendo com os olhos os contornos dos seios delas.

— Esta é a casa de Alá, é para toda a gente — redarguiu Peri.

Ele deu um passo em direção a ela, espetando o peito para fora. O seu corpo era um lembrete, um aviso, uma fronteira.

— Esta mesquita não é suficientemente grande. Até os homens têm de rezar no exterior. Não há espaço para meninas de escola.

— Quer dizer que as mesquitas pertencem aos homens? — disse Peri.

Ele riu-se, como se estivesse surpreendido por ela ter pensado que não. Peri ficou desiludida por o imã, que ouvira a conversa ao passar, não ter dito nada para as defender.

De outra vez, em Üsküdar, na secção das mulheres, no andar de cima, ela abriu as cortinas para poderem ver a beleza da mesquita enquanto rezavam. De imediato, uma mulher mais velha, vestida de preto dos pés à cabeça, fechou as cortinas, murmurando, irritada. Não eram só os homens que queriam as mulheres longe da vista. Algumas mulheres partilhavam desse estado de espírito.

Sim, ela tentara. Mas havia sempre uma lacuna entre si e os caminhos da religião impressa no seu bilhete de identidade cor-de-rosa. Já agora, quem é que tivera a ideia de pôr um quadrado para a religião nos bilhetes de identidade? Quem é que decidia se um recém-nascido era muçulmano, cristão ou judeu? O bebé é que não era, certamente.

Se Peri tivesse podido preencher ela própria o quadrado da religião, provavelmente teria escrito: «Indecisa.» Seria mais verdadeiro. Se a sua mãe ia parar ao Céu e o pai ao Inferno, a sua morada seria o Purgatório, algures entre os dois.

Abstinha-se de falar sobre essas questões com os crentes, porque assim que reparavam que ela vacilava entre a dúvida e a fé, teimavam em tentar conquistá-la para o seu lado. Os poucos ateus que conhecia não eram muito diferentes. Fosse em nome de Deus ou da ciência, não havia satisfação igual para o ego como a de converter alguém. Todavia, a última coisa que Peri queria era que alguém a tentasse converter. Será que aquelas pessoas não entendiam que ela não queria chegar a uma conclusão acerca da crença delas? A única coisa que queria era estar em movimento. Se aterrasse de um lado ou do outro, tinha medo de se tornar outra pessoa qualquer e seria o seu fim.

No diário sobre Deus, escreveu: «Estou perpetuamente no limbo. Talvez queira demasiadas coisas ao mesmo tempo e nada com

suficiente paixão.»

No dia em que Peri terminou o ensino secundário como melhor aluna desse ano, ela e o pai prepararam o pequeno-almoço juntos. Cortaram tomate aos cubos, picaram salsa, bateram ovos e fizeram um *menemen* tão picante que cada dentada lhes abria um buraco na língua. Trabalharam lado a lado, os seus gestos coordenados, fluidos. Peri observou o pai a cortar uma cebola às rodelas, reparando, aliviada, que o tremor nas mãos dele parecia ter abrandado. Contudo, ele suava profusamente, uma fina película de transpiração cobria-lhe a testa. Ela sabia que, se ele estivesse sozinho na cozinha, já se teria servido de um copo.

Depois, Mensur levou a filha de carro a uma agência que ajudava estudantes turcos a candidatar-se a escolas estrangeiras. Tinham visitado o escritório abafado e penumbroso várias vezes nos últimos meses, fazendo fila com adolescentes esperançosos, incapazes de despregar os olhos dos rostos sorridentes que enchiam as brochuras de universidades ocidentais. Das suas páginas reluzentes destacava-se uma louca diversidade — aparentemente como as Nações Unidas — de estudantes, todos com ar feliz, sem exceção.

Pelo caminho, pararam nos semáforos ao lado de uma mesquita otomana, famosa por ter sido construída sobre o mar. À volta da circunferência da cúpula estavam pousadas gaivotas como um colar de pérolas.

— *Baba*, porque é que nunca foi religioso? — perguntou Peri, de olhos postos na mesquita.

— Ouvi demasiados sermões fajutos, vi demasiados falsos gurus.

— Então, e Deus? Ainda acredita que Ele existe?

— Claro que acredito — respondeu Mensur, com uma leve falta de convicção. — Mas isso não quer dizer que percebo o que Ele anda a fazer.

Um casal de turistas — europeus, pelo aspeto — tirava fotografias no pátio da mesquita. A mulher cobrira a cabeça com um dos compridos lenços fornecidos à entrada. Alguém — talvez um transeunte — avisara-a certamente de que o vestido era demasiado curto, porque ela amarrara outro lenço à volta da cintura para tapar as coxas. O homem, por sua vez, levava umas sandálias e umas bermudas que pelos vistos ninguém considerara um problema.

Apontando para o casal, Mensur comentou:

— Se eu fosse mulher, seria duas vezes mais crítica em relação à religião.

— Porquê? — perguntou Peri, embora adivinhasse a resposta.

— Porque Deus é um homem... Foi disso que esta gente devota nos convenceu.

Um automóvel parou junto deles, tocando uma música de Santana em altos berros.

— Vê se percebes uma coisa, minha alma — continuou Mensur.

— Eu gosto das tradições sufis Bektashi, Mawlawi ou Melami, com o seu humanismo e humor. Os Rinds eram completamente livres de preconceitos e intolerância... quantas pessoas se lembram deles, hoje? Essa filosofia antiquíssima desapareceu neste país. E não foi só aqui. Em todo o mundo muçulmano. Foi suprimida, silenciada, apagada. Para quê? Em nome da religião, andam a matar Deus. Em prol da disciplina e da autoridade, esquecem-se do amor.

O semáforo mudou para verde. Uns segundos antes — e não depois —, os automóveis atrás deles tinham começado a buzinar. Mensur pisou o acelerador a fundo e murmurou para si próprio:

— Como é que estes idiotas conseguiram esperar no útero das mães!

— *Baba*, a religião não lhe dá uma sensação de segurança, como uma luva protetora?

— Talvez, mas eu não quero uma camada adicional de pele. Se tocar numa chama, queimo-me; se pegar em gelo, tenho frio. O mundo é o que é. Todos morreremos. De que serve sentirmo-nos seguros em multidões? Nascemos sós, morremos sós.

Peri inclinou-se para a frente, pronta para dizer alguma coisa, mas a voz do pai prosseguiu:

— Quando eras pequena, perguntaste-me se tinha medo do Inferno.

— E o pai disse que escavaria um túnel para fugir do Inferno.

O rosto de Mensur abriu-se num sorriso.

— Sabes porque é que não gosto assim tanto do Céu?

— Diga lá.

— Olho para as pessoas que para lá irão, as que rezam e jejuam e aparentemente fazem tudo o que devem fazer. Muitas delas, tantas, estão cheias de pretensões! E eu digo para mim próprio: se estas pessoas vão para o Céu, será que eu também quero mesmo ir? Preferia arder em paz no meu próprio inferno. Faz muito calor, mas pelo menos não há hipocrisia.

— Ai, *Baba*, espero que não diga essas coisas à frente de outras pessoas. Vai acabar por se meter em sarilhos.

— Não te preocupes, a minha língua só se desata contigo. Ou depois de ter bebido uns copos. Aqueles fanáticos nunca se

sentarão comigo a uma mesa de *raki*, por isso estou safo — explicou, rindo-se.

Pouco depois, chegaram ao Palácio Dolmabahçe, com os seus arcos triunfais e campanário.

— Conheces a história do peixe preto? — perguntou Mensur.

Contou que fora perto dali que, numa noite tempestuosa, o sultão Murad IV se sentara a ler *Setas de Infortúnio*, uma coletânea de poemas satíricos do grande Nefi. Ainda mal tinha começado, quando um raio atingiu um castanheiro nos jardins do palácio, um presságio, certamente. Profundamente agitado, o sultão não só atirou o livro ao mar, como assinou uma carta a conceder aos inimigos de Nefi autorização para o castigarem como quisessem. Uns dias depois, o poeta, enforcado, foi lançado às mesmas águas em que a sua poesia se desintegrara, verso a verso.

— A ignorância e o poder são uma mistura tóxica. O mundo sofreu mais às mãos da religião do que às mãos de pessoas como eu, seja qual for a palavra engraçada que escolheres para definir a minha «raça».

Peri olhou pela janela na direção das ondas de crista prateada que reluziam ao sol da tarde, esperando avistar um peixe ou dois a marcar a superfície. Agora que sabia o destino do poeta, tinha a certeza de que nunca se esqueceria daquela história. Tomava para si as penas dos outros como se fossem suas e pendurava-as ao pescoço, como os colares de agulhas de pinheiro que costumava fazer quando era pequena. Picavam-lhe a pele e magoavam-na, mas recusava-se a tirá-los até terem secado e desfeito em partículas finas como pó.

Mensur seguiu o olhar dela.

— É por isso que os peixes nesta zona do Bósforo são pretos. Engoliram demasiada tinta. Coitados, ainda procuram palavras de poemas e carne de poetas... que são a mesma coisa, se pensarmos bem.

Peri adorava as histórias do pai. Crescera com elas. Contudo, a melancolia que as imbuía trespassava-lhe a alma, como uma lasca debaixo da sua pele que se tornara uma parte orgânica de si. Por vezes, imaginava que tinha lascas espalhadas em toda a parte, no corpo e nos recantos da alma.

— Nem sei porque é que estou a falar nestas coisas — disse Mensur, com uma nova intensidade. — Não estás entusiasmada com Oxford?

Tinham-se candidatado a várias universidades na Europa, nos Estados Unidos da América e no Canadá. Lugares com nomes tão estranhos que nenhuma língua conseguia pronunciá-los. Mas era com Oxford que Mensur delirava.

— Não temos a certeza se vou.

— Ah, vais, vais — declarou Mensur. — O teu inglês é do melhor que há. Trabalhaste muito para o aperfeiçoar. Passaste nos exames, foste à entrevista e agora ofereceram-te um lugar.

— *Baba*, onde é que vamos arranjar o dinheiro... — disse Peri, deixando a voz esmorecer.

— Para de te preocupar. Já tratei disso.

Mensur ia vender o carro e o único investimento que tinham feito na vida: um terreno perto do mar Egeu, onde planeava plantar oliveiras, um dia. Peri sentia um peso enorme na consciência por o pai abdicar dos seus sonhos por ela. Ainda assim, quando os seus olhares se cruzaram, cúmplices, ela sorriu. Embora tentasse não

falar sobre isso, a verdade era que estava mortinha por ir para Inglaterra.

— *Baba*, tem a certeza de que a mãe concorda com o plano? Falou com ela?

— Ainda não — respondeu Mensur. — Hei de falar. Como é que ela pode não querer que a filha vá para a melhor universidade do mundo? Vai ficar radiante da vida!

Peri assentiu, embora soubesse que ele estava a mentir. Nenhum dos dois contaria a Selma que a filha se ia embora, a não ser no último instante possível.

A Última Ceia

Istambul, 2016

Quando entrou na espaçosa sala de jantar, Peri deparou com toda a gente instalada à mesa, agrupada em conversas distintas. Adnan falava com um amigo da família, o administrador executivo de um banco de investimento global. Pela expressão da cara deles, conversavam ou sobre política ou sobre futebol, os dois temas em que os homens demonstravam abertamente as suas emoções na presença de terceiros. Em cada ponta da mesa encontrava-se um dos anfitriões. O homem de negócios contava a quem o rodeava uma piada acerca de umas férias, com a confiança melíflua de quem está habituado a que o escutem, enquanto a sua mulher o observava à distância, com indiferença. Peri deu um passo em frente, sabendo que, num ápice, todas as cabeças se virariam na sua direção. Por um instante, pensou em avançar em bicos de pés e de lado, até chegar à porta de carvalho da entrada, por onde poderia fugir.

— Querida, porque é que está aí parada? — A mulher do homem de negócios vira-a. — Entre e junte-se a nós.

Peri forçou um sorriso, instalando-se na cadeira vazia que lhe fora reservada. Enquanto estivera na casa de banho, a maior parte

dos convidados, se é que não foram todos, ficara a par do seu acidente. Agora, todos a fixavam com curiosidade e empatia, desejosos de ouvir a história.

— Sente-se bem? — perguntou uma mulher que geria uma agência de relações públicas. Tinha o cabelo penteado numa popa, presa com um grande alfinete de vidro a imitar diamantes, que lembrou a Peri um espeto e dava à mulher um ar perigoso. — Estávamos preocupados consigo.

— Sim, o que é que lhe aconteceu, querida? — acrescentou o administrador executivo.

Peri fitou Adnan, detetando um toque de preocupação no olhar normalmente afetuoso do marido. À frente dele estava uma tigela de sopa, vazia, e um copo de água. Ele era abstémio, por motivos de saúde e religiosos. Adnan era crente.

— Nada que valha a pena contar a uma mesa tão agradável — respondeu Peri, virando-se para o administrador executivo. — Interessa-me mais saber sobre o que é que estavam a conversar com tanto entusiasmo.

— Oh, sobre subornos e corrupção na primeira liga — disse o administrador executivo. — Algumas equipas parecem determinadas em perder os jogos. Se eu não as conhecesse até pensaria que estavam a ser pagas para isso. — Lançou um olhar travesso ao anfitrião.

— Que disparate — replicou o homem de negócios. — Se estás a tentar deitar abaixo a minha equipa, garanto-te, meu amigo, que vamos ganhar com o nosso suor.

Peri recostou-se, aliviada por ter desviado a conversa de si, embora não soubesse durante quanto tempo.

Os outros já tinham acabado a sopa e apareceu uma empregada com uma tigela para Peri: caldo de beterraba e cenoura com um pouco de queijo de cabra. Alguém lhe encheu o copo sem perguntar se ela queria. Um tinto de Napa Valley. Antes de o levar aos lábios, ela fez uma saudação silenciosa à alma do seu pai.

Peri olhou à sua volta, enquanto começava a comer lentamente. Móveis italianos, lustres ingleses, cortinas francesas, tapetes persas e uma pletora de ornamentos e almofadas com motivos otomanos; era uma casa — embora mais sumptuosa do que a maioria — decorada ao mesmo estilo de tantas outras em Istambul, meio oriental, meio europeu. Nas paredes havia quadros de conhecidos artistas do Médio Oriente, em ascensão, muitos dos quais Peri depreendeu que teriam sido subvalorizados ou sobrevalorizados, uma vez que, na região, o mundo das artes, porventura como acontecia com a política, ainda estava em constante mudança.

No passado, Peri participara em inúmeros jantares festivos nos quais muçulmanos conservadores não tinham visto mal nenhum em conviver com quem bebia prodigamente. Erguiam educadamente os seus copos de água na hora do brinde, juntando-se ao gesto. A religião, naquela parte do mundo, fora uma espécie de colagem. Não era invulgar as pessoas consumirem álcool o ano inteiro e arrependerem-se na Noite do Decreto, em que os pecados — desde que o arrependimento fosse genuíno — eram apagados por atacado. Havia inúmeras pessoas que jejuavam durante o Ramadão, tanto para renovar a fé como para emagrecer. O sagrado era compatível com o profano. Numa cultura de hibridismo, até os mais racionais acreditavam em *jinn* e mantinham junto de si um amuleto de vidro azul, considerado em todo o país como um protetor contra o mau-olhado, enquanto até os mais devotos desfrutavam da

passagem de ano a ver televisão e a bater palmas ao ritmo de uma bailarina do ventre. «Um pouco disto, um pouco daquilo. *Muğulmanus modernus.*»

Contudo, as coisas tinham mudado drasticamente nos últimos anos. As cores reduziram-se a preto e branco. Havia cada vez menos casamentos em que — tal como o dos seus pais — um dos cônjuges era devoto e o outro não. Atualmente, a sociedade estava dividida em guetos invisíveis. Em vez de uma metrópole, Istambul mais parecia uma manta de retalhos urbana de comunidades segregadas. As pessoas ou eram «firmemente religiosas» ou «firmemente seculares»; e aquelas que até aí tinham mantido um pé em cada campo, negociando com o Todo-Poderoso e com os tempos com igual fervor, ou tinham desaparecido, ou haviam-se tornado sinistramente caladas.

O encontro dessa noite era, por conseguinte, invulgar, por reunir pessoas de campos opostos. Peri comparou o cenário, grandioso e palaciano, a um quadro renascentista. Se tivesse sido ela a artista, ter-lhe-ia intitulado «A Última Ceia da Burguesia Turca». Contou as pessoas à mesa. Claro está que eram treze, consigo incluída.

— Oh, ela nem sequer está a ouvir — disse a relações públicas.

Percebendo que falavam de si, Peri sorriu.

— O que foi?

— A sua filha disse-me que estudou em Oxford.

O rosto de Peri fechou-se. Os seus olhos procuraram Deniz, mas ela estava a jantar com a amiga na sala ao lado.

— A sério, querida, é tão reservada! — comentou a mulher do homem de negócios. — Porque é que não nos disse?

— Porque não acabei o curso... — respondeu Peri.

— Ninguém quer saber disso! — retorquiu o jornalista. — Continua a ter o direito de se gabar.

— É o que o meu irmão faz — pronunciou a relações públicas. — «Quando andei em Oxford...» É a primeira coisa que ele diz a toda a gente. — Virou-se para Peri. — Em que ano é que lá estive?

— Por volta de 2001.

— Oh, na mesma altura que o meu irmão!

Peri sentiu-se afundar de constrangimento, que se agravou quando ouviu o marido dizer:

— A Deniz disse que tens uma fotografia. Porque é que não a mostras?

Peri percebeu que ele estava a fazer de propósito, a picá-la e a provocá-la à frente de terceiros. Ficou magoado por ela ainda andar com aquela Polaroid. Ele sabia, claro. Não tudo, mas o grosso da história. No fim de contas, tinha sido ele quem apanhara os cacos depois de ela ter deixado Oxford.

— Vá, mostre lá! — incitou alguém.

Por mais que Peri se esforçasse por mudar de assunto, não conseguiu. Não dessa vez. Estavam determinados em ver qual era o aspeto dela nos tempos da universidade... e o quanto mudara desde então.

Tirou a Polaroid da carteira e pousou-a na mesa. À luz das velas, distinguiram-se quatro pessoas, rostos sorridentes de um passado descartado, paradas no Old Schools Quadrangle da Biblioteca Bodleiana; das cornijas da torre de entrada, atrás deles, pendiam pingentes de gelo. Os convidados, um a um, examinaram a fotografia e passaram-na ao vizinho do lado, mas não sem antes fazerem um comentário.

— Oh, era tão novinha!

— Uau, vejam-me só este cabelo! Era uma permanente?

Quando a fotografia chegou à relações públicas, ela pôs os óculos. Analisou-a cuidadosamente.

— Esperem... — disse, arqueando as sobrancelhas. — A cara deste homem não me é desconhecida.

Peri contraiu-se.

— Eu costumava visitar o meu irmão todos os anos. Tenho a certeza de que ele me mostrou uma fotografia deste homem... onde é que foi...

A expressão de Peri petrificou-se.

— Ah, sim, já me lembro! Foi num jornal. Este homem era um professor universitário famoso... caiu em desgraça... foi obrigado a demitir-se de Oxford! Toda a gente falava nele. Houve um escândalo. — Apontou o seu olhar a Peri. — Com certeza soube do que aconteceu?

Peri ficou imóvel, sem capacidade de inventar uma mentira, sem vontade de dizer a verdade. Para seu alívio profundo, as empregadas apareceram naquele preciso instante com as entradas. Cheiros deliciosos espalharam-se pelo ar. Na interrupção que se seguiu, enquanto serviam os pratos, Peri conseguiu recuperar a Polaroid. Quando a guardou na carteira, as suas mãos tremiam tanto que teve de as manter debaixo da mesa.

Segunda Parte

A universidade



Oxford, 2000

No dia em que Nazperi Nalbantoğlu, acabadinha de sair do liceu, chegou a Oxford, ia acompanhada pelo pai ansioso e pela mãe ainda mais ansiosa. O plano dos pais era passarem o dia juntos; depois de ajudarem a filha a instalar-se na sua nova vida, apanhariam o comboio de regresso a Londres, ao fim do dia. Daí, tomariam o avião para Istambul, onde tinham passado a maior parte dos seus trinta e dois anos de vida conjugal firmemente instável, como uma velha escadaria que, embora periclitante, resistia aos estragos do tempo. A situação, contudo, seria mais complicada do que o previsto. Por duas vezes, Selma desatou a soluçar e o seu estado de espírito oscilou entre ciclos de perturbação, autocompaixão e orgulho. De vez em quando, pegava numa ponta do lenço que levava na cabeça, aparentemente para limpar o rosto, mas, na verdade, era para enxugar uma lágrima. Uma parte de si estava feliz com o que a filha alcançara. Ninguém na sua família alargada ganhara um lugar numa universidade estrangeira, muito menos em Oxford. A possibilidade nem sequer lhes passara pela mente, tão grande era a distância entre o «aqui» e o «lá».

Contudo, outra parte de si era incapaz de aceitar que a sua cria mais nova, ainda por cima rapariga, fosse viver para um continente diferente, sozinha, num lugar onde tudo era estrangeiro. Magoava-a profundamente que Peri se tivesse candidatado sem o seu conhecimento e aprovação. Sentia a sombra do marido por trás do facto consumado. Os dois tinham-na informado só quando já estava tudo feito e a única coisa que pôde fazer foi murmurar uma débil objeção, para não alienar a filha possivelmente para o resto das suas vidas. Desejou ter um familiar, ou um familiar de um familiar, quem quer que fosse — desde que fosse muçulmano e sunita e falasse turco e fosse temente a Deus e leitor do Alcorão e fácil de contactar por telefone —, naquela cidade desconhecida a quem pudesse confiar Peri. Mas não conhecia ninguém que encaixasse nessa descrição.

Mensur, por seu lado, embora ansiasse por ver a filha superar-se academicamente, também não sentia menos desespero por ter de se separar dela. Calmo por fora, falava de uma maneira entrecortada e sem nexos, no mesmo tom que poderia ter usado para falar sobre um tremor de terra distante, aceitando-o, mas com laivos subjacentes de dor. Peri compreendia, e até certo ponto partilhava, o desconforto dos pais. Nunca se tinham separado; ela nunca estivera longe da família, da sua casa e da sua terra.

— Vejam como isto é bonito — disse Peri. Sem se deixar assustar pela pressão que se lhe avolumava no peito, sentia-se empolgada, pronta para que a sua vida levantasse voo.

O Sol lançava feixes de luz quente por entre as nuvens, dando a sensação de que o verão regressara, apesar das ocasionais rabanadas de frio outonal. Com as suas ruas empedradas, torres com ameias, claustros, janelas de sacada e pórticos esculpidos,

Oxford parecia um espaço saído de um livro infantil ilustrado. Tudo o que o olhar deles alcançava cheirava a História, de tal maneira que até os cafés e as lojas pareciam dotados de um passado de séculos. Em Istambul, por muito antiga que a cidade fosse, o passado era tratado como uma visita que já se devia ter ido embora. Em Oxford, era claramente o convidado de honra.

Os Nalbantoğlus passaram o resto da manhã a passear, admirando os jardins aninhados entre os muros gastos e cobertos de hera dos edifícios construídos em redor de pátios quadrangulares, os seus pés pisando com hesitação o cascalho, sem saber se tinham autorização para entrar naqueles espaços e sem poderem perguntar a ninguém. Algumas partes da cidade pareciam tão vazias que as paredes de calcário lascado que ladeavam as vetustas vielas davam a sensação de ansiar por atenção humana.

Cansados e famintos, avistaram um pub em Alfred Street, um espaço de teto baixo, soalho de tábuas rangentes e clientes ruidosos. Timidamente, instalaram-se a uma mesa aconchegante junto da janela. Toda a gente bebia cerveja em copos dignos de mãos de gigante. Quando a empregada, uma rapariga com um piercing no lábio inferior, se aproximou, Mensur pediu peixe com batata frita para todos e uma garrafa de vinho branco.

— Já pensaram que este lugar data de há séculos? — disse Mensur. Fixou os painéis de carvalho como se contivessem um código que ele conseguiria decifrar, se se esforçasse muito e o tempo suficiente.

Selma anuiu com um gesto de cabeça; não obstante, reparara noutras coisas quando olhara em redor: estudantes a emborcarem cerveja a um canto, uma mulher de vestido tão curto que podia ser

uma camisa de noite, um homem tatuado a acariciar a namorada, cujo decote era mais profundo do que a lacuna entre Selma e o marido... Como é que podia deixar Peri sozinha entre aquela gente? Os ocidentais podiam ser muito evoluídos na ciência e na educação e na tecnologia, mas, e a moral? Aborrecia-a ter de guardar os seus pensamentos para si, para não aborrecer o marido e a filha. Tinha os cantos da boca descaídos, um sinal dos comentários cáusticos que estava a refrear. Era injusto ter de ser sempre o progenitor com princípios, o progenitor chato.

Ignorando as preocupações da sua mulher, mas com uma ideia de qual era a opinião dela, Mensur disse:

— Temos orgulho em ti, Pericim.

Era a segunda vez que Peri ouvia isso da boca do pai e gostou tanto como da primeira. Ele investira na educação da filha muito para lá do que os seus meios modestos lhe permitiam e ela estava decidida a não o desiludir.

— Temos de brindar — declarou Mensur, quando lhes trouxeram o vinho. — À nossa filha brilhante!

O rosto de Selma fechou-se.

— Sabes que Alá me impede de me juntar a ti.

— Não tem mal — retorquiou Mensur. — Eu serei o pecador. Quando morrer, manda-me um passe para entrar no Céu.

— Quem me dera que fosse assim tão simples — disse Selma. — Terás de te esforçar aos olhos de Alá.

Mensur mordiscou a bochecha por dentro, durante um momento. Ouvir a mulher a pregar as suas palavras astutamente alinhadas tinha o mesmo efeito nele que ver uma fila de peças de dominó cuidadosamente dispostas de pé. Não conseguia reprimir a vontade de as derrubar.

— Falas como se soubesses em primeira mão o que Alá pensa. Entraste na mente Dele? Como é que sabes o que Ele vê?

— Porque Ele nos diz no Alcorão, se te desses ao trabalho de o ler — redarguiu Selma.

— Ai, por favor, vocês os dois conseguem não discutir durante um dia? — suplicou Peri. Para mudar de assunto e aliviar a tensão, acrescentou: — Portanto, volto a Istambul em breve para o casamento.

Hakan ia casar-se. Embora Umut — que se refugiara numa povoação à beira do Mediterrâneo, quando fora libertado da prisão — continuasse por casar, Hakan recusara-se a esperar pela sua vez, desafiando a ordem familiar. A princípio, toda a gente desconfiara que por trás da impaciência houvesse uma explicação embaraçosa, uma barriga demasiado óbvia para que a noiva a conseguisse esconder, mas, depois, tornara-se claro que a única razão da pressa era a personalidade do noivo.

Terminaram o almoço praticamente em silêncio.

Enquanto esperavam pela conta, Selma pegou na mão da filha e disse:

— Fica longe de quem não presta.

— Sim, eu sei, mãe.

— Os estudos são importantes, mas há uma coisa ainda mais importante para uma rapariga, entendes? Se a perderes, não há diploma que te redima. Os rapazes não têm nada a perder. As raparigas precisam de ter cuidado redobrado.

— Pois... — disse Peri, desviando os olhos.

A virgindade, essa pedra de toque a que só se podia aludir sem dizer as letras todas, impunha-se em muitas conversas entre mães e filhas, tias e sobrinhas. Um tema à volta do qual se andava em

bicos dos pés, como se fosse uma pessoa instável a dormir no meio do quarto e que ninguém se atrevia a incomodar.

— Eu confio na minha filha — interveio Mensur, que acabara por beber quase todo o vinho sozinho e agora parecia ligeiramente embriagado.

— Eu também — disse Selma. — Não confio é nos outros.

— Que estupidez — ripostou Mensur. — Se confias nela, porque é que te importas tanto com as outras pessoas?

Os lábios de Selma crisparam-se numa careta.

— Um homem que se mata a beber todos os dias não tem o direito de chamar estúpido a ninguém, a não ser a si próprio.

Vendo os pais a desembainharem novamente as espadas, sem nunca ganharem uma batalha nem saldarem as contas, a única coisa que Peri pôde fazer foi olhar pela janela para o coração da cidade que ia ser, nos próximos três anos pelo menos, a sua universidade, o seu santuário, a sua casa. Tinha o estômago às voltas de apreensão. Pensamentos negros volteavam-lhe na mente. Lembrou-se do açafrão caro — não a especiaria falsa, mas a verdadeira — vendido em delicados tubinhos de vidro nos mercados de Istambul. Era assim o seu otimismo: limitado, confinado, perecível.

O mapa

Oxford, 2000

— Olá! — gritou uma voz atrás deles, segundos depois de terem chegado à entrada da residência universitária, onde os esperava uma aluna do segundo ano designada para lhes fazer uma visita guiada.

Virando-se para trás, viram uma rapariga alta, com porte de sultana, um papel que poderia ter desempenhado noutro tempo, noutra terra. Vestia uma saia da mesma cor do merengue de água de rosas que Peri adorava em menina. O cabelo negro caía-lhe aos caracóis pelas costas abaixo, que ela mantinha muito direitas. Pintara os lábios de carmim reluzente e pusera *blush* nas faces. Mas eram os olhos, escuros e muito afastados, debruados a lápis roxo e acentuados com sombra turquesa-forte que mais davam nas vistas. A maquilhagem era como a bandeira de um país instável, declarando não só a sua independência, mas também a sua imprevisibilidade.

— Bem-vindos a Oxford — disse ela, com um sorriso, esticando uma mão de unhas muito bem arrançadas. — Chamo-me Shirin. — Pronunciou o nome com o máximo de vogais que conseguiu encaixar: Shii-riine.

Embora, com o seu nariz grande e arqueado e um queixo pronunciado, não fosse bonita no sentido convencional, tinha uma aura tão poderosa que podia ser considerada bela. Peri ficou tão impressionada com a aparência dela, que sorriu de orelha a orelha, quando deu um passo na direção da rapariga.

— Olá, eu chamo-me Peri... e estes são os meus pais. — Para si, pensou: «Vamos fingir que somos uma família normal por um dia.»

— Que bom conhecer-vos aos três. Ouvi dizer que são turcos. Eu nasci em Teerão, mas nunca mais lá voltei — disse Shirin, fazendo um aceno descontraído com a mão, como se o Irão ficasse ao virar da esquina e estivesse à espera. — Deve ter sido por isso que me pediram para vos mostrar a universidade. Gostam de nos meter a todos no mesmo saco. Estão prontos para uma visita guiada?

Peri e Mensur fizeram que sim com a cabeça, entusiasmados. Selma olhou com ar reprovador para a saia curta da rapariga, os saltos altos, a maquilhagem carregada. Aos seus olhos, Shirin não parecia uma aluna. E muito menos iraniana.

— Que tipo de aluna é que ela é? — murmurou Selma em turco.

Tomada por um medo irracional de que a rapariga iraniano-britânica compreendesse turco, Peri sibilou:

— Mãe, por favor.

— Vamos! — exclamou Shirin. — Normalmente, começaríamos pela nossa própria faculdade e depois veríamos o resto da cidade. Mas eu nunca faço nada pela ordem certa. Vai contra a minha natureza. Por isso, sigam-me, pessoal!

Dito isto, Shirin lançou-se num longo discurso sobre a história de Oxford. Enquanto papagueava, conduziu-os cada vez mais para o

interior das vielas tortuosas da cidade velha. Vivaz e bem-disposta, falava tão depressa que as palavras lhe saíam numa torrente desenfreada, que os Nalbantoğlus tiveram dificuldade em acompanhar, especialmente Selma, que não viu semelhanças entre o inglês antiquado, assente na gramática, que aprendera havia anos na escola — e que esquecera à velocidade da luz — e o arrazoado que ouvia naquele instante. Para a ajudar, Peri assumiu o papel de intérprete, embora tomando bastantes liberdades. Atenuou, reformulou e, nos casos em que foi preciso, censurou tudo o que pudesse irritar a mãe.

Entretanto, Shirin explicou que todas as faculdades de Oxford eram autónomas, fundações independentes que geriam os seus próprios assuntos, um facto que Mensur teve dificuldade em compreender.

— Mas tem de haver um presidente, uma autoridade que governe tudo — protestou no seu inglês macarrónico, e olhou em redor, como se temesse que a cidade mergulhasse na anarquia.

— Não concordo — contrapôs Shirin. — Diz-me a experiência que a autoridade é como o alho: quanto mais o usamos, pior é o cheiro.

Mensur, que passara a maior parte da sua vida de adulto a ansiar por uma autoridade central, forte, sólida e suficientemente secular para impedir a ascensão do fundamentalismo religioso, levantou os olhos, alarmado. A autoridade era, para ele, um elemento aglutinador, a argamassa que mantinha as peças da sociedade unidas e em perfeita ordem. Sem isso, os tijolos caíam, a estrutura desmoronaria.

— Com certeza que nem toda a autoridade é má — insistiu Mensur. — Então, e os direitos das mulheres, o que dizes de um

líder forte que defende as mulheres?

— Digo: muito obrigada, mas sei defender os meus próprios direitos sozinha. Não precisamos de uma autoridade superior para fazer isso por nós!

Ao dizer estas palavras, Shirin olhou para Selma, observando o lenço na cabeça e o casaco comprido e sem formas. Peri, sensível, como sempre, à negatividade das outras pessoas, percebeu que a aversão da sua mãe por Shirin era recíproca. A rapariga iraniano-britânica parecia acalentar desprezo por mulheres que cobriam a cabeça, um desprezo que não sentia necessidade de esconder.

— Venha, mãe. — Peri puxou Selma suavemente pelo braço, o que tinha a cicatriz da queimadura, recordação de um dia de lavagem de tapetes, anos antes. As duas deixaram-se ficar para trás.

Nos degraus da entrada do Museu Ashmoleano, mãe e filha viram um casal a beijar-se apaixonadamente. Peri corou como se tivesse, ela própria, sido apanhada nos braços do rapaz. Pelo canto do olho viu Selma fazer uma carranca. Aquela era a mesma mulher que não lhe ensinara absolutamente nada sobre sexo. Ainda se lembrava quando, em menina, um dia no *hamam*, perguntara o que era a coisa pendurada entre as pernas de um menino. A resposta de Selma fora dirigir-se intempestivamente à mãe do menino e lançar-lhe uma diatribe que não se ouviu por causa do barulho da água a correr nas fontes de mármore, mas que, a avaliar pelos seus gestos, deve ter sido dura. Peri sentira-se morta de vergonha, e culpada também, por ter tido curiosidade sobre uma coisa que, pelos vistos, não tinha o direito de saber.

Com o tempo, a curiosidade voltara a ser mais forte do que ela. Uma vez, perguntara à mãe se alguma vez pensara em fazer um

aborto, dado o longo intervalo entre as suas primeiras gravidezes e a última. Os pais podiam ter pensado que a família já estava completa e decidido não a ter a ela.

«Bom, foi embaraçoso. Eu tinha quarenta e quatro anos quando fiquei grávida de ti», disse Selma.

«Porque é que não abortou?», insistiu Peri.

«Na altura era ilegal, se bem que houvesse outras maneiras de o fazer. Mas é claro que isso teria sido um pecado. Eu disse para mim mesma: o pecado aos olhos de Alá é pior do que a vergonha aos olhos dos vizinhos, por isso levei a gravidez até ao fim.»

Peri nunca dissera à mãe que odiara aquela resposta. Pensara que a mãe diria qualquer coisa mais meiga: «Nunca pensei em pôr fim à gravidez, porque já te adorava», ou «Eu tinha combinado ir ter com uma mulher que me poderia ajudar, mas, na véspera, vi-te num sonho, uma menina de olhos verdes...». Como não foi o caso, Peri concluiu que era um bebé sanduíche, nascido entre o Pecado e a Vergonha: duas camadas de perdição.

Juntos, visitaram a residência universitária onde Peri viveria. O seu quarto ficava num edifício que dava para um pátio da frente, considerado património histórico e que, aos olhos dos Nalbantoğlus, mais parecia um museu do que um dormitório. Embora estivesse impressionada com os tetos altos, os painéis de carvalho e a intemporalidade da tradição, Peri ficou silenciosamente desiludida com o tamanho e a simplicidade do seu quarto. Um lavatório, um guarda-roupa, uma cómoda, uma cama, uma secretária, uma cadeira de braços e um armário. Mais nada — um contraste

surpreendente com o exterior espetacular —, mas, enfim, havia a liberdade excitante de viver sozinha pela primeira vez.

Quando desceram as escadas estreitas, chegando-se para o lado para deixar passar outros alunos, Shirin virou-se e piscou o olho a Peri.

— Se quiseses fazer amigos depressa, deixa a porta do teu quarto aberta. Assim, as pessoas entram para te dizer «olá». Uma porta fechada significa: «Afastem-se, não quero que me incomodem.»

— A sério? — sussurrou Peri, para os pais não ouvirem uma só palavra. — Mas como é que uma pessoa consegue estudar com interrupções?

Shirin soltou uma gargalhada, como se a ideia de estudar fosse a coisa mais cómica que tivesse ouvido nesse dia.

Durante o resto da tarde, Shirin mostrou aos Nalbantoğlus o edifício redondo da Câmara de Radcliffe, o Teatro Sheldoniano e o Museu de História da Ciência, com os seus instrumentos científicos antigos. A paragem seguinte era a Biblioteca Bodleiana. Shirin explicou que «a Bod», como os alunos e os professores lhe chamavam, tinha mais de 160 quilómetros de prateleiras subterrâneas. Em tempos, os alunos tinham de fazer a promessa solene de não roubar os livros. Nas bibliotecas de algumas das faculdades, ainda havia livros acorrentados, como na época medieval.

Mensur apontou para uma inscrição no brasão da parede.

— O que é que isto quer dizer?

— *Dominus illuminatio mea*, «O Senhor é a minha Luz» — disse Shirin, virando os olhos para o céu; Peri não conseguiu perceber se o fez sem querer ou se numa atitude trocista.

Reconhecendo mais o gesto do que propriamente as palavras, Selma deu uma cotovelada nas costelas do marido.

— Vês? Se uma universidade turca tivesse um letreiro igual a este, na parede, sobre Alá, ficarias furioso. Dirias que era um antro de fanáticos! Um campo de terroristas para bombistas suicidas! Mas, aqui, não tens nada contra as inscrições religiosas!

— Porque, na Europa, a religião tem um cunho diferente — respondeu Mensur em tom de menosprezo.

— Em que sentido? — ripostou Selma. — Religião é religião.

— Não é verdade. Algumas são mais... *religiosas* — disse Mensur, parecendo, até aos seus próprios ouvidos, uma criança amuada. — Olha, na Europa a religião não tenta dominar tudo e todos. A ciência é livre!

— A ciência floresceu no al-Andalus — retorquiu Selma. — O Üzümbaz Efendi explicou-nos isso, que Alá o abençoe. Quem é que achas que inventou a álgebra? E o moinho? E a escova de dentes? E o café? E as vacinas? E o champô? Os Muçulmanos! Quando os Europeus ainda mal se sabiam lavar, já nós tínhamos *hamams* maravilhosos, perfumados com água de rosas. Fomos nós que ensinámos a higiene aos ocidentais e agora eles querem-nos vendê-la de volta.

— O que é que interessa quem inventou o quê há mil anos? — argumentou Mensur. — Pergunta a ti própria, mulher, quem é que tem feito mais pela ciência!

— Mãe, pai, chega — murmurou Peri, morta de vergonha por uma desconhecida estar a assistir à discussão entre os seus pais.

Shirin, ou porque sentiu a tensão e quis deitar achas na fogueira, ou por pura coincidência, explicou que muitas das faculdades mais

antigas de Oxford tinham nascido de fundações monásticas cristãs. Peri não traduziu nada disso para turco.

Enquanto subiam as escadas da Biblioteca Bodleiana, Peri deteve-se para ler os nomes dos mecenas inscritos num quadro de latão. Desde tempos imemoriais, sem interrupções, os ricos e os poderosos apoiavam aquela magnífica coleção. Entristeceu-a pensar que, se aquela biblioteca tivesse sido construída em Istambul, por volta da mesma época, teria sido destruída, provavelmente mais do que uma vez, e reconstruída em cada ocasião com um estilo arquitetónico diferente e um novo nome, dependendo da ideologia dominante na época... até que, um dia, teria sido transformada em caserna militar e, depois, muito provavelmente, em centro comercial. Suspirou.

— Estás bem? — perguntou Shirin, postando-se mesmo ao seu lado.

— Sim, só gostava que houvesse bibliotecas tão bonitas como esta na Turquia — explicou Peri.

— Isso querias tu! A Europa imprime livros desde a Idade Média. Não sei ao certo quando é que o Médio Oriente começou a fazê-lo, mas sei, com toda a certeza, que estamos todos condenados... o Irão, a Turquia, o Egito. Tudo bem, têm uma cultura muito rica, música boa, ótima comida. Mas os livros são conhecimento e o conhecimento é poder, certo? Como é que se pode colmatar essa lacuna?

— Duzentos e oitenta e sete anos — disse Peri baixinho.

— O quê?

— Desculpa — disse Peri. — A imprensa de Gutenberg data de cerca de 1440. Uns quantos livros árabes foram publicados em Itália, no século XVI. Mas foi com Mütferrika, no Império Otomano,

que os muçulmanos começaram a imprimir livros, sob uma censura muito pesada, clara. Seja como for, a diferença é de aproximadamente duzentos e oitenta e sete anos.

— És mesmo esquisita — comentou Shirin. — Não tenho dúvidas de que vais sobreviver em Oxford.

— Achas? — perguntou Peri, sorrindo.

Como tinham sede, pararam para tomar café no Mercado Coberto, ali perto. Enquanto Peri e Shirin procuravam uma mesa, Mensur e Selma foram em busca da casa de banho, caminhando afastados um do outro.

— Por falar em lacunas, pelos vistos há uma bem grande entre os teus pais — disse Shirin, de repente. — O teu pai é todo de esquerda, certo? E a tua mãe...

— Eu não diria que ele é todo de esquerda, mas sim, é secularista... Kemalista, para quem sabe umas coisas sobre a Turquia. E a minha mãe é... — Tal como Shirin, também ela deixou a frase em suspenso. Lentamente, Peri catou um pedaço invisível de borboto da manga e rolou-o entre os dedos. Nunca conhecera ninguém tão direto e intrusivo, mas não se sentia tão ofendida como achou que se deveria sentir. Ainda assim, mudou de assunto. — Quer dizer que nasceste em Teerão?

— Sim, sou a mais velha de quatro raparigas. Coitado do *Baba*! Queria desesperadamente um rapaz, mas o Diabo enfiou-se à socapa na cama dele. O *Baba* fumava como uma chaminé, comia como um passarinho. «Está a matar-me», dizia ele. Referia-se ao regime e não a nós. Por fim, arranjou uma escapatória. A *Madarjan* não se queria ir embora, mas, por amor, aceitou. Fugimos para a Suíça. Já alguma vez lá foste?

— Não, é a primeira vez que saio de Istambul — disse Peri.

— A Suíça é agradável, demasiado agradável, aquele tipo de agradável xaroposo como caramelo derretido, se é que me entendes. Quatro anos da minha vida na pasmaceira de Sião. Podes não acreditar, mas uma vez ouvi uma rapariga queixar-se ao pai de que o supermercado não tinha os frutos silvestres preferidos dela! O mundo estava em polvorosa, pá, o Muro de Berlim tinha caído e ela para ali a falar de frutos silvestres?! Embora eu fosse uma miúda, até eu percebia que havia qualquer coisa de excitante no ar. Adoro quando caem muros, paredes. Tudo bem, a vida na Suíça era boa, mas demasiado lenta para o meu gosto. Desde então, tenho andado a todo o gás para compensar o tempo perdido.

Peri ouviu-a com uma expressão que mudou de curiosidade para deleite.

— Depois disso, fomos para Portugal. Eu gostei, mas o *Baba*, não. Sempre fumando, queixando-se. Dois anos em Lisboa e, quando eu já tinha aprendido português suficiente, zás! Façam as malas, meninos, vamos para Inglaterra, a Rainha espera-nos! Eu tinha catorze anos, pelo amor de Deus. Aos catorze anos, devíamos estar a lidar com os nossos dramas e não com os dramas da família. Seja como for, no ano em que chegámos, o *Baba* morreu. O médico disse que os pulmões se tinham transformado em carvão. Não achas estranho um médico usar uma metáfora? Tem a mania que é poeta ou quê? — Shirin tamborilou os dedos na mesa e examinou a manicure. — Inglaterra era um sonho do *Baba* e não meu, e aqui estou eu, tão britânica como uma tarte de melaço, mas tão deslocada como um bolo de tâmaras!

— Para ti, qual é a tua terra? — perguntou Peri.

— A minha terra? — Shirin chupou os dentes, em sinal de reprovação. — Deixa-me dizer-te uma regra universal: a nossa terra

é onde estiver a nossa avó.

Peri sorriu.

— Gosto dessa ideia. Onde está a tua?

— Sete palmos debaixo da terra. Morreu há cinco anos. Adorava-me, fui a primeira neta. Os vizinhos disseram que até ao último minuto de vida ela esperou que voltássemos para casa. É essa a minha casa! Enterrada com a *Mamani* em Teerão. Por isso, tecnicamente, não tenho casa.

— Hum... lamento... — disse Peri, pressentindo na sua própria hesitação uma incapacidade de acompanhar os extrovertidos, grupo ao qual Shirin pertencia claramente.

— Sabes como chamam ao cemitério de lá? O Paraíso de Zahra. É fixe, não é? Todos os cemitérios se deviam chamar «paraíso». É escusado incomodar o Todo-Poderoso com o Dia do Juízo Final e caldeirões a ferver e pontes fininhas e o diabo a quatro. Uma pessoa morre, vai para o paraíso e assunto encerrado!

Peri ficou imóvel, tão encantada quanto desconcertada. Teve a sensação de que a sua nova amiga, embora fosse da mesma idade, tinha vivido o dobro de si e visto mais do mundo do que a sua família toda. Peri nunca ouvira ninguém falar daquela maneira sobre a vida depois da morte. Nem sequer o pai, que frequentemente exprimia a sua aversão por todas as questões relacionadas com a fé.

Mensur e Selma iam-se embora daí a pouco. Por essa altura, já o casal tinha finalmente encontrado um ponto de concórdia: Shirin. Por motivos diferentes, mas com igual intensidade, a rapariga desagradara a ambos. Em separado, planeavam dizer à filha para se manter longe da rapariga iraniano-britânica. De certeza que seria uma má influência.

Cerca de uma hora depois, tendo dado voltas e voltas desnorteantes, acabaram a visita à frente da associação Oxford Union. Antes de se ir embora, Shirin deu um abraço a Peri, como se fossem velhas amigas que não se vissem há muito tempo. Usava um perfume tão inebriante e almiscarado, e tão intenso, que por um instante Peri se sentiu tonta, com a cabeça à roda.

Shirin explicou que os Ingleses, embora delicados e bem-educados, podiam ser demasiado reservados e cautelosos para um estrangeiro solitário num país novo, e Peri faria melhor em dar-se com outros estudantes internacionais ou com alunos com um *background* cultural misto, como ela.

— Nesse caso, vemo-nos por aí? — perguntou Peri.

O seu desejo era sincero. Embora se sentisse ligeiramente intimidada pela personalidade de Shirin, não podia deixar de admirar o seu tagarelar constante, a sua autoconfiança e audácia. Ansiamos sempre pelo que nos falta.

— Se nos vemos por aí? — ecoou Shirin, dando dois beijinhos a Selma e a Mensur, embora eles estivessem hirtos. — Podes crer que vemos! Esqueci-me de te dizer que estamos no mesmo edifício da residência universitária.

— A sério? — perguntou Peri.

— Sim. — Shirin sorriu de orelha a orelha. — Aliás, estás no quarto mesmo à frente do meu. E se te atreveres a fazer barulho, eu faço um escarcéu... estou a brincar. A Turquia e o Irão, vizinhos, tal como no mapa. Vamos ser grandes amigas. Ou grandes inimigas. Às tantas, ainda começamos uma guerra. A Terceira Guerra Mundial! Porque sabes que é isso que vai acontecer, não sabes? Vai haver outra guerra de merda, porque o Médio Oriente está completamente lixado... ups, desculpem o meu linguajar.

Depois, virando-se para os pais de Peri, alarmados, e deturpando-lhes o nome, Shirin anunciou:

— Senhor e senhora Naubaumetlu, não se preocupem com a vossa filha. Ela está em boas mãos. A partir de agora, vou encarregar-me de ficar de olho nela.

O silêncio

Oxford, 2000

Depois de os pais terem partido para a estação, Peri, com uma sensação de enjoo causada pela solidão, voltou para as escadas no pátio da frente da sua residência universitária. Por mais empolgante que fosse ter-se livrado das discussões e embirrações deles, pelo menos eram-lhe familiares e, na sua ausência, sentiu-se inquieta, como se lhe tivessem arrancado o tapete debaixo dos pés e obrigado a caminhar em terreno agreste. Agora que o orgulho e a excitação do dia se tinham desvanecido, foi assolada por um profundo desassossego. Percebeu que não estava tão pronta para a grande fase seguinte da sua vida como gostara de pensar. Contraíndo o corpo para enfrentar o vento, tão diferente da brisa salgada de um entardecer em Istambul, inspirou fundo e soltou lentamente o ar. O seu nariz procurou cheiros habituais: mexilhões fritos, castanhas assadas, *bagels* de sementes de sésamo, intestinos de carneiro grelhados, à mistura com os aromas das árvores-de-judas na primavera e das dafnes no inverno. Como uma feiticeira demente que se esquecera das fórmulas das suas poções, Istambul misturava odores improváveis no mesmo caldeirão: rançosos e doces, de revirar o estômago e fazer crescer água na

boca. Em Oxford, porém, o cheiro resinoso que pairava no ar parecia inabalável, fiável.

Subiu as escuras escadas de madeira até ao quarto, onde abriu as malas, tirou as roupas e as pendurou no armário, organizou as gavetas e dispôs as fotografias da família em cima da secretária. Colocou o diário sobre Deus ao lado da cama.

Levara consigo alguns dos seus livros preferidos, uns em turco, outros em inglês: *The Blind Owl*, de Sadegh Hedayet, *O Amor de Uma Boa Mulher*, de Alice Munro, *Dentes Brancos*, de Zadie Smith, *As Horas*, de Michael Cunningham, *O Deus das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy, *Tutunamayanlar*, de Oğuz Atay, *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, *An Artist on the Floating World*, de Kazuo Ishiguro.

«Porque é que lêes sempre autores ocidentais?», perguntou-lhe uma vez o único namorado que teve na vida.

Ela estava no liceu, na altura, no último ano, e ele, que era três anos mais velho, já andava na universidade, a estudar Sociologia. A acusação escondida na pergunta apanhara-a de surpresa. Na verdade, Peri lia literatura nacional e mundial. A sua tendência era para se perder em qualquer livro que lhe cativasse a imaginação e despertasse a curiosidade, independentemente da nacionalidade do autor. No entanto, em comparação com o namorado, cujas estantes exibiam títulos turcos — e uns quantos romances russos e sul-americanos, que ele dizia que não estavam *corrompidos*, porque não tinham sido escritos através da *lente distorcida do imperialismo cultural* —, a lista de leituras dela era demasiado europeia.

«Quando olho para ti, vejo a típica intelectual oriental em potência», dissera ele. «Apaixonada pela Europa, em desacordo com as suas raízes.»

Porque é que as raízes eram tão valorizadas em detrimento dos ramos ou das folhas era algo que Peri nunca percebera. As árvores tinham múltiplos rebentos e filamentos que se estendiam em todas as direções, por baixo e por cima dos solos vetustos da terra. Se até as raízes se recusavam a ficar imóveis no mesmo lugar, porquê esperar o impossível dos seres humanos?

Ainda assim, embeijada por ele, Peri sentira uma pontada de culpa. Embora fosse uma leitora mais ávida do que o namorado, parecia que tinha desperdiçado o seu tempo a vaguear pelas ruazinhas e vielas da Cidade dos Livros, tentada pelos seus cheiros e sabores. Esforçara-se, durante uns tempos, por não gastar dinheiro em títulos ocidentais, mas a sua nova resolução fora rapidamente por água abaixo. Um bom livro era um bom livro e era só isso que importava. E, por mais que fizesse, não conseguia compreender a atitude reacionária em relação à leitura. Em muitas partes do mundo, uma pessoa era o que dizia e o que fazia e também o que lia; na Turquia, bem como em todos os países atormentados por questões de identidade, uma pessoa era, acima de tudo, o que rejeitava. Parecia que, quanto mais as pessoas falavam sobre um autor, menos provável era que tivessem lido os seus livros.

No fim, a sua relação com o rapaz, minada mais pelas suas atitudes divergentes em relação à intimidade do que pelos seus gostos divergentes em literatura, acabara. Havia um tipo de namorado no Médio Oriente que se irritava se uma rapariga rejeitasse as suas investidas sexuais; no entanto, assim que ela começasse a reagir apaixonadamente aos desejos dele, perdia o valor aos seus olhos. Presa por dizer «não» e presa por dizer «sim». Fosse como fosse, era uma batalha perdida.

Assim que acabou de arrumar o quarto, Peri abriu a janela chumbada com vista sobre os relvados imaculados do jardim. Uma sensação de vazio pairava no ar, turvando os contornos de todas as formas perceptíveis ao longe. Fixando as sombras das árvores ali perto, estremeceu como se um espírito ou um *jinni*, apiedando-se da sua solidão, tivesse roçado em si muito ao de leve. Seria o bebê na bruma? Não lhe pareceu. Não o via há bastante tempo. Provavelmente fora um fantasma inglês. Oxford parecia um lugar onde fantasmas, desinibidos e não necessariamente assustadores, se podiam deslocar à vontade.

A primeira coisa que impressionou Peri em Oxford foi o silêncio. Essa era, e assim seria durante meses, a única peculiaridade à qual lhe custou habituar-se: a ausência de barulho. Istambul era desavergonhadamente ruidosa, de dia e de noite; mesmo quando uma pessoa baixava os estores, fechava as cortinas, punha tampões nos ouvidos e puxava os cobertores para o queixo, o ruído, muito pouco atenuado, penetrava as paredes, infiltrando-se no sono. Os últimos gritos dos vendedores de rua, o retumbar das carrinhas noturnas, as sirenes das ambulâncias, os barcos no Bósforo, as rezas e as profanidades — que se multiplicavam ambas depois da meia-noite — ficavam suspensos no vento, recusando-se a esmorecer. Istambul, tal como a natureza, detestava um espaço vazio.

Sentando-se na cama, Peri sentiu um aperto no peito. A ansiedade dos pais parecia ter-se apoderado de si, se bem que por motivos diferentes. Sentia-se uma impostora. Temia nunca ter êxito ali, entre alunos que estavam certamente muito mais bem preparados do que ela e sabiam exprimir-se melhor. O inglês que aprendera no liceu, e que aperfeiçoara através de longas noites de

leitura solitária, poderia não ser suficiente para acompanhar algumas das cadeiras mais avançadas de Filosofia, Política e Economia. Embora se esforçasse por o esconder o melhor possível, o medo de Peri de fracassar era profundo. Sentiu um nó na garganta. Ficou surpreendida ao ver a rapidez com que os olhos se lhe encheram de lágrimas, que, quando caíram, eram quentes e familiares e, de certo modo, sem um pinga de tristeza.

Uma pancada na porta catapultou-a para o instante presente. Sem esperar pela resposta, a porta abriu-se e Shirin entrou no quarto.

— Olá, vizinha!

Peri fungou sem querer e sorriu, tentando recompor-se.

— Eu disse-te para deixares a porta aberta. — Shirin postou-se no meio do quarto, de mãos nas ancas. — É por causa de um rapaz?

— O quê?

— Estás a chorar. Acabaste com o teu namorado?

— Não.

— Ótimo, nunca chores por causa de um homem. Então, o que foi? Acabaste com uma namorada?

— O quê? Claro que não!

— Calma, calma — disse Shirin, lançando as mãos ao ar, fingindo que pedia desculpa. — Já percebi que és tão hétero e rígida como esparguete seco. Eu sou mais flexível como massa cozida.

Peri arregalou os olhos.

— Se essas lágrimas não são por causa de uma paixão, então deves estar com saudades de casa — concluiu Shirin, inclinando a cabeça. — Sorte a tua!

— Sorte a minha?

— Sim, se tens saudades de casa significa que tens uma casa, algures.

Shirin afundou-se na cadeira de braços junto da secretária e tirou do bolso um frasco de verniz, de um vermelho tão garrido que várias criaturas tinham certamente sido chacinadas para o seu fabrico.

— Importas-te?

Mais uma vez sem esperar pela resposta, descalçou os chinelos e começou a pintar as unhas dos pés. Um cheiro químico pungente permeou o ar.

— Então, agora que os teus pais já se foram embora, posso fazer-te umas perguntas? — disse Shirin. — És religiosa?

— Eu? Nem por isso... — respondeu Peri penosamente, como se revelasse uma coisa que tivesse demorado bastante tempo a perceber. — Mas preocupo-me com Deus.

— Hum... Preciso de mais do que isso. Por exemplo, comes porco?

— Não!

— E vinho, bebes?

— Sim, às vezes, com o meu pai.

— Aha, bem me pareceu. És metade-metade.

Peri franziu o sobrolho.

— O que é que isso quer dizer?

Mas Shirin já não a escutava. Parecia procurar qualquer coisa nos bolsos. Incapaz de a encontrar, franziu o nariz, levantou-se e foi ao seu quarto do outro lado das escadas, equilibrada nos calcanhares para não estragar a pintura das unhas dos pés.

Curiosa e ligeiramente irritada, Peri seguiu Shirin até ao quarto dela, que tinha a porta escancarada. Deteve-se de imediato,

estupefacta com o caos que se lhe deparou. Espalhados em todos os cantos estavam estojos de maquilhagem, cremes do rosto, luvas de renda, frascos de perfume, maçãs meio comidas, papéis de rebuçados, sacos de batatas fritas vazios, latas de Coca-Cola amolgadas, livros e páginas arrancadas de revistas. Algumas dessas páginas tinham sido coladas nas paredes, ao lado de um póster dos Coldplay e de uma fotografia a preto e branco de uma mulher morena com ar provocante a ler Forough Farrokhzad. Na outra ponta do quarto, um enorme póster de Nietzsche, com o seu generoso bigode, fitava-a intensamente. Ao lado, estava o que parecia ser uma fotocópia ampliada e colorida de uma iluminura persa, com uma moldura em dourado reluzente. Por baixo dela estava Shirin, vasculhando uma mochila.

— O que é que quiseste dizer com «metade-metade»? — repetiu Peri.

— Metade muçulmana, metade moderna. Não suportas porco, mas gostas de vinho, ou de vodka ou tequila... tu percebes a ideia. Muito descontraída no que toca ao Ramadão, jejuas de vez em quando, mas, pelo meio, vais comendo. Não abandonas a religião, porque nunca se sabe se não haverá vida depois da morte, mais vale jogar pelo seguro. Também não queres abdicar de certas liberdades. Um pouco disto, um pouco daquilo. A grande fusão dos nossos tempos: *Muçulmanus modernus*.

— Ei, assim fico ofendida — protestou Peri.

— É claro que ficas. Um *Muçulmanus modernus* fica sempre. — Dito isto, Shirin tirou da mochila um frasco transparente, o verniz para dar brilho, e exclamou: — Encontrei!

Peri lançou um olhar carrancudo a Shirin.

— Se eu sou assim como dizes, então e tu como és?

— Oh, minha irmã, eu sou só uma criatura errante — respondeu Shirin. — Não encaixo em lado nenhum.

Enquanto aplicava uma camada de brilho nas unhas, Shirin começou a atacar os fanáticos e os hipócritas e os conformistas e os ignorantes. Como um rio, as ideias dela jorravam, palavras líquidas, fervilhantes, salpicantes, penetrantes. Disse que, aos seus olhos, as pessoas que criam ou descrevem com verdadeira paixão eram igualmente dignas de respeito. O que não suportava eram aquelas que não pensavam. Os macacos de imitação, como lhes chamava.

No silêncio que se seguiu, Peri sentiu-se dividida. Uma parte de si não gostava da fanfarronice argumentativa de Shirin. Sentia a raiva da rapariga, mas em relação a quê — a sua terra-mãe, o pai, a religião, os mulás do Irão — não conseguia perceber. Outra parte de si gostava de ouvir Shirin, captando no seu solilóquio ecos da voz do seu pai. Fosse como fosse, não era aquele o tipo de conversa que esperara ter no primeiro dia longe de casa. Queria conversar sobre as aulas, os professores, onde tomar café, onde comprar as melhores sanduíches, os pormenores da vida quotidiana em Oxford.

Começou a chover; o tamborilar suave e constante da chuva inundou o quarto. O som deve ter tido um efeito balsâmico em Shirin, porque, quando voltou a falar, a sua voz, embora ainda estivesse imbuída de emoção, parecia mais calma.

— Desculpa bombardear-te com as minhas tretas. Aquilo em que decides acreditar só te diz respeito a ti, não é da minha conta. Não sei porque é que me inflamei assim.

— Não tem mal — disse Peri. — Mas ainda bem que a minha mãe não está aqui.

Shirin riu-se, um riso alegre, quase infantil.

— Conta-me coisas sobre os outros alunos — pediu Peri. — São todos muito inteligentes?

— Achas que toda a gente que anda em Oxford é o Einstein? — Shirin resfolegou ao dizer a última palavra. — Ouve, os alunos são como os batidos, vêm em diferentes sabores. Eu diria que há cá cerca de seis tipos de estudantes.

Em primeiro lugar, havia os tipos da justiça socioambiental. Faladores, sérios, exaltados, mergulhados em campanhas para salvar as florestas tropicais no Bornéu ou os monges budistas perseguidos no Nepal, explicou Shirin. Eram fáceis de identificar, com as suas camisolas de lã largueironas, colares de contas, maus cortes de cabelo, calças de ganga com as bainhas dobradas, expressões decididas e esferográficas e blocos de notas, sempre equipados para recolher assinaturas. Organizavam vigílias noturnas e, durante o dia, afixavam panfletos em toda a parte e embrenhavam-se em debates inflamados, uns atrás dos outros. Adoravam fazer os outros sentir-se culpados por não participarem numa coisa maior e mais importante do que a sua vidinha mesquinha.

Em segundo, havia os europeus ricos. Vinham de famílias europeias abastadas que aparentemente se conheciam todas entre si; nas férias, iam esquiar para as mesmas estâncias e voltavam a exhibir o bronzeado e as suas fotos. Praticavam uma forma sofisticada de endogamia e só namoravam uns com os outros. Durante longos pequenos-almoços, consumiam pães com montes de manteiga e, no entanto, continuavam magros. Adoravam queixar-se de que os croissants não eram frescos e os cappuccinos eram falsos, e não paravam de falar sobre o tempo.

Em terceiro, o pessoal dos colégios privados. Tinham uma vida social muito seletiva. Criavam grupinhos à velocidade da luz, escolhendo os amigos em grande parte com base nos colégios em que tinham andado. Dotados de abundantes doses de energia e confiança, lançavam-se numa série de atividades extracurriculares. Praticavam remo, canoagem, esgrima, teatro; jogavam críquete, golfe, ténis, rãguebi, polo aquático e faziam *t'ai chi* ou karaté nas horas vagas. Tanta ação devia deixá-los cheios de sede, porque se reuniam em «confrarias alcoólicas», vestindo-se de smoking e afogando-se em álcool, divertindo-se com a exclusão de todos aqueles que não viessem do mesmo estrato social e que, por conseguinte, não podiam tornar-se membros dos seus clubes. Era preciso ser-se nomeado para entrar e qualquer candidato podia levar com um voto contrário.

Depois, havia os estudantes internacionais: indianos, chineses, árabes, indonésios, africanos... A maior parte deles recaía em dois subgrupos. Aqueles que, como ímanes que se atraíam entre si, procuravam o familiar. Comiam, estudavam, fumavam e passavam o tempo em grupos onde pudessem falar a sua língua materna. E havia aqueles que faziam exatamente o oposto, tentando distanciar-se o mais possível dos seus compatriotas. Estes últimos eram os que tinham os sotaques mais voláteis, que mudavam drasticamente, na tentativa de parecerem mais britânicos ou, por vezes, americanos.

Em quinto, vinham os totós. Sérios, estudiosos, inteligentes, inquiridores, dignos de respeito, mas impossíveis de ter como amigos. Em Matemática, Física, Filosofia, brotavam como cogumelos, preferindo os seus cantos sossegados e sombrios aos espaços soalheiros. Estudavam com um afinco que raiava a

neurose. Destacavam-se até numa multidão, caminhando energicamente da biblioteca para as aulas, desejosos de discutir assuntos com os professores nos claustros, mas, fora isso, perfeitamente satisfeitos com a sua solidão; na verdade, estavam mais à vontade na companhia dos livros do que dos colegas no bar da faculdade ou na sala dos alunos.

Enquanto ouvia Shirin, Peri foi inundada por uma excitação entretecida de ansiedade. Sentia-se preparada e, ao mesmo tempo, receosa de descobrir aquele mundo novo que requeria que ela tivesse força para nele entrar.

— Como é que sabes isto tudo?

Shirin riu-se.

— Porque já namorei com rapazes... e raparigas... de cada grupo.

— Já namoraste... com raparigas?

— Claro. Posso gostar de uma mulher, posso gostar de um homem. Estou-me nas tintas para os rótulos.

— Ah! — disse Peri, constrangida. — Bom... hum, então é a sexta categoria?

— Aha! — exclamou Shirin, com os olhos escuros iluminados por pintinhas cor de âmbar. — Esses são os que cá chegam de uma maneira e depois se tornam outra coisa completamente diferente. Desabrocham. Patinhos feios transformados em cisnes; abóboras em carruagens; Gatas Borracheiras em heroínas. Para alguns alunos, Oxford funciona como uma varinha mágica, toca-lhes e ta-rã! Transformam-se de sapo em príncipe.

Peri abanou a cabeça.

— Como?

— Bom, acontece de várias maneiras, mas geralmente é graças a alguém... regra geral, um professor. Alguém que os desafia e os faz perceber quem realmente são.

Houve qualquer coisa no tom de Shirin que intrigou Peri.

— Foi o que te aconteceu a ti?

— Sim, foi isso mesmo! Eu pertenço à sexta categoria — disse Shirin. — Há um ano, não me terias reconhecido. Era uma bola de raiva.

— E o que é que aconteceu?

— O Professor Azur! — respondeu Shirin. — Ele abriu-me os olhos. Ensinou-me a olhar para dentro. Hoje, sou uma pessoa mais calma.

Se aquela era a versão mais calma, Peri nem queria saber como seria a Shirin de antigamente.

— Quem é o Professor Azur? — perguntou.

— Não sabes? — Shirin estalou os lábios como se tivesse um doce na língua. — Azur é uma lenda viva aqui em Oxford!

— O que é que ele ensina?

Um sorriso perpassou o rosto de Shirin.

— Deus.

— A sério?

— A sério — respondeu Shirin. — Ele próprio é um bocado como Deus. Publicou nove livros e está sempre a participar em debates e conferências. Deixa-me dizer-te que é uma celebridade. No ano passado, a revista *Time* nomeou-o entre as cem pessoas mais influentes no mundo.

Lá fora, levantava-se um vento forte, que fez com que uma janela se abrisse e fechasse de rompante, algures no edifício.

— Era difícil como o caraças ser aluno dele! — continuou Shirin.
— Bolas, ele obrigava-nos a ler imenso! Era de loucos! Todo o tipo de coisas estranhas: poesia, filosofia, história. Eu até gosto dessas coisas, não me interpretes mal, porque é que haveria de estar em Letras se não gostasse, não é? Mas ele desencantava uns textos que ninguém conhecia e mandava-nos debatê-los. Apesar de tudo, era divertido. Quando acabei, não era a mesma pessoa.

Peri reparou que, quando Shirin começava a falar, nunca mais se calava, como um carro com uma falha nos travões, incapaz de abrandar, muito menos parar, a não ser por intermédio de uma força externa. Ela continuou:

— Devias pensar em fazer esse seminário como opção. Bom... se o Azur te deixar. É difícil convencê-lo. É mais fácil obrigar um camelo a saltar por cima de uma vala.

Peri sorriu.

— Temos o mesmo provérbio na Turquia. Porque é que é tão difícil entrar para a turma do seminário dele?

— Tens de ser elegível. Isso significa que tens de discutir essa possibilidade com o teu conselheiro académico, etc. Se ele aprovar, vais falar com o Azur, o que é um bocado complicado. O homem é difícil de agradar. Faz umas perguntas estranhíssimas.

— Sobre?

— Deus... o bem e o mal... a ciência e a fé... a existência e a mortalidade... — Shirin franziu o sobrolho, procurando mais palavras. — Tudo. É como se fosse uma audição. Nunca percebi o que é que ele procura. No fim, escolhe só um punhado de alunos.

— Pelos vistos, passaste nas duas seleções — comentou Peri, sentindo algo parecido com inveja invadir-lhe a garganta, sem qualquer motivo.

— É verdade — confirmou Shirin, com um orgulho na voz impossível de ignorar.

Seguiu-se um breve silêncio.

— Ainda estou com ele pelo menos uma vez por semana, para me aconselhar — falou Shirin, incapaz de ficar calada durante mais do que um minuto. — Na verdade, sou um bocado maluca por ele. É absurdamente giro. Não, não é só giro. É sexy!

Peri endireitou-se na cadeira, sem saber como reagir. À superfície, vinham ambas de países muçulmanos e culturas semelhantes. No entanto, ela era tão diferente daquela rapariga que parecia, em todos os sentidos, perfeitamente à vontade consigo própria e com a sua sexualidade.

— Uau, pelos vistos, tens uma paixoneta pelo teu professor — disse Peri, e não pôde deixar de acrescentar: — Isso não está errado?

Shirin lançou a cabeça para trás e soltou umas ruidosas gargalhadas.

— Oh, está muito, muito errado. Prendam-me por ordem de Sua Majestade!

Embaraçada com a sua ingenuidade, Peri encolheu os ombros.

— Bom... o seminário parece interessante. Mas tenho de me concentrar noutras coisas.

— Quer dizer que estás demasiado ocupada a ser mortal — comentou Shirin, fixando o seu olhar penetrante na sua nova amiga. — Deus terá de esperar.

Embora a intenção fosse jocosa, o comentário de Shirin foi tão inesperado e vigoroso que perturbou Peri. Desviou os olhos para a janela e para o céu cor de ardósia, no qual se esbatiam os últimos vestígios de luz. O vento, a chuva, a portada de uma janela a bater,

o friozinho invernal que se sentia, embora estivessem ainda no início do outono... Perí lembrar-se-ia de todos esses pormenores durante muitos anos. Foi um momento decisivo na sua vida, embora ela só tomasse consciência disso *a posteriori*.

O passatempo

Istambul, 2016

Os hors d'oeuvres desapareceram por entre efusivos elogios ao chefe de cozinha. Puré de beringela fumada, galinha circassiana com alho e nozes, alcachofra com favas, flores de curgete recheadas, polvo grelhado com molho de manteiga e limão. Quando Peri viu este último, uma sombra perpassou-lhe o rosto. Havia muito que deixara de considerar polvo como comida e afastou-o suavemente com o garfo.

Tendo debatido exaustivamente as intrigas do mundo do futebol, os convidados viraram a sua conversa para o segundo tópico preferido dos jantares de Istambul: política. E a pergunta inevitável que vinha à baila sempre que mais do que três turcos se reuniam foi inevitavelmente feita: «Para onde é que nos encaminhamos?»

Peri achava que havia qualquer coisa de hipócrita na classe capitalista, naquela parte do mundo. Por fora, eram pretensamente conservadores e a favor do *statu quo*; por dentro, fervilhavam de fúria e frustração. Como as suas personalidades públicas e privadas quase não se misturavam, os membros da elite — especialmente da elite dos negócios — passavam uma vida inteira a olhar por cima do ombro. Publicamente, guardavam os seus pensamentos para si,

abstendo-se de falar sobre política, a menos que tivessem de o fazer e, nesse caso, confinavam-se a uns quantos comentários inócuos e nada mais. Deambulavam pela sociedade com um ar de indiferença, como clientes a passear diante de lojas sem aparente interesse. Quando se cruzavam com alguma coisa que os incomodava, o que acontecia com frequência, fechavam os olhos, tapavam os ouvidos, selavam a boca. Porém, entre as paredes das suas casas, a máscara de despreocupação caía e eles passavam por uma metamorfose. A apatia transformava-se em descaramento, os murmúrios em gritos, a discrição em temeridade. Em festas particulares, a burguesia de Istambul não se cansava de arengar sobre política, como que para compensar o seu silêncio no exterior.

Em Oxford, Peri estudara a maneira como a burguesia no Ocidente, com os seus valores liberais e individualistas e a sua oposição ao feudalismo, tinha desempenhado um papel progressista no decorrer da História. Na Turquia, a classe capitalista era uma resposta tardia, o epílogo de uma crónica por contar. Aos olhos de Marx, a burguesia criara um mundo à sua própria imagem. Se o *Manifesto Comunista* tivesse sido escrito na e sobre a Turquia, a tese provavelmente teria sido um pouco diferente. Notoriamente evasiva, a burguesia local cedera à cultura que a rodeava. Como um pêndulo que nunca descansava, oscilava entre um elitismo que se autoaprovava e um estatismo que se autoapagava. O Estado — com maiúscula — era o princípio e o fim de tudo. Como uma nuvem de trovoadas no céu, a autoridade do Estado pairava sobre todas as casas do país, fossem elas uma vivenda grandiosa ou uma humilde barraca.

Peri olhou para os rostos à volta da mesa. Os ricos, os aspirantes a ricos e os ultrarricos eram todos igualmente inseguros.

Grande parte da sua paz de espírito dependia dos caprichos do Estado. Até os mais poderosos tinham medo de perder o controlo, até os mais abastados tinham pavor de passar dificuldades. As pessoas deviam acreditar no Estado pela mesma razão que deveriam acreditar em Deus: medo. A burguesia, apesar do seu *glamour* e ostentação, parecia uma criança com medo do pai: o eterno patriarca, o *Baba*. Por entre a incerteza, a burguesia local, ao contrário dos seus equivalentes na Europa, não tinha nem audácia nem autonomia, nem tradição nem memória, encurralada entre o que devia ser e o que desejava ser. «O que não é muito diferente do que me acontece a mim», pensou Peri.

Os cheiros a velas e a especiarias, misturados uns nos outros, assentavam por cima deles como um denso banco de nevoeiro. O ar na sala parecia mais pesado e quente, apesar de um vento fresco que soprava do terraço, onde uns quantos homens tinham ido fumar. A tensão existente entre alguns dos convidados não passou despercebida a Peri. A política transformava amigos em inimigos. O oposto também era verdade: a política unia pessoas que, de outra maneira, pouco tinham em comum, fazendo de adversários camaradas.

No quarto de hora que se seguiu, enquanto consumiam as entradas, as posturas alteraram-se, os rostos endureceram, os sorrisos tornaram-se mais sérios. Com pontos de exclamação a pontuar as suas afirmações, conversaram sobre o futuro da Turquia. Como o futuro da Turquia estava dependente do futuro do mundo, conversaram também sobre a América, a Europa, a Índia, o Paquistão, a China, Israel, o Irão. Desconfiavam claramente de todos eles, embora de alguns mais do que outros. Lobbies sinistros e as suas marionetas maquinavam contra a Turquia, imperialistas

manipulavam os seus lacaios, mãos escondidas que controlavam tudo à distância. Discutiam relações internacionais com o tipo de cautela que reservavam para os snifadores de cola e os drogados na rua, esperando a qualquer instante ser atacados e assaltados.

Peri ouviu em silêncio, embora, no seu âmago, se sentisse tomada por um emaranhado de emoções. Estava mortinha por voltar para casa e ficar sozinha, debaixo de um cobertor, a ler um livro. Uma parte de si tinha vergonha de não saber desfrutar do serão, da comida deliciosa, do bom vinho; e de não ser divertida, como a filha lhe lembrava tantas vezes. A outra parte, todavia, queria embebedar-se, ir à casa de banho e partir o aquário. Ainda se recordava vividamente da história do seu pai: cardumes de peixes negros como breu a mordiscarem os versos de um poema e os olhos de um poeta.

Era assim que se sentia nessa noite: Istambul mordiscava-lhe a alma.

A corredora

Oxford, 2000

Ser aluna de Oxford teve dois efeitos imediatos em Nazperi Nalbantoğlu. O primeiro foi cinematográfico. Com os seus edifícios antigos e jardins serenos, torres imponentes e muros com ameias, salões de jantar formais e capelas majestosas, Oxford evocava uma sensação de abertura, beleza e intento, como se cada pormenor fizesse parte de um panorama bem concebido: uma história fílmica, em que ela, a caloira, era a estrela. Um sentimento de excitação. A expectativa de que ia acontecer alguma coisa importante, sendo ela a protagonista.

Muitas manhãs, Peri acordava jubilosa, a transbordar de energia e ambição, como se não houvesse nada que não pudesse conquistar, desde que se esforçasse. Depois de se licenciar, tencionava ficar no meio universitário e arranjar emprego numa instituição internacional de renome. Ganharia muito dinheiro e compraria um casarão à beira-mar para os pais; eles ocupariam um piso cada um e nunca teriam de discutir. Decidida a deixar o pai orgulhoso, imaginava já o seu diploma emoldurado, polido e pendurado na parede da sala deles, ao lado do retrato de Atatürk. À

noite, quando Mensur fizesse um brinde ao herói nacional, louvaria também as conquistas da filha.

O segundo efeito que Oxford teve em Peri foi o oposto do primeiro. Claustrofóbico. Peri fechou-se dentro de si de uma maneira peculiar, quase uma evasão; aquele lugar era demasiado complexo para ela digerir e só conseguia decifrá-lo aos pedacinhos. Nessas manhãs, tornava-se introvertida, encurralada dentro da sua cabeça, intimidada pela dificuldade das aulas ou pelos modos dos professores e a formalidade que eles diziam ser crucial para o estudo universitário.

Rapidamente aprendeu que não era fixe ter sweatshirts e peluches com o nome da universidade estampado; eram só para os turistas, embora ela não tivesse resistido a comprar uma caneca. Quando voltasse a casa, para o casamento do irmão, tencionava levá-la consigo para oferecer à mãe. Provavelmente, Selma exibí-la-ia na sua prateleira, ao lado dos cavalos de porcelana e dos livros de preces islâmicas.

Um dia de manhã, quando a Lua ainda ia alta no céu, Peri observou da sua janela uma aluna — de auscultadores nos ouvidos e faces coradas — a correr no pátio. Ela própria já tentara fazer o mesmo umas quantas vezes em Istambul, apesar dos obstáculos que a cidade espalhava pelo caminho. Ali era um privilégio, ou uma espécie de privilégio, não ter de se preocupar com passeios partidos, buracos nas estradas, assédio sexual, carros que não abrandavam, nem sequer nas passadeiras. Nesse mesmo dia, comprou umas sapatilhas.

Depois de umas quantas tentativas e erros, encontrou o seu percurso ideal. Atravessaria a High Street perto de Magdalen Bridge, correria ao longo de Merton Field, através de Christ Church

Meadow e voltaria por Addison's Walk, dependendo da energia. Às vezes, as pedras da calçada pareciam rolar debaixo dos seus pés e tinha a sensação de que, no fim de uma daquelas ruazinhas pitorescas, encontraria um portal para outro século. Entrar no ritmo era a parte mais difícil, mas, assim que conseguia, era capaz de continuar durante quase uma hora. Depois de ter corrido durante um bom bocado, com o cabelo colado ao pescoço e o coração a galopar tanto que até doía, sentia-se como se tivesse entrado noutro espaço, um limiar entre os vivos e os mortos. Tinha noção de que, sendo tão jovem, pensava demasiado na morte.

Em Oxford, muitas pessoas corriam: professores, alunos, funcionários. Percebia-se facilmente as que apreciavam o exercício físico e as que o consideravam um fardo e o faziam só porque tinham prometido a alguém — ao médico, ao companheiro — porem-se em forma. Peri tinha inveja dos corredores que eram claramente melhores do que ela, mas, acima de tudo, estava satisfeita com a sua performance: todos os dias da semana, sem falta. Quando tinha de trabalhar de manhã, corria depois de anoitecer. Se os serões estivessem preenchidos, obrigava-se a sair da cama ao nascer do Sol. Umas quantas vezes, demasiado esporadicamente para que se tornasse um hábito, foi correr muito tarde, para desanuviar, a noite tão silenciosa que não se ouvia nada, a não ser os seus pulmões roucos, enquanto corria a toda a velocidade pelo centro da cidade. Dizia para si própria que aquela autodisciplina de ferro lhe seria benéfica, não só a nível físico mas também emocional.

Quando por acaso corria ao mesmo ritmo que outra pessoa, perguntava-se o que estaria ele ou ela a pensar. Talvez nada. Para Peri, aquele era o único momento em que conseguia silenciar as

suas ansiedades e dispersar os seus medos. Correndo velozmente pelos prados, inspirando o ar húmido, que a qualquer instante se podia transformar em chuva, sentia uma leveza do ser como nunca antes sentira na vida, como se ela — Peri, Nazperi, Rosa — não tivesse colecionado as suas preocupações durante tantos anos, da mesma maneira que outras pessoas colecionavam papéis de embrulho dourados e selos estrangeiros; sentia-se um espírito jovem, como se não tivesse passado nem memória desse passado.

O pescador

Oxford, 2000

Semana dos Caloiros, era assim que lhe chamavam. Antes de o primeiro período começar a sério, em outubro, um sem-fim de acontecimentos sociais e de diversão tinha sido encaixado nuns quantos dias, para ajudar os alunos mais novinhos a conhecer a universidade, a cidade e os seus arredores, a fazer amizades — e possivelmente inimizades — e a libertar-se do nervosismo tão depressa como uma árvore *gingko biloba* perde as suas folhas com a primeira geada. Churrascos, reuniões com professores, concursos de culinária e comezaina, lanches, bailes, karaoke e mascaradas... Com a sua T-shirt de caloira, Peri deambulou e conversou com alunos e funcionários. Quanto mais falava com as pessoas, mais se convenciu de que toda a gente sabia o que fazia, toda a gente menos ela.

Peri descobrira que a universidade — decidida a mudar a sua imagem de coutada de uns quantos privilegiados e a criar uma diversidade de alunos e ambiente — anunciara recentemente um esquema de bolsas, para incentivar a candidatura de estudantes oriundos de meios desfavorecidos. Perscrutou os rostos à sua volta

e detetou uma variedade de etnias e nacionalidades, mas era difícil discernir a sua situação económica.

Reparou que, por detrás do frenético bulício, havia uma subtil troca de olhares. Um rapaz em especial parecia interessado nela. Alto, de queixada forte e cabelo louro muito curto, ombros pujantes e postura triunfal — da natação ou do remo, calculou ela —, sorriu-lhe como um gourmet sorriria ao ver um prato exótico.

— Fica longe dele — disse uma voz ao ouvido de Peri.

Instintivamente, Peri virou-se e viu uma rapariga de lenço na cabeça, com as sobrancelhas em forma de arco e os olhos debruados com Kohl negríssimo. Usava um brinco no nariz em forma de crescente de prata em miniatura.

— Clube de Vela da universidade, extremamente popular — explicou a rapariga. — Anda à pesca de caloiras.

— Desculpa?

— Aquele tipo, ali, parece que todos os anos faz a mesma coisa. Depois, anda por aí a gabar-se de quantos peixes apanhou numa semana. Disseram-me que está a tentar quebrar o recorde do ano passado.

— Quer dizer que os peixes são... raparigas?

— São. A ironia é que algumas raparigas não se importam nada de ser tratadas como peixes reluzentes e estúpidos, todas embonecadas. — Um tom trocista infiltrou-se-lhe na voz. — É difícil quebrar as grilhetas, quando algumas de nós adoram estar acorrentadas.

Peri arregalou os olhos, tentando imaginar qual seria o aspeto de um peixe agrilhado.

— Se perguntares às pessoas daqui quem é que precisa do feminismo — continuou a rapariga —, respondem-te: «As mulheres

do Paquistão, da Nigéria, da Arábia Saudita, mas não da Grã-Bretanha, superámos esses problemas todos! Em Oxford é que não, certo?» Mas a realidade é bem diferente. Sabias que as estudantes do sexo feminino têm resultados invulgarmente maus em Oxford? Há um abismo enorme entre os sexos no que toca às notas dos exames. Uma caloiria em Oxford precisa tanto do feminismo como uma mãe camponesa no Egito rural! Se concordas comigo, assina a nossa petição. — Ofereceu-lhe uma caneta e um papel que dizia: «Brigada Feminista de Oxford» no cabeçalho.

— Hum... e tu és feminista, então? — perguntou Peri cautelosamente, com dificuldade em conciliar o termo com o visual da rapariga.

— É claro que sou — disse a rapariga. — Sou uma feminista muçulmana e, se algumas pessoas acham que isso é impossível, o problema é delas e não meu.

Enquanto Peri assinava a folha, de repente lembrou-se do seu ex-namorado na Turquia. Não só era contra ler literatura europeia, mas também contra todos os tipos de ideologias ocidentais, sendo o feminismo a pior ameaça de todas. «Uma desculpa para afastar as nossas irmãs da verdadeira questão: o conflito de classes.» Não era preciso um movimento à parte para as mulheres, porque o fim da exploração económica acabaria automaticamente com todos os tipos de discriminação. A emancipação das mulheres viria com a emancipação do proletariado.

— Obrigada — disse a rapariga, recuperando o papel e a caneta. — Já agora, chamo-me Mona. E tu?

— Peri.

— Gostei de te conhecer — disse Mona. O seu sorriso era radioso.

Peri ficou a saber que Mona era americana de origem egípcia. Nascida em Nova Jérсия, mudara-se com a família para o Cairo quando tinha cerca de dez anos. «As crianças devem ser criadas na cultura muçulmana», dissera o pai. Anos depois, tendo descoberto que a vida no Egito era mais dura do que pensavam — ou que, no fundo, eram americanos de gema —, tinham regressado aos Estados Unidos da América. Era o seu segundo ano em Oxford e ia mudar de disciplinas para se concentrar na Filosofia. A mãe usava o véu, disse ela, mas a sua irmã mais velha, não. «Fizemos diferentes escolhas na vida.»

Além de defender o feminismo, Mona estava envolvida numa série de atividades voluntárias: Associação de Apoio aos Balcãs, Associação dos Amigos da Palestina, Associação de Estudos Sufis, Associação de Estudos de Migração e Associação Islâmica de Oxford, da qual era um dos principais membros. Preparava-se também para lançar uma «associação de hip-hop» porque adorava esse estilo de música. Inspirando-se no seu encontro com diversas culturas, escrevia letras de canções, com a esperança de que um dia alguém as transpusesse para rap.

— Uau, como é que arranja tempo para tantas coisas? — perguntou Peri.

Mona abanou a cabeça.

— Não é uma questão de arranjar tempo. É uma questão de gerir simplesmente o tempo. Foi por isso que Alá nos deu cinco preces por dia: para estruturar as nossas vidas.

Peri, que nunca aderira às cinco preces — nem sequer a uma, nem mesmo na sua fase religiosa depois do ataque cardíaco do pai —, crispou os lábios e disse:

— Pareces muito à vontade com a religião.

— Podemos dizer que estou em paz comigo mesma — disse Mona, e consultou o relógio. — Tenho de ir, mas de certeza que nos vemos por aí. Ando sempre a recolher assinaturas para uma boa causa.

Despediram-se com um aperto de mão, firme, que era o estilo de Mona.

Nessa mesma noite, Peri escreveu no seu diário sobre Deus: «Algumas pessoas querem mudar o mundo; outras, os seus companheiros ou os amigos. Quanto a mim, adoraria mudar Deus. Isso, sim, seria uma grande coisa. Toda a gente no mundo beneficiaria com isso, não é?»

Em Istambul, Peri tentara, amiúde sem êxito, comportar-se como uma extrovertida quando não o era, e tivera uma vida social mais intensa do que lhe apetecia. Em Oxford, sem a pressão cultural a pesar-lhe nos ombros, apreciava, não, *adorava* a solidão. A introversão não foi, porém, o único motivo para ela evitar quase toda a excitação da Semana dos Caloiros. Descobriu que, embora alguns eventos (lanches na sala dos alunos, encontros com os professores) fossem gratuitos, outros (queques veganos, *marshmallows* halal, pizzas vegetarianas) exigiam dinheiro. Como o seu orçamento era reduzido, convinha esquivar-se à confusão. Concentrou-se, ao invés, na sua lista de coisas para fazer: arranjar o cartão de estudante; comprar os manuais, se possível em segunda mão; abrir uma conta-estudante. Decidida a encontrar a maneira mais barata de sobreviver, comparava preços em lojas e supermercados.

Peri foi provavelmente um dos poucos alunos que ficou radiante quando a semana, com toda a sua diversão e galhofa, chegou ao

fim. O período letivo começou logo a seguir. Aliviada, acomodou-se a uma rotina de palestras, aulas de grupo e individuais, listas de bibliografia e trabalhos escritos. Num ambiente que era completamente novo para ela, estudar era uma corda robusta à qual se agarrar e fê-lo com toda a sua força.

Shirin ia e vinha a qualquer hora, deixando um rasto de perfume no ar, inebriantes moléculas de magnólia e cedro. Embora os ritmos das suas vidas diárias fossem pautados por hábitos incompatíveis, cada vez mais tomavam o pequeno-almoço e o almoço juntas, conversando sobre as palestras, os professores e, por vezes, sobre esse tema de interesse constante: rapazes. Peri, que não tinha muita experiência nesse campo, ouvia Shirin a papaguear sem fim sobre a arte de namorar o sexo masculino, sentindo-se mais e mais desanimada. Na companhia de amigos experientes que seduzem sem esforço, há um desalento que se abate sobre uma pessoa relativamente noviça, a sensação de ficar tão para trás que se torna uma mera espectadora.

Peri procurou o seminário que Shirin tinha mencionado. Encontrou-o numa lista de cadeiras opcionais dadas pelo Departamento de Filosofia, algumas com títulos impressionantes e complexos: «A Crítica dos Atomistas ao Criacionismo»; «Holismo na Psicologia e Epistemologia Estoicas»; «Os Reis Filósofos de Platão, A Bela Vida e a Mentira Nobre»; «Aquinas: Os Seus Críticos Medievais e Colegas Escolásticos»; «O Idealismo Alemão e Kant sobre a Filosofia da Religião»; «Questões Filosóficas nas Ciências Cognitivas».

Quase no fim da lista, destacava-se um título curto: «DEUS». Ao lado, vinha uma descrição: «Recorrendo a fontes desde a Antiguidade até ao presente, da filologia à poesia, do misticismo à

neurociência, dos filósofos orientais aos seus pares ocidentais, este seminário explora o que significa Deus quando falamos de Deus.»

Entre parêntesis vinha o nome do professor: Anthony Zacharias Azur. Por baixo, uma nota: «Vagas limitadas, é necessária uma conversa prévia com o docente. Atenção: Esta pode, ou não, ser a cadeira certa para si.»

Peri ficou intrigada com a descrição e achou a arrogância subjacente àquelas palavras tão atraente quanto desmotivadora. Pensou em informar-se, mas, no frenesim daqueles primeiros dias de aulas, rapidamente se esqueceu disso.

Shirin tinha razão. «Deus» teria de esperar.

O caviar negro

Istambul, 2016

O prato principal — risoto de cogumelos selvagens e borrego assado com açafrão e molho de menta e mel — foi servido em grandes bandejas de prata e guarnecido com legumes grelhados. A imagem das empregadas de farda engomada a entrarem na sala e a levantarem as tampas das pilhas de carne fumegante foi tão teatral que alguns dos presentes aplaudiram, deleitados. Animados com as iguarias e com o vinho, os convidados tornaram-se mais alegres e cada vez mais ruidosos e arrojados.

— Sinceramente, não acredito na democracia — disse um arquiteto, de cabelo muito curto e uma barbicha muito bem aparada. A sua firma tinha tido uma margem de lucro enorme com projetos de construção espalhados pela cidade. — Vejam o exemplo de Singapura, sucesso sem democracia. A China, o mesmo. O mundo está a evoluir muito depressa. É preciso tomar decisões à velocidade-relâmpago. A Europa perde tempo com debates mesquinhos, enquanto Singapura galopa muito à frente. Porquê? Porque são muito focados. A democracia é uma perda de tempo e dinheiro.

— Bravo — respondeu uma decoradora, que era noiva do arquiteto e candidata a ser a sua terceira mulher. — Eu digo sempre que no mundo muçulmano a democracia é redundante. Se até no Ocidente é uma dor de cabeça, porque temos de admitir que o é, aqui é completamente desadequada!

A mulher do homem de negócios concordou.

— O meu filho tem um mestrado em Economia. O meu marido emprega milhares de pessoas. Mas, na nossa família, só representamos três votos. O irmão do nosso motorista, na aldeia dele, tem oito filhos. Não sei se alguma vez terão lido um livro na vida, mas representam dez votos! Na Europa, o público é instruído. A democracia não pode prejudicar. No Médio Oriente, o caso é completamente diferente! Dar direitos iguais de voto aos ignorantes é como dar fósforos a uma criança de colo. A casa vai arder toda!

Cofiando os pelos do queixo com o nó do indicador, o arquiteto disse:

— Bom, não estou a sugerir que abandonemos as eleições. Não conseguiríamos explicar isso ao Ocidente. Uma democracia controlada serve perfeitamente. Um quadro de burocratas e tecnocratas sob a alçada de um líder inteligente e forte. Desde que a pessoa no topo saiba o que faz, eu não me importo nada com a autoridade. Senão, como é que os investidores estrangeiros vão apostar em nós?

Toda a gente se virou e olhou para o único estrangeiro sentado à mesa, um americano gestor de fundos de investimento especulativo, de visita à cidade. Estivera a tentar seguir a conversa com a ajuda de traduções esporádicas que lhe sussurravam ao ouvido. Com as atenções centradas em si, mudou de posição na cadeira, constrangido.

— Ninguém quer uma região desestabilizada, obviamente. Sabem o que o pessoal de Washington chama ao Médio Oriente? O Desoriental! Desculpem, mas é um caos.

Alguns dos convidados riram-se, uns poucos fizeram uma careta. Era um caos, sim, mas esse caos pertencia-lhes. *Eles* podiam criticá-lo à vontade, mas um americano rico, não. Sentindo a energia negativa, o gestor cerrou os lábios.

— Mais uma razão para apoiarem o meu argumento — disse o arquiteto, entre garfadas de risoto. Tendo sido um homem apolítico durante muitos anos, e embora tivesse sangue curdo, ultimamente denotava tendências chauvinistas.

— Bom, a região toda está a chegar a essa conclusão — admitiu o administrador executivo do banco. — Depois do fiasco da Primavera Árabe, qualquer pessoa com um mínimo de sanidade mental tem de reconhecer os benefícios de uma liderança forte e da estabilidade.

— A democracia é coisa do passado! Sei que pode parecer chocante para algumas pessoas, mas paciência — insistiu o arquiteto, contente por a sua opinião estar a conquistar adeptos. — Sou todo a favor de uma ditadura benevolente.

— O problema da democracia é que é um luxo, como caviar de esturjão — disse um cirurgião plástico, que era dono de uma clínica em Istambul, mas vivia em Estocolmo. — No Médio Oriente é in comportável.

— Já nem a Europa acredita na democracia — acrescentou o jornalista, espetando o garfo num pedaço de borrego. — Os Estados Unidos da América estão desfeitos.

— Comportaram-se como um cordeirinho, quando a Rússia se transformou num tigre na Ucrânia — interveio o arquiteto, agora com

ostentação. — Quer gostem quer não, este é o século dos tigres. É claro que ninguém gosta de tigres, mas toda a gente tem medo deles e é isso que importa.

— Pela minha parte, fiquei contente por não termos entrado para a União Europeia. Bons ventos os levem! — opinou a relações públicas. — Caso contrário, podíamos ter acabado como a Grécia. — Deu um puxão suave ao lobo da orelha, estalou a língua e bateu duas vezes na mesa.

— Os Gregos? Os Gregos estão desejosos de que os Otomanos voltem, eram mais felizes quando nós os governávamos... — comentou o arquiteto, com uma gargalhada, que atalhou quando reparou na expressão de Peri. Virou-se para Adnan, piscando-lhe o olho. — Acho que a sua mulher não gosta das minhas piadas.

Adnan, que estivera a ouvir a conversa atentamente com o queixo apoiado numa mão, sorriu; um sorriso meio soturno, meio compreensivo.

— Não me parece que isso seja verdade.

Os olhos de Peri baixaram para o risoto que arrefecera e solidificara no seu prato. Podia ter deixado os comentários passar em branco, como se fossem fumo de charuto, indesejado mas tolerável até certo ponto. Contudo, prometera a si própria, havia anos, logo depois de ter deixado Oxford, nunca mais se calar.

Com um aceno tenso de cabeça, disse ao marido:

— É verdade, sim, não gosto deste tipo de conversa. A democracia comparada a caviar negro, os Estados comparados a tigres... — Como não falava há um bom bocado, todas as cabeças se viraram para ela e Peri fitou-as por sua vez. — Não existe essa coisa de «ditadura benevolente».

— Porque não? — perguntou o arquiteto.

— Porque não existe nenhum deus pequeno. A partir do momento em que uma pessoa começa a armar-se em Deus, mais cedo ou mais tarde a situação descontrola-se.

Enquanto falava, a sua mente fervilhava de pensamentos sobre o Professor Azur. «Ele próprio é um pouco como Deus.» Teriam as coisas corrido menos mal, se ele tivesse pelo menos admitido que, tal como os seus alunos, também era humano?

— Deixe-se de fantasias! — interrompeu o arquiteto. — Não estamos na sua Oxford toda chique! Não estamos a falar de *realpolitik*. Os nossos vizinhos são a Síria, o Irão, o Iraque. Não são a Finlândia, a Noruega, a Dinamarca. Nunca conseguirá ter uma democracia de estilo escandinavo no Médio Oriente.

— Talvez não — respondeu Peri. — Mas não me podem impedir de o desejar. Não nos podem impedir a todos de desejar o que nos negam.

— Desejar! Que palavra! — exclamou o arquiteto, inclinando-se para a frente e apoiando as palmas das mãos na mesa. — Agora, está a entrar em águas perigosas.

Peri abanou a cabeça, ciente de que, segundo o *Manual do Patriarcado — Nível Avançado*, os membros do Clube das Senhoras Turcas Decentes não podiam defender em público os méritos do «desejo». Contudo, ela estava mortinha por cancelar o seu estatuto de sócia e, se não se podia demitir, então deveriam expulsá-la. Lembrou-se de Shirin. De certeza que a sua amiga indómita teria dito poucas e boas àquele indivíduo. Instigada por essa ideia, Peri disse, baixinho:

— Se me está a dizer que devia aceitar as coisas como elas são... que as nações, como boas esposas obedientes, também deviam abdicar dos seus sonhos... das suas fantasias... então, a

sua noção das relações internacionais, e já agora das mulheres, é pior do que eu pensava.

Seguiu-se um breve silêncio, palpável, por ninguém saber o que dizer. Nesse momento pesado, o homem de negócios ergueu o queixo, puxou os ombros para trás, bateu as palmas como um bailarino de flamenco prestes a ocupar o centro do palco e rugiu, tão bem-disposto como antes:

— Que é feito do próximo prato?

A porta de vaivém entre a cozinha e a sala de jantar abriu-se e os empregados entraram apressadamente.

A celebração

Oxford, 2000

Era o vigésimo aniversário de Shirin, que ela ia comemorar no Turf Tavern, um pub que já existia há séculos, com vigas de madeira, ao fundo de uma viela ao abrigo das velhas muralhas da cidade. Peri, que já ia atrasada para a festa, caminhava resolutamente com uma prenda enfiada debaixo do braço. Depois de ter dado voltas e voltas à cabeça, sem saber o que oferecer à amiga, acabara por comprar uma coisa que sabia que Shirin ia adorar: um casaco de ganga adornado com contas reluzentes de cores garridas. Custara uma exorbitância.

Quando Peri entrou no pub de painéis de carvalho, um bafo morno e húmido a álcool e riso envolveu-a sob o teto baixo. Dada a popularidade de Shirin, ia à espera de encontrar uma multidão reunida e, de facto, assim aconteceu. Um grupo de amigos ruidosos rodeava a aniversariante, que tinha ao seu lado o novo namorado, de braço pousado no ombro dela. O namorado anterior — um aluno do segundo ano de Física, esperto e querido — planeava todos os encontros com tanta minúcia que se tornara exasperante, segundo Shirin. «Decidi deixá-lo quando vi o horário semanal dele.» Tinha assinalado as horas para ir às palestras da manhã, à biblioteca, ao

ginásio e às aulas individuais. No «furo» das 16h15 às 17h15 inscrevera o nome dela. À sexta-feira à noite, reservara-lhe mais um espaço. «Acreditas, Ratito, que ele me encaixou entre as sete e meia e as dez e meia da noite? Jantar, filme, sexo.»

A voz forte de Shirin arrancou Peri aos seus pensamentos.

— Olha, é a minha vizinha! Olá!

Linda, de top adornado com pérolas e lantejoulas e umas calças de ganga brancas, justas e de cintura descaída, Shirin pegou na sua prenda e deu um beijo e um abraço a Peri.

— Onde é que te meteste? Assim, não viste o convidado de honra. Ele acabou de sair.

— Quem?

— O Azur — disse Shirin, com os olhos a sorrir. — Ele veio cá. Nem acredito que veio. Tão fixe! Entrou, fez um brinde e foi-se embora.

Shirin parecia querer acrescentar qualquer coisa, mas alguém a puxou pelo braço para apagar as velas do bolo. Peri olhou à sua volta, pensando que não reconheceria nenhum dos amigos gregários de Shirin, que estavam de pé, a beber e a conversar muito alto. Para sua surpresa, porém, viu um rosto conhecido: Mona. De túnica laranja de manga comprida, calças e lenço na cabeça a condizer, estava sentada a um canto, a bebericar um copo de Coca-Cola.

— Olá, Mona.

— Que bom ver-te — disse Mona, parecendo aliviada por ter alguém com quem falar.

— Não sabia que eras amiga da Shirin — comentou Peri, sentando-se ao lado dela.

— Não somos propriamente amigas, mas ela convidou-me e eu pensei... — respondeu Mona, deixando a voz esmorecer.

Peri percebeu o que a rapariga não exprimiu em voz alta. Não se recusava desprendidamente um convite de uma das alunas mais populares da universidade. Por isso, Mona — extrovertida e confiante — decidira aparecer, sem saber com o que contar. Agora, entre dezenas de estudantes desinibidos e galhofeiros, movendo-se ao som de um ritmo que só eles conseguiam ouvir, ela sentia um constrangimento que não se atrevia a mostrar.

As duas mergulharam numa conversa, comendo fatias do bolo de anos, enquanto Shirin e os amigos se divertiam ruidosamente.

— Posso fazer-te uma pergunta? — disse Peri. — Quando nos conhecemos, disseste que tu e a tua irmã tinham feito escolhas diferentes na vida. Isso quer dizer que... *preferes* cobrir a cabeça?

— Claro. Os meus pais sempre me deixaram a possibilidade de escolha. O meu *hijab* é uma decisão pessoal, um testemunho da minha fé. Dá-me paz e confiança. — O rosto de Mona ensombreceu. — Embora as pessoas me atormentem constantemente por causa do lenço.

— A sério?

— Sim, mas isso nunca me fez deixar de o usar. Se eu, com o meu lenço na cabeça, não desafiar os estereótipos, quem é que o fará por mim? Quero abanar as mentalidades. As pessoas olham para mim como se fosse uma vítima passiva e obediente do poder masculino. Mas não sou. Penso pela minha própria cabeça. O meu *hijab* nunca interferiu com a minha independência.

Peri ouviu-a, intrigada, vendo naquela rapariga uma versão mais jovem da sua própria mãe. A mesma rebeldia assumida, a mesma resolução. Era um sentimento que ela conhecia muito bem. Estava

habituada a que as pessoas perorassem com fervor, com confiança. Não fazia ideia do que haveria em si que levava os outros a despejarem as emoções na sua presença. Não deixava de ser curioso que alguém tão ambivalente como ela fosse inundada pelas certezas e paixões de terceiros.

— As tais letras de hip-hop que escreves... são sobre religião?
Mona riu-se.

— O hip-hop é sobre o amor. Poesia. Talvez um pouco de raiva, também, contra a injustiça e a desigualdade. Dá-nos poder...

Uma irrupção de gargalhadas interrompeu-lhe a frase. Alguém desafiara o namorado de Shirin para um concurso de cerveja. Encheram um copo com sessenta centímetros de altura e um bolbo grande no fundo, chamado «uma jarda de cerveja», e o rapaz estava a emborcá-lo a toda a velocidade. Chegou ao fim com um sorriso convencido na cara e a camisa encharcada. Com a multidão a gritar vivas, deu um longo beijo molhado e feliz a Shirin, mas, de repente, deteve-se e correu lá para fora, tomado pela vontade de vomitar.

— Acho melhor ir-me embora — disse Mona.

— Eu também vou — respondeu Peri, embora não estivesse incomodada com o álcool, nem com o comportamento lascivo como Mona parecia estar. O constrangimento de Peri era de natureza diferente. Quando se via confrontada com a exuberância dos outros e percebia que era incapaz de os acompanhar, retraía-se sempre, um porco-espinho que se encolhia numa bola, autoprotegendo-se da alegria.

Quando Peri e Mona saíram do pub, sem ninguém reparar, estava Lua Cheia. Passando por baixo da Ponte dos Suspiros, serpream pelas ruazinhas penumbrosas.

— Não entendo — disse Mona. — Porque é que a Shirin me convidou?

Peri perguntara-se exatamente a mesma coisa.

— Ela gosta de fazer novos amigos.

Mona abanou a cabeça.

— Não, não foi só por isso. Não consigo perceber ao certo por que motivo foi. Conhecemo-nos há algum tempo, mas sempre tive a sensação de que ela não gosta de mim por causa... do meu lenço, provavelmente.

Lembrando-se da maneira como Shirin olhara intensamente para a sua mãe, Peri ficou calada.

— Se é verdade, não me importo nada. Mas porque é que ela tenta ser minha amiga? — perguntou Mona, com uma expressão aguerrida de orgulho. — Achas que estou a ser paranoica?

— Não — respondeu Peri. — Ou melhor, sim, um bocadinho. Tenho a certeza de que vocês podem ser amigas.

— Bom, veremos — disse Mona. — A Shirin está sempre a dizer-me que devia fazer o seminário do Professor Azur.

— A sério? — Peri contraiu-se, como se o seu corpo tivesse pressentido um perigo que a sua mente ainda não captara. — Ela diz-me o mesmo: vai falar com o Professor Azur.

— Então, não sou a única... — comentou Mona, distraída. Apontou para Turl Street. — Eu vou por ali.

— Está bem. Então, boa noite.

— Boa noite para ti também — disse Mona. — Temos de nos ver mais vezes.

Dito isso, pegou na mão de Peri com firmeza entre as suas, apertou-a vigorosamente e desapareceu na noite.

Novamente a sós com os seus pensamentos, Peri virou para Broad Street. Ao fundo, no escuro, reparou numa figura iluminada pelas luzes de vapor de sódio amarelas dos lampiões: uma mendiga a empurrar um berço enferrujado, empilhado com roupa, cartão, sacos de plástico, uma viajante perene entre o aqui e o nenhures. Peri perscrutou-a. As roupas estavam sujas e colavam-se-lhe, húmidas, ao corpo; o cabelo estava acachapado de sujidade e o que parecia ser sangue seco. Aos poucos, Peri discerniu mais pormenores: calos nas palmas das mãos, uma nódoa negra que lhe tingia a maçã do rosto direita, os olhos papudos. Em Istambul, viam-se constantemente rostos miseráveis. Alguns encolhiam-se pelos cantos para se esconder dos olhares de desconhecidos; a maior parte suplicava atenção, comida e dinheiro. Em Oxford, também havia vagabundos, só não eram tantos como em Istambul, mas não deixava de ser desconcertante ver um sem-abrigo, por causa do contraste abrupto com a requintada serenidade da cidade.

Sentindo-se estranhamente cativada pela mulher, que avançava com passos curtos e deliberados, Peri começou a segui-la. Um cheiro fétido entrou-lhe nas narinas, quando o vento mudou momentaneamente de direção. Um misto de urina, suor e excrementos.

A mendiga falava sozinha, numa voz tensa.

— Que raio, quantas vezes tenho de te avisar?! — perguntou. O seu rosto tornou-se mais duro, enquanto esperava pela resposta.

Soltou uma gargalhada de júbilo, mas a raiva subiu rapidamente por ela acima. — Não, seu cabrão!

Peri sentiu um desânimo tão intenso que raiava a melancolia. O que a separava — uma aluna de Oxford, com um futuro promissor — daquela mulher que não tinha nada na vida? Haveria um precipício do qual a sociedade instruída temia cair, como a beira do mundo plano que antigamente enchia os marinheiros de pavor? Se assim era, onde ficava a fronteira entre a sanidade e a loucura? Lembrou-se do que o *hodja* dissera, quando ela e a mãe o visitaram. Talvez tivesse razão. Talvez ela fosse *propensa às trevas*.

A mulher deteve-se e virou-se, trespassando Peri com o olhar.

— Estavas à minha procura, querida? — riu-se ela, revelando uns dentes manchados de nicotina. — Ou estavas à procura de Deus?

Peri empalideceu. Abanou a cabeça, incapaz de responder. Dando um passo em frente, abriu o punho para lhe oferecer as moedas que preparara de antemão. A mulher esticou a mão para fora da manga do casaco e agarrou nelas com a destreza da língua de um lagarto a arrancar um inseto de uma folha.

Peri deu imediatamente meia-volta, partindo em direção à residência universitária, quase a correr, assustada sem saber porquê, esperando que cada passo a levasse para mais longe da mendiga e da suspeita insinuante de que as duas pertenciam ao mesmo lugar.

Nessa noite, Peri ficou acordada até tarde, a ler. Se tivesse ficado de olho no relvado lá fora, teria eventualmente visto Shirin, que não sabia onde guardara a chave, a descalçar os sapatos com

saltos em cunha, a empoleirar-se num amigo igualmente inebriado e a trepar ao muro de pedra do jardim, de três metros e meio de altura — rasgando e manchando as calças de ganga brancas e justas —, a aterrar num canteiro de flores, a pôr-se atabalhoadamente de pé e a bater numa janela ao acaso de um quarto no rés do chão, sempre rindo e cantando uma alegre melodia persa.

O dicionário

Oxford, 2000

Em Oxford, não faltavam pubs e tascas adequados à bolsa de um estudante; no entanto, Peri raramente transpunha o limiar de um deles. E, embora houvesse mais de uma centena de clubes e associações em que se poderia ter inscrito, fugiu de todos sem exceção, incluindo da Brigada Feminista. Não se esquecia de que tinha de se manter nos eixos; tudo o resto a distrairia do estudo. Isso incluía os rapazes. Apaixonar-se era caótico, e desapaixonar-se, ainda mais caótico. Demasiadas emoções e andanças; almoços, jantares e passeios; depois, discussões por causa de pormenores mesquinhos, seguidas de reconciliações. Resumindo: colocar outro ser humano, se não no centro da nossa vida, então algures perto dele, exigia um esforço enorme e ela não tinha tempo para isso. As amizades também podiam ser igualmente exigentes e requerer trabalho intensivo. De vez em quando, conhecia uma aluna com quem se dava imediatamente bem, mas evitava aprofundar laços. Durante as primeiras semanas na universidade, houve qualquer coisa de rígido e robótico, quase dogmático, na maneira como Peri se autodisciplinou em função de um único lema: estudo, estudo, estudo.

Habituada a ter êxito desde que entrara para a escola, estava penosamente ciente dos seus pontos fracos académicos recém-adquiridos. Não tinha qualquer dificuldade em seguir as palestras, mas participar nas aulas de grupo — nos debates e nos trabalhos escritos — era mais difícil. Pôr os seus pensamentos por escrito numa língua que não era a sua língua materna constituía um duro desafio. Determinada a não fracassar, esforçava-se arduamente, insatisfeita consigo própria.

Percebeu que para ser excelente aluna em Oxford teria de aperfeiçoar os seus conhecimentos de inglês. O seu cérebro precisava de palavras para se expressar plenamente, da mesma maneira que um rebento precisa de gotas de chuva para alcançar o seu crescimento máximo. Comprou pilhas de post-its coloridos. Neles, escrevia palavras que encontrava por acaso, pelas quais se apaixonava e que tencionava usar assim que surgisse a oportunidade, como fazia qualquer estrangeiro, de uma maneira ou de outra:

«Autotomia: reação pela qual certos animais, presos por um membro, se libertam, seccionando-o por uma contração muscular.»

«“Num aperto” (do *Senhor dos Anéis*, de Tolkien): em situação difícil, em apuros.»

«Valdevinos (de *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*): pessoa que leva uma vida desregrada.»

No seu primeiro ensaio de Filosofia Política, escreveu: «Na Turquia, onde a política diária é um valdevinos, sempre que o sistema se encontra num aperto, a democracia é a primeira coisa a ser amputada e sacrificada num ato de autotomia.»

Quando chegou a sua vez de ler o seu ensaio em voz alta, o professor interrompeu-a a meio, com um ar simultaneamente

perplexo e divertido.

— Isso é inglês?

Peri ficou morta de vergonha. A frase que aos seus ouvidos parecera inteligente, sofisticada e cheia de estilo não passava de um chorrilho de disparates para um inglês. Como podiam o estrangeiro e o nativo ouvir as mesmas palavras de maneira tão diferente? Recusando-se a perder o ânimo, obcecada com as *nuances*, continuou a colecionar palavras deslumbrantes. Lembravam-lhe os búzios e corais cor-de-rosa, polidos por inúmeras marés, que ela apanhava quando era pequena e ia com a família para a beira-mar. Só que, ao contrário dessas bonitas lembranças imóveis, as palavras respiravam, estavam vivas.

Como o sentido de orientação não era o seu ponto forte, de vez em quando Peri perdia-se a explorar Oxford. Numa dessas suas saídas, descobriu uma livraria chamada Dois Tipos de Inteligência. As tábuas irregulares do soalho rangeram de compaixão imaginária, quando ela atravessou a sala da entrada; em todas as paredes erguiam-se estantes até ao teto; havia uma lareira a um canto, por cima da qual se viam velhas estampas de Oxford; um lanço de escadas de madeira levava a duas salinhas, ambas apinhadas de livros escolhidos a dedo, refletindo os gostos peculiares do dono em filosofia, psicologia, religião, o oculto. Com fotografias emolduradas nas paredes, pufes em tons pastel para os clientes se sentarem e uma máquina que servia café gratuitamente o dia todo, tornou-se imediatamente um dos lugares preferidos de Peri.

Os donos (ela era escocesa, e ele, paquistanês) ficaram impressionados com ela quando perceberam que sabia a origem do

nome da livraria. Tratava-se do título de um poema de Rumi. Peri até se lembrava de uns quantos versos: «Existem dois tipos de inteligência: uma que se adquire em criança na escola... memorizando factos e conceitos de livros e o que diz o professor... A outra inteligência... é fluida... uma fonte que jorra de dentro de ti para fora.»

— Muito bem — aplaudiu a senhora. — Vem para cá ler quando quiseres.

— Para alimentares a tua inteligência. Os dois tipos! — acrescentou o homem.

E Peri assim fez. Rapidamente se tornou um hábito. Pegava no seu café, punha uma moeda na caixa das gorjetas e instalava-se num pufe, a ler até lhe doerem as costas e ficar com as pernas doridas. Também visitava muito a Biblioteca Bodleiana. Procurava um canto recôndito, empilhava mais livros do que conseguiria ler, abria sub-repticiamente um pacote de paus de *pretzel* e enterrava a cabeça em ondas de palavras.

Comprava postais com imagens de Oxford. As ruas medievais iluminadas pelo Sol, os edifícios de pedra calcária cor de mel, os jardins universitários cheios de sombra... Enviava alguns aos pais, mas reservava os restantes para o seu irmão Umut. Escrevia-lhe constantemente, embora as respostas dele fossem irregulares e secas. Apesar disso, ela nunca desistia. Mandava-lhe postais em tom leve, inclusive alegre. Era escusado falar-lhe nos seus medos, nas suas enxaquecas, pesadelos e solidão, que por essa altura já ela sabia que era simultaneamente uma maldição e uma companhia. Falava-lhe, ao invés, dos modos dos Britânicos, estranhamente cativantes, do seu pragmatismo, da sua confiança implícita nas instituições, do seu sentido de humor peculiar.

Umut escrevia-lhe mensagens em papel pautado, pedaços de cartão arrancados de pacotes de bolachas, folhas de calendários ou sacos de mercearia. Mas, uma vez, enviou-lhe um postal. Um mar azul-índigo, um barco de pesca vermelho, a brisa balsâmica do Mediterrâneo e uma areia macia como promessas... como se também ele estivesse a ver se tinha jeito para a arte de fingir felicidade.

Durante o «Jantar Formal» — num salão grandioso datado de há vários séculos —, rodeada pelos retratos de antigos reitores, Peri sentava-se nos antiquíssimos bancos corridos de carvalho, às mesas adornadas com as pratas da faculdade, servida por empregados de casaco branco, e sentia-se transposta para outra dimensão. Era uma figura num quadro, simultaneamente surreal e romântico. Algumas partes da faculdade mantinham-se iguais havia séculos e ela adorava o toque e o cheiro a História, a continuidade. Visitava amiúde a velha biblioteca só para inspirar o aroma inebriante das estantes cheias. Descia a uma cave onde era preciso dar a uma manivela para deslocar as prateleiras, de modo a chegar aos livros de que precisava. Entre milhares de títulos, cada um dos quais era um refúgio, sentia-se completa. Estranhamente, havia um pensamento recorrente que lhe vinha à superfície, quando se encontrava no interior daquela vastidão de conhecimento: Deus.

Ficava desconcertada, porque, de entre todos os atributos que poderia aplicar a si própria, nenhum se aproximava de «religiosa» ou sequer de «espiritual». Nunca se atreveria a confessar tal coisa à mãe, mas havia momentos em que nem sequer sabia se acreditava em alguma coisa. Culturalmente, era muçulmana, claro. Adorava o

Ramadão e o Eid, que lhe enchiam o coração de afeto e a mente de recordações viscerais de cheiros e sabores. O Islão, para ela, era semelhante a uma recordação da infância, tão familiar e pessoal, mas também um tudo-nada vago, distante no tempo e no espaço. Como um cubo de açúcar dissolvido no café, que existia e depois deixava de existir.

Sempre se lhe afigurara estranho que tantos turcos decorassem as preces árabes sem fazerem a menor ideia do que estavam a dizer. Fossem em inglês ou em turco, Peri *adorava* palavras. Segurava-as nas palmas das mãos como ovos prestes a eclodir, os seus corações minúsculos a baterem de encontro à sua pele, cheios de vida. Indagava os seus significados, implícitos e explícitos; estudava as suas etimologias. Contudo, para inúmeros crentes, as palavras das preces eram sons sagrados que eles deviam simplesmente imitar, mais do que compreender... um eco sem princípio nem fim, em que o ato de pensar era subjugado pelo ato de mimetismo. No seio abrigado da fé, uma pessoa encontrava as respostas abdicando das perguntas; avançava, rendendo-se.

No seu diário sobre Deus, Peri escreveu: «Os crentes preferem as respostas às perguntas, a clareza à incerteza. Os ateus são mais ou menos a mesma coisa. É engraçado que, no que toca a Deus, sobre o qual não sabemos praticamente nada, são muito poucas as pessoas que, como eu, dizem: “Não sei.”»

O anjo

Oxford, 2000

Desde que se mudara para Oxford, Peri falava regularmente ao telefone com o pai, ligando de propósito a horas em que sabia que era mais provável ser ele a atender. Mas nesse dia, quando ligou para Istambul, foi a mãe quem levantou o auscultador.

— Pericim... — disse Selma, com carinho, mas rapidamente mudou de tom. — Vens ao casamento do teu irmão, não vens?

— Sim, mãe, eu disse que ia.

— Ela é um anjo, acredita que é.

— Quem?

— A noiva, claro, sua tola.

Ansiosa devido aos preparativos, Selma louvava as virtudes da sua futura nora com um exagero que não passou despercebido a Peri.

— Que bom, faz-nos falta um anjo na família — retorquiui Peri. Sentia o gostinho das insinuações embrulhadas dentro dos elogios da mãe, como guloseimas que escondiam qualquer coisa de rançoso dentro de uma embalagem reluzente. A noiva era a filha que Selma nunca tivera: pia, dócil, obediente.

— O que é que tens? — perguntou Selma.

— Nada.

Selma suspirou.

— Tens de cá estar para a noite da hena.

Ao contrário do casamento, que era considerado responsabilidade do noivo, a noite da hena era um dos deveres da família da noiva.

— Mãe, já falámos sobre isto. Só posso ir ao casamento.

— Não pode ser. As pessoas vão comentar. Tens de vir mais cedo.

Peri revirou os olhos. A rapidez com que a mãe conseguia destruir a sua boa-disposição ainda a espantava, como se Selma, e só Selma, soubesse exatamente em que sítio devia apertar o coração da filha para lhe acelerar a circulação sanguínea.

— Não posso faltar a mais nenhuma aula — disse Peri, com firmeza.

A conversa azedou, com cada parte a acusar a outra de egoísmo. Depois de desligar, Peri foi inundada por um ressentimento fervilhante por tudo o que fora dito e não dito, por tudo o que se quebrara entre elas e não podia ser remendado.

Nessa mesma noite, Peri dormiu aos bochechos. Acordou com uma dor de cabeça latejante, à beira de uma enxaqueca. Procurou nas gavetas, mas não encontrou nenhum analgésico. Massajando as têmporas, encostou o fundo de uma lata ao olho direito pulsante, o que a aliviava sempre. Enfiou-se outra vez na cama e enroscou-se. Não esperava adormecer, mas, num abrir e fechar de olhos, deu por si a sonhar.

«Um jardim com árvores nodosas. Envergando um vestido que esvoaçava na brisa, Peri passeava sozinha. Ao lado de um ribeiro, viu um carvalho enorme. Dependurado de um dos ramos, estava um bebé num cesto, com uma mancha escura a cobrir-lhe metade do rosto. Peri reparou, horrorizada, que a árvore estava a arder, as chamas subiam pelo tronco acima. Agarrou num balde e começou a tirar água do ribeiro. Daí a nada, havia água em toda a parte, agitando-se e redemoinhando em redor dos seus pés. Quando voltou a olhar para cima, o bebé já não estava na árvore; fora levado pelo que agora se tornara um rio turbulento. Peri gritou quando percebeu que tinha feito uma coisa terrível e inexoravelmente errada.»

Ouviu umas pancadas algures, suaves, mas persistentes. Peri tentou abrir os olhos, sem saber se aquilo também faria parte do seu sonho.

— Sou eu, a Shirin, pregaste-me um susto dos diabos! — disse uma voz do lado de lá da porta. — Estás bem?

Peri sentou-se, pestanejando, confusa.

— Estou — disse. Sentia a garganta seca, como folhas mortas. Ficou horrorizada por ter gritado tão alto que até a ouviram no quarto em frente.

— Só me vou embora quando te vir com os meus próprios olhos.

Lentamente, Peri levantou-se e abriu a porta. Shirin estava de pijama de seda cor de pêssego, com uma venda a condizer, que ela puxara para a testa. Os olhos, sem maquilhagem e rodeados por uma espessa camada de creme, pareciam mais escuros e pequenos.

— Fogo, parecias uma mulher num filme de terror — disse Shirin. — Uma daquelas heroínas burras que sobem as escadas a

correr quando veem um psicopata, em vez de abrirem a porta da rua e se porem a andar dali para fora.

— Desculpa se te acordei.

— Não te preocupes comigo — respondeu Shirin, cruzando os braços sobre o peito imponente. — Costumas ter pesadelos?

— Às vezes... — admitiu Peri. Fixou a alcatifa, reparando numa nódoa que lhe passara despercebida antes. — São só sonhos disparatados.

— Recorrentes?

— Mais ou menos, sim.

Shirin enfiou uma madeixa de cabelo atrás da orelha e, numa voz que não dava azo a oposição, disse:

— Já vi loucura de sobra na minha família, e Deus sabe que eu própria sou meio maluca, por isso sou capaz de a reconhecer quando a vejo.

— Estás a dizer que sou louca?

— Ao ponto de seres internada, não, mas o grito que ouvi foi qualquer coisa! Se tens um problema psicológico, tens de lidar com ele.

— Eu não tenho nenhum problema psicológico!

— Arre!!! — Shirin soltou um som insuportável, como o de um animal selvagem a ser trespassado por uma seta. — Fico furibunda quando as pessoas se ofendem com a palavra «psicológico»! Aposto que não te terias ofendido se eu tivesse dito «hemorroidal».

— Hemorroidal — corrigiu Peri.

— Seja o que for — redarguiu Shirin, olhando para os post-its nas paredes. — A miúda do dicionário és tu.

— Ouve, é muito querido da tua parte vires saber se estou bem, mas estou. — Através da janela chumbada, a Lua lançava um retângulo distorcido de luz no seu rosto. — Vou a Istambul para o casamento do meu irmão. Não me posso dar ao luxo de faltar às aulas, mas as obrigações familiares vêm em primeiro lugar, por isso ando um bocado stressada.

Shirin assentiu.

— Tudo bem, vai ao casamento, mas, quando voltares, tens de sair mais. Não tem mal divertires-te um bocado. És jovem ou já te esqueceste?

— Eu não sou como tu — respondeu Peri baixinho.

— Queres dizer que gostas da infelicidade?

— É claro que não!

— Há duas maneiras de lidar com a melancolia — anunciou Shirin. — Ou te sentas no lugar do condutor e pisas no acelerador, enquanto o senhor Depressão grita em altos berros no banco de trás. Ou deixa-lo conduzir e é ele quem te assusta a ti.

— Qual é a diferença? — perguntou Peri. — De qualquer das maneiras, vais-te espetar contra uma árvore.

— Sim, mas és tu quem vai ao volante e não o senhor Depressão, que é um velho triste. Isso vale alguma coisa, ou não?

Sentindo que era impossível ganhar aquela discussão, Peri tentou mudar de assunto da única forma que lhe veio à cabeça.

— Já agora, o tal professor de que falaste, o Azur... estive a ver o seminário dele.

— Estiveste? — Uma tonalidade rosa espalhou-se pelas faces de Shirin. — Não é o charme em pessoa?

— Não o vi propriamente dito, limitei-me a ler a descrição do seminário na lista de cadeiras de opção.

— Ah! E então, o que é que achas?

— Parece interessante.

Shirin encaminhou-se para a porta a passos largos.

— Posso dar-te um conselho de amiga? De uma mulher iraniana para uma irmã turca, digamos que é a camaradagem dos condenados. Se conseguires entrar para o seminário do Azur, nunca uses a palavra «interessante». Ele odeia-a. Diz que não há absolutamente nada de interessante na palavra «interessante».

Dito isso, Shirin saiu do quarto e fechou a porta atrás de si, deixando Peri sozinha com os seus pesadelos.

A caixa de música

Istambul, 2016

As sobremesas chegaram, servidas em travessas de cristal: bolo de mousse de avelã recheado com molho de chocolate e ovos, e marmelo assado no forno com gelado de natas por cima. Os convidados irromperam num coro, em que metade fez elogios e a outra metade expressou preocupação.

— Ah, devo ter engordado um quilo esta noite — disse a relações públicas, dando uma palmadinha na barriga.

— Não se preocupe, quando chegar a casa já queimou as calorias todas — garantiu a mulher do homem de negócios.

— Continuem a discutir política — aconselhou o jornalista. — É assim que queimamos calorias neste país.

Quando a empregada apareceu ao lado de Peri, esta murmurou:

— Não, obrigada.

— Com certeza, minha senhora — respondeu a empregada, baixando a voz, voluntariamente cúmplice.

A anfitriã, porém, tendo ouvido a troca de palavras, interveio da sua ponta da mesa:

— Não, querida! Não levei a mal quando se opôs às nossas opiniões, mas ficarei muito aborrecida se não provar o meu bolo.

Peri cedeu, uma vez que não tinha alternativa. Comería o marmelo e o bolo. Era uma coisa que a deixava sempre perplexa, porque é que as mulheres faziam tanta questão de se engordarem umas às outras. Devia estar relacionado com a «lei da estética comparativa»: se todas fossem gorduchas, na realidade nenhuma o era. Mas provavelmente estava a ser cínica. A voz distante de Shirin ressoou-lhe na cabeça: «Acredita, Ratito, todo o cinismo é pouco.»

Assim que a anfitriã, satisfeita, desviou a sua atenção para outro convidado, Peri pegou no copo de vinho. Estava a beber mais do que era habitual, nessa noite, embora ninguém parecesse reparar, muito menos ela própria. Surgira uma brecha na barragem que ela erigira, ao longo dos anos, para estancar o fluxo de emoções indesejadas para dentro do seu coração. Agora, através dessa pequeníssima ranhura, infiltrava-se um fiozinho de melancolia. Entretanto, outra parte de si, ciente do perigo e da destruição que isso poderia causar, estava em alerta máximo, tentando freneticamente vedar a abertura, para que tudo pudesse voltar ao normal.

— Pensei que esta noite íamos ter cá um médium — disse a namorada do jornalista, numa voz rouca de fumadora. Toda a gente sabia que ela andava atormentada com os boatos, recentemente publicados num jornal online, de que o jornalista tinha sido visto num jantar romântico com a ex-mulher e que o casal estaria à beira de reatar a sua relação.

— Ele devia ter chegado há uma hora — explicou o homem de negócios. — Parece que o coitado ficou preso no trânsito.

— Ah, nem os médiuns sabem como evitar os engarrafamentos em Istambul — brincou o gestor americano.

— Verá, meu amigo, que este tipo é do melhor que há — disse o homem de negócios, metade em inglês, metade em turco. — Dizem que previu a crise financeira.

— Talvez todos nós devêssemos consultar médiuns, uma vez que os especialistas políticos não valem nada e os especialistas financeiros são ainda piores — comentou a relações públicas.

Impulsivamente, Peri pediu licença para sair da mesa.

— Oh, não, estamos a entediá-la outra vez? — disse o arquiteto, de copo na mão e olhos turvos. Sendo dado a amuos por motivos mesquinhos, não a perdoara por o ter confrontado.

Peri fitou-o.

— Vou só telefonar para casa, para saber dos miúdos.

— Com certeza — disse o homem de negócios. — Porque é que não vai lá acima e liga do meu escritório? Terá paz e sossego.

Pedindo ao marido para lhe emprestar o telemóvel, Peri dirigiu-se para o primeiro piso, escutando até lá acima as vozes à mesa do jantar.

O escritório do homem de negócios tinha uns janelões rasgados de uma ponta à outra, com uma vista espetacular sobre o Bósforo. Com paredes forradas de painéis de couro, o teto de madeira ornado com caixotões, uma secretária enorme de mogno e mármore, cadeiras altas cor de gema de ovo, objetos antigos de arte e belos quadros, o espaço mais parecia a sala de estar privada de um extravagante chefe da máfia do que um local de trabalho.

Um canto estava decorado com fotografias emolduradas do homem de negócios na companhia de políticos, celebridades e oligarcas. Entre eles, Peri reparou no sorriso de porcelana de um

ditador do Médio Oriente, que já não estava no poder, a dar um aperto de mão ao anfitrião, diante do que parecia ser uma complexa tenda beduína. Atrás, noutra fotografia, via-se a carranca dura de um falecido autocrata da Ásia Central, conhecido por enfeitar a sua terra natal com a sua própria imagem e por ter ido ao ponto de dar o seu nome a um mês e o da sua mãe a outro. Peri inspirou fundo, retendo uma nuvem imaginária de fumo nos pulmões, incapaz de soltar o ar do peito. O que fazia ela ali, naquela mansão, construída com dinheiro que entrava nos cofres através de segredos e sombras? Naquele momento, sentiu-se como uma pedra num rio, levada aos trambolhões pela correnteza sem fim. Se o Professor Azur ali estivesse, possivelmente teria sorrido e citado um trecho do seu livro *Guia para Preservar a Perplexidade*: «Não há sabedoria sem amor. Não há amor sem liberdade. E não há liberdade, se não nos atrevermos a afastar daquilo que nos tornámos.»

Rapidamente, como se fugisse da sua própria mente, marcou o número de casa. Encostando a testa à janela, observou a vista lá fora enquanto esperava que a sua mãe, que ficara a tomar conta dos miúdos, atendesse. Por trás do vidro, sob uma Lua crescente tão luminosa que nem parecia verdadeira, estendia-se a cidade: casas inclinadas para um lado, como que murmurando segredos umas às outras; ruas com curvas apertadas serpeando pelas íngremes colinas acima; os últimos cafés a fecharem as portas e os últimos clientes a partirem... Perguntou-se o que estariam a fazer as crianças que lhe roubaram a carteira. Estariam a dormir e, se sim, teriam ido para a cama com fome? Peri pensou que poderiam estar a sonhar nesse momento e que ela própria poderia entrar nesses sonhos, uma louca com os sapatos de salto alto nas mãos, a persegui-las pelas ruas dentro.

Selma atendeu ao quarto toque.

— O jantar já acabou?

— Ainda não — disse Peri. — Ainda aqui estamos. Os miúdos estão bem?

— É claro que estão, porque é que não haveriam de estar? Divertiram-se imenso com a avó e agora estão a dormir.

— Jantaram?

— Achas que eu os deixava à fome? Fiz *manti*, que eles devoraram. Coitadinhos, fiquei com a impressão de que estavam cheios de saudades disso.

Peri, que não herdara os dotes culinários de Selma, ouviu a reprimenda na voz da mãe.

— Obrigada, tenho a certeza de que adoraram.

— De nada. Até amanhã de manhã. Provavelmente, estarei a dormir quando vocês chegarem.

— Espere! — Peri fez uma pausa. — Mãe, faz-me um favor?

Ouviu-se um restolhar e Peri percebeu que a mãe tinha passado o telefone para a orelha esquerda, para poder escutar melhor. Envelhecera a olhos vistos desde que o marido falecera. Estranhamente, depois de tantos anos de hostilidade, o mundo de Selma ruíra no dia em que Mensur morrera, como se tivesse sido a luta contra o marido que a mantivera cheia de vida.

— No quarto, na segunda gaveta, deve estar um caderno — disse Peri. — Turquesa. De pele.

— O que o teu pai te deu. — Um tom amargo infiltrou-se-lhe na voz; mesmo passados tantos anos, Selma sentia rancor do laço que unira o marido e a filha. A morte de Mensur não alterara os seus sentimentos e Peri sabia-o por experiência própria: era possível invejar os mortos e o poder que detinham sobre os vivos.

— Sim, mãe — respondeu Peri. — Está trancado, mas a chave está na última gaveta. Debaixo das toalhas. Na última página, tem um número de telefone. Diz «Shirin». Importa-se de me dar?

— Não pode esperar até amanhã de manhã? — perguntou Selma. — Sabes que os meus olhos já não são o que eram.

— Por favor, preciso de fazer um telefonema — suplicou Peri. — Hoje.

— Está bem, espera um instante — disse Selma, com um suspiro. — Deixa-me ver o que posso fazer.

— Ah, e mãe...

— Sim?

— No fim, importa-se de voltar a trancar o caderno?

— Uma coisa de cada vez — respondeu Selma, cansada. — Não me baralhes.

Peri ouviu uma pancada seca, quando a mãe pousou o auscultador; depois, o som de passos a afastarem-se, pesados e apressados. Esperou, mordendo o lábio inferior. Ao longe, sob as luzes da Segunda Ponte, o mar era azul-esverdeado, a cor da antecipação. Examinou o seu reflexo na janela, reparando com desaprovação na sua barriga flácida. Apesar disso, ainda não tinha começado a envelhecer depressa, como temera que acontecesse. Talvez houvesse diferentes maneiras de envelhecer. A algumas pessoas murchava-lhes primeiro o corpo, a outras a mente, a outras ainda a alma.

Havia uma caixa dentro da parte do cérebro que armazenava a memória... uma caixa de música, com o esmalte lascado e uma melodia cujas notas nos assombravam. Guardadas nela estavam todas as coisas que a mente não queria esquecer, nem se atrevia a lembrar. Em momentos de stresse ou de trauma, ou porventura sem

motivo aparente, a caixa abria-se de repente, derramando todo o seu conteúdo. Era isso que ela sentia que lhe estava a acontecer nessa noite.

— Não o encontrei — disse Selma, ofegante do esforço.

— Pode procurá-lo outra vez, por favor? Avise-me quando o encontrar.

— Estava a ver televisão — protestou Selma e, depois, assumiu um tom mais conciliador. — Está bem, vou fazer os possíveis.

As coisas entre elas tinham melhorado pela mesma razão que antes as afastara: Mensur. Enquanto em vida ele as separara, a sua ausência aproximara-as uma da outra.

— Só mais uma coisa — acrescentou Peri à pressa —, roubaram-me o telemóvel. Envie uma mensagem ao Adnan, mas não diga nada sobre isto. Escreva só: «Liga para casa» e eu telefono-lhe.

— O que é que se passa? — perguntou Selma, fazendo uma ligeiríssima pausa de desconfiança. — A Shirin não é aquela rapariga horrível de Inglaterra?

Peri sentiu o coração sobressaltar-se.

— Porque é que queres falar com ela? — insistiu Selma. — Ela não era tua amiga.

«Era a minha melhor amiga», pensou Peri, mas refreou-se e não o disse. «Ela, a Mona e eu. Nós as três: a Pecadora, a Crente, a Confusa.»

Ao invés, disse:

— Já lá vai muito tempo, mãe, agora somos adultas, todas nós. Não há motivo para se preocupar. Tenho a certeza de que a Shirin deixou tudo para trás.

Enquanto proferia estas palavras, e se forçava a acreditar nelas, Peri teve consciência de que provavelmente nenhuma era verdade. Shirin seria incapaz de deixar o passado para trás. Da mesma maneira que Peri também não o conseguira fazer.

O Cinto de Castidade

Oxford, Istambul, 2000

Numa tarde, à beira do inverno, com o vento a saber a sal marinho e enxofre, Peri chegou a Istambul para o casamento do irmão. Tivera imensas saudades da sua cidade natal; por muito só que se tivesse sentido enquanto ali vivera, sentira-se ainda mais só enquanto estivera longe. Como que para se impedir de acalentar pensamentos melancólicos, a partir do instante em que pousou a mala, mergulhou numa lista de obrigações: visitar familiares, comprar prendas, cumprir tarefas.

Peri rapidamente se apercebeu de que, na sua ausência, se erguera uma pirâmide de tensão em casa dos Nalbantoğlus, tornando o ar pesado, difícil de respirar. Uma pequena parte do mal-estar era antiga, as habituais trocas de palavras amargas e irascíveis entre os seus pais. Contudo, uma grande parte era recente, precipitada pelos preparativos do casamento. A família da noiva insistira numa cerimónia luxuosa, *digna da sua filha*. O salão que tinha sido alugado foi substituído à última hora por um espaço maior, o que implicou convidar mais pessoas, encomendar mais comida e, em última instância, gastar mais dinheiro. Ainda assim, ninguém ficou contente. Enquanto as duas famílias trocavam

galhardetes e simpatias, por baixo da pátina de cortesia, corria uma maré de ressentimento nos dois sentidos.

Na manhã do casamento, Peri acordou com cheiros suculentos a pairarem de uma ponta à outra da casa. Quando entrou na cozinha, encontrou a mãe, de avental com margaridas amarelas estampadas, a assar três tipos diferentes de *börek*: de espinafres, queijo branco e carne moída. A esfregar, encerar, limpar e lavar, Selma estivera a trabalhar a um ritmo sobre-humano e parecia incapaz de abrandar.

— Diz a essa mulher que vai ter um fanico de tanto se esfalfar — disse Mensur à filha, sentado à mesa da cozinha, sem levantar os olhos do jornal, um diário de centro-esquerda que ele assinava desde que Peri era gente.

— Diz a esse homem que o filho *dele* se vai casar. Só acontece uma vez na vida — ripostou Selma.

Peri suspirou.

— Vocês parecem duas crianças... porque é que deixaram de falar um com o outro?

Perante isso, o pai virou a página; a mãe tendeu mais um pedaço de massa. Sentando-se numa cadeira entre eles, como que para criar uma zona-tampão, Peri perguntou:

— E, então, como é que correu a noite da hena?

Selma mordeu o lábio inferior e lançou-lhe um olhar como um estilhaço de vidro.

— Não vieste. Devias cá ter estado.

— Mãe, eu disse-lhe que não podia vir. Tinha aulas.

— Bom, para que saibas, toda a gente perguntou por ti. Andaram a comentar nas minhas costas. O filho não está, a filha não veio... Que família!

— O Umut não vem? — perguntou Peri.

— Ele disse que vinha. Prometeu. Fiz-lhe os pratos preferidos. contei a toda a gente que ele vinha. Mas, em cima da hora, ligou a dizer: «Mãe, tenho coisas importantes para fazer.» Que coisas importantes? Achará ele que sou tola? Não entendo aquele rapaz.

Mas Peri entendia. Desde que fora libertado da prisão, Umut preferia levar uma vidinha sossegada numa povoação do Sul, onde fazia bugigangas para os turistas numa cabana a que chamava casa, com um sorriso tão quebradiço como as conchas que agora lhe davam o sustento. Tinham-no visitado umas quantas vezes. Ele mostrara-se sempre delicado e reservado, como se falasse com desconhecidos. A mulher com quem vivia, uma divorciada com dois filhos, disse que ele andava bem, mas que, às vezes, o seu estado de espírito se toldava inesperadamente: ficava rabugento, irritadiço, não conseguia sair da cama, nem lavar a cara; disse que, às vezes, ele *rebentava* de tal maneira que ela tinha de o vigiar dia e noite, não por recear que ele lhe fizesse mal a si ou aos seus filhos, mas com medo de que se magoasse a si próprio; ela escondia as lâminas, porque esse tipo de cortes não sarava facilmente; tentava não pensar muito nisso e os Nalbantoğlus também não indagaram mais, com receio de não terem estofo para lidar com o assunto.

— Ouça, eu tenho muita pena, teria vindo mais cedo se pudesse — disse Peri. Não fazia tenções de discutir com a mãe. — Conte-me lá como correu.

— Oh, foi o mesmo de sempre, nada de especial — respondeu Selma. — Mas, em troca, eles esperam que nós os cubramos de diamantes.

Como um meticoloso contabilista, Selma fizera um registo da quantia que os Nalbantoğlus tinham despendido em comparação com a outra família; de quantas pessoas o noivo ia convidar em

comparação com a lista de convidados da noiva; e por aí fora. Era como se, no meio das suas vidas, tivesse surgido uma balança de merceeiro: qualquer que fosse o peso que uma família colocasse num dos pratos tinha de ser contrabalançado pelo outro lado. Se se tratava de uma espécie de luta, era travada com o máximo de decoro. Peri ficou estupefacta ao ver a maneira como a mãe fazia críticas e queixas e, daí a nada, conversava alegremente com a mãe da noiva ao telefone, brincando e rindo como uma menina.

Apesar dos gastos, a noiva tinha qualidades que agradavam sobejamente a Selma: o facto de a família ser bastante religiosa, por exemplo.

— Para sermos justos, levaram um *hodja* genial à noite da hena — disse Selma. — Uma voz de rouxinol! Toda a gente chorou. A família da noiva é mais pia do que a nossa linhagem de sete gerações. São descendentes de *hajis* e xeques. — Proferiu estas últimas palavras com ênfase, certificando-se de que chegavam aos ouvidos pouco esclarecidos do marido.

— Que maravilha! — retorquiu Mensur, do seu canto. — Se têm muita gente pia na família, também têm muitos hereges. Explica lá à tua mãe, Peri, este conceito básico da dialética. A negação da negação. Toda a doutrina cria a sua oposição. Onde há muitos santos, há de certeza igual número de pecadores!

Selma franziu o sobrolho.

— Peri, diz-lhe que isso é um chorrilho de disparates.

— Mãe, pai, chega... — atalhou Peri. — Temos a sorte de o meu irmão ter encontrado uma mulher que o faz feliz. É só isso que importa.

Já estivera com a noiva duas ou três vezes. Uma rapariga de covinhas nas bochechas, com uns olhos de avelã que se

arregalavam à menor surpresa e um gosto por pulseiras douradas; parecia bastante tímida. Usava um lenço na cabeça, atando-o num estilo que Peri ficou a saber que se chamava «à moda do Dubai». À moda de Istambul adequava-se a rostos redondos, à moda do Dubai a rostos ovais e à moda do Golfo a rostos quadrados. Foi com espanto que Peri descobriu toda uma linha de moda islâmica que ou estava a emergir, ou lhe passara despercebida até aí. A par com o «*hijab* de alta-costura», o «burquíni» e as «calças *halal*», aquela era uma tendência da moda. E um negócio enorme.

Ao contrário de muitos secularistas que ela conhecia, incluindo o seu pai, Peri não era terminantemente contra o facto de as mulheres se cobrirem, daí a sua amizade com Mona. Preferia ter em conta não o que as pessoas usavam em cima da cabeça e, sim, o que tinham dentro dela. E era aí que residia o seu dilema. Apesar de aceitar o visual da noiva, no seu âmago Peri menosprezava-a. Nunca o confessara aos pais e tinha quase tanta dificuldade em o admitir perante si própria: a rapariga não era culta; a última vez que pegara num livro provavelmente fora na escola. Não conseguiam manter uma conversa, a menos que envolvesse assuntos que não interessavam minimamente a Peri: séries de TV populares e dietas com baixo teor em hidratos de carbono. A bem da verdade, a noiva não era mais inculta do que o futuro marido, que Peri também depreciava em segredo. Não se lembrava de alguma vez ter tido uma conversa decente com Hakan.

Esse seu snobismo intelectual limitava-se à juventude. Os velhinhos iletrados, que nunca tinham tido acesso ao conhecimento, não a incomodavam nada, mas sentia um certo desprezo por qualquer pessoa da sua idade que falasse como se os livros fossem objetos decorativos que só servissem para condizer com os móveis.

«Se algum dia me apaixonar», prometeu a si própria, «será pelo cérebro de uma pessoa. Não me importarei com a sua aparência, estatuto ou idade, só com o intelecto».

O espaço alugado para o casamento foi o Salão Nobre de um hotel de cinco estrelas, com uma vista magnífica sobre o Bósforo. Caminhos de mesa em cetim, cascatas de flores de seda, cadeiras adornadas com faixas e laços dourados, um bolo de oito camadas com arcos e folhas de açúcar feitas à mão e, como centro de mesa, uma árvore de cristal que mudava de cor. Peri tinha noção de que a festa devorara uma grande porção das poupanças dos pais. Os seus gastos em Oxford já tinham sobrecarregado o orçamento familiar. Ao ver aquela extravagância à sua volta, decidiu arranjar um emprego a tempo parcial, assim que voltasse para Inglaterra.

Os convidados começaram a chegar. Familiares, vizinhos e amigos de ambos os lados sentaram-se às mesas enfeitadas, alinhadas no vasto espaço do salão de baile. Entretanto, os recém-casados pareciam nervosos, ele acenando para toda a gente, ela de olhos baixos; ele demasiado ruidoso, ela excessivamente calada. A noiva levava um vestido de renda e tafetá marfim, de manga comprida, bordado a prata e enfeitado com vidrinhos a imitar diamantes: um vestido definido como «elegante e *hijabi* chique» no catálogo da loja. Era bonito, mas um pouco grosso e, sob os focos, já ela transpirava. O noivo, ataviado com um smoking preto, parecia mais à vontade e despiu o casaco quando ficou com calor. Um a um, os convidados aproximaram-se para os felicitar e alfinetar as suas prendas: moedas de ouro e dinheiro vivo e frio (liras e dólares). O vestido da noiva foi adornado com tantas notas e moedas presas

com fitas que, quando ela se levantou para posar para a fotografia, parecia uma escultura contemporânea, em delicado equilíbrio entre o estilo avant-garde e o lunático.

Em pano de fundo, uma banda amadora de rock tocava uma série de músicas, desde canções populares anatólicas aos êxitos dos Beatles e, de vez em quando, metia uma melodia sua, por mais desarmoniosa que fosse. Apesar dos protestos da família da noiva, havia bebidas alcoólicas a um canto da sala. Mensur batera o pé e ameaçara faltar ao dia mais feliz da vida do filho, se banissem o *raki*, o seu companheiro de sempre. A maior parte dos convidados optou por refrigerantes, mas bastantes pareciam ter descoberto o bar ímpio. Entre os pioneiros naquele território proibido encontrava-se, surpreendentemente, o tio da noiva. Dada a rapidez com que tragava as bebidas, não demorou a ficar embriagado, um pormenor que Mensur observou com deleite.

Peri, fazendo o papel de anfitriã — de vestido azul-água até aos joelhos e o cabelo penteado num totó tão grande que lhe mudou o centro de gravidade da cabeça —, teve de falar com muitos convidados e sorrir com frequência. Enquanto arrulhava para as crianças, beijava as mãos dos idosos, ouvia a tagarelice dos seus pares, reparou num rapaz que a fitava intensamente, muito atento. Não era o tipo de olhar masculino que exprimia atração e se detinha nessa linha fina; era um olhar que ia mais longe, insistia, exigia. Parecia não compreender que era um passinho liliputiano que separava a determinação da agressividade. Quando os seus olhares se fixaram, Peri fez uma carranca, na esperança de deixar bem claro que não estava interessada. Ele retribuiu com um sorriso malicioso, deixando o sinal dela suspenso no meio do ar, recusando-se a recebê-lo.

Meia hora depois, quando ela se dirigia para a casa de banho das senhoras, o rapaz barrou-lhe o caminho. Pondo a mão na parede para ela não poder passar, disse:

— Pareces uma fada. Pelos vistos, os teus pais deram-te o nome certo.

— Desculpa, mas não tens nada de mais interessante para fazer?

— Não tenho culpa se és tão bonita — respondeu ele, lançando-lhe um olhar lascivo.

Peri sentiu o sangue a ferver, as palavras saindo-lhe da boca em catadupa.

— Deixa-me em paz! Ninguém te deu o direito de me incomodar.

Espantado, ele pestanejou. Com um esforço exagerado, baixou o braço. O rosto, que até há uns segundos exibira um sorriso confiante, expressava agora uma hostilidade inequívoca.

— Disseram que eras uma snobe. Eu devia ter dado ouvidos. Só porque andas em Oxford, achas que és melhor do que nós!

— Isto — disse ela, com firmeza — não tem nada a ver com Oxford.

— Cabra arrogante — disse ele, entre dentes, suficientemente alto para ela ouvir.

O rosto de Peri ficou branco enquanto o via afastar-se, hirto. Como era fácil passar do amor ao ódio. No reino do Oriente, o coração masculino, como a esfera na ponta de um pêndulo, oscilava de um extremo ao outro. Balouçando da adoração exacerbada para o desprezo exacerbado, suspensos por cima dos destroços emocionais do que, ainda na véspera, tinha sido rotulado de paixão, os homens amavam demasiado, enfureciam-se demasiado, odiavam demasiado, tudo era sempre demasiado.

Quando voltou para o salão, Peri deparou com os noivos empenhados na dança de que toda a gente estivera à espera. Dezenas de olhos pressionavam-nos de todos os lados. Com as costas direitas como se tivessem engolido um espeto e as mãos rígidas, mantiveram a pose sem se tocarem e oscilaram em uníssonos, dois sonâmbulos presos no mesmo sonho.

Peri sentiu-se triste. O abismo entre a pessoa que ela era por dentro e a que esperavam que fosse por fora afigurou-se-lhe maior do que nunca. Apercebeu-se da distância, intransponível, entre o meio de onde vinha e aquele para onde desejava encaminhar-se. Não seria uma noiva como aquela. Não viveria a vida da sua mãe. Não seria inibida, limitada e reduzida a algo que não era.

Um pensamento atravessou-lhe a mente à velocidade da luz: «Nunca me hei de casar com um homem desta parte do mundo.» A ideia ia contra tudo o que lhe tinham ensinado, era tão deliciosamente errada, tão indescritivelmente blasfema, que ela teve de baixar o rosto para que ninguém lhe adivinhasse a expressão dos olhos. Escolheria um marido de uma cultura o mais distante e diferente da sua quanto fosse possível. Um esquimó, por exemplo. Alguém chamado Aqbalibaaqtuq.

O seu rosto abriu-se num sorriso, ao imaginar o pai a convidar o genro Inuit para beber uns copos a acompanhar os seus novos pratos: sopa de cabeças de peixe, carne de baleia crua e barbatanas de foca fermentadas. Entretanto, a sua mãe insistiria para que ele se convertesse ao Islão, com circuncisão e tudo. Aqbalibaaqtuq tornar-se-ia Abdullah. Depois, o seu irmão Hakan far-lhe-ia um curso intensivo de masculinidade turca. Aqbalibaaqtuq preencheria muitas horas de lazer no café a jogar cartas e a fumar o narguilé. Rapidamente, se passasse tempo suficiente em más

companhias, seria iniciado nos comportamentos do arquétipo masculino nacional, exigindo os privilégios devidos ao seu sexo. O seu amor ártico depressa derreteria no calor dos costumes patriarcais.

Depois da meia-noite, a festa chegou ao fim. Um a um, os últimos convidados despediram-se e os membros da banda arrumaram o material e foram-se embora, deixando apenas os familiares mais chegados no salão. No dia seguinte de manhã, os recém-casados partiriam para uma semana de lua de mel. O destino era uma estância balnear de luxo na costa mediterrânica da Turquia, que se tornara famosa e gerara alguma controvérsia, devido à criação de restaurantes *halal*, piscinas *halal* e discotecas *halal*, todos com zonas específicas para cada sexo. Até tinham dividido a praia, e o mar, em secção feminina e secção masculina.

Mas, nessa noite, por insistência de Selma e por uma questão de conveniência, os recém-casados passariam a noite em casa dos Nalbantoğlus, perto do aeroporto. Os pais da noiva, que viviam na outra ponta da cidade, também foram convidados. Assim, encaixaram-se todos com dificuldade na carrinha, com sacos e cestos, e um buquê de seda que, ao fim de tantas horas, tinha as pétalas amarrotadas e esfiapadas.

Estava invulgarmente frio para aquela época do ano, o vento fustigava as janelas, irado, como um espírito injustiçado.

Enquanto a carrinha acelerava por entre as ruas lambidas pela chuva, Peri viu a mãe da noiva tirar uma faixa vermelho-vivo — «o Cinto de Castidade» — da carteira e atá-la à cintura da filha. A faixa desconcertou-a, embora soubesse que, em muitas partes do país,

era uma prática comum. Sem pensar mais no assunto, tentou conversar com Hakan, sentado ao seu lado. O irmão parecia cansado e distraído, e ela reparou que ele tinha uma fina película de suor na testa; pouco depois, também Peri sucumbiu ao silêncio.

O hospital

Istambul, 2000

Ao chegarem a casa, os recém-casados foram instalados no quarto principal e os pais da noiva no de Peri. Selma e Mensur não tiveram alternativa, a não ser ficar no quarto do filho e partilhar cama. Quanto a Peri, teria de se contentar com o sofá da sala.

Assim que pousou a cabeça na almofada, Peri sentiu-se inundada por uma onda de exaustão. Entre a vigília e o sono, ouviu um murmúrio distante, palavras a pairarem momentos antes de a última luz se apagar. Alguém rezava. Tentou adivinhar quem seria, mas a voz parecia destituída de idade e sexo. Talvez já estivesse a sonhar. Embalada pelo tiquetaquear do relógio do corredor, demasiado sonolenta até para lavar os dentes, com o peito a subir e a descer a cada respiração, adormeceu.

A meio da noite, passado uma hora ou mais, Peri acordou, sobressaltada. Pensou ter ouvido um barulho, mas não tinha a certeza. Apoiou-se num cotovelo, hirta e muito quieta. Enquanto aguçava os ouvidos, expectante, perguntou-se se estaria ela a escutar a escuridão ou a escuridão a escutá-la a si. Sustendo a respiração, contou os batimentos cardíacos: três, quatro, cinco... ouviu o som outra vez. Alguém a chorar. Por entre soluços, ouvia-se

um restolhar firme e insistente, como vento num arvoredor antes de uma tempestade. Uma porta abriu-se e fechou-se com estrondo, por acidente ou às mãos de alguém furioso.

Embora sentisse no seu âmago que se passava alguma coisa de errado, Peri deitou-se para trás, esperando que o que quer que fosse se resolvesse por si só. Mas os sons multiplicaram-se. Os sussurros transformaram-se em gritos, ecoaram passos no corredor e, ao fundo, já não um soluço mas um gemido, o uivo de uma alma em sofrimento.

— O que é que se passa? — disse Peri em voz alta, levantando-se e ouvindo a sua voz avançar à sua frente até às entranhas da casa.

Chegou ao quarto onde os seus pais deveriam estar a dormir. A mãe encontrava-se de pé, com o rosto pálido. O pai andava de um lado para o outro, de mãos entrelaçadas, o cabelo desganhado. Ao lado deles estava o seu irmão Hakan, com um cigarro a queimar entre os dedos; puxou uma fumaça com um gesto de desespero exagerado. Olhando para eles, Peri teve a estranha sensação de que não conhecia nenhuma daquelas pessoas; eram desconhecidos a fazerem-se passar pelos seus entes queridos.

— Porque é que estão todos acordados? — perguntou Peri.

O irmão fulminou-a com os olhos semicerrados como o gume de uma lâmina.

— Vai para o teu quarto!

— Mas...

— Vai!

Peri deu um passo atrás. Nunca tinha visto Hakan assim; embora ele sempre tivesse sido dado a ataques de mau feitio e palavrões,

dessa vez a sua raiva era tão intensa e descontrolada que parecia uma criatura selvagem dentro do quarto.

Em vez de voltar para a sala, Peri virou para o quarto principal, onde encontrou a porta entreaberta e a noiva empoleirada na beira da cama, de camisa de noite, com o cabelo escuro caindo-lhe em cascata sobre os ombros. Os pais estavam sentados, um de cada lado, com os lábios cerrados numa linha fina.

— Eu juro que não é verdade — disse a noiva.

— Então, porque é que ele diz uma coisa destas? — perguntou a mãe, numa voz áspera.

— Acredita nele ou na sua própria filha?

A mãe ficou calada por um instante.

— Acreditarei no que o médico disser.

Lentamente, como que em transe, Peri compreendeu a razão que estava por detrás dos sons que ouvira antes: o irmão saíra intempestivamente do quarto, convencido de que a sua mulher não era virgem.

— Que médico? — perguntou a noiva; os seus olhos, vermelhos e assustados, olharam fixamente para a cidade através da janela. O céu, negro-carvão, com a Lua escondida atrás de uma nuvem, tingia de roxo o horizonte, reduto da alvorada.

— É a única maneira de resolvermos esta questão — anunciou a mulher, levantando-se, agarrando na filha pela mão e puxando-a para fora da cama.

— Mãe, por favor, não — sussurrou a filha, numa voz mais pequenina do que uma pérola.

Mas a mulher não a ouvia.

— Vai buscar os nossos casacos — disse ela ao marido, que fez que sim, por hábito ou quiçá por concordar.

Com o sangue afluindo-lhe ao rosto, Peri voltou a correr para junto dos pais.

— *Baba*, eles vão para o hospital! Não os deixes ir!

Mensur, de pijama de algodão, tinha o ar infeliz de uma pessoa que fora atirada para uma peça de teatro sem saber as suas deixas. Olhou para a filha e, em seguida, para a noiva e para a mãe, que passaram diante deles, a caminho da porta. Era a mesma impotência que demonstrara havia anos, na noite em que a polícia lhes entrara pela casa dentro.

— Vamo-nos acalmar, todos — disse Mensur. — É escusado envolver desconhecidos nesta história. Agora, somos da mesma família.

A mãe da noiva menosprezou as palavras com um aceno de mão.

— Se a minha filha tiver falhado, eu própria a castigarei. Mas se o seu filho estiver a mentir, que Alá seja minha testemunha, hei de fazê-lo arrepender-se disso!

— Por favor — disse Mensur —, não devemos agir com raiva...

— Eles que façam o que quiserem — ripostou Hakan, com o fumo do cigarro a sair-lhe em espiral das narinas. — Também quero saber a verdade. Tenho o direito de saber com que tipo de mulher me casei.

Peri fitou o irmão, boquiaberta.

— Como é que és capaz de dizer uma coisa dessas?

— Cala-te! — retorquiu Hakan, numa voz tão inexpressiva que nem sequer condizia com a dureza da mensagem. — Já te disse para não te meteres no assunto.

Passado menos de meia hora, estavam, todos eles, sentados num banco no hospital mais próximo. Todos, menos a noiva.

Dessa noite, que Peri lembraria muitas vezes durante anos, foram vários os pormenores que lhe ficaram na memória: as brechas no teto que pareciam o mapa de um continente perdido; os sapatos da enfermeira a baterem no chão de betão; o odor a desinfetante misturado com os cheiros a sangue e infeção; a tinta verde-musgo que pintalgava as paredes; o letreiro URGÊNC AS com a letra em falta; e o pensamento inquietante, massacrando-lhe o cérebro, de que por mais surreal que lhe parecesse tudo o que estava a acontecer, ela própria poderia facilmente ter sido sujeita àquele exame, se os seus pais a tivessem casado com um homem de uma família que se preocupasse com aquelas coisas. Sim, Peri teve noção disso com um peso no coração.

Já tinha ouvido falar em crises na noite de núpcias, mas sempre pensara que só aconteciam a outras pessoas, a camponeses em aldeias perdidas, provincianos que não tinham capacidade para mais. A sua família nunca se veria metida numa história de teste de virgindade num hospital decrépito. Desde criança, sempre fora tratada em pé de igualdade com os seus irmãos, se é que não fora privilegiada. Era acarinhada, mimada e amada pelos pais. Ainda assim, tendo crescido num bairro pequeno, onde havia olhos por trás de todas as cortinas de renda, vendo e julgando, estava ciente das fronteiras que não podia transpor, do que não devia vestir, de como se sentar em público, de quando voltar para casa depois de ter saído à noite... isto é, a maior parte das vezes. No último ano do liceu, o redemoinho de revolta e desafio que arrastara a maioria dos seus colegas na correnteza e os levara para longe deixara-a inicialmente intacta, ancorada no alto do seu pedestal moral.

Enquanto os colegas quebravam tabus e os corações uns dos outros com igual fervor, Peri levava uma vidinha pacata. Mas, depois, apaixonara-se e o amor, embora tão breve quanto arrojado, destruíra-lhe as fronteiras bem preservadas. Sem os seus pais saberem, ela tivera relações sexuais com o seu namorado de esquerda. Compreendia agora a fragilidade da sua posição de «filha adorada». Sentia-se hipócrita. Ali estava ela, à espera do resultado do teste de virgindade de outra jovem, quando ela própria já não era virgem.

— Porque é que está a demorar tanto? Terá havido algum problema? — perguntou o pai da noiva, pondo-se de pé de um salto e voltando a sentar-se logo a seguir.

— É claro que não! — repreendeu a mulher dele. Estava tão alvoroçada que a enfermeira de serviço se aproximara duas vezes para a mandar falar mais baixo.

Passou uma hora, ou o que pareceu ser uma hora. Finalmente, surgiu a médica, de cabelo apanhado e os olhos cinzentos a faiscarem por trás dos óculos. Esquadrinhou-os sem disfarçar o seu desprezo. Era evidente que detestava o que acabara de fazer e os detestava ainda mais por lhe terem pedido tal coisa.

— Já que querem tanto saber, a rapariga é virgem — anunciou a médica. — Algumas raparigas nascem sem hímen e alguns hímenes podem rasgar-se durante o sexo ou uma mera atividade física, sem nunca sangrarem.

Parecia estar a fazer de propósito, a usar factos médicos para os humilhar, um ato de vingança pela vergonha a que tinham sujeitado a noiva.

— Destruíram a sanidade mental desta jovem. Aconselho-vos a levarem-na a um psicólogo. Isto é, se gostam dela. E agora quero

que saiam todos daqui. Temos doentes com problemas a sério. Pessoas como vocês só nos fazem perder tempo.

Sem dizer mais nada, a médica virou costas e foi-se embora. Durante um minuto inteiro, ninguém falou. Foi a mãe da noiva quem quebrou o silêncio.

— Alá é grande — gritou. — Tentaram conspurcar a minha filha, mas Deus, o meu Deus, deu-lhes um estalo na cara e disse: «Como é que se atrevem a macular uma virgem? Como é que se atrevem a manchar um botão de rosa?»

Na periferia do seu campo de visão, Peri viu o pai baixar a cabeça, de olhos fixos no chão de betão como se quisesse que este o engolisse.

— O vosso filho é que não conseguiu dar conta do recado, ouviram? Se não é homem que baste, como é que podem culpar a minha filha? Em vez disto, deviam ter levado o vosso filho sabem muito bem onde!

— Acalma-te, mulher — murmurou o marido, com ar constrangido e sem saber se aquela seria a melhor abordagem.

A intervenção dele só serviu para inflamar ainda mais a mulher.

— Porque é que eu me haveria de acalmar? Porque é que eu haveria de os poupar à vergonha?

Uma porta ao fundo do corredor abriu-se e apareceu a noiva. Avançou para eles, num passo contido e sem pressa. Num abrir e fechar de olhos, a mãe precipitou-se para ela, batendo nas coxas com os punhos como uma carpideira.

— Meu botão de rosa, o que é que eles te fizeram? Que se afundem na lama para onde nos tentaram arrastar!

Ignorando a mãe, a noiva encaminhou-se a passos largos para a saída. Ao passar pelos Nalbantoğlus, e pelo marido, que dava tanto

à perna que o banco até vibrava, manteve o queixo erguido, recusando-se a olhar para qualquer um deles. Peri reparou nas mãos dela, arrançadas e pintadas com hena, e nas palmas, com manchas vermelhas em forma de meia-lua. Foi esse o pormenor que a afetou mais do que tudo o resto que viu naquela triste noite. As marcas deixadas na pele, quando uma rapariga finca as unhas nas mãos durante um teste de virgindade.

— Feride... espera...

Foi a primeira vez que Peri pronunciou o nome dela. Até aí, fora sempre «ela» ou «tu» ou simplesmente «a noiva».

Embora abrandasse, Feride não parou nem se virou. Caminhando sempre em frente, transpondo as portas automáticas, desapareceu com os pais a reboque.

Peri sentiu uma raiva a ferver dentro de si, para com o irmão, cujo egoísmo e insegurança tinham causado aquela infelicidade; para com os pais, por não terem feito um esforço maior para evitar aquele insulto; para com as tradições velhíssimas que determinavam que o valor de um ser humano do sexo feminino se encontrava entre as suas pernas; mas, acima de tudo, para consigo própria. Podia ter feito alguma coisa para ajudar Feride e, no entanto, não o fizera. Era sempre assim. Em momentos de stresse, quando precisava de agir e mostrar determinação, caía na letargia, como se uma mão invisível a empurrasse para baixo, de onde via o mundo à sua volta esbater-se e reduzir-se a um borrão, e os seus sentimentos tornarem-se difusos, como luzes que alguém esmorece, uma a uma.

No caminho de regresso a casa, na carrinha que tinham alugado para o casamento, os Nalbantoğlus estavam sozinhos. Enquanto Hakan conduzia e Mensur ia no banco de trás, a olhar fixamente pela janela, Peri sentou-se ao lado da mãe.

— O que é que vai acontecer agora? — perguntou.

— Nada, *inshallah* — respondeu Selma. — Vamos comprar chocolates, sedas, joias... e pedir desculpa. Faremos tudo o que pudermos para os compensar, embora tenha sido deles e não nossa a ideia de ir ao hospital.

Peri pensou um instante.

— Como é que um casamento pode sobreviver a um começo tão mau?

A mãe sorriu de esguelha, com a luz do candeeiro de rua a dividir-lhe o rosto em dois: meio chamus, meio sombras.

— Vai por mim, Pericim, já muitos casamentos sobreviveram a coisas piores do que isto. Vai correr tudo bem, *inshallah*.

Peri ficou espcada a olhar para ela, vendo a sua mãe, porventura pela primeira vez, com olhos de ver. Passou-lhe pela cabeça que talvez o casamento dos seus pais afinal não fosse só o que parecia ser e que talvez o seu querido pai nem sempre fosse o cavalheiro que ela imaginava.

Os seus pensamentos esvoaçaram para a fotografia de casamento dos pais que eles tinham guardado no armário, emoldurada, mas sem estar à vista. Mensur e Selma, ambos jovens e magros, estavam de pé, hirtos e sisudos, como se tivessem acabado de tomar consciência da gravidade do que tinham feito. Atrás deles, via-se um fundo absurdo de orquídeas selvagens e gansos voadores. Na cabeça, que na época ainda não andava

coberta, Selma levava uma coroa de margaridas entrançadas, a sua beleza de plástico tão artificial como a felicidade deles.

Peri pegou na mão da mãe, mais por instinto do que propriamente com intenção, e apertou-a ao de leve. Ocorreu-lhe que a sua mãe, que ela sempre considerara frágil e chorosa, talvez tivesse uma resiliência interior própria. Selma lidava com crises emocionais da mesma maneira que com as suas tarefas domésticas. Diligentemente, apanhava os cacos, do mesmo modo que arrumava as bugigangas espalhadas pela casa.

Como se tivesse pressentido os pensamentos da filha, Selma disse:

— Tenho fé, isso ajuda. Deve haver uma razão para termos passado por isto. Ainda não sei qual é, mas Alá sabe.

Peri percebeu, pelo rubor das faces e o brilho dos olhos, que a mãe estava a ser sincera. A fé, fosse qual fosse o significado que Selma lhe desse, imbuía-a de um sentido de entrega que poderia ter sido um motivo de fraqueza e, no entanto, a tornava mais forte. Seria a religião uma força que dava poder a mulheres que, de outro modo, tinham um acesso muito reduzido a esse mesmo poder, numa sociedade concebida por e para os homens, ou seria só mais uma ferramenta para os ajudar a subjugar-las?

No dia seguinte, Peri voltou para Inglaterra, com a mente a arder de perguntas... e incapaz de dizer se seria melhor procurar as respostas ou deixá-las estar, sem lhes mexer.

O abutre

Istambul, 2016

Assim que desligou o telefone depois de falar com a mãe, Peri desceu as escadas adornadas com urnas a imitar as gregas, atravessou o chão de mármore polido e voltou para a mesa. Uma parte de si estava desiludida por não ter conseguido obter o número de Shirin. Outra, aliviada. Não fazia ideia do que teria dito e, mesmo que tivesse encontrado as palavras certas, se Shirin as teria escutado. Ligara-lhe umas quantas vezes no passado, pouco depois de ter deixado Oxford, mas Shirin estava demasiado furiosa para falar, a ferida demasiado viva. Embora se tivessem passado anos, não havia qualquer garantia de que as coisas tivessem mudado.

Com o riso dos convidados a arranhar-lhe os ouvidos, Peri entrou na sala de jantar e deparou com a relações públicas parada junto do armário das bebidas, à sua espera.

— Liguei ao meu irmão enquanto estive lá em cima — anunciou a mulher, com um sorriso que não lhe chegava aos olhos. — Ficou contentíssimo por saber que andou em Oxford na mesma altura que ele. De certeza que vocês os dois têm amigos comuns.

Peri fitou-a com a mesma intensidade com que ela a fixava a si.

— Talvez, mas Oxford é uma universidade grande.

— Eu disse-lhe que você tinha uma fotografia do professor do escândalo. Ele ficou muito surpreendido.

Peri cerrou os maxilares, preparando-se para o que aí vinha.

— Como é que ele se chamava? O meu irmão disse-me, mas já não me lembro.

— Azur — respondeu Peri, sentindo o nome queimar-lhe a língua como uma gota de fogo.

— É isso mesmo. Eu sabia que era um nome esquisito! — A relações públicas estalou os dedos para pontuar a ideia. — Hum, o meu irmão ficou curioso... pediu-me para lhe perguntar se foi aluna dele.

— Não, eu não conhecia o professor por aí além — disse Peri, sem hesitar um segundo. — As raparigas da fotografia é que foram alunas dele. Eu era só amiga delas. Seja como for, perdi-lhes o rasto.

— Ah! — exclamou a relações públicas, com a desilusão a turvar-lhe as feições, mas, ainda assim, decidida a insistir mais um pouco. — Procure-as no Facebook. Eu encontrei todos os meus colegas da faculdade... até os da escola primária. Organizamos uns dias de arroz *pilaf* e feijão...

Peri fez que sim com a cabeça, desejosa de se libertar daquela mulher que, como um exército hostil que tivesse invadido a sua terra, estava a saquear a sua privacidade, o seu passado. Nunca lhe diria a quantidade de vezes que googlara o nome de Azur — os seus feitos, os seus livros, as suas fotografias — e se debruçara sobre as centenas de páginas sobre ele; e depois googlara o escândalo, após o qual ele deixara de lecionar, mas continuara a dar entrevistas e a fazer palestras.

— O meu irmão disse que se lembra de ter ouvido zunzuns em como havia uma rapariga turca no curso do professor. Disse que na cidade não se falava de outra coisa.

A tensão preencheu o espaço entre elas como uma poça imunda.

— Aonde é que está a querer chegar? — perguntou Peri, espantada com a frieza da sua voz.

— Nada. Fiquei só curiosa.

A imagem do mendigo faiscou diante dos olhos de Peri. O seu corpo esgalgado, os olhos penetrantes, as mãos aos retalhos de eczema. Aquela mulher, embora fosse privilegiada e endinheirada, era tão viciada quanto ele. Peri imaginou-a a segurar num saco de plástico recheado com as desgraças e os segredos negros da vida alheia, dentro do qual ela enfiava o nariz e inalava para se aliviar da sua própria vida.

— Gostava de ter alguma coisa interessante para lhe contar — disse Peri, detendo-se por uma fração de segundo na palavra «interessante». O seu comentário, embora se destinasse à intrometida, parecia dirigido apenas a si própria. — Eu era uma aluna sossegada, não tinha perfil para me envolver em escândalos.

A relações públicas sorriu como se quisesse demonstrar solidariedade.

— Da próxima vez que falar com o seu irmão, diga-lhe que deve ter sido outra pessoa qualquer.

— Sim, claro.

Durante o resto do jantar, Peri evitou olhar para a relações públicas. Não estava incomodada por ter mentido. Não ia revelar o seu passado a uma desconhecida, sobretudo a uma desconhecida-abutre à caça de mexericos para se alimentar. Além disso,

pensando bem, não se tratava propriamente de uma mentira. No fim de contas, a rapariga que em tempos fora a aluna preferida do Professor Azur e, mais tarde, a causa da sua ruína, era uma pessoa diferente, uma Peri diferente da mulher que ela era hoje.

A corrida ao crepúsculo

Oxford, 2000

De volta à faculdade, Peri embrenhou-se nos estudos. De manhã, depois de ir buscar um café — tão diferente do café turco, doce e forte —, observava os alunos e os professores com expressões absortas, livros e apontamentos encostados ao peito, enquanto se deslocavam apressadamente de um edifício para outro; perguntava-se quantos deles teriam tido um gostinho de uma vida noutras paragens. Era tão fácil partir do princípio de que Oxford — ou qualquer outro lugar — constituía o centro do mundo.

Na quarta-feira, saiu da biblioteca ao crepúsculo. Lera durante quase três horas e tinha o cérebro saturado de ideias. Imaginou a sua mente como uma casa caótica, com muitas assoalhadas, onde guardava todas as coisas que lia, via e ouvia, e onde estas eram examinadas, processadas e registadas por um funcionáriozinho, um homúnculo completamente ao seu serviço inconsciente. Acreditava, no entanto, que era possível os pensamentos esconderem-se até da própria pessoa.

Decidiu ir correr. Depois de passar rapidamente pelo quarto para deixar os livros que requisitara e trocar de roupa, pôs-se a caminho,

partindo de Holywell Street e encontrando lentamente o seu ritmo. O vento frio no rosto era um bálsamo.

Passaram vários ciclistas silenciosamente, com os seus refletores a piscar no escuro, como conspiradores. As pessoas iam de bicicleta para toda a parte — lojas, restaurantes, aulas — e uma das coisas preferidas de Peri era ver os professores mais velhos empoleirados nas suas bicicletas, com os mantos a adejar suavemente ao vento. Ela própria não tinha muito jeito para andar de bicicleta. Era algo que requeria esforço da sua parte... como a felicidade.

Tendo-se desviado do seu percurso habitual, acelerou pelas ruas e vielas que pareciam desertas. Inspirou o cheiro a plantas invernais anónimas, dobrou uma esquina e parou, ofegante. Deu por si cara a cara com um cartaz numa parede.

A Universidade de Oxford
O Museu de História Natural
apresentam
O DEBATE SOBRE DEUS
Professor Robert Fowler, Professor John Peter
&
Professor A.Z. Azur
Venham assistir a um debate espetacular
entre as mentes mais brilhantes dos nossos tempos

Peri arregalou os olhos. Verificou a hora e o local indicados no cartaz. Era nesse mesmo dia. Às 17 horas. No Museu de História Natural.

Já tinha começado. O sítio ficava a pelo menos três quilómetros de distância e ela não tinha bilhete, nem dinheiro consigo, mesmo que ainda houvesse bilhetes. Não fazia ideia de como conseguiria entrar e, no entanto, sem hesitar, virou na direção do museu, inspirou fundo e começou a correr.

O Terceiro Caminho

Oxford, 2000

Quando Peri, desgrenhada e com regatos de suor a escorrerem-lhe pelo pescoço, chegou ao destino, já o Sol se tinha posto num céu ambarino e baixo. Aproximou-se do edifício neogótico que fora designado «a catedral da ciência». A arquitetura de Oxford recaía em duas categorias: a que recordava e a que sonhava. O Museu de História Natural pertencia a ambas. Ouvindo os seus pés a pisarem o cascalho, Peri pensou que o edifício — independentemente das coleções que albergava — exigia das suas visitas admiração e respeito.

Estavam dois assistentes, um rapaz e uma rapariga, na entrada principal — estudantes, pelo aspeto deles —, envergando camisas azul-garridas iguais e iguais expressões de tédio. Um deles apontou com a cabeça na direção dela.

— Vim ver o debate — disse Peri, tentando recuperar o fôlego.

— Tens bilhete? — perguntou o rapaz, um jovem escanzelado, com o lábio inferior espetado para fora e uma testa estreita coroada por uma cabeleira ruiva e revolta.

— Hum... não — respondeu Peri, ansiosa. — E também não trouxe o porta-moedas comigo.

— Não te teria servido para nada. — Ele abanou a cabeça. — Os bilhetes esgotaram há semanas.

Da boca de Peri derramaram-se palavras como se tivessem vontade própria.

— Oh, mas fiz o caminho todo a correr!

Perante a resposta de Peri, dita tão alto e de maneira tão espontânea, a rapariga sorriu, solidária.

— Já está quase no fim, chegaste muito tarde.

Agarrando-se a um fiozinho de esperança, Peri perguntou:

— Posso só espreitar?

A rapariga encolheu os ombros. Por ela, podia. Mas o rapaz não estava de acordo.

— Não podemos permitir isso — redarguiu, no tom de uma pessoa que, dando por si inesperadamente numa posição de autoridade, estava decidida a aproveitá-la ao máximo.

— O debate está a ser filmado. Vai haver uma projeção gratuita, mais logo — informou a rapariga.

Peri não ficou satisfeita, mas, ainda assim, assentiu.

— Está bem, obrigada.

Deu meia-volta. Amuada à luz ténue do crepúsculo, parecia uma criança desiludida. Se lhe tivessem perguntado porque é que estava tão desejosa de entrar, a única resposta que teria sido capaz de dar era *intuição*. Algo lhe dizia que muitas das perguntas que tinham andado às voltas nos recessos da sua mente estavam a ser abordadas ali dentro. Foi essa convicção que a instigou a fazer o que fez a seguir.

Em vez de se dirigir para a rua principal, Peri deu uma volta à procura de uma porta lateral, mas não era preciso. Surgiu uma oportunidade quando reparou, olhando por cima do ombro para a

entrada, que a rapariga já lá não estava. O rapaz esperou uns segundos e, depois, desapareceu no interior do edifício.

Impulsivamente, Peri aproveitou-se do facto de já não estar ninguém a controlar o acesso e entrou no museu. Lá dentro, avançou cautelosamente, com os sentidos alerta, como se estivesse meio à espera que o rapaz ruivo saltasse por detrás de uma esquina e a expulsasse. Todavia, não havia sinais dele. Seguindo os letreiros que indicavam DEBATE SOBRE DEUS, foi parar a um salão à cunha.

O público, composto por estudantes e professores universitários, estava sentado em filas compactas, de olhos fixos, com fascinada atenção, nas quatro figuras em palco. Uma delas era um conhecido jornalista da BBC, que fazia de moderador e parecia estar a encerrar a sessão. Peri perscrutou os três professores, perguntando-se qual deles seria Azur.

O primeiro — um indivíduo alto e esgalgado, com uns olhos descaídos e inteligentes — era careca e tinha uma barba grisalha, que cofiava nervosamente sempre que ouvia algo que não era do seu agrado. Fato cinzento, camisa de xadrez rosa, suspensórios vermelhos com fivelas de metal e um toque de beligerância que se lhe escapava, de vez em quando, de trás do sorriso rebuscado. A maior parte do tempo, tinha o olhar cravado nas mãos, como se estas contivessem um mistério que ele esperava solucionar.

O segundo professor, o mais velho dos três, tinha um rosto largo, uma tez rubicunda, o cabelo grisalho e ralo, e uma pança que ele se esquecia de disfarçar quando se entusiasmava. Usava um casaco cor de ferrugem que lhe devia estar apertado, ou então que o fazia sentir-se desconfortável, porque parecia pouco à vontade, curvado na cadeira, com os olhos desfocados. Afigurou-se a Peri uma

pessoa branda, o tipo de homem que preferia estar com os alunos ou os netos a debater Deus em cima de um estrado.

O terceiro orador, separado dos outros dois, sentado à esquerda do moderador, tinha o cabelo louro-acastanhado, que lhe caía em elegantes ondas sobre o colarinho, e um nariz proeminente que se encontrava na delicada fronteira entre o hediondo e o magnífico. Os seus olhos brilhavam como pintas de obsidiana por trás dos óculos clássicos de aros pretos e de tartaruga, enquanto olhava para o público com um sorriso cansado do mundo. Peri não conseguiu perceber se a placidez dele seria um sinal de uma alma em paz consigo própria ou o reflexo de uma arrogância bem polida. Era igualmente difícil adivinhar-lhe a idade. Tinha um porte flexível e tonificado, que o fazia parecer mais jovem do que os outros, e o seu comportamento projetava uma vivacidade que poderia, ou não, dever-se à sua relativa juventude. Peri teve a certeza de que era ele o professor de que Shirin falava com tanto entusiasmo.

— Julgo que falo por todas as pessoas aqui presentes ao dizer que o debate foi fascinante, com algumas ideias provocadoras para digerirmos — disse o moderador, com entusiasmo. Parecia exausto e aliviado por a sessão estar a chegar ao fim. Peri perguntou-se o que teria acontecido antes de ela chegar, sentindo uma vaga de tensão por trás da pátina de cortesia académica.

— Agora, está na hora de passarmos às perguntas do público. Algumas regras básicas: façam perguntas breves e concisas. Esperem, por favor, pelo microfone e não se esqueçam de se apresentar antes de falar.

Uma onda de excitação percorreu a sala, como uma brisa num campo de trigo. Levantaram-se imediatamente umas quantas mãos, os corajosos e os arrojadados.

A primeira pergunta surgiu de um estudante. Depois de se apresentar sucintamente, lançou-se num discurso sobre a dicotomia do bem e do mal, começando na Antiguidade grega e romana até chegar à Idade Média. Quando alcançou o Renascimento, já o público estava impaciente e o jornalista interrompeu-o:

— Muito bem... tem uma pergunta em mente ou tenciona fazer um sermão secular?

Ouviram-se risos. O aluno corou e, quando finalmente se separou do microfone, sem ter formulado uma pergunta, fê-lo com visível relutância.

A segunda pessoa a levantar-se foi um clérigo de sotaina preta; talvez fosse um pastor anglicano, Peri não era capaz de os distinguir uns dos outros. Disse que tinha gostado do debate, mas que ficara espantado ao ouvir o primeiro orador afirmar que a religião não tolerava uma discussão franca. A história da Igreja Cristã estava repleta de exemplos em contrário. As sementes de muitas universidades espalhadas pela Europa, incluindo aquela mesma, tinham sido semeadas através da Teologia. Os ateus tinham direito às suas opiniões, desde que não distorcessem os factos, concluiu.

Seguiu-se uma breve troca de ideias entre o clérigo e o professor barbudo, que Peri percebeu que era o «ateu» em causa. O professor disse que a religião, longe de ser um aliado da discussão franca, era o seu arqu-inimigo. Quando Espinosa questionou os ensinamentos dos rabinos, não foi louvado pelo seu intelecto; pelo contrário, foi expulso da sinagoga. Encontrava-se o mesmo padrão tanto na História do Cristianismo como do Islão. Como homem dedicado à ciência e à clareza, não podia ser subjugado ao dogma.

O elemento seguinte do público que pegou no microfone foi uma elegante senhora de meia-idade. A ciência e a religião nunca

poderiam ser amantes, disse ela, citando exemplos de filósofos e cientistas — ocidentais e orientais — que tinham sido perseguidos pelas autoridades religiosas ao longo da História. Irritou-se com o segundo professor, que, além de ser um estudioso famoso, Peri percebeu que era também um homem muito piedoso.

Este segundo professor, embora não fosse tão eloquente como o seu colega ateu, falou brandamente com um forte sotaque irlandês, proferindo devagar cada palavra, como se fosse uma iguaria a degustar. Disse que, na sua perspectiva, não havia conflito entre religião e ciência. As duas podiam andar de mãos dadas, desde que parássemos de as considerar como azeite e água. Conhecia pessoalmente vários cientistas, especialistas nas suas áreas, que eram cristãos devotos. Como Darwin — que nunca se considerara ateu — argumentara, era absurdo duvidar que um homem pudesse ser simultaneamente um teísta fervoroso e um evolucionista. Muitos cientistas considerados hoje «ateus convictos» eram, na verdade, teístas no seu âmago.

Entretanto, Peri, como não arranjava um lugar vago, encostara-se à parede. Esquadrinhou Azur, que escutava a conversa, com o cabelo caindo-lhe sobre a testa, o rosto iluminado por um brilho enigmático e o queixo apoiado na palma da mão. Não pôde ficar muito mais tempo naquela posição, porque a pergunta seguinte se destinava a ele.

Uma rapariga na primeira fila pôs-se de pé. De ombros para trás, com o rabo de cavalo preto a apanhar a luz do teto, manteve-se muito direita. Mesmo de costas, Peri percebeu que era Shirin.

— Professor Azur, enquanto espírito livre, tenho um problema com a religião em que nasci. Não suporto a arrogância dos ditos «especialistas» ou «pensadores», nem os chavões interesseiros dos

imãs e dos padres e dos rabinos. Vai-me desculpar a linguagem, mas é uma farsa de merda. Quando o leio a si, encontro uma voz que aborda a minha raiva. O professor fala sobre questões delicadas com convicção. E ensina-me a compreender os outros. Quando se senta a escrever, tem algum leitor específico em mente?

Azur inclinou a cabeça para um lado, com um sorriso suave de compreensão e cumplicidade, uma *nuance* de expressão que passou despercebida a Peri. Na periferia do seu campo de visão, uma camisa azul estampada distraía-a. Era o assistente que lhe barrara a entrada. Com medo de que ele andasse à sua procura, encolheu-se contra a parede. Mas o rapaz, com uma carranca de inequívoca hostilidade, estava especado a olhar para o palco, com os maxilares contraídos e os olhos cravados num orador em especial: Azur.

Assim que Shirin se sentou, o mesmo rapaz precipitou-se para a frente, ziguezagueando por entre o público. Deteve-se junto de Shirin, debruçando-se todo para ela quando lhe pediu o microfone. Peri não fazia ideia do que se estava a passar entre eles, mas viu as costas de Shirin ficarem hirtas. Agarrando no microfone, o rapaz virou-se para os oradores e, numa voz troante, disse, quase aos gritos:

— Tenho uma pergunta para o Professor Azur!

O rosto de Azur turvou-se. O seu aceno de cabeça, lento e circunspecto, indicava que ele conhecia o rapaz.

— Diz lá, Troy — disse.

— Professor, escreveu num dos seus primeiros livros, julgo que foi em *Quebrar a Dualidade*, que não se envolveria em debates com ateus ou teístas e, no entanto, aqui o temos a fazer precisamente isso, a menos que eu me esteja a dirigir a um clone seu. O que é

que mudou? Estava enganado naquela altura ou está a cometer um erro agora?

Azur brindou-o com um sorriso — diferente do que dera a Shirin — que irradiava uma fria confiança.

— Tens o direito de criticar as minhas palavras desde que as cites corretamente. Eu não disse que nunca debateria com ateus e teístas. O que eu disse foi... — Arqueou uma sobrancelha. — Alguém tem um exemplar do livro? Preciso de ver o que disse.

Irromperam risos na plateia.

O moderador deu-lhe um livro. Azur encontrou rapidamente a página que procurava.

— Aqui está!

Pigarreando — «num gesto bastante teatral», pensou Peri —, começou a ler:

— «A pergunta prevalecente sobre a existência de Deus suscita uma das disputas mais entediadas, infrutíferas e desaconselháveis em que se têm envolvido as pessoas, pessoas que em tudo o resto dão mostras de inteligência. Já vimos, com demasiada frequência, que nem teístas nem ateus estão dispostos a abandonar a Hegemonia da Certeza. O seu aparente desacordo é um círculo de refrãos. Nem sequer é correto chamar a esta guerra de palavras um “debate”, uma vez que os participantes, independentemente dos seus pontos de vista, são conhecidos pela sua postura intransigente. Onde não há possibilidade de mudança, não existem condições para um verdadeiro diálogo.»

Azur espetou a cabeça e passou os olhos pela plateia antes de fechar o livro.

— Participar num debate aberto é um pouco como apaixonarmos. — A sua voz era serena; os seus gestos enfáticos, suaves,

profusos. — Quando o debate chega ao fim, há algo em nós que mudou. Portanto, meus amigos, se não estiverem dispostos a mudar, não entrem em discussões filosóficas. Foi o que eu disse no passado e é o que estou a dizer neste momento.

Irromperam aplausos aqui e ali no público.

— Infelizmente, o nosso tempo está a acabar. Uma última pergunta do público — anunciou o moderador.

Um senhor de idade levantou-se.

— Posso perguntar aos nossos ilustres professores se têm um poema preferido sobre Deus... quer sejam crentes quer não?

O público mexeu-se nas cadeiras, expectante.

O primeiro professor disse:

— O meu poema preferido vai mudando à medida que o tempo passa... mas, por agora, estou a lembrar-me de uns versos do «Prometeu» de Lord Byron.

«Titã! a cujos olhos imortais
Os sofrimentos da mortalidade,
Vistos em crua e triste realidade,
Não eram coisas para um deus banais;
Qual foi a recompensa da clemência?
Um silente sofrer, de força intensa;
A rocha, o abutre, os elos da corrente...»¹

— Não tenho jeito nenhum para decorar poemas — disse o segundo professor. — Vou tentar T.S. Eliot.

«Muitos desejam ver os seus nomes impressos,
Muitos só leem os resultados das corridas.

Muitas são as suas leituras, mas não da Palavra de DEUS,
Muitas são as suas construções, mas não da Casa de DEUS.»

Embora fosse a sua vez, Azur manteve-se em silêncio durante um momento que pareceu um nadinha demasiado longo. No silêncio expectante, disse:

— O meu será do grande persa: Hafez. É possível que eu altere um pouco as frases, porque, como sabem, todo o ato de tradução é uma traição de amante.

Falou tão baixinho, que Peri teve de se inclinar para a frente para o ouvir. Reparou que várias pessoas no público fizeram o mesmo.

«Aprendi tanto com Deus
Que já não me posso chamar
Cristão, hindu, muçulmano, budista, judeu
A Verdade partilhou comigo uma parte tão grande da sua
essência
Que já não me posso chamar
Homem, mulher, anjo ou sequer uma alma pura.»

Enquanto proferia estes versos, Azur levantou os olhos e fixou-os na plateia. Embora não estivesse a olhar para ninguém em especial, e parecesse a igual distância de admiradores e críticos, naquele instante Peri sentiu inexplicavelmente que as palavras dele se dirigiam a si.

O moderador consultou o relógio.

— Temos tempo para um último comentário da parte de cada orador — anunciou. — Professores, como é que resumiriam as vossas opiniões numa só frase?

— Vou repetir uma citação muito conhecida — disse o professor ateu — e deixar o assunto por aí: «A religião é um conto de fadas para quem tem medo do escuro.»

— Nesse caso, o ateísmo é um conto de fadas para quem tem medo da luz — contrapôs o professor crente, no seu sotaque irlandês de *R* enrolados.

Todas as cabeças se viraram para Azur.

— Por acaso, até gosto bastante de contos de fadas — disse ele, num tom travesso. — Os meus colegas estão igualmente enganados. Um quer negar a fé, e o outro, a dúvida. Parecem não compreender que eu, como mero ser humano, preciso tanto da fé, como da dúvida. A incerteza, meus senhores, é uma bênção. Não devemos esmagá-la, devemos celebrá-la. É este o Terceiro Caminho.

— E com isto, terminamos esta nossa conversa. Gostaria de agradecer a presença dos nossos ilustres convidados — atalhou o moderador, com medo de que os comentários de Azur desencadeassem um novo surto de perguntas. Disse que aquele debate foi o exemplo perfeito de uma discussão franca, aberta e sem censura, ao melhor estilo da tradição do país e de Oxford. — Peço uma salva de palmas para todos os nossos oradores! E não se esqueçam de que se segue uma sessão de autógrafos.

O público aplaudiu longamente. Depois, quem estava desejoso de um autógrafo correu para uma banca que tinha pilhas de livros dos professores, enquanto outras pessoas se encaminharam para o palco, com a esperança de dar uma palavrinha a um dos professores; outras ainda ficaram sentadas, a conversar baixinho. O resto do público avançou calmamente para a saída.

Entretanto, os três oradores deslocaram-se para uma mesa que lhes tinha sido destinada a um canto. A organização do evento colocara uma rosa amarela diante de cada um deles.

Peri avançou lentamente a par com a multidão, ouvindo as conversas de um lado e do outro. Antes de se deixar arrastar para fora do edifício, deteve-se e virou-se para trás, como se quisesse recolher todos os pormenores ao alcance do seu olhar. Viu o moderador enfiar os seus apontamentos dentro de uma pasta. Viu os dois professores mais velhos conversar com os seus leitores. E viu uma fila desorganizada de admiradores formar-se à frente de Azur... até ele desaparecer aos poucos entre o fluxo de pessoas.

¹ Tradução de Vinicius Ferreira Barth. (*N. da T.*)

O Otimizador

Istambul, Oxford, 2001

O primeiro período acabou num abrir e fechar de olhos. Peri, de regresso a Istambul para passar as férias do Natal, convenceu-se de que a saúde do pai não tinha piorado e que a preocupação da mãe com a higiene não se transformara numa obsessão. A casa inteira cheirava a lixívia e a água-de-colónia de limão. Havia peças de roupa dependuradas dos radiadores (lavadas com tanta frequência, que os estampados e as cores estavam tão desbotados que já quase não se viam), com pequeninas poças de água por baixo de cada uma, como lágrimas vertidas por coisas passadas.

Na noite do fim de ano, estavam sentados à frente da televisão, pai e filha, a mastigar castanhas assadas enquanto viam uma bailarina do ventre, a maneira tradicional de Mensur celebrar a chegada de um novo ano. Selma, como sempre, tinha-se recolhido cedo, não para dormir, mas para rezar. Na ausência de Umut e Hakan, só restavam eles os dois, pai e filha, tal como antigamente. Pouco falavam, como se entre eles o silêncio tivesse uma linguagem própria. Do que Peri mais tivera saudades fora dos rituais, dos rituais de pai e filha: dar longos passeios à beira-mar,

cozinhar *menemen*, jogar gamão na mesa de cartas ao lado do cato da janela.

Uma semana depois, Peri regressou a Oxford. Como duas viagens consecutivas a Istambul lhe deram cabo do orçamento, estava decidida a arranjar um emprego a tempo parcial. E tinha algo mais em mente: saber mais coisas sobre o Professor Azur.

O segundo período começou com novas esperanças e decisões. Peri marcou uma reunião com o seu professor encarregado de a orientar academicamente. O Dr. Raymond, de óculos de aros metálicos e com um ar constantemente distraído, como se estivesse a tentar resolver mentalmente uma equação quadrática, era um homem de estatura baixa e queixada firme. Incentivava todos os alunos com quem trabalhava a encontrar «o horário perfeito para otimizar os seus recursos intelectuais». Em troca, os estudantes arranjaram-lhe uma alcunha: Senhor Otimizador.

O Dr. Raymond e Peri conversaram longamente sobre as cadeiras que ela devia fazer no segundo ano, embora não houvesse muita flexibilidade; o programa estava mais ou menos definido e permitia apenas um ou outro ajuste.

— Há um seminário que eu estava a pensar fazer. Toda a gente diz que é excelente — anunciou Peri vivamente. — Bom, toda a gente, não, uma amiga minha.

— E que seminário é esse? — perguntou o Dr. Raymond, tirando os óculos.

Ao longo dos anos, vira, vezes sem conta, alunos a orientarem mal, sem querer, outros alunos. O que resultava para uma pessoa podia tornar outra muito infeliz. Além disso, os jovens tinham

tendência para mudar de ideias com a mesma frequência com que mudavam o top das suas cinco canções preferidas. O curso que elogiavam com entusiasmo, no início do ano, era o mesmo do qual diziam cobras e lagartos, no fim. Nos seus vinte e três anos de carreira naquela universidade, chegara à conclusão de que era melhor não dar muitas opções aos alunos. A variedade de escolha e a confusão eram gémeas siamesas.

Sem fazer ideia dos pensamentos do professor, Peri prosseguiu:

— É um seminário sobre Deus. O professor chama-se Azur. Conhece-o?

A boca do Dr. Raymond, fixa num sorriso amistoso, revirou-se quase impercetivelmente para baixo nas comissuras. Só um ligeiríssimo crisar de uma sobrancelha traiu o seu constrangimento.

— Sim, já ouvi falar dele... quem é que não ouviu?

A mente de Peri tentou freneticamente desconstruir a entoação daquele comentário aparentemente simples. Já percebera, com o tempo, que os Ingleses exprimiam as suas opiniões de maneira indireta. Ao contrário dos Turcos, não comunicavam o ressentimento através do ressentimento, nem a raiva através da raiva redobrada. Não, havia camadas e camadas nas suas conversas; o desconforto mais profundo podia ser transmitido através de um sorriso reticente. Elogiavam quando, na realidade, tinham vontade de denunciar; envolviam as suas críticas em louvores crípticos. «Na Turquia, se eu tivesse um mau desempenho em palco», pensou Peri, «zurziam-me com azevinho espinhoso; em Inglaterra, imagino que o fariam com rosas, convictos de que eu perceberia a mensagem por causa dos espinhos. Os estilos são completamente diferentes».

Entretanto, o Dr. Raymond ficou calado, a ponderar a melhor maneira de abordar um assunto delicado. Quando falou de novo,

proferiu cuidadosamente cada palavra, como um progenitor a explicar um facto desagradável da vida a uma criança amuada.

— Não estou muito convencido de que seja a melhor opção para si.

— Mas disse que eu podia escolher um tema que me interessasse, desde que fizesse parte da lista de cadeiras de opção e este seminário faz. Eu verifiquei.

— E se me explicasse porque é que quer fazer este seminário?

— O tema é... importante para mim, por razões familiares.

— Razões familiares?

— Deus foi sempre motivo de discussão em minha casa. Ou melhor, a religião. Os meus pais têm opiniões conflituosas. Gostava de estudar o assunto como deve ser.

O Dr. Raymond pigarreou.

— Temos a sorte de dispor de um dos maiores acervos de livros do mundo. Pode ler as obras todas que quiser acerca de Deus.

— Não acha que seria melhor fazê-lo com a orientação de um professor?

Eis uma pergunta a que o Dr. Raymond preferia não responder, e não o fez.

— O Professor Azur é um homem muito culto, sem dúvida, mas tenho de a avisar que o método de ensino dele é... como é que eu hei de dizer? Pouco ortodoxo. Não cai bem a toda a gente. Esse seminário divide os alunos: alguns gostam muito, outros ficam profundamente infelizes. E vêm ter comigo para se queixar.

Peri manteve-se imóvel na cadeira. Estranhamente, a falta de entusiasmo do seu orientador espicaçara-lhe a curiosidade; agora, estava mais desejosa do que nunca de fazer o seminário.

— Olhe que se trata de uma turma pequena. O Professor Azur aceita poucos alunos e espera que eles assistam às aulas todas as semanas e que façam todas as leituras e exercícios escritos. É muito trabalho.

— Nunca me incomodou ter de trabalhar muito — declarou Peri.

O Dr. Raymond soltou um suspiro ruidoso.

— Bom, nesse caso, esteja à vontade e vá falar com o Professor Azur, peça-lhe para lhe mostrar o programa. — Não pôde deixar de acrescentar: — Se é que existe um programa.

— O que é que quer dizer com isso, professor?

O Dr. Raymond ficou calado e o desassossego perpassou-lhe as feições habitualmente alegres. Depois, fez uma coisa que nunca tinha feito nos seus longos anos de carreira em Oxford: dizer mal de um colega pelas costas, a um aluno.

— Ouça, o Azur é considerado um bocadinho excêntrico, por estas bandas. Está convencido de que é um génio e os génios acham que não se regem pelas regras dos comuns dos mortais.

— Ah! — exclamou Peri. — Mas é verdade?

— O quê?

— É um génio?

O Dr. Raymond percebeu que o seu cinismo tinha sido um tiro pela culatra e o que quer que dissesse a seguir poderia deixá-lo ainda mais encurralado. A sua expressão séria transformou-se numa de ligeireza.

— Estava a brincar.

— Era uma piada? Ah...

— Não se precipite, vá com calma — aconselhou o Dr. Raymond, voltando a pôr os óculos, indicando que a conversa chegara ao fim. — Veja como é que se sente e, se tiver dúvidas,

volte cá e fale comigo, facilmente lhe arranharemos outra opção. Mais adequada.

Peri pôs-se de pé de um salto, tendo ouvido só o que queria ouvir.

— Ótimo, muito obrigada, professor!

Quando Peri se foi embora, as comissuras dos lábios do professor descaíram, numa expressão introspetiva. Com os maxilares ainda mais cerrados, as narinas a adejar e os dedos entrelaçados debaixo do queixo, ficou sentado na sua cadeira durante uns minutos, sem se mexer. Por fim, encolheu os ombros, decidindo que fizera os possíveis. Se aquela tola queria dar um passo maior do que as pernas, a culpa era dela e de mais ninguém.

A juventude

Istambul, 2016

Deniz, parada atrás da cadeira de Peri, baixou-se, deu-lhe um beijinho rápido na cara e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Quero ir-me embora, mãe.

O seu rosto captou a luz do lustre de Murano. A amiga estava a seu lado, enrolando uma madeixa de cabelo num dedo. As duas adolescentes pareciam entediadas. Por muito que quisessem ser incluídas no mundo dos adultos, era óbvio que o consideravam enfadonho e porventura previsível.

— O Selim leva-nos a casa — acrescentou Deniz.

Não estava a pedir autorização à mãe, estava simplesmente a informá-la. A outra rapariga, filha do administrador do banco, também ia; tinham decidido em cima da hora que ela dormiria em casa de Peri. Estava tudo combinado. Provavelmente, ficariam acordadas até tarde, a ouvir música, a enviar mensagens aos amigos, a mordiscar qualquer coisa à meia-noite, a rir-se das fotografias e vídeos que as pessoas punham no Instagram e no YouTube; ainda assim, Deniz queixar-se-ia, teria uma torrente de ofensas acumuladas no peito, como se vivesse num centro de detenção e não em casa dos pais que a adoravam.

— Está bem, querida — disse Peri. Confiava em Selim, o motorista do marido, que trabalhava para a família havia muitos anos. — Podes ir embora. O teu pai e eu também já não demoramos muito.

Os convidados sorriram. Uns quantos reviraram os olhos. Era uma conversa familiar para qualquer pessoa que tivesse filhos adolescentes.

— *Ciao*, meninas! — despediu-se o administrador do banco, do seu canto.

— Eu acompanho-vos à porta — disse Peri, empurrando a cadeira para trás.

Adnan pôs-se de pé.

— Não, fica, querida. Eu vou.

Os olhos dele brilharam, quando os seus olhares se cruzaram. Já não parecia aborrecido por causa da Polaroid. Arrumara o assunto. Tinha jeito para isso, para saber quando devia pôr um ponto final nas coisas... ao contrário de Peri. Adnan sorriu-lhe sem esforço, o sorriso que significava que assumia a responsabilidade e tratava de tudo. Equilibrado e sensato, ele gostava de resolver problemas; e se não os conseguisse resolver, sabia como geri-los. Era tão diferente de Peri. Para ela, os problemas eram como picadas de insetos: coçava-os e coçava-os. Nem conseguia deixá-los sarar, nem ignorá-los. Ele, ao invés, gostava de consertar coisas estragadas... e pessoas destroçadas. «E é seguramente por isso que sente atração pela instabilidade», pensou Peri. «É seguramente por isso que sente atração por mim.»

Quando o marido e a filha iam a passar, Peri levantou-se. Deu um beijo na boca a Adnan, embora soubesse que alguns dos convidados considerariam o gesto de mau tom, e outros, obsceno.

— Obrigada, querido.

Por vezes, quando lhe agradecia as pequenas coisas da vida, Peri sentia que, na verdade, lhe estava a agradecer as coisas maiores que era melhor não exprimir por palavras. Sim, estava-lhe grata, grata ao Destino que o trouxera até junto de si. Mas também sabia que gratidão não era amor.

«Ouve o que eu te digo, Ratito, existem dois tipos de homens: os que destroem e os que consertam. Apaixonamo-nos pelos primeiros, mas casamo-nos com os segundos.» Detestava pensar que a vida, a sua vida, provara que a teoria de Shirin estava certa.

Com os olhos a transbordar de carinho, Peri sorriu para a filha. Preparava-se para dar um abraço a Deniz, mas algo na expressão da adolescente lhe disse: «Mãe, por favor, à frente deste grupo de pessoas, não.»

— Adoro-te — disse Peri baixinho.

Deniz deteve-se um segundo.

— Também te adoro. Como é que está a mão?

Peri revirou a ligadura, que tinha sangue ressequido nos bordos.

— Está bem. Amanhã já está como nova.

— Não voltes a fazer uma coisa daquelas — sussurrou Deniz, como se fosse ela a mãe preocupada, e Peri, a filha malcomportada. Depois, virando-se para os convidados, alegremente: — Boa noite a todos. Não fumem. Lembrem-se de que faz mal à saúde.

— Boa noite — respondeu um coro de vozes.

— Ah, a juventude! — exclamou a mulher do homem de negócios, assim que as adolescentes saíram da sala. — Quem me dera poder voltar atrás. Sessenta são os novos quarenta? Tretas!

— Fala por ti — retorquiu o homem de negócios. — Eu estou jovem como uma moeda acabada de cunhar. Abre o olho, que ainda

me divorcio de ti e te troco por um modelo mais novo.

O jornalista fingiu que tossia.

— Mas é um fenómeno oriental, o envelhecimento precoce. Vejam os ocidentais. Todos enrugados e grisalhos, mas continuam a viajar pelo estrangeiro. É embaraçoso ver os velhotes americanos a invadirem a nossa Hagia Sophia e a saltitarem por cima das pedras em Éfeso. Como é que eles se autoapelidam? Panteras grisalhas? Ainda estou para ver um septuagenário do Médio Oriente a viajar pelo mundo fora. Turcos, árabes, iranianos, paquistaneses... Temos grandes ideias sobre o mundo, mas nunca o chegamos a ver!

O arquiteto, que tinha demonstrado as suas tendências nacionalistas ao longo da noite, lançou-lhe um olhar carrancudo.

A mulher do homem de negócios, subitamente entretida a escrever mensagens no telemóvel, levantou a cabeça, com o rosto a brilhar.

— Boas notícias! O médium está a dez minutos daqui. Acabei de receber uma mensagem dele.

— Que bom — disse a relações públicas, recostando-se na cadeira. — Temos montes de perguntas para lhe fazer. As miúdas foram-se embora, encheram-nos os copos... Agora podemos começar a falar de coisas marotas. Adorava desenterrar uns quantos segredos, esta noite.

Dito isto, a mulher piscou o olho a Peri. Um gesto ao qual ela não retribuiu.

A excêntrica desconhecida

Oxford, 2001

Como nunca tivera um emprego, Peri não fazia a mínima ideia de por onde começar a procurar. Estava, porém, decidida a arranjar um trabalho qualquer, apesar das exigências dos seus horários, já para nem falar do seu visto de estudante, que só lhe permitia trabalhar um número limitado de horas por semana. Por isso, foi imediatamente ter com a sua amiga exuberante que tinha uma opinião sobre tudo... até sobre questões acerca das quais nada sabia.

— Precisas de um CV — opinou Shirin — que mostre a tua experiência profissional.

— Mas eu não tenho experiência.

— Pff, inventa! Quem é que vai averiguar se trabalhaste como empregada numa pizaria qualquer em Istambul?

— Estás a dizer-me para mentir?

Shirin revirou os olhos.

— Ai, o poder da semântica! Dito assim, parece horrível. Só te estou a dizer para usares a imaginação. É como se pusesse um bocado de maquilhagem na tua biografia. Não me digas que és contra a maquilhagem!

Por um brevíssimo momento, as duas raparigas ficaram paradas, a esquadrihar o rosto da outra: Shirin, pintada; Peri, sem um único produto cosmético. Foi Shirin quem quebrou o silêncio.

— Acho melhor dar-te uma ajuda.

No dia seguinte, de manhã cedo, Peri encontrou um envelope enfiado por baixo da sua porta. Aparentemente, Shirin redigira-lhe um CV.

Um minuto depois, já Peri estava a bater à porta da amiga. Assim que ouviu um ténue murmúrio vindo de lá de dentro, entrou de rompante, abanando a folha.

— O que é isto? Eu não fiz nenhuma destas coisas!

De Shirin, ainda enfiada na cama com a cabeça debaixo de uma almofada, ouviu uma resposta abafada:

— Bah, eu sabia! A bondade não compensa.

— Agradeço a ajuda — disse Peri. — Mas aqui diz que fui empregada num bar vanguardista de Istambul, que depois foi destruído por um incêndio. Fogo posto! E que trabalhei na biblioteca de manuscritos otomanos, especializada em bobos da corte e eunucos! Ah, e mais esta: que, nos verões, tomava conta de um polvo, num aquário privado!

Shirin, sentando-se, de pijama de cetim rosa-salmão, puxou a venda dos olhos para a testa e riu-se.

— Sou capaz de me ter entusiasmado um nadinha de mais nessa última.

— Só na última? Como é que achas que esta parvoíce me vai ajudar a arranjar um emprego a tempo parcial?

— Não vai. Mas fará de ti uma curiosidade estrangeira. Confia em mim: os britânicos cultos entusiasmam-se todos com o multiculturalismo. Mas não em demasiada, só um toquezinho de multiculturalismo. As pessoas como tu e eu podemos ser um bocado... *excêntricas*. Isso torna-nos uma companhia divertida. Portanto, bem podes exagerar um pouco, tirar proveito disso. Se os estrangeiros não lhes trouxerem excitação e boa comida, quem é que os quer em Inglaterra?

Peri ficou calada.

— Ouve, o que é que achas que o comum dos britânicos sabe sobre o teu país? Ou pensam que toda a gente na Turquia nada com golfinhos e come calamares, ou então que usa burcas e entoia slogans islamitas.

Peri pestanejou, quando uma onda de imagens lhe inundou a cabeça.

— O que eu estou a dizer é que ou têm uma impressão muito soalheira, de praias arenosas e hospitalidade oriental, esse tipo de merda. Ou, então, uma impressão muito negra, de fundamentalistas islâmicos, brutalidade policial e o *Midnight Express*. Quando querem ser queridos para ti, atiram a primeira; quando te querem confrontar, lançam a segunda. Nem as pessoas mais instruídas são imunes aos clichés. — Shirin levantou-se para lavar a cara no lavatório junto da parede. — Quer gostes quer não, o que ouves da minha boca é a verdade nua e crua. Tens de lutar contra os estereótipos.

— E é assim que se luta, falsificando informações? — perguntou Peri, olhando para o CV na sua mão.

— Essa é uma maneira, porra! — disse Shirin, passando os dedos pelos cabelos e ficando com gotas de água agarradas ao queixo.

Motivada, mas com um sentimento de culpa, Peri calcorreou as ruas com o seu CV. A princípio, procurou letreiros pendurados nas montras a dizer «Precisamos de colaboradores». Não havia nenhum. Enchendo-se de coragem, entrou numa pastelaria e falou com o gerente. Foi educadamente rejeitada. A seguir, tentou o pub onde tinha ido com os pais. O resultado foi o mesmo. O terceiro lugar que experimentou foi a sua livraria preferida, Dois Tipos de Inteligência. Os donos não ficaram surpreendidos ao ouvirem a pergunta de Peri. Estavam sempre a receber a visita de estudantes a pedir emprego a tempo parcial.

— Já trabalhaste nalgum lugar, querida? — perguntou o marido.

Peri hesitou.

— Infelizmente, não. Mas sabem que adoro livros.

A mulher sorriu.

— Hoje é o teu dia de sorte! Andávamos à procura de uma pessoa para nos ajudar nas próximas semanas. Não te podemos prometer continuar a empregar-te depois disso. Talvez de vez em quando, quando tivermos mais movimento na loja. Que me dizes?

— Perfeito! — respondeu Peri, com dificuldade em acreditar no que tinha acabado de ouvir.

Quando ia a sair da loja, viu, numa prateleira, o *Rubaiyat* de Omar Khayyam, o poeta adorado do seu pai. Aquela edição antiga, com uma introdução do tradutor Edward FitzGerald e recheada de ilustrações, era irresistível. Por sorte, fizeram-lhe um belo desconto.

Lá fora, começou a choviscar. Pingos finos e mornos que a animaram. Sorriu, guardou o CV dentro do livro e consultou o relógio. Ainda tinha uma hora livre antes da aula seguinte. Pensou que era tempo suficiente para ir procurar Azur e lhe pedir o programa do seminário sobre Deus. Depois de tudo o que Shirin

dissera sobre ele — já para nem falar nos sentimentos confusos que a perpassaram quando o vira no debate —, tinha um certo receio de o conhecer pessoalmente.

A pensar no professor, abriu ao acaso o livro de poesia, que era a alma e o sopro de Khayyam:

«Ah, Amor! Pudéssemos tu e eu com o Destino conspirar
Para esta triste Ordem das Coisas captar.»

Leu os versos cuidadosamente, lentamente. Seria um presságio do que estava por vir? Se assim era, de que se trataria? Se o seu pai a tivesse visto a procurar um sinal nas palavras de um poeta que vivera havia quase mil anos, não teria gostado.

Contudo, Peri não sentia que estivesse a desafiar a regra de ouro do pai, ao consultar Khayyam.

— É por isso que gosto tanto de poesia — murmurou para si própria. — Posso tocar, ver, ouvir, cheirar e saborear poemas. Todos os meus sentidos são ativados. Acredita em mim, *Baba!*

Estava, portanto, na hora de finalmente conhecer o professor cara a cara.

Terceira Parte

O pintassilgo-verde



Oxford, 2001

Como não sabia onde procurar o Professor Azur, Peri seguiu o seu palpite de que o conseguiria encontrar na Faculdade de Teologia. Se dava aulas sobre Deus, de certeza que era aí que ele estava.

O edifício medieval, imponente e despretensioso, era a estrutura mais antiga de Oxford construída para aulas e palestras. Ao longe, com os seus arcos com várias arquivoltas, portas de madeira esculpida e arcobotantes, mais parecia uma delicada aguarela de um artista sonhador do que o festim de arquitetura que era. Pairava no ar uma letárgica expectativa, como se as pedras vetustas, tendo-se cansado de décadas de tranquilidade, estivessem à espera de qualquer coisa... ou, pelo menos, foi essa a sensação de Peri ao aproximar-se, naquele dia.

Houve algo que a atraiu para o interior do edifício, algo elevado e espiritual nas linhas sublimes do teto abobadado do século XV. Ninguém a impediu de entrar e parecia não haver viva alma na comprida sala, iluminada pelas janelas de estilo gótico perpendicular... exceto um aluno, sentado de pernas cruzadas no

chão, absorto num livro. Ao ouvir os passos de Peri, levantou a cabeça. À luz que entrava na diagonal através de uma janela alta, as feições dele ficaram desfocadas por um instante e, depois, definiram-se: a testa estreita, o cabelo ruivo, as faces sardentas. Era o estudante que barrara o acesso de Peri ao Debate sobre Deus; o estudante que atacara o Professor Azur à frente de toda a gente. Lembrava-se do nome dele, mas só porque era Troy, como a antiga cidade turca de Troia.

— Olá — disse Peri, cautelosa.

— Olá. — O sorriso que se lhe abriu no rosto foi de reconhecimento.

— Estavas no museu, no outro dia. Trabalhas lá? — perguntou Peri.

— Não, foi trabalho de voluntário. Sou um mero aluno de licenciatura... como tu.

Peri ficou à espera que ele a repreendesse por ter entrado à socapa no debate, mas ou ele não a vira, ou preferiu simplesmente não trazer o assunto à baila. Em vez disso, conversou descontraidamente, perguntando-lhe de onde era e o que estudava. Destituído de qualquer vestígio de autoridade, ele era uma pessoa acessível, inclusive afável.

— Ando à procura do Professor Azur — disse Peri, quando a conversa se esgotou. — Sabes onde fica o gabinete dele?

O rosto de Troy ficou imóvel por um instante. A voz, quando falou novamente, parecia vazia, como um balão sem ar.

— Aqui não o encontras. Atualmente, só há gabinetes administrativos neste edifício. Seja como for, porque é que andas à procura dele?

Como Peri não esperava ser interrogada, a sua voz hesitou.

— Hum... estou interessada no seminário dele.

— Não me digas que estás a pensar tirar «Deus»?

— E porque não? — perguntou Peri. — Que tem isso de mal?

— Tudo! — respondeu Troy. — O tipo é um lobo disfarçado de professor universitário!

— Não gostas dele?

— Ele expulsou-me da turma. Aliás, vou meter-lhe um processo na justiça. Vou acabar com ele em tribunal.

— Uau, não sabia que os alunos podiam fazer isso! — exclamou Peri. — Quer dizer... Lamento que tenhas tido problemas.

— Problemas? — Troy repetiu a palavra com desdém. — O Azur é o diabo em pessoa. Mefistófeles. Sabes quem é?

— Claro, do *Fausto*.

Troy pareceu agradavelmente surpreendido por uma rapariga turca conhecer o Fausto.

— Olha, tu pareces simpática, mas és estrangeira, não vais conseguir perceber até que ponto o homem é louco varrido. Tens de me ouvir. Fica longe do Azur!

— Bom, obrigada pelo aviso — disse Peri, sentindo esmorecer o pouco de empatia que surgira entre eles. — Mas eu decidirei por mim própria.

Troy encolheu os ombros.

— Tudo bem, a escolha é tua. Ele tem um gabinete na faculdade onde trabalha. A entrada fica em Merton Street. No pátio, procura a terceira escadaria à esquerda. Na entrada aberta, vais ver uma lista com nomes pintados a branco sobre um fundo preto.

Peri agradeceu-lhe, pensando, porém, no seu âmago que era estranho Troy ter-se mostrado tão solícito a indicar-lhe o caminho para um homem que ele considerava o diabo encarnado.

A faculdade do Professor Azur ficava numa viela empedrada, muito antiga, que partia da High Street e onde se entrava por um arco gótico cor de mel e um pátio de pedra.

Peri encontrou facilmente a escada. Escritos a giz de cada lado da parede exterior estavam os resultados da última corrida de barcos da universidade, encimados por um par de remos cruzados. No interior do pórtico, leu os nomes inseridos em ranhuras num quadro: Prof. T.J. Patterson, G.L. Spencer, Prof. M. Litzinger... e Prof. A.Z. Azur, no primeiro piso. Atravessou o corredor escuro e estreito, de lajes. À direita, ficava uma entrada, com o lintel inclinado sob o peso da antiguidade; a porta estava entreaberta, com uma folha de papel afixada.

«Professor A.Z. AZUR

Disponível: Terças-feiras 10h00-12h00 / Sextas-feiras 14h00-16h00

Teoria: Se tiverem dúvidas, consultem-me no horário de atendimento

Contrateoria: Se tiverem uma dúvida urgente fora do horário de atendimento, apareçam e logo se vê

Analistem cuidadosamente se o que se aplica ao vosso caso é a teoria ou a contrateoria.»

Como não era nem terça nem sexta, Peri percebeu que teria de se ir embora e voltar noutra altura. Todavia, a ambiguidade do bilhete deu-lhe coragem. Bateu à porta; um gesto em vão, uma vez que, pelo silêncio que reinava lá dentro, pressentiu que não estava ninguém. Bateu novamente, só para ter a certeza. Das profundezas do quarto, ouviu um som demasiado melodioso para ser humano, porventura evocativo de um besouro a trinar para atrair um parceiro ou uma borboleta a libertar-se do seu casulo. Peri pôs-se à escuta, de corpo tenso. Uma vez mais, o silêncio era absoluto.

Foi inundada por uma onda de curiosidade, aquela fome voraz de coisas inalcançáveis. Num ápice, decidiu espreitar e, depois, ir-se embora tão discretamente como chegara. Abriu a porta, muito suavemente. Rangeu.

Peri não estava nada preparada para o que se lhe deparou. A uma luz açafrão que se derramava pela janela alta de guilhotina, meio aberta, com vista sobre o belíssimo jardim inglês, havia torres de livros, apontamentos rabiscados, manuscritos e gravuras. As paredes estavam forradas de estantes, de alto a baixo. A atravessar o gabinete, suspensos entre as estantes, estavam vários cordéis coloridos — como as cordas da roupa nos bairros pobres de Istambul —, nos quais se encontravam pendurados notas e mapas com molas. À frente da porta, via-se uma secretária antiga, com pés em forma de garra, cor de cerejeira, completamente coberta de livros. De entre as páginas espreitavam papelinhos vermelhos, como línguas em miniatura espetadas numa expressão de falsa surpresa. A cadeira de braços, o sofá e a mesinha de apoio, e até o tapete escarlate tecido à mão, tinham livros e livros. Se existia um santuário dedicado à palavra escrita, era aquele gabinete.

Não foi, contudo, nem a quantidade de livros nem a desarrumação do quarto que fizeram Peri estacar subitamente. Estava um pássaro, um pintassilgo-verde de penas amarelo-esverdeadas e cauda bifurcada, preso lá dentro. Devia ter entrado pela janela e adejava de um lado para o outro, procurando de forma frenética a liberdade que provavelmente tinha acabado de perder. Peri deu uns passos hesitantes e susteve a respiração. Pondo as mãos em concha, tentou apanhar a delicada criatura com o máximo de cuidado que pôde, mas o pássaro, apavorado com a presença dela, ficou tresloucado. Descrevendo voltas e voltas, em pânico,

esvoaçava de um canto para o outro e, às vezes, aproximava-se incrivelmente da janela aberta, sem nunca perceber que era a saída.

Movendo-se destramente, Peri pousou o exemplar do *Rubaiyat* em cima de uma pilha de livros e tentou abrir mais a janela velha e pesada. Porém, o caixilho devia estar encravado na parte superior, porque era impossível empurrar a janela mais para cima. Abanou-o com toda a força. O pássaro, aterrorizado com o barulho, passou por ela a toda a velocidade e atirou-se contra o vidro, para lá do qual, tão perto e, no entanto, tão distante, se estendia o céu infinito. Tremendo do impacto, aterrou numa prateleira suficientemente perto de Peri para que ela conseguisse ver os seus olhinhos como contas a brilharem de terror. Olhou para a graciosa criatura com compaixão, sentindo que a angústia de estar num ambiente desconhecido lhe era profundamente familiar.

Peri procurou uma ferramenta à sua volta para a ajudar a soltar o caixilho da janela. Enquanto os seus olhos varriam o seu lado esquerdo e depois o direito, detetou um cheiro que não conseguia identificar. Misturado com o odor bafiento dos livros, sentia a fragrância agridoce de toranjas numa taça de bambu, a sua cor clara e luminosa a contrastar com os tons terrosos que predominavam no gabinete. Para lá disso, havia outro odor. Não demorou a distinguir a sua origem. Num peitoril, um pau de incenso queimava num suporte de bronze em que se formara um dedo de cinza.

Encontrou um abre-cartas de metal, cuja ponta afiada era perfeita para desapertar os fechos que estavam a segurar a janela. Depois de soltar o caixilho de cada lado, empurrou uma última vez. A janela deslizou para cima até meio, mais facilmente do que pensara. Agora, só tinha de orientar o pássaro na direção da

abertura que se tornara uma possibilidade maior de fuga. Despindo a camisola de lã, começou a sacudi-la no ar.

— É uma dança nova? — perguntou uma voz atrás de si.

Peri apanhou um susto tão grande que soltou uma exclamação. Quando se virou, deu de caras com o Professor Azur, parado na entrada, com um braço apoiado na moldura da porta, a observá-la com uma expressão divertida nos lábios. Ao perto, o cabelo castanho e comprido tinha reflexos dourados, como fios de ouro entrelaçados numa tapeçaria escura. Ele estava sem óculos.

— Ai, peço imensa desculpa — disse ela, de jorro, dando um passo na direção dele e recuando outro imediatamente. — Eu não queria invadir o seu gabinete.

— Então, porque é que o fez? — perguntou ele, parecendo genuinamente curioso.

— Hum... é que vi este pássaro.

— Qual pássaro?

Peri apontou para a sua esquerda, onde, um minuto antes, vira a criatura, mas agora o espaço estava vazio. Nervosa, olhou à sua volta. O pintassilgo-verde tinha desaparecido sem deixar rasto.

— Deve ter saído pela janela enquanto falávamos.

Ele ficou calado durante um minuto inteiro, de olhos focados a irradiarem uma estranha familiaridade, como se ela fosse um dos muitos livros que ele lera em tempos e estivesse a tentar lembrar-se de qual era. Por fim, disse:

— Era âmbar.

— Desculpe?

— O incenso para o qual estava a olhar — explicou. — Às quintas, é âmbar. Queimo incensos diferentes em diferentes dias. Gosta de âmbar?

O coração de Peri alvoroçou-se. Sim, conhecia o poder do âmbar.

— As mulheres romanas costumavam andar com bolas de âmbar. Há quem diga que era pela fragrância, outros para se protegerem das bruxas.

Peri arregalou os olhos. Não sabia se era uma consequência do aviso de Troy ou algo na presença de Azur, mas sentia-se nervosa.

— Não me diga que tem medo? — disse ele, apercebendo-se do desconforto dela.

— De âmbar?

— De bruxas!

— É claro que não! — respondeu Peri, muito depressa. Uma voz dentro de si disse-lhe que se ele a vira a examinar o incenso, então estava ali há tempo suficiente para ter avistado o pássaro. — Uma vez mais, professor, peço imensa desculpa por ter entrado no seu gabinete.

— Quantas vezes costuma pedir desculpa? — perguntou Azur.
— Duas vezes em três minutos. Se é essa a sua média, é um pouco excessiva, não acha?

Peri corou. Ele tinha razão. Pedia desculpa com demasiada frequência: por ter chegado com uns minutos de atraso a um compromisso; por não ter segurado uma porta mais uns segundos para uma pessoa passar; por ultrapassar alguém no passeio; por roçar com o carrinho do supermercado noutro cliente... Estava constantemente a dizer «desculpe».

— Eis uma hipótese — disse Azur, sacudindo a cabeça para afastar o cabelo dos olhos. — As pessoas que pedem desculpa desnecessariamente também têm tendência a agradecer desnecessariamente.

Peri engoliu em seco.

— Talvez sejam apenas almas ansiosas a tentar sobreviver. Fazem os possíveis por acompanhar o passo dos outros, mas sabem que existe sempre uma lacuna.

— Que tipo de lacuna? — perguntou Azur.

— Como se não nos encaixássemos — disse Peri, e arrependeu-se imediatamente de o ter dito. Porque é que estava a revelar os seus sentimentos àquele homem, que não só era um desconhecido, como ainda por cima professor da universidade, duplamente distante do seu mundo?

Azur passou por Peri, sentou-se à secretária, escreveu um bilhete num pedaço de papel e pendurou-o na corda da roupa por cima de si.

— Portanto, está com receio de que os outros alunos pensem que não é um deles? Uma impostora a fingir que é igual a toda a gente? Acha que é... diferente? Que está possessa? Que é esquisita? Louca?

— Eu não disse isso — protestou Peri. Todos os músculos do seu corpo estavam contraídos, à espera do golpe seguinte.

Sem se aperceber da reação dela, Azur insistiu:

— Diga-me: o que é que a faz pensar que não merece estar em Oxford?

— Também não disse isso! — O seu olhar aterrou no tapete escarlate que lhe fez lembrar os tapetes na Turquia. — Aqui, as pessoas são tão inteligentes — disse ela, falando para os seus pés.

— E você não?

— Sou, mas tenho de trabalhar imenso. Os outros alunos adaptam-se facilmente à vida universitária, enquanto, para mim, é mais complicado — disse Peri, lembrando-se, só então, do motivo

que a levar ali. — Na realidade, eu gostava de ver o programa do seu seminário sobre Deus. O Dr. Raymond sugeriu que eu lho pedisse diretamente a si.

— Ah, o Dr. Raymond...?

Azur parecia não ter uma opinião muito favorável do «orientador moral» dela — o seu conselheiro académico —, mas não desenvolveu o assunto. Ao invés, tirou um papel de um livro encadernado a couro, leu-o na diagonal com uma careta, amassou-o numa bola, atirou-o destramente para um cesto dos papéis e anunciou:

— Depreendo que esteja a pensar inscrever-se em Setembro. O seminário está cheio e há uma lista de espera.

Peri não estava à espera disso. A partir do instante em que lhe disseram que o seminário estava fora do seu alcance, ficou desejosa de entrar.

— No entanto — disse Azur, ao ver a desilusão dela —, há um aluno que terá de desistir. Por isso, a dada altura, talvez tenhamos uma vaga.

O rosto de Peri iluminou-se. Por debaixo do seu desejo intenso, sentiu-se um nadinha constrangida ao pensar que esse aluno a quem ele se referia provavelmente era Troy.

— Houve um rapaz...

— Sim... está cheio de raiva e agressividade — disse Azur. — Quem está cheio de raiva e agressividade não pode estudar Deus.

O silêncio prolongou-se entre eles, desenrolando-se como um pergaminho. De trás da secretária, Azur fixou os olhos em Peri.

— Diga-me porque é que quer fazer este seminário?

— Na minha família, a fé é um assunto que nos divide. O meu pai é...

— Os seus pais não estão aqui. Estou a perguntar-lhe a *si*.

— Bom, sempre me senti ambivalente em relação à fé... e curiosa. Preciso de clarificar os meus pensamentos.

— A curiosidade é sagrada. A incerteza é uma bênção — disse Azur, repetindo a opinião que expressara no debate. — Quanto a clarificar os seus pensamentos, sou a última pessoa em Oxford com quem devia falar nesse sentido.

Lá fora, um pássaro chilreou e Peri perguntou-se se seria o pintassilgo-verde, de regresso à natureza que, embora cheia de perigo e selvajaria, era a sua casa. Distraída, não reparou no professor a inclinar-se para a frente e a pegar no livro de poemas que ela tinha pousado.

— Aha! Que temos nós aqui? Uma edição antiga do *Rubaiyat*! — exclamou Azur. Antes que ela pudesse reagir, já ele tinha aberto o livro e visto o CV entre as páginas.

— Ah, isso é só... — gaguejou Peri.

Com um misto de deleite e incredulidade, o Professor Azur passou os olhos pela página que Shirin redigira.

— Bem, quem diria! Tomou conta de um polvo?

Peri ficou petrificada.

— Uma criatura misteriosa, extremamente inteligente — disse ele. — Cerca de dois terços dos neurónios residem nos tentáculos, como deve saber.

Não tendo alternativa, Peri concordou.

— Acha que os braços de um polvo têm mente própria? — perguntou Azur. Para alívio de Peri, ele não parecia estar à espera de uma resposta. — Durante décadas, as pessoas pensaram que, quanto maior fosse o cérebro de um animal, mais inteligente ele era. Associavam inteligência ao tamanho do cérebro. Que sexista! Os

homens têm mais tecido cerebral do que as mulheres. E, depois, temos o magnífico polvo, destruindo mitos com os seus seis braços, que são seis e não oito, porque as pessoas se enganam e contam as patas também. E se, em vez de um grande cérebro desajeitado e centralizado, o próximo passo na evolução for uma complexa rede de cérebros múltiplos?

Um súbito arrepio de excitação perpassou Peri, quase a contragosto. Apercebeu-se de que gostava de o ouvir.

— Como o polvo se torna mais inteligente à medida que envelhece, se vivesse mais tempo, poderia ser uma das espécies mais geniais do planeta. Mas Aristóteles, o maior filósofo de todos, pensava que os polvos eram burros. O que é que isso nos diz sobre Aristóteles?

Peri teve a sensação estranhíssima de que, fosse qual fosse o rumo da conversa, já não era sobre um filósofo e um molusco e, sim, sobre Azur e ela própria.

— Que Aristóteles estava errado e talvez até fosse pouco objetivo — disse. — Como achou que não havia nada de interessante no polvo, convenceu-se de que sabia tudo o que havia para saber. E, por isso, não viu que era um poço de maravilhas.

O professor sorriu.

— Exatamente... Peri — disse, olhando para o nome dela no currículo. — Tal como o polvo de Aristóteles, Deus é um enigma que requer exploração.

— Mas é diferente. Nós não precisamos de acreditar num polvo; sabemos que existe. Enquanto, em relação a Deus, nem sequer somos capazes de concordar se existe ou não um deus.

Azur franziu o sobrolho.

— O meu seminário não tem nada que ver com a crença. O que nós procuramos é o conhecimento.

Havia firmeza na sua voz. Introspectiva e impaciente. Peri desconfiou que era aquele o tom que ele usava quando falava sozinho, sempre que trabalhava pela noite dentro ou caminhava pelas ruas, em manhãs encharcadas de orvalho.

— O seminário sobre Deus é um encontro de mentes curiosas. Vimos todos de meios muito diferentes, mas temos uma coisa em comum. Espírito de investigação! É um programa que exige muitas leituras e pesquisa. Não me interessa se é crente ou não. Entre os meus alunos, só existe um pecado: a preguiça.

Num tom cauteloso, Peri perguntou:

— E o programa...

— Ah, o sagrado programa! — troou Azur. — A Academia abomina a improvisação. Os alunos têm de ser informados do que vão ler todas as semanas, temos de os avisar com um mês de antecedência. Senão, entram em pânico!

Dito isto, abriu uma gaveta, tirou uma folha, pô-la dentro do *Rubaiyat* e devolveu-lhe o livro.

— Aqui tem, se precisa mesmo de saber — disse ele. Mas ficou-lhe com o CV.

— Obrigada — disse Peri, embora desconfiasse que o documento que ele lhe dera era tão pouco representativo da verdade como o CV que Shirin lhe escrevera.

— Antes de se ir embora — acrescentou Azur. — Disse que estava confusa e curiosa, e parece ter o hábito de complicar a sua vida: esses são os três C essenciais para o estudo honesto da *possibilidade* de Deus.

— Quer dizer a Confusão e a Curiosidade...

— E a Complicação! Há quem lhe chame Caos! — explicou Azur.
— Qualquer pessoa que tenha os C necessários está numa boa situação para estudar Deus.

Sem ter a certeza se isso significava que ela entraria para a turma do seminário, mas sentindo, não obstante, que tinha de agradecer a Azur, Peri sorriu e fechou suavemente a porta do gabinete ao sair. Quando atravessou o pátio, olhou para trás na direção do edifício, tentando encontrar a janela que encurralara o pintassilgo-verde. Os seus olhos percorreram a fachada desgastada pelo tempo e fixaram-se numa janela de guilhotina, por trás da qual deslizou a sombra do professor, como um pensamento fugaz. Mas talvez fosse imaginação sua.

O sagrado programa

Entrar na Mente de Deus / no Deus da Mente

(Faculdade de Filosofia e Teologia)

Quintas-feiras 14h00-16h30

Sala de Palestras, 10 Merton Street

Descrição do Seminário

Neste curso semanal, abordaremos questões atualmente cada vez mais relevantes para um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro. O nosso objetivo é equiparmo-nos com as ferramentas intelectuais necessárias para compreendermos melhor e incentivarmos um debate franco, destituído de qualquer tipo de fanatismo e dogmatismo. Os alunos terão de ler, investigar, ruminar e respeitar opiniões com as quais poderão não concordar.

Este seminário NÃO promove qualquer religião em especial, nem adere a nenhuma perspectiva específica. Seja judeu, hindu, zoroastriano, budista, taoista, cristão, muçulmano, budista tibetano, mórmon, *bahá'i*, agnóstico, ateu, adepto do New Age ou esteja prestes a iniciar o seu próprio culto, terá igual direito de se manifestar. Na sala de aulas, conduzimos as nossas discussões

sentados num círculo, para que todos estejam a igual distância do centro.

Objetivos do Seminário

1. Promover a empatia, o conhecimento, o entendimento e a sabedoria, *sophos*, sobre questões relacionadas com a noção de Deus;
2. Dar aos alunos uma vasta gama de respostas às perguntas mais exigentes dos nossos tempos;
3. Incentivar os alunos a pensar de maneira crítica e cuidadosa sobre um tópico que seja importante não só em teologia ou filosofia, mas também em psicologia, sociologia, política e relações internacionais;
4. Abordar dilemas universais sem repetição mecânica, falta de informação, fanatismo e medo de ofender os outros;
5. Resumindo: confundir e ficar confuso...

Materiais para o Seminário

As listas de leitura serão adaptadas a cada indivíduo, em função da sua determinação, diligência e desempenho académico. Estejam preparados para analisar e comentar materiais que poderão ser contrários às vossas crenças (ou seja, alunos ateus poderão ter de ler livros de autores crentes; alunos teístas estudarão obras de estudiosos ateus, etc.).

O que Esperar deste Seminário

Como Deus é o nosso tema principal, este seminário é aberto, não tem início e provavelmente não terá conclusão. Cabe aos alunos decidir o que vão retirar da experiência e até onde irão.

- a. As Garças. Aquelas que, insatisfeitas por voarem a altitudes médias, desejam erguer-se acima de toda a gente, incluindo do professor. Pedirão leituras adicionais, interrogarão as perguntas, exigirão desafios intelectuais, erguer-se-ão acima dos desfiladeiros.
- b. As Corujas. Menos ambiciosas do que as garças, as corujas são, no entanto, grandes pensadoras. Em vez de devorarem centenas de páginas, preferem mergulhar no material disponível, buscando a profundidade. Porão em causa o seminário, as leituras, o professor, inclusive elas próprias. O seu contributo para o grupo será enorme e único.
- c. Os Andorinhões-Reais. Porventura menos motivados do que as garças e menos intensos do que as corujas, os andorinhões percorrerão, no entanto, as distâncias mais longas. Continuarão a ler obras sobre o tema muito depois de o seminário ter terminado, inclusive muito depois de terem acabado a licenciatura.
- d. Os Píscos. Satisfeitos com o mínimo, mais preocupados com a nota que receberão no fim do que com os desafios intelectuais que se lhes apresentarão pelo caminho, tímidos e relutantes em irem para lá do pensamento superficial, os píscos serão muito provavelmente aqueles que menos tirarão do seminário.

Regras do Seminário

Todas as ideias, desde que fundamentadas por uma investigação, uma apresentação engenhosa e uma abertura de espírito, são bem-vindas. É permitido comer durante as aulas. Na verdade, incentivo a comida (dentro dos limites da sensatez, sem exageros) e a bebida (sem álcool, precisamos de ter o cérebro sóbrio), não só porque animam o estado de espírito e ajudam o intelecto a concentrar-se, mas também porque é difícil sentir hostilidade para com alguém com quem se partilha um naco de pão. Portanto, partilhem a vossa comida com os colegas, em especial com aqueles cujas opiniões são contrárias às vossas.

O autoritarismo, a tirania, discursos de ódio e comportamentos maldosos para com os colegas não são tolerados (para com o professor também não, escusado será dizer). Ficar ofendido também não. Ao concordarem em participar neste seminário, estão a aceitar um acordo tácito em que darão primazia à liberdade de expressão em detrimento das vossas sensibilidades pessoais. Se não suportam ouvir ideias com as quais não concordam, não podemos ter um debate franco. Quando se sentirem ofendidos, o que é humano, lembrem-se do conselho de um homem sábio: «Se cada esfregadela vos irrita, como é que o vosso espelho vai ficar limpo?»¹

Se acham que já sabem tudo o que precisam de saber sobre Deus e não estão interessados em encher a vossa mente com novas informações, tenham a bondade de se afastar e de «sair de debaixo da minha luz»². O tempo é precioso, o meu e o vosso. Este seminário é para os Pesquisadores. Aqueles que estão «dispostos a ser um principiante todos os dias»³. Se tudo isto vos parece

demasiado cansativo, lembrem-se: «A atividade suprema que um ser humano pode alcançar é aprender para compreender, porque compreender é ser livre.»⁴

¹ Rumi.

² Diógenes.

³ Mestre Eckhart.

⁴ Espinosa, claro.

A estratégia de marketing

Istambul, 2016

Duas empregadas, de farda preta engomada, avental branco imaculado e expressões idênticas, entraram energicamente, trazendo pratos de cristal com trufas de chocolate.

— Têm todos de as provar! São os meus bebês — anunciou a mulher do homem de negócios.

Também isso tinha saído nos jornais. O homem de negócios comprara uma fábrica de chocolate que fora à falência. Como prenda de anos para a sua mulher, pusera-a à frente da produção e marketing. Ela mudara o nome da fábrica para Atelier e apelidara a marca Les Bonbons du harem. Os clientes turcos não conseguiam pronunciar o nome na íntegra, mas o seu toque francês, europeu, estrangeiro, foi o suficiente para tornar o produto desejável, sofisticado, *à la mode*.

A anfitriã continuou, entusiasmada:

— Provem e verão que até comem os dedos também!

Os convidados debruçaram-se para examinar as iguarias, meticulosamente apresentadas em rodela de papel rendilhado.

— Demos-lhes nomes de cidades do mundo inteiro. Esse que tem framboesas chama-se Amesterdão. Este com maçapão, Madrid.

O de Berlim tem cerveja e gengibre. O de Londres é com whisky envelhecido. No que toca aos ingredientes, não olhamos a despesas.

— Podes crer que não! — interveio o homem de negócios. — Ela teimou em usar *single malt* de dezoito anos! Vai levar-me à falência.

Os convidados riram-se.

A anfitriã, ignorando a interrupção, disse:

— Já não me chamam a mulher do homem de negócios. A partir de agora, sou uma mulher de negócios por direito próprio.

Os convidados aplaudiram.

Sentindo-se encorajada, a mulher de negócios continuou:

— O de Veneza tem licor de cereja. Fizemos o de Milão com Amaretto. O de Zurique com conhaque e maracujá. E o de Paris com champanhe!

— Conta-lhes a tua estratégia de marketing — incitou o homem de negócios.

— Temos duas gamas: para os bebedores e para os abstémios — explicou a mulher de negócios. — A caixa é a mesma, os produtos é que mudam. Para a Europa e a Rússia, exportamos trufas com álcool. Para o Médio Oriente, sem álcool. Esperto, não acham?

— Os chocolates *halal* também têm nomes? — perguntou o jornalista.

— Claro, querido. — A mulher de negócios apontou para o prato de cristal seguinte. — Medina, com tâmaras. Dubai, com creme de coco. Amã, com caramelo e avelãs. O cor-de-rosa tem água de rosas, Isfahan.

— E Istambul? — perguntou Peri.

— Aha, como é que nos poderíamos esquecer? — disse a mulher de negócios. — O de Istambul tinha de se basear em contrastes: recheio de baunilha com pimenta-preta partida!

Enquanto os convidados conversavam e devoravam as trufas, as empregadas começaram a servir bebidas quentes. A maior parte das mulheres optou por chá preto ou de camomila, enquanto a maioria dos homens pediu café, uma bica ou um café americano. Ninguém à mesa pediu um café turco, exceto o gestor americano de fundos, que estava decidido a aderir à máxima «Em Roma, sê romano». Embora, neste caso, os Romanos se comportassem como se não estivessem em Roma.

Desejoso de fazer as coisas à moda do país, o americano perguntou:

— Será que, depois, alguém me poderia ler a sina nas borras?

— Não se preocupe — respondeu a mulher de negócios, em inglês. — Não precisa de borras. O médium deve estar a chegar a qualquer instante.

— Estou mortinha por isso — disse a namorada do jornalista. — Preciso de falar com ele.

Peri olhou à sua volta. Aquelas mulheres eram tementes a Deus, tementes aos maridos, tementes ao divórcio, tementes à pobreza, tementes ao terrorismo, tementes às multidões, tementes às desgraças, tementes à loucura, mulheres cujas casas estavam imaculadamente limpas e cujas mentes sabiam exatamente o que esperavam do futuro. Anteriormente na vida tinham trocado a «arte de persuadir o pai» pela «arte de persuadir o marido». As que eram casadas há bastante tempo tinham-se tornado mais ousadas e firmes nas suas opiniões, mas sabiam quando não deviam pisar o risco.

Peri, por sua vez, não partilhava das preocupações delas; nunca temera o pai, nunca temera o marido, e, quanto a Deus, embora nem sempre estivesse de bem com Ele, estava decidida a não O temer também. A verdadeira origem do seu constrangimento era de natureza diferente. Era ela própria, a sua própria escuridão, que a assustava.

— Ei, não vamos deixar o tal médium fazer sessões privadas com todas as mulheres bonitas! — disse o homem de negócios. Baixinho, acrescentou uma piada de mau gosto, a que os convidados masculinos responderam com gargalhadas e as convidadas femininas fingiram que não ouviram.

Peri lembrou-se da facilidade com que Shirin dizia palavrões em público, abanando as mãos como se sacudisse uma mosca que não parava de a irritar. Recordou-se de que também ela dissera palavrões quando estava em Oxford, embora só uma vez, despejando uma série deles nos ouvidos do Professor Azur, quando se irritara com ele. Como era fácil odiar quem se ama.

Ali, em Istambul, havia dois tipos de mulheres: as que diziam obscenidades à vontade e se estavam a borrifar para o estigma da indecência (uma pequeníssima minoria), e as que nunca o fariam (a maioria). As senhoras de classe média-alta presentes no jantar pertenciam ao segundo grupo. Nunca diziam impropérios, exceto quando falavam em inglês, francês ou alemão. Estranhamente, não tinha mal praguejar numa língua estrangeira. Uma obscenidade que jamais se atreveriam a dizer na sua língua materna saía-lhes pela boca fora numa língua europeia sem o mínimo sentimento de culpa. Era mais fácil — e, de certo modo, menos ofensivo — dizer o indizível na língua de outra pessoa qualquer, como alguém que

baixa a guarda por detrás de um disfarce e de uma máscara num baile.

Os homens, por sua vez, eram livres de proferir imprecações e faziam-no generosamente e nem sempre por raiva. Dizer palavrões atravessava todo o espectro de classes sociais. Unia a raça masculina.

— Já agora, há duas ou três trufas que ainda não têm nome — disse a mulher de negócios. — Uma é com xerez e sumo de limão. Hoje, Pericim, deu-me uma ideia. Podíamos chamar-lhe Oxford!

Dito isto, a mulher de negócios levantou-se, esquadrinhando os pratos.

— Ah, aqui está! — Com o mindinho elegantemente curvado, pegou na bolinha de chocolate e ofereceu-a a Peri. — Prove.

Sob o olhar de toda a gente, Peri enfiou-a na boca, sentindo os sabores dissolverem-se-lhe na língua. Por debaixo da doçura inicial, uma pontada penetrante e intensa a limão atingiu-lhe as papilas gustativas, simultaneamente aliciante e enganadora numa só dentada... como os seminários do Professor Azur.

O beijo mortal

Oxford, 2001

Peri não foi a casa nas férias da Páscoa. Ainda não se habituara à maneira como, em Inglaterra, o ano letivo estava dividido em três períodos. As longas pausas entre eles desestabilizavam-na. Não só porque não podia viajar até ao seu país com tanta frequência como os outros alunos; não só porque não era nem extrovertida nem exploradora e, por conseguinte, não tinha propensão para investigar o meio que a rodeava; mas também porque, nessas alturas, sentia mais intensamente o abismo que a separava dos outros. Quando toda a gente andava a escrever ensaios e a assistir a aulas, ela conseguia facilmente acompanhar a carneirada; mas não sabia o que fazer do seu tempo quando supostamente deveria relaxar e divertir-se.

Apesar disso, nessa mesma semana, recebeu um convite inesperado. Mona, que também ficara em Oxford nas férias, correndo de uma atividade social para outra, como era seu hábito, recebera a visita de duas primas dos Estados Unidos e, juntas, tencionavam viajar para o País de Gales, onde tinham arrendado uma casa de campo.

— Porque é que não vens connosco? — perguntou Mona. — Vais gostar. Montes de ar puro.

Enchendo a mala com mais livros — incluindo dois do Professor Azur — do que conseguiria ler numa semana, Peri aceitou o convite. Deduziu que Mona andaria distraída, a maior parte do tempo, com as primas. Peri estaria acompanhada e sozinha, ao mesmo tempo, o que lhe pareceu suportável.

Ficou surpreendida a primeira vez que viu placas em galês e em inglês. Até aí, nunca lhe passara pela cabeça que pudesse haver mais do que uma língua oficial no mesmo país. Na Turquia, nunca vira um letreiro público em turco e em curdo. Era tão grande o seu espanto que, sempre que via uma dessas placas, tinha de parar para a fotografar.

— És louca — disse Mona, rindo-se. — A paisagem é incrível e tu fotografas placas de sinalização?

As vistas eram, de facto, esplendorosas. Ovelhas com os cordeirinhos recém-nascidos a pastar nos campos cheios de cor; tapetes de verde salpicados de urze roxa, jacintos-dos-bosques e agrião-dos-prados. A casa de campo que arrendaram era uma casinha com as vigas de madeira expostas, caiada, empoleirada na vertente oeste de um vale. De manhã, era banhada por um sol maravilhoso; à tarde, por uma sombra profunda de tranquilidade. Ao longe, o rio Wye corria como um sinuoso fio de prata, serpeando por entre as colinas.

Peri adorou a casa: o fogão de ferro forjado, os tetos baixos, os toros de lenha empilhados lá fora, o piso de lajes do rés do chão, até o cheiro dos lençóis que estavam sempre gelados quando se enfiava na cama. Partilhou o quarto com Mona e as primas instalaram-se no outro. Embora a aldeia mais próxima ficasse a um

quilómetro e meio, havia tanto que fazer durante o dia que ela pouco tempo teve para ler. Peri, que sempre fora uma rapariga urbana, observou a natureza com prazer e curiosidade, descobrindo as maravilhas que se escondiam nas pequeninas coisas, e sentiu que era só isso que importava: essas pequeninas coisas. Sempre assolada por pensamentos negativos, imaginou que ocorrera uma catástrofe — uma guerra nuclear — e elas eram as únicas sobreviventes, longe da civilização. Sabia que a mãe ficaria chocada se visse a filha ali, quatro raparigas no meio do nada.

Uma noite, da sua cama, viu Mona a rezar a um canto, com o rosto virado para Meca. Não tinham conversado absolutamente nada sobre religião, evitando ambas o assunto. Se Shirin ali estivesse com elas, de certeza que o teria trazido à baila.

Quando Mona apagou a luz, um silêncio súbito desceu sobre o quarto. Peri virou-se e revirou-se na cama.

— Quando eu era miúda, uma abelha picou-me no lábio — murmurou devagar, como se estivesse a limpar o pó a essa recordação. — Fiquei com a boca tão inchada que parecia um balão de água. O meu pai disse que a abelha estava loucamente apaixonada... por mim. Quis beijar-me. Sempre me perguntei se ela saberia que ia morrer, assim que usasse o ferrão. É estranho, não é?, se elas sabem e, mesmo assim, o fazem. Autodestruição.

Mona virou-se de lado. Ao luar que entrava pela janela, a sua silhueta parecia uma escultura.

— Só os seres humanos têm consciência. É a ordem divina. É por isso que Alá nos responsabiliza, a nós, humanos, pelo nosso comportamento.

— Pois, mas os animais não querem morrer. Têm um instinto de sobrevivência. E, no entanto, vão e picam. Devem saber que se

estão a suicidar. Uma pessoa olha para a natureza e pensa: Uau, que bonito e doce, quando, na realidade, é horrivelmente cruel.

Mona suspirou.

— Tu não geres o mundo, não te esqueças disso. Ele é que está encarregado de tudo e não tu. Tem fé.

Como é que Peri podia confiar num sistema em que as abelhas estavam condenadas a morrer, prematuramente, se se apaixonassem? E se aquela era a ordem divina que as pessoas tanto louvavam, como é que a podiam considerar justa e sagrada? Puxou o edredão para o queixo, sentindo frio.

Nessa noite, Peri gritou, a dormir, e murmurou palavras em turco que pareciam o zumbido de mil abelhas a tentarem libertar-se.

As primas, que acordaram com o barulho, riram-se no quarto ao lado. Mona, estupefacta, sentou-se na cama. Rezou para que os demónios, fossem eles quais fossem, que atormentavam a sua amiga, desaparecessem para bem longe. No dia seguinte de manhã, regressaram a Oxford. Sempre que Mona e Peri falavam sobre a viagem ao País de Gales, faziam-no com um sorriso alegre, embora pressentissem, cada uma à sua maneira, que, subjacente aos momentos especiais, havia algo mais negro...

A página vazia

Istambul, verão de 2001

Terminado, finalmente, o primeiro ano em Oxford, Peri passou as férias em Istambul. De vez em quando, a mãe mencionava um ou outro jovem *en passant*, usando o mesmo conjunto de adjetivos. Para Selma, os estudos de Peri eram, não propriamente um despertar intelectual ou o precursor de uma carreira promissora e, sim, um breve interlúdio antes de ela se casar. Fora a sete santuários, só no mês anterior, para acender velas, atar faixas de seda e fazer desejos de que a filha arranjasse rapidamente um bom casamento.

— Enquanto estavas fora, mudaram-se para cá novos vizinhos. Uma família como deve ser — anunciou Selma, enquanto descascava uma pilha de favas para o jantar. — Têm um filho. Um rapaz muito esperto, bonito, honrado...

— Quer dizer que me arranjou um marido adequado — murmurou Peri. Enrolou uma madeixa de cabelo no dedo, puxando-a desajeitadamente. Reparou que era muito mais curta do que o resto e teve uma súbita e sinistra sensação de que a sua mãe lhe cortara uma madeixa, enquanto dormia. A ideia de o seu cabelo se

encontrar nesse momento num desses santuários, enterrado entre as oferendas de Selma, deixou-a ligeiramente enjoada.

— Deixa a rapariga em paz, mulher — disse Mensur, da sua cadeira. — Estás a baralhá-la. Ela precisa de se concentrar nos estudos. Queremos um diploma e não um marido.

— Este rapaz tem um diploma — protestou Selma. — Andou na universidade. Podem ficar noivos agora e casar-se depois de ela acabar o curso. Que tem ela a perder?

— Só a minha liberdade, a minha juventude e a minha mente — retorquiu Peri.

— Pareces o teu pai a falar — disse Selma, e voltou para as suas favas, como se tivesse provado o seu argumento.

Assunto encerrado... mas só temporariamente.

No final do verão, num dia balsâmico em Istambul, Peri foi às compras. Uma gabardina, um novo par de sapatilhas, uma mochila... tinha de os comprar antes de voltar para Oxford. Quando saiu do autocarro, perto da Praça Taksim, reparou num ajuntamento de pessoas. Estavam paradas no passeio, em frente de um café frequentado por estudantes, especados a olhar pelas janelas abertas para o televisor ligado lá dentro, em altos berros. Nos seus contornos dançavam sombras, pintalgadas por uma luz cor de alperce nos pontos onde o Sol incidia nos seus perfis.

Um homem de ombros largos levava as mãos à testa, de sobrancelhas franzidas. Uma rapariga de rabo de cavalo parecia chocada, com o corpo hirta. As suas expressões preocuparam Peri. Abriu caminho por entre o grupo, curiosa.

Foi então que viu o que se passava no ecrã: um avião a espetar-se contra um arranha-céus, com um fundo azul tão intenso que quase lhe feria os olhos. As imagens estavam a ser transmitidas repetidamente, como que em câmara lenta, embora parecessem cada vez menos reais. Espirais de fumo emanavam do edifício. Folhas de papel vogavam no vento. Como que catapultado, um objeto precipitava-se para diante, depois outro... Peri soltou uma exclamação, apercebendo-se de que não eram objetos, eram pessoas lançando-se para a morte.

— Americanos... — murmurou o homem ao seu lado. — É o que acontece quando as pessoas se metem onde não são chamadas.

— Eles estavam convencidos de que mandavam no mundo, não estavam? — comentou uma mulher, e abanou a cabeça, fazendo balouçar as argolas dependuradas das orelhas. — Agora sabem que são mortais... como todos nós.

Os olhos de Peri cruzaram-se com os da rapariga de rabo de cavalo. Por um instante, pareceu que só as duas sentiam a mágoa, o choque, o terror. Mas a rapariga apressou-se a desviar o olhar, oferecendo-lhe pouca camaradagem. Perturbada com as conversas à sua volta, Peri afastou-se, com a cabeça a rebentar de perguntas. Para onde quer que se virasse, via pessoas a procurar teorias da conspiração para se alimentarem, como abelhas zumbindo à caça de néctar.

«Tenho de telefonar à Shirin», pensou. Precisando de ouvir a voz confiante da sua amiga, ligou-lhe de uma cabina telefónica. Felizmente, ela atendeu logo.

— Olá, Peri. Que mundo fodido, hã! Parece uma praga vivermos em tempos tão interessantes.

— É horrível! — exclamou Peri. — Nem sei o que pensar.

— Inocentes massacrados — interrompeu Shirin, exaltando-se.
— Porquê? Porque uns quantos sacanas tarados acreditam que vão para o paraíso se matarem em nome de Deus. E isto vai piorar, verás. Agora, todos os muçulmanos vão ser vilipendiados. Mais inocentes vão sofrer ataques de todos os lados.

Peri reparou que alguém colara uma bola de pastilha elástica por baixo da cabina telefónica: um pequeno ato de malícia, mas não deixava de o ser.

— Que horror! Que barbaridade! E é tão assustador. Como é que uma coisa destas pôde acontecer?

— Bom, de certeza que é isso que toda a gente vai andar a discutir nos próximos tempos. Durante meses, talvez até anos. Jornalistas, especialistas, académicos. Mas, na realidade, não há nada para discutir. A religião alimenta a intolerância e isso leva ao ódio que, por sua vez, leva à violência. Ponto final.

— Mas não é injusto pensar assim? — disse Peri. — Há tantas pessoas religiosas que seriam incapazes de fazer mal a quem quer que seja. Não foi a religião que fez isto. Foi a maldade em estado puro.

— Sabes que mais, Ratito? Não vou discutir contigo. Desta vez, estou tão confusa como tu. Preciso de falar com o Azur, senão enlouqueço.

Peri sentiu um choque dentro de si.

— Vais ter com ele? Mas o ano letivo ainda não começou.

— E daí? Vou a Oxford amanhã. Eu sei que ele está lá. Muda o teu voo e vem comigo.

— Vou tentar — disse Peri. Achou escusado explicar que, mesmo que conseguisse arranjar um bilhete em cima da hora, não teria dinheiro para o pagar.

Em casa, Peri encontrou os pais tão perdidos como ela, vendo as mesmas imagens na televisão que estavam a ser transmitidas vezes sem conta.

— Os fanáticos estão a começar a controlar o mundo — comentou Mensur.

Começara a beber mais cedo do que habitualmente e, pelo ar, já tinha bebido bastante. Pela primeira vez, pareceu hesitante em relação à ida da filha para Oxford.

— Talvez não te devêssemos ter mandado estudar para fora; já nenhum lugar é seguro. Nunca pensei dizer isto na vida, mas talvez agora o Ocidente se tenha tornado mais perigoso do que o Oriente.

— Oriente, Ocidente, que diferença é que isso faz? Ninguém pode escapar ao seu *kismet*... — ripostou Selma. — Se Alá o escreveu na tua testa com a Sua tinta invisível, pouco importa se estás aqui ou na China. A morte virá à tua procura.

Perante isto, Mensur pegou na esferográfica que usava para fazer as palavras cruzadas e escreveu, numa linha irregular na testa, o número 100.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Selma.

— A mudar o Destino! Vou viver até aos cem anos.

Peri não ficou por perto para ouvir a resposta da mãe. Não tinha paciência para as discussões dos pais. Tomada por um profundo sentimento de solidão, foi para o quarto e pegou no seu diário sobre Deus. Por mais que tentasse escrever umas frases sensatas, não foi capaz. Não nesse dia. Tinha tantas perguntas na cabeça sobre religião, fé e Deus... o tipo de Deus que permitia que acontecessem atrocidades e, ainda assim, esperava que Lhe obedecessem. Fixou a página, engolida pelo seu vazio. Perguntou-se o que diria Azur a Shirin quando se reunissem no gabinete. Adorava poder entrar

secretamente naquela sala, como o pintassilgo-verde, e escutar a conversa deles. Também ela tinha perguntas para fazer ao professor. Talvez Shirin tivesse razão em insistir; Peri precisava de um seminário sobre Deus, não propriamente para descobrir novas verdades sobre um ser supremo, mas para deslindar as incertezas que fervilhavam dentro de si.

Depois, fez uma coisa que nunca contaria a ninguém: rezou por todas as pessoas mortas nas Torres Gêmeas. Rezou pelas suas famílias e entes queridos. E, antes de terminar a prece, acrescentou um pequeno pedido a Deus: ter vaga no seminário de Azur, para poder aprofundar os seus conhecimentos sobre Ele e, se fosse possível, dar algum sentido ao caos que reinava dentro e fora da sua mente.

O círculo

Oxford, 2001

Na primeira semana do novo ano letivo, no início de uma tarde, com o céu plácido como o lago de uma aldeia, Peri preparou-se para a primeira sessão de «Entrar na Mente de Deus / no Deus da Mente». Uns dias antes, encontrara um envelope para si na portaria da residência universitária e o remetente era nada mais nada menos do que o Professor Azur. O bilhete fora rabiscado claramente à pressa num cartão, numa diagonal ligeiramente a descer:

«Cara Peri Nalbantoğlu,

Se ainda estiver interessada no meu seminário, começa na quinta-feira às 14h00 em ponto! Traga âmbar, se precisar... mas nada de desculpas.

O polvo aguarda-a.

A.Z. Azur»

Desde que recebera o bilhete, ainda não tivera tempo, entre as aulas de grupo e o emprego na livraria, para refletir sobre o que teria pela frente. A caminho do seminário, porém, com um caderno de apontamentos apertado de encontro ao peito, ficou surpreendida ao perceber quão ansiosa estava.

Ao entrar na sala, Peri contou mentalmente dez alunos: cinco rapazes, cinco raparigas. Entre eles, para seu espanto, estava Mona, que a cumprimentou com igual surpresa.

Peri observou os outros alunos, reparando nos sorrisos constrangidos e na maneira como estavam sentados a uma distância educada uns dos outros, e ficou aliviada ao ver que não era a única que parecia nervosa. Alguns dos alunos estavam absortos nos seus pensamentos, enquanto outros conversavam baixinho ou liam a descrição do seminário, provavelmente pela quinquagésima vez. Um rapaz, com a cabeça apoiada no bloco de notas, parecia dormir.

Peri empoleirou-se numa cadeira junto da janela e contemplou um carvalho de grande envergadura, com as folhas em decadência a brilharem em tons de rubi e dourado. Perguntou-se se teria tempo para ir à casa de banho, mas o medo de voltar já depois de o seminário ter começado manteve-a colada ao assento. Lá fora, o dia enevoara-se e, embora ainda fosse cedo, parecia o final da tarde.

Às duas horas em ponto, a porta abriu-se e o Professor Azur entrou na sala a passos largos, carregando uma pilha de pastas, uma grande caixa de lápis de cor e o que parecia ser uma ampulheta. Vestia um casaco de bombazina azul-escuro com remendos de cabedal nos cotovelos. Embora tivesse a camisa branca imaculadamente passada a ferro, a gravata não tinha o nó feito, como se lhe houvesse faltado a paciência para o fazer, e o cabelo vinha todo desgrenhado. Ou atravessara um vendaval ou, então, passara os dedos pelo cabelo ínfimas vezes.

Muito depressa, despejou tudo na secretária e pousou a ampulheta num apoio para livros, virando-a imediatamente. Grãos de areia escorreram do bolbo superior para o inferior, como

pequeninos peregrinos numa viagem sagrada. Ele postou-se diante do quadro branco, alto e esguio, e, num tom enérgico que pôs fim à letargia na sala, disse:

— Olá a todos! *Shalom Aleichem! Salamun Alaykum!* Que a paz esteja convosco! *Namaste! Jai Jinendra! Sat Nam! Sat Sri Akaal!* As minhas saudações não obedecem a nenhuma ordem de preferência ou precedência, caso estejam na dúvida.

— *Aloha!* — disse alguém, muito alto.

Outros alunos acrescentaram uma miríade de saudações, uma confusão de vozes e risos.

— Ótimo! — exclamou Azur, esfregando as mãos. — Vejo que estão cheios de autoconfiança, o que é sempre um sinal promissor... ou uma receita para o desastre. Veremos qual dos dois é.

Por detrás dos óculos pretos de tartaruga, os olhos dele brilhavam como contas de vidro polido pelo mar. O seu tom de voz elevava-se em ondas de entusiasmo, como um explorador que regressa de terras longínquas e partilha as suas aventuras com os amigos. Felicitou toda a gente por ter tido curiosidade e garra para se inscrever no seminário e, com uma piscadela de olho, acrescentou que esperava que também tivessem forças para ir até ao fim. Pelo à-vontade e rapidez com que falava, era difícil, se não mesmo impossível, adivinhar quando estava a brincar e quando falava a sério.

— Como já devem ter reparado, vocês são onze. Dez teria sido demasiado perfeito e a perfeição é um tédio — disse Azur. Olhou em redor e estalou a língua. — Já vi que temos muito trabalho para fazer... Afastaram as cadeiras umas das outras como se tivessem

medo de ser contaminados pelo vírus da pneumonia. Portanto, minhas senhoras e meus senhores, importam-se de se levantar?

Surpreendidos, divertidos, os alunos obedeceram.

— Tão obedientes! A virtude suprema aos olhos do Senhor, segundo dizem. Agora, podem colocar as vossas cadeiras a formar um círculo? Sendo o círculo a forma mais adequada para se falar sobre Deus.

Diferentes assuntos requeriam diferentes disposições de cadeiras, explicou Azur. Para discutir política, cadeiras dispersas e amorfas; para sociologia, um triângulo bem feito; para estatística, um retângulo; e para relações internacionais, um paralelogramo. Mas Deus tinha de ser discutido num círculo, com toda a gente na circunferência equidistante do centro, olhando para os olhos uns dos outros.

— A partir de agora, quando eu entrar na sala todas as semanas, espero encontrar-vos sentados num círculo.

Demoraram uns minutos, e com um certo arranhar e raspar de cadeiras, a cumprir a tarefa. Quando acabaram, a forma que tinham criado mais parecia um limão espremido do que propriamente um círculo. O Professor Azur, embora não estivesse completamente satisfeito, agradeceu-lhes o esforço. De seguida, pediu-lhes para se apresentarem em poucas frases, referindo o seu *background* e, em especial, porque é que estavam interessados em Deus, «quando há seguramente coisas muito mais divertidas para os jovens fazerem».

O primeiro a falar foi Mona. Disse que, depois da tragédia do 11 de Setembro, estava extremamente preocupada com a perceção do Islão no Ocidente. Escolhendo as palavras com cuidado, disse que se orgulhava de ser uma jovem muçulmana, amava a sua fé do

fundo do coração, mas sentia-se frustrada com a quantidade de preconceitos com que tinha de lidar quase todos os dias.

— As pessoas que não sabem nada sobre o Islão fazem generalizações grosseiras sobre a minha religião, o meu Profeta, a minha fé. — Rapidamente, acrescentou: — E sobre o meu lenço na cabeça. — Disse que estava ali para participar em discussões honestas sobre a natureza do Todo-Poderoso, uma vez que todos eram criados por Ele e criados de maneira diferente por um motivo. — Respeito a diversidade, mas também espero que, em troca, me respeitem.

O rapaz ao lado de Mona, quando chegou a sua vez de falar, endireitou as costas e pigarreou. Chamava-se Ed. Como vinha do ramo das ciências, abordava Deus «com cautela objetiva e neutralidade intelectual». Acreditava que a ciência e a fé se podiam casar, possivelmente, mas era preciso filtrar as partes irracionais da religião, que eram muitas.

— O meu pai é judeu, a minha mãe é protestante, ambos não praticantes — acrescentou. — Suponho que, como a Mona, mas de uma maneira diferente, estou interessado na identidade e na fé na era moderna... embora, sinceramente, Deus nunca tenha sido um problema para mim.

— Então, porque é que aqui estás? — perguntou um rapaz de cabelo cor de areia, musculoso e com umas marcas de bexigas, rodopiando um lápis entre os dedos. — Pensei que toda a gente nesta turma tivesse problemas com Deus!

Peri reparou que Ed levantou os olhos para o Professor Azur, que lhe fez um aceno de cabeça quase impercetível. Houve qualquer coisa entre eles, uma mensagem que ela não conseguiu decifrar.

Azur virou-se para o rapaz de cabelo cor de areia.

— Normalmente, espero que os alunos comentem as palavras uns dos outros, e incentivo isso, mas não nesta fase tão inicial. Somos pintainhos a eclodir. Primeiro, vamos tirar a cabeça de dentro da casca.

O próximo a falar foi Róisín, uma rapariga bonita com um nítido sotaque irlandês. Tinha uns grandes olhos castanhos e o cabelo liso e escuro e, quando começou a falar, uma madeixa ficou-lhe momentaneamente presa no lábio. Disse que tinha sido criada como católica e que ia à missa todas as semanas. Tinha a sorte de estar rodeada de pessoas maravilhosas na Associação Católica de Oxford, mas queria alargar a sua perspetiva.

— Pensei que seria interessante fazer este seminário. Só para ver como Deus é discutido fora da minha zona de conforto. Por isso... — Deixou a frase em suspenso, como se confiasse nos outros para a terminarem.

— Acho que agora sou eu — lançou o rapaz de cabelo cor de areia, rodopiando o lápis mais depressa. — Chamo-me Kevin, sou de Fresno, na Califórnia, e vim para cá estudar com uma bolsa Rhodes.

Crispando o rosto largo, Kevin argumentou que Ernest Hemingway, que tinha razão sobre tudo, acertara em cheio quando dissera que todas as pessoas que pensam eram ateias. Ele próprio era um ateu convicto.

— Não acredito em nenhuma destas tretas e é por isso que aqui estou. Quero participar em debates construtivos sobre a ciência, a evolução e aquilo a que vocês teimam em chamar Deus. Tenho a certeza de que rapidamente vos vou irritar a todos.

Alguém fungou; de troça ou de pena, era impossível adivinhar.

— Olá a todos. Chamo-me Avi. Sou membro da Associação Chabad de Oxford. Também trabalho a tempo parcial na Biblioteca Judaica Samson, que é a maior biblioteca judaica da zona. Muitos de vocês provavelmente não sabem, mas Oxford tem um importante património judeu.

Avi declarou que havia suficiente ódio no mundo para catapultar a humanidade para a Terceira Guerra Mundial. O fantasma da História assombrava o momento presente. Disse que os seres humanos eram capazes de horríveis atrocidades, como as do Holocausto e a destruição das Torres Gémeas. A necessidade de acalantar um verdadeiro diálogo entre as religiões era urgente. O Medo de Deus era o argumento mais forte para dissuadir a faceta violenta do Homo sapiens. Na era moderna, Deus era mais necessário do que nunca.

Avi parecia disposto a continuar, mas a rapariga morena ao lado dele interrompeu-o, enérgica e irrequieta. Chamava-se Sujatha. Falou sobre as diferenças entre a filosofia do Oriente e a sua contraparte do Ocidente, «ou do Médio Oriente, melhor dizendo, porque todas as religiões abraâmicas provêm da mesma região. É preciso alguém de fora para reparar até que ponto são parecidas».

Sujatha disse, enquanto britânica de origem indiana, que o seu lema na vida era: «A tua ideia de ti cria a tua realidade.» Aos seus olhos, Deus não tinha atributos. Não queria ofender ninguém, mas achava o Deus abraâmico demasiado severo, crítico, distraído.

— Eu digo: tudo é Deus. Enquanto vocês dizem: tudo é de Deus. Essa preposiçãozinha faz uma diferença enorme.

Simultaneamente dócil e rebelde, Sujatha concluiu dizendo que estava desejosa de discutir a fundo essas disparidades filosóficas.

A cada pessoa que falava, Peri escorregava cada vez mais na cadeira, encolhendo a olhos vistos. Só lhe apetecia desaparecer por completo. Começou a sentir uma suspeita persistente de que o Professor Azur escolhera os alunos a dedo, não tanto pelo mérito do seu currículo académico, mas pelas suas histórias e ambições pessoais. Todos os alunos provinham de contextos diferentes e havia claras diferenças de opinião entre eles que poderiam facilmente entrar em confronto. Talvez fosse isso o que Azur pretendia: um conflito... ou muitos. Talvez estivesse a fazer experiências com os alunos sem eles terem consciência disso, como se fossem uma ninhada de ratos, correndo e arranhando as paredes do seu laboratório mental. Se assim era, o que poderia ele estar a testar...? Uma nova ideia de Deus?

Havia mais uma coisa que incomodava Peri. Se todas as pessoas à sua volta tinham sido selecionadas para formarem uma Babel em miniatura, porque é que ela fora escolhida? Que poderia Azur saber sobre si, tendo-lhe ela contado tão pouco? Quanto mais voltas dava à cabeça, mais insegura se sentia. As palavras do Dr. Raymond ecoaram-lhe nos ouvidos: «O método de ensino dele é pouco ortodoxo. Não cai bem a toda a gente. É um seminário que divide os alunos. Alguns gostam muito; outros ficam profundamente infelizes.»

— Olá, chamo-me Kimber — apresentou-se uma rapariga de cabelo tão encaracolado que, sempre que mexia a cabeça, uns quantos caracóis saltitavam para cima e para baixo. — Tenho uma resposta longa e uma resposta curta.

— Comece pela longa — disse o Professor Azur.

Kimber explicou que o pai era padre da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eram mórmones. Toda a sua família e

amigos eram mórmones. Disse que estava interessada naquele seminário, porque Deus dava sentido à sua vida e queria expandir o seu conhecimento acerca Dele. Acrescentou que, atualmente, os jovens só se interessavam por namorar, ou estudar para os exames, ou arranjar um emprego que lhes desse tanto dinheiro que nem saberiam o que fazer dele. Mas ela acreditava que a vida não podia ser só isso.

— Cada um de nós nasceu com um objetivo específico na terra. Eu ainda ando à procura do meu.

— E a resposta curta? — perguntou Azur.

Kimber riu-se.

— Fiz uma aposta com uma amiga. Ela disse que o professor é do pior que há a corrigir trabalhos escritos. Eu sou aluna de dezoitos e dezanoves. Nunca chumbei a uma única disciplina desde que entrei para a escola. Por isso, aceitei o desafio.

Um sorriso sereno perpassou os lábios de Azur.

— «A verdade é uma coisa tão rara, é delicioso dizê-la.»

Peri, com a boca meio tapada pela mão, não pôde deixar de murmurar para si própria:

— Emily Dickinson.

— Avancemos. Próximo! — instruiu o professor.

Adam. Nariz arredondado, covinha no queixo e sobrancelhas altas que lhe davam uma expressão de quem está constantemente surpreendido com o mundo. Disse que culturalmente era anglicano, mas não ia à igreja. Não era necessário ir à igreja, acrescentou, porque acreditava que Deus era Amor e Deus amava-o como ele era.

— Acredito no princípio universal de «Vive, Ama, Aprende». Tudo com maiúsculas. E é só.

— É a minha vez? — perguntou a rapariga ao lado dele. — Chamo-me Elizabeth. Nascida e criada em Oxfordshire, praticamente nunca saí daqui. A minha família vem de uma orgulhosa linhagem Quaker. Eu não tenho nenhum problema com Deus, mas tenho um problema com o facto de ser um Deus masculino.

Elizabeth explicou que os seres humanos tinham perdido o contacto com a natureza e com a Terra enquanto Deusa. Ao longo da História, a feminilidade tinha sido suprimida. O preço eram as guerras, o derramamento de sangue e a violência. Disse que se interessava por religiões antigas, xamanismo, Wicca, budismo tibetano.

— Tudo o que nos ajude a restabelecer a ligação com a Mãe Terra. — Urgiu toda a gente a parar de pensar em Deus como um Ele e a começar a treinar dizer Ela.

Os únicos alunos que ainda não tinham falado eram Peri e o rapaz ao seu lado. Peri fez um gesto a indicar-lhe para se apresentar primeiro e ele imitou-a. Ela cedeu.

— Muito bem, chamo-me Peri...

— E a citação era de Emily Dickinson, bravo — interrompeu Azur.

Peri percebeu que estava a corar. Não fazia ideia de que o professor a ouvira.

— Venho de Istambul e... — Perdeu o fio à meada e gaguejou, sentindo-se tola por mencionar a cidade onde nascera em vez de dizer qualquer coisa mais substancial, como os outros tinham feito. — Hum... não sei... não sei... muito bem porque é que aqui estou.

— Então, desiste — disse Kevin, atrevido. — Assim, voltamos a ser dez. Quero o número perfeito!

Uma onda de riso espalhou-se pelo círculo. Peri baixou os olhos. Como é que conseguira meter os pés pelas mãos numa simples apresentação, quando todos os outros, apesar das suas aparentes diferenças, as tinham feito com uma perna às costas?

O último aluno a falar foi um rapaz chamado Bruno. Disse que não era marxista, nem nada disso, mas que, no que tocava à ideia de a religião ser o veneno do povo, concordava com Marx... e com o antigo líder albanês Enver Hoxha, cujas opiniões lera em tempos e achara notáveis, pela clareza com que abordava o tema da religião.

— Muito bem, rapaz — disse Azur —, mas, quando citamos outras pessoas, em especial filósofos e poetas para quem as palavras são importantes, temos de o fazer com rigor. O que Marx realmente disse foi: «A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo.»

— Pois. Vai dar ao mesmo — recomeçou Bruno, quase sem disfarçar a irritação por ter sido interrompido quando falava de um assunto que o apaixonava. Com o queixo espetado, como se se preparasse para um soco, disse que Mona tinha pedido discussões honestas e ele ia ser tão honesto que poderia parecer malcriado. Tinha noção de que algumas pessoas poderiam não gostar do que ele tinha para dizer, mas acreditava que aquele seminário prezava o debate franco. Tinha um problema com o Islão. Para ser justo, acrescentou, teria um problema com qualquer religião monoteísta, mas o Cristianismo e o Judaísmo tinham sido reformados, enquanto o Islão, não.

Bruno argumentou que a maneira como o Islão tratava as mulheres era inaceitável e que, se tivesse nascido mulher naquela fé, a teria abandonado à velocidade da luz. Disse que o Islão teria

de ser profundamente modificado para se adequar ao mundo atual, mas, naqueles moldes, era inconcebível, porque tanto o Livro Sagrado como os *hadiths* eram considerados absolutos, inequívocos.

— Se a mudança é proibida, como é que podemos melhorar esta religião?

Do seu canto, Mona lançou-lhe um olhar gélido e disse-lhe o que pensava.

— Quem diz que eu preciso que *tu* melhores a minha religião?

— Excelente, grande começo! — atalhou Azur. — Obrigado por partilharem os vossos pensamentos com tanta eloquência. Depois de vos ouvir perorar uns para os outros sobre religião, em vez de sobre Deus, que é o nosso tema principal, tenho de vos explicar, de maneira muito clara e direta, de que tratará este seminário.

Dando uma volta no interior do círculo de alunos, o professor moveu-se com confiança e falou com ardor.

— Não estamos aqui para discutir o Islão, nem o Cristianismo, nem o Judaísmo, nem o Hinduísmo. Até poderemos abordar estas tradições, mas só na medida em que o nosso tema central o exija. O que faremos é uma investigação científica sobre a natureza de Deus. Não podem deixar que as vossas crenças pessoais se intrometam. Lembrem-se de que, como disse Russell, quando nos deixamos levar pelas emoções em relação a um assunto, qualquer assunto, «o grau das nossas emoções varia de maneira inversamente proporcional ao nosso conhecimento dos factos».

A luz na sala esmoreceu quando uma nuvem grande passou à frente do Sol. Os olhos de Azur cintilaram.

— Estamos entendidos?

— Sim — responderam os alunos, num coro efervescente.

Uns segundos depois, baixinho:

— Não. — Foi Peri quem falou.

Azur deteve-se.

— O que é que disse?

— Desculpe... é só que... não acho que haja nada de mal em reagir às emoções. — Peri gesticulou com as duas mãos. — Somos seres humanos. Isso significa que somos mais levados pelas emoções do que pela razão. Então, porquê menosprezar as emoções? — Ela levantou os olhos para o professor, com medo da expressão que lhe veria no rosto.

Ele parecia sereno, compreensivo, até ligeiramente impressionado com o protesto.

— Muito bem, menina de Istambul, continua a questionar as coisas.

Azur disse que, se chegassem ao fim do curso em Oxford a falar, a pensar e a escrever da mesma maneira que quando tinham entrado para a universidade, teriam desperdiçado o seu tempo e o dinheiro da família. Mais valia voltarem já para casa.

— Estejam prontos para mudar, todos vocês. Só os rochedos é que não mudam... e por acaso, até mudam.

Ali estavam eles, na universidade mais antiga do mundo anglófono, disse Azur. Oxford fora não só um centro de estudos académicos e investigação científica ao longo dos séculos, mas também um núcleo de debate teológico e disputa religiosa.

— Vocês têm sorte! Estão no sítio certo para falar sobre Deus!

Enquanto o Professor Azur fazia a sua preleção, todo o seu comportamento se alterou. O rosto, até aí impávido, tornou-se vivaz. O tom deixou de ser cuidadoso e contido, e adquiriu acutilância, uma lâmina de aço que normalmente ele mantinha nas sombras,

mas que agora não tentou sequer esconder. Fez lembrar a Peri um dos gatos vadios de Istambul, não daqueles tímidos e machucados que se afastavam das pessoas, mas um daqueles felinos independentes que rastejavam ao longo dos muros mais altos, cheios de pose e aprumo, inspecionando o bairro como se fosse o seu reino secreto.

— Muito bem, tenho uma pergunta: se alguém da Idade do Bronze aparecesse e vos pedisse para descrever Deus, o que é que diriam?

— Que é misericordioso — respondeu Mona.

— Autossuficiente — acrescentou Avi.

— Que é uma Ela e não um Ele — disse Elizabeth.

— Nem Ela nem Ele — ripostou Kevin. — São só mentiras.

O Professor Azur franziu o sobrolho.

— Bravo, chumbaram redondamente no teste.

— Porquê? — protestou Bruno.

— Porque se esqueceram de que não partilham a mesma linguagem que o vosso antepassado cabeludo! — Pegou numa pilha de papéis e numa caixa de lápis de cor, e pediu a Róisín para os distribuir. — Esqueçam as palavras. Expliquem através de imagens!

— O quê? — bradou Bruno. — Quer que desenhemos? Somos criancinhas?

— Quem me dera que fossem — disse Azur. — Teriam mais imaginação e uma noção melhor da complexidade.

Mona levantou o braço.

— Professor, o Islão proíbe os ídolos. Nós não desenhamos Deus. Cremos que Ele está para lá da nossa perceção.

— Muito bem. Então, desenha o que acabaste de me dizer.

Nos dez minutos que se seguiram, mexeram-se e remexeram nas cadeiras e nas folhas, suspiraram e queixaram-se, mas, aos poucos, começaram a produzir uma série de obras. Uma imagem do universo: estrelas, galáxias e meteoros. Um aglomerado de nuvens brancas perfuradas por um relâmpago. Uma imagem de Jesus Cristo, de braços abertos. Uma mesquita com cúpulas douradas ao sol. Ganesha com a sua cabeça de elefante. Uma deusa com seios generosos. Uma vela no escuro. Uma página deliberadamente deixada em branco... Toda a gente visualizava Deus à sua maneira. Quanto a Peri, após uma breve hesitação, fez uma pinta, que depois transformou num ponto de interrogação.

— Acabou o tempo — avisou o Professor Azur. Distribuiu mais uma pilha de folhas. — Agora que já desenharam o que é Deus, gostaria que ilustrassem o que Deus não é.

— O quê?

Azur arqueou as sobrancelhas.

— Pare de exclamar, Bruno, e trabalhe.

Um demónio com olhos amarelos de serpente. Uma máscara de ferro de terror. Um pântano fétido. Uma arma fumegante. Uma faca com sangue ressequido. Fogo. Destruição. Um fragmento do Inferno... Estranhamente, imaginar o que Deus *não* era foi-lhes mais difícil do que imaginar o que era. Só Elizabeth pareceu achar a tarefa fácil. Desenhou simplesmente um homem.

— Obrigada pela vossa colaboração — disse o Professor Azur.

— Podem pegar nos dois desenhos e mostrá-los lado a lado, ao círculo todo?

Assim fizeram, inspecionando os trabalhos uns dos outros.

— Agora, virem as imagens para vocês. Já está? Ótimo! Estamos prestes a examinar uma questão levantada por filósofos,

estudiosos e místicos ao longo da História: qual é a relação entre as duas imagens?

— Hã? — Desta vez, Bruno não estava sozinho no seu desconcerto.

— O primeiro desenho, o que representa Deus, encarna ou exclui o segundo desenho, o que representa o que Deus não é? — Azur começou a andar de um lado para o outro. — Por exemplo, se Deus é onipotente e onipresente, todo-poderoso e benevolente, isso significa que Ele, ou Ela, também encarna o mal, ou significa que o mal é externo a Ele, ou Ela, uma força exterior que Ele/Ela tem de combater? Qual é exatamente a relação entre o que Deus é e o que Deus não é?

Azur prosseguiu.

— Fizeram dois desenhos. Digam-me como é que estão ligados um ao outro. Escrevam um texto. Pode ser em qualquer estilo, desde que seja corajoso, ousado, honesto e assente em pesquisa académica.

Ninguém disse uma só palavra. Quando estavam a desenhar, tinham encarado o exercício de ânimo leve, sem acreditarem muito nele. Se soubessem que o professor lhes pediria para escrever um texto sobre a ligação entre as duas imagens, teriam pensado melhor, mas agora era demasiado tarde.

— Voltem aos filósofos, aos místicos, aos estudiosos do passado. Afastem-se dos dias de hoje. Afastem-se da vossa própria mente.

— Está a dizer para nos afastarmos da nossa própria mente? — repetiu Kevin.

— É este, portanto, o vosso trabalho para a próxima semana. Esforcem-se, impressionem-me! — anunciou Azur, enquanto

pegava nas pastas, nos lápis de cor, na ampulheta, em que o último grão de areia acabara de escorregar para o bolbo inferior. — Mas, aviso-vos já que não é fácil impressionar-me!

O jogo de sombras

Oxford, 2001

Na sexta-feira à noite, quando a maior parte dos estudantes estava nos pubs e discotecas a divertir-se merecidamente, Peri ficou na biblioteca da faculdade, a ler. Quando o último aluno se foi embora, o silêncio dentro do edifício tornou-se mais espesso, sem a interrupção causada por tossidelas e sussurros, restolhar de páginas. Substituir o estudo pelo prazer era o mesmo que trocar uma dieta por um banquete, e ela lamentou (e não o fez pela primeira vez) a sua inépcia social. Gostava, contudo, de estar entre livros, que lhe davam uma sensação de liberdade como nada no mundo. Tentou não pensar no facto de, agora, a maioria das suas leituras estar relacionada com o Professor Azur. Por várias vezes, nas últimas semanas, dera por si a sonhar acordada que diria uma coisa inesperada no seminário, uma coisa genial e arrojada, que o faria estacar de repente e vê-la com outros olhos.

Ao seu lado, na mesa, estava a máquina Polaroid de armar que comprara recentemente. Quando ia correr, às vezes deparava com céus absolutamente extraordinários — nasceres do sol em rosa-coral, pores do sol estrondosos, prados cobertos de geada — que queria captar em papel. Saíra-lhe cara, mas valia o dinheiro que

custara. Também gastara de mais em livros e tencionava arranjar um computador novo. «Que se lixe», pensou. «Terei simplesmente de trabalhar mais.»

Levantou-se, esticou as pernas. Estava sozinha naquela secção; era como se estivesse sozinha no edifício inteiro. Enquanto passava entre as estantes, sentiu um movimento súbito, tão silencioso como uma sombra. Virou-se muito depressa. Era Troy.

— Olá, não te queria assustar.

— Não me andas a seguir, ou andas? — perguntou Peri.

— Não... bem, sim. Não te preocupes que eu não mordo. — Troy sorriu e fez um aceno de cabeça ao ver o livro que ela tinha na mão. — O que é que andas a ler?... *Ateísmo na Antiga Grécia*. É para o Azur?

— É — respondeu Peri, sentindo-se ligeiramente constrangida.

— Eu avisei-te que o homem era o diabo, mas tu não ligaste.

— Porque é que o odeias tanto?

— Porque ele não tem noção dos limites. Sei que isso pode parecer-te uma coisa positiva, mas não é. Um professor devia comportar-se como um professor. Ponto final.

— E achas que ele não o faz?

Troy suspirou profundamente.

— Estás a brincar? Aquele tipo não ensina Deus. Ele está convencido de que é Deus.

— Bolas, estás a ser tão duro.

— Espera e verás — ripostou Troy, e deu imediatamente um passo atrás, como se tivesse dito mais do que tencionava. — Seja como for, tenho de ir. Vou ter com uns amigos ao Bear. Queres vir?

— Obrigada, mas tenho que estudar — disse Peri, surpreendida por ele a ter convidado.

— Está bem. Bom fim de semana. Pensa no que eu disse.

Quando Peri saiu da biblioteca, já o céu estava azul-escuro quase negro, excetuando o reflexo fantasmagórico dos lampiões, e parecia tão perto que se diria possível esticar o braço e puxá-lo para os ombros, como se fosse um xaile índigo. Manteve a cabeça erguida enquanto andava, olhando para as gárgulas e estátuas grotescas que se debruçavam sobre ela das ameias do edifício, como que guardando os segredos dos séculos. Nesse momento, teve consciência das anciãs disputas teológicas da cidade, dos seus doloridos ossos escolásticos, que ainda assombravam os seus espaços. Apertou o fecho do casaco até ao queixo; em breve, teria de comprar um casaco de inverno. Estava a tentar poupar dinheiro.

Quando dobrou uma esquina, ficou surpreendida ao ver pessoas a segurarem em velas na escuridão. Uma vigília. Aproximou-se, percorrendo com o olhar as filas de fotografias e flores dispostas no passeio. Um cartaz dizia LEMBRAR SREBRENICA.

Peri perscrutou os rostos dos mortos: rapazes, pais, maridos; um deles parecia o seu irmão Umut na época em que fora detido.

Entre o grupo que fazia a vigília, Peri avistou Mona, com um lenço magenta que enrolara na cabeça e nos ombros. Também ela vira Peri e dera um passo em frente para lhe falar, segurando numa vela.

Peri apontou para os rostos nas fotografias.

— É tão triste.

— É mais do que triste — disse Mona. — É genocídio. Não podemos esquecer, nunca. — Fez uma pausa, observando Peri com um interesse novo. — Porque é que não te juntas a nós?

— Hum, claro — respondeu Peri. Pegou numa vela e na fotografia do rapaz que parecia o seu irmão e postou-se no passeio.

A noite fechou-se em seu redor como um rio inchado.

— São só estudantes muçulmanos? — perguntou Peri.

— Bom, foi o Conselho de Estudantes Muçulmanos que organizou a vigília, mas apareceram outros para dar o seu apoio. Vieram pessoas do seminário do Azur. Olha, o Ed está ali.

E estava. Peri foi falar com ele, quando Mona, ocupada com os seus colegas da organização, a deixou sozinha.

— Olá, Ed.

— Peri, olá. Parece que sou o único judeu aqui. Ou meio judeu.

Como se a referência à religião fosse uma deixa lógica, Peri disse:

— Posso perguntar-te porque é que decidiste fazer o seminário sobre Deus?

— Por causa do Azur. O homem mudou a minha vida.

— A sério? — Peri lembrou-se do olhar que captara entre Ed e o professor.

— No ano passado, ele ajudou-me imenso. Eu ia acabar com a minha namorada.

— E ele disse-te para não o fazeres?

— Não propriamente. Disse-me para tentar compreendê-la, primeiro — explicou Ed. — Ela e eu estávamos juntos desde o liceu. Mas ela mudou. Tornou-se religiosa, assim, da noite para o dia. Eu já não a reconhecia. — Com a decisão dela de cumprir estritamente a Tora e o empenho dele na ciência, o abismo entre as prioridades de um e de outro tornou-se intransponível. — Fui ter com o Azur, não sei porquê. Podia ter ido falar com um rabino, mas o Azur pareceu-me a pessoa certa.

— O que é que ele te disse?

— Foi estranho. Mandou-me ouvir tudo o que ela dizia durante quarenta dias. Um mês e dez dias. O que não é assim tão difícil, quando se gosta de uma pessoa. Mandou-me fazer o Sabat com ela. E deixá-la mostrar-me tudo o que quisesse, deixá-la levar-me para dentro do seu mundo. Sem protestar, sem comentar.

— Fizeste-o?

— Fiz. Foi inacreditavelmente difícil! Sempre que ouço disparates... desculpa, mas, para mim, aquela conversa toda sobre religião não passa de disparates... sempre que a ouço, a minha mente revolta-se. O Azur disse para eu deixar os juízos de valor para os juízes. Os filósofos não julgam. Compreendem. — Ed soltou uma gargalhada. — Mas há mais.

— Que mais?

— Ao fim de quarenta dias, o Azur chamou-me e disse: muito bem, agora é a vez da tua namorada. Durante quarenta dias, tu vais falar e ela ouvir. Ela vai fazer uma desintoxicação religiosa.

— E ela fê-la?

— É claro que não. — Ed abanou a cabeça. — Acabámos. Mas percebi o que o Azur estava a tentar fazer e gostei dele por isso.

O entusiasmo dele irritou-a, aquela confiança desenfreada, típica de um discípulo pelo seu mestre.

— Mas nós não somos filósofos. Somos alunos de licenciatura.

— Precisamente. Todos os professores nos dão espaço... exceto o Azur. Ele pressiona-nos muito. Acha que, seja qual for a nossa vocação na vida, todos devemos ser filósofos.

— Não é esperar demasiado de alunos banais?

Ed fitou-a.

— Tu não és banal. Ninguém é.

Peri cerrou os lábios.

— O que foi? Não gostas dele? — perguntou Ed.

— Gosto, é só que... — Peri engoliu em seco. — Pergunto-me se ele andará a fazer experiências connosco, e isso incomoda-me.

— Talvez ande, mas que importância é que isso tem? — ripostou Ed. — Ele mudou a minha vida. Para melhor.

Começou a chover, uma chuvinha ligeira que, a qualquer instante, se poderia transformar num aguaceiro. A vigília teve de ser adiada. Arrumaram os cartazes, as velas e as fotografias. Mona corria de um lado para o outro, tratando de tudo.

Peri esticou o braço para se despedir de Ed. Ignorando o gesto, ele puxou-a para si e deu-lhe um abraço caloroso.

— Cuida de ti. E confia no Azur, é um excelente tipo.

Sozinha no escuro, Peri voltou a pé para a sua residência universitária, o ar carregado com o cheiro a chuva e terra. Não se importou de ficar molhada. Observou os edifícios que tinham assistido a séculos de debates acesos; vizinhos transformados em inimigos, livros destruídos, ideias silenciadas, pensadores perseguidos... tudo em nome de Deus.

Quem tinha razão: Troy ou Ed? Numa noite, ouvira duas opiniões completamente opostas sobre o professor; e o problema era que tinha a sensação de que podiam ambas estar certas. Como num antigo teatro de sombras otomano, uma cortina separava-a da realidade e deu por si sem nada a que se agarrar, a não ser imagens. Azur era o marionetista atrás do biombo, presente e sempre com os cordelinhos nas mãos e, no entanto, desconhecido e inalcançável.

Os oprimidos

Istambul, 2016

Os Bonbons du harem ainda mal tinham desaparecido da mesa, quando um cão entrou a trote pela porta aberta, abanando a cauda com um vigor que contrastava com a sua estrutura pequena. Era um pomeraniano com uma cabeça raquítica, olhos melancólicos e um pelo hirsuto cor de folhas outonais esmaecidas.

— *Pom-Pom*, querido, tiveste saudades minhas? — disse a mulher de negócios.

Arrancando a criatura do chão, pousou-a no colo. Daí, o bicho observou os convidados, piscando os olhos, com as suas feições de raposa assumindo uma expressão passiva que podia, a qualquer instante, transformar-se numa rosnadela hostil.

— Sabem quando é que me apercebi de que este país tinha mudado? — perguntou a mulher de negócios, sem se dirigir a ninguém em especial. — Quando levei o *Pom-Pom* ao veterinário, no mês passado.

Normalmente, o veterinário ia lá a casa regularmente, explicou ela, mas, havia umas semanas, ele magoara-se numa perna e, embora continuasse a trabalhar como antes, já não fazia visitas ao domicílio. Com o *Pom-Pom* debaixo do braço, ela dirigira-se para a

clínica. Antigamente, os donos de cães eram praticamente um grupo homogéneo: modernos, urbanos, secularistas, ocidentalizados. Como os conservadores muçulmanos consideravam os cães *makrooh*, detestáveis, não gostavam de partilhar o seu espaço com canídeos.

— Nunca percebi o que aquela gente tem contra os cães. Um disparate qualquer pegado, de que os anjos se recusam a entrar numa casa onde haja um cão — continuou a mulher de negócios. — Ou numa casa com quadros.

— É um *hadith* de al-Bukhari — explicou um magnata dos jornais, que só recentemente se juntara ao grupo. A sua camisa branca sem colarinho, imaculada, realçava-lhe o cabelo preto, que fora cortado todo do mesmo tamanho. Não usava bigode, nem barba, tinha o rosto escanhado. Ao contrário de todos os outros ali presentes, pertencia à burguesia islâmica em ascensão. Apesar do seu desejo intenso de conviver com a elite ocidentalizada do país, jamais lhe teria passado pela cabeça levar a sua mulher, que usava lenço na cabeça, a um jantar daqueles. «Ela sentir-se-ia constrangida entre eles», dissera para si próprio. Na realidade, era ele quem se sentia constrangido. É claro que estava satisfeito com ela enquanto esposa — Alá sabia como ela era uma mãe generosa para os seus cinco filhos —, mas, fora de casa, especialmente fora do seu círculo de amizades, achava-a pouco refinada, inclusive inconveniente; observava todos os seus gestos e ouvia todos os seus comentários com uma sobrancelha arqueada. Era melhor ela ficar em casa.

Recostou-se na cadeira e disse:

— Já agora, o *hadith* não se refere a qualquer quadro em geral. Alerta para os retratos, para evitar a idolatria.

— Nesse caso, estamos lixados — comentou o homem de negócios. Com uma gargalhada complacente, abriu os braços e apontou para as obras de arte nas paredes. — Temos um cão e muitos retratos. Até nus. Talvez esta noite sejamos fustigados com pedras!

Apesar do tom jovial, as suas palavras perturbaram visivelmente alguns dos convidados, que sorriram, incomodados. Sentindo a tensão, *Pom-Pom* rosnou, pingando saliva reluzente dos caninos.

— Chhhh, a mamã está aqui — disse a mulher de negócios à minicriatura e, dirigindo-se ao marido, num tom menos afetuosos: — Não tentes o destino, pode acontecer alguma coisa de mal. — Bebeu um copo de água de um trago, como se a irritação a tivesse desidratado. — Onde é que eu ia? Ah, portanto, quando fui ao veterinário, fiquei surpreendida ao ver mulheres de lenço na cabeça, na sala de espera, com cães aos pés! Chihuahuas, shih tzus, caniches. Gostavam mais de canídeos do que nós! É óbvio que os muçulmanos religiosos estão a mudar.

— Eu não diria que estão a *mudar* — comentou o magnata dos jornais. — Ouça, nós, pessoas religiosas, nunca tivemos as liberdades que vocês têm. Fomos oprimidos durante décadas por uma elite modernista como vocês... sem querer ofender ninguém.

— Mesmo que isso fosse verdade, esses tempos já lá vão. Agora, são vocês que têm o poder todo — murmurou Peri, com a voz trémula, como se tivesse relutância em dizer o que lhe ia na cabeça, mas, uma vez mais, não conseguisse calar-se.

O magnata dos jornais protestou.

— Discordo. Uma vez oprimidos, para sempre oprimidos. Não sabe a sensação que é ser-se oprimido. Temos de nos agarrar ao poder; caso contrário, pode voltar a ser-nos arrancado das mãos.

— Oh, deixe-se de coisas! — exclamou a namorada do jornalista, que tinha claramente muito pouca resistência ao álcool. Apontou com o dedo para o magnata. — Você não é oprimido! A sua mulher não é oprimida! Eu sou oprimida! — Bateu no peito. — Eu, com o meu cabelo louro e a minha minissaia e a minha maquilhagem e a minha feminilidade e o meu copo de vinho... Eu é que estou encurralada nesta cultura despótica.

Os olhos do jornalista arregalaram-se, alarmados. Com medo de que a namorada suscitasse a ira do magnata, e o fizesse perder o emprego, tentou dar-lhe um pontapé por baixo da mesa, balouçando o pé através do ar, em vão.

— Bom, todos somos oprimidos — atalhou a anfitriã, numa tentativa pouco convincente para reduzir a tensão.

— É simples — disse o cirurgião plástico. — As pessoas ganham mais e, por isso, anseiam por um estilo de vida melhor. Tenho muitas doentes que usam lenço na cabeça, mas, no que toca a peitos descaídos e pescoços flácidos, as mulheres muçulmanas religiosas não são assim tão diferentes das outras.

O homem de negócios fez um vigoroso aceno de cabeça.

— Isso só prova a minha teoria: o capitalismo é a única solução para os nossos problemas. O antídoto para as aberrações jihadistas é o mercado livre. Se o capitalismo pudesse seguir o seu rumo sem interrupções, conquistaria até as mentes mais resolutas.

Dito isto, abriu uma caixa de charutos de casca de noqueira polida, com uma imagem de Fidel Castro incrustada na tampa, e passou-a ao jornalista, com uma piscadela de olho.

— Edição limitada do Duty Free de Beirute. Tire um. Tire dois.

Os convidados masculinos, olhando, envergonhados, para a anfitriã, mexericaram, todos eles, na caixa e tiraram um charuto.

— Não se preocupem com a minha mulher — disse o homem de negócios. — Nesta casa impera a liberdade. O laissez-faire!

Todos se riram. *Pom-Pom*, incomodado com o barulho, ladrou, furioso.

Aproveitando a oportunidade, Peri acendeu um cigarro. Reparou que a empregada que vira à entrada andava agora em bicos dos pés, a pousar cinzeiros na mesa. Perguntou-se o que pensaria aquela mulher sobre todos eles. Provavelmente era melhor não saber.

— A nossa querida Peri está muito pensativa, esta noite — comentou a mulher de negócios.

— Foi um longo dia — respondeu Peri, tentando esquivar-se.

O seu marido inclinou-se para a frente, como que para partilhar um segredo. Tinha o hábito de beber café preto e forte e com um pedaço de açúcar na boca. Enquanto o cubo se lhe dissolia na língua, Adnan disse:

— Às vezes, acho que a Peri gosta mais das pessoas dos livros de ficção do que das da vida real. Em vez de tweetar os amigos, ela prefere pendurar os seus poemas preferidos em cordéis suspensos no nosso quarto.

Peri sorriu. Era mais um ritual que ela aprendera com o Professor Azur.

— Invejo-a — disse a decoradora de interiores. — Nunca tenho tempo para ler.

— Oh, eu adoro poesia — acrescentou a relações públicas. — Apetece-me largar tudo e mudar-me para uma aldeia de pescadores. Istambul corrompe-nos a alma!

— Venha a Miami, comprámos uma casa à beira-mar — disse o homem de negócios.

A mulher dele arqueou as sobrancelhas.

— A lata deste homem! Não tem um pinga de sensibilidade artística. Nós falamos em poesia, ele responde com Miami.

— O que é que eu fiz agora? — protestou o homem de negócios. Ninguém o criticou. Era demasiado rico para que o criticassem cara a cara.

Nesse instante, tocaram à campainha, uma, duas, três vezes, um misto de frustração, desculpa e impaciência.

— Ah, finalmente. — A mulher de negócios levantou-se de um salto. — O médium chegou!

— Viva! — gritaram os convidados em coro.

Pom-Pom correu para a porta, latindo e ladrando furiosamente.

No alvoroço que se seguiu, Peri ouviu um apito perto de si. Pegou no telemóvel do marido e olhou para o ecrã. Tinha uma mensagem pormenorizada da mãe, apesar de lhe ter dito para escrever simplesmente «Liga-me». «Encontrei o número, perdi a emissão do meu programa de TV.» A seguir trazia a informação pedida: «Shirin: 01865...» Os dígitos dançaram diante dos olhos de Peri, uma combinação de números para abrir um cofre que estava fechado há demasiado tempo.

O intérprete de sonhos

Oxford, 2001

O Professor Azur entrou na sala, com os braços cheios de livros. Atrás dele, vinha outra pessoa — um dos porteiros —, a empurrar um carrinho de mão com um forno de coser barro, rolos de papel preto, um leitor de CD e várias almofadas, como as que emprestam nos aviões. Os dois homens dirigiram-se para o meio da sala e descarregaram tudo.

«Como numa peça», pensou Peri. «Ele é um ator num palco, e nós, o público.»

— Obrigado pelo incómodo, Jim, fico-lhe a dever um favor — disse Azur ao porteiro.

— Não foi nada, professor.

— Não se esqueça de voltar cá no fim da aula.

O indivíduo fez um aceno automático com a cabeça e saiu.

Azur esquadrinhou os rostos expectantes que formavam um círculo à sua volta. À luz crua, os seus olhos pareciam cansados, de um tom mais escuro de verde, um regato numa floresta, agitado por redemoinhos.

— Estão todos bem, hoje?

As respostas fizeram-se ouvir num coro animado.

— Bom, se precisarem de pôr o sono em dia, o que cientificamente já foi comprovado que é impossível fazer, aqui têm uma oportunidade. Importam-se de distribuir estas almofadas?

Cada aluno pegou numa. Entretanto, o professor concentrou-se no forno.

— Professor, vamos pegar fogo à faculdade? — perguntou Kevin.

— Como é que adivinhou os meus planos maléficos? Não, não vamos queimar nada.

Daí a nada, o forno elétrico brilhava, vermelho-vivo.

— Muito bem, meninas e meninos. Vamos imaginar que estão nos vossos quartos, quentes e aconchegantes, e que está um frio de rachar lá fora. O que é que hão de fazer, senão dormir?

Os alunos olharam uns para os outros.

— Deitem a cabeça na almofada — ordenou Azur.

Obedeceram. Toda a gente, menos Peri, que ficou sentada, de costas hirtas e olhos arregalados de desconfiança.

— É isso mesmo, Peri, seja cautelosa. Nunca se sabe, eu posso ter enfiado gatos assanhados dentro das almofadas.

Ela corou e, dessa vez, obedeceu.

A seguir, Azur pegou no papel preto e tirou um rolo de fita-cola do bolso. Começou a tapar as janelas. Isolada da luz exterior, a sala mergulhou na penumbra. O professor ligou o leitor de CD: o som de uma fogueira a crepitar pairou sobre eles.

— O que é que estamos a fazer, professor? — Mais uma vez, a pergunta veio de Kevin.

— Vamos a um lugar que René Descartes visitava com frequência. A terra dos sonhos!

Alguém abafou uma gargalhada, mas o resto do grupo parecia interessado.

— Ele tinha mais ou menos a vossa idade, o grande filósofo. Algum de vocês já fez alguma coisa de importante na vida?

Ninguém respondeu.

— Descartes tinha grandes ambições. As vossas são maiores, de certeza. Mas as dele assentavam na investigação metodológica e filosófica.

— A nossa também! — disse Bruno.

Azur revirou os olhos.

— Vamos visitar as visões de Descartes. Na primeira, o jovem filósofo sobe a custo uma vertente. Tem medo de cair. Sabe que tem de se esforçar mais por alcançar os seus objetivos, mas acha que não consegue conquistar nada sem a ajuda de um poder supremo: Deus.

Com a cabeça na almofada, de olhos semifechados, Peri escutava o professor.

— Ao longe, vê uma capela, a Casa de Deus. O vento ergue-o e carrega-o com tanta força que ele é atirado contra as paredes.

— Eu bem disse que Deus não servia para nada — disse Kevin.

— Ele levanta-se e sacode o pó da roupa. Entra num pátio onde vê um homem que tenta dar-lhe um melão... um fruto de uma terra estrangeira.

— Que estranho — murmurou Ed, sentado ao lado de Peri. Tinha levado uma lata de biscoitos caseiros, que entretanto abriu e ofereceu aos colegas.

— Descartes acorda com dores e a transpirar — prosseguiu Azur. — Receia que o sonho tenha sido obra do diabo. De onde vêm os pensamentos malévolos... de fora ou de dentro? Reza para que

Deus o proteja. Mas o que é Deus: uma fonte exterior ou o fruto da nossa mente? É esta pergunta que o leva ao segundo sonho, quando consegue voltar a adormecer.

Azur avançou para a faixa seguinte do CD. O som de trovões encheu a sala.

— À volta do filósofo ruge uma tempestade. Vem aí uma trovoadas. Porque é que acontecem coisas más na vida, pergunta ele. Como é que Deus pode deixar que elas aconteçam, sendo Ele quem é? Descartes sente-se confuso. Só. Ressentido. Este sonho é negro, deprimente.

Peri pensou no seu irmão Umut, não no homem que ele era atualmente, debruçado sobre uma mesa onde fazia carrilhões com conchas para os turistas que nunca chegaria a conhecer, mas no jovem idealista que em tempos queria mudar o mundo e corrigir todos os males. Lembrou-se das conversas que teve com o seu pai, tentando descortinar porque é que Deus os abandonara. Doía-lhe a garganta. A tristeza que se abateu sobre ela foi tão intensa que os olhos se lhe encheram de lágrimas. Não sabia em que acreditava. Talvez Deus fosse um jogo ao qual só podia brincar quem tivera uma infância feliz.

Para atenuar o fluxo de sentimentos negativos, apressou-se a perguntar:

— E o terceiro sonho, professor?

Azur lançou-lhe um olhar curioso.

— Bom, esse é o mais importante. Descartes vê um livro numa mesa, um dicionário. Depois, vê outro livro, de poesia. Abre este último numa página ao acaso e lê um poema de Ausónio.

— Quem? — perguntou Bruno, perdido.

— Décimo Magno Ausônio. Poeta romano, gramático, retórico.
— Azur apontou com o dedo para Peri. — Sabia que ele visitou a sua cidade, Constantinopla?

Peri abanou a cabeça.

— O primeiro verso do poema diz: «Que caminho deverei eu escolher na vida?» — disse Azur. — Aparece um homem e pergunta a Descartes o que pensa daquilo, mas o filósofo não é capaz de responder. Desiludido, o indivíduo desaparece. Descartes sente-se embaraçado. Está cheio de dúvidas, como todas as pessoas inteligentes. Quem quer interpretar este sonho?

— Bom, o tal melão parecia uma coisa sexual — disse Bruno. — Talvez Descartes fosse um homossexual encapotado. Talvez tivesse uma paixoneta por esse tal senhor N... fosse ele quem fosse.

— Talvez. — Azur suspirou. — Ou, então, o dicionário representava a ciência e o conhecimento. A poesia simbolizava a filosofia, o amor, a sabedoria. Ele pensou que Deus lhe estava a dizer para os unir a todos através da razão e para criar uma «ciência maravilhosa». Uma pergunta: conseguem, vocês próprios, criar uma ciência maravilhosa para estudar Deus?

— Como? — perguntou Mona.

— Sejam polímatas — respondeu Azur. — Unam diferentes disciplinas, sintetizem, não se concentrem só na «religião». Aliás, afastem-se da religião, que só divide e turva. Virem-se para a Matemática, a Física, a Música, a Pintura, a Poesia, a Arte, a Arquitetura... Abordem Deus através de canais improváveis.

Peri sentiu uma onda de excitação. Conseguiria ela criar a sua própria ciência maravilhosa? Seria magnífico! Conseguiria ela fazer uma mistura à base do seu amor aos livros, da sua paixão pela ciência, pela aprendizagem e pela poesia, da sua inabalável

melancolia, e ainda acrescentar o espírito destroçado e a carne lacerada do seu irmão mais velho, as blasfêmias e o alcoolismo do pai, as preces e as mãos ensanguentadas da mãe, a raiva fervilhante do seu outro irmão, e unir tudo de maneira a formar algo sólido, fiável, inteiro? Seria possível fazer uma coisa deliciosa a partir de ingredientes maus?

— O terceiro sonho — disse Azur — faz-me pensar se o filósofo teria medo de ser julgado pelas outras pessoas. Para nós, ele é o grande René Descartes! Mas ele considerava-se pequeno, insignificante. Se alguns de vocês alguma vez sentirem que não são especiais, lembrem-se de que até Descartes às vezes se sentia assim.

Peri baixou os olhos. Percebeu o que Azur estava a fazer e detestou-o e adorou-o por isso. Estava a dizer-lhe, a ela e só a ela, para ter mais autoconfiança. Não se esquecera da conversa que tiveram no seu gabinete.

Quando acabou a aula, Azur tocou a última faixa do CD.

— Beethoven, a *Missa Solene* — disse. — Mergulhem nela. Voltem a dormir!

De cabeça na almofada, saborearam a música. Ninguém falou.

— Acabou a aula — anunciou o professor, e carregou no stop.

Ao mesmo tempo, bateram à porta ao de leve. Azur disse, nessa direção:

— Entre, Jim. Sempre pontual.

O porteiro entrou na sala e dirigiu-se diretamente para o forno, para o levar.

— Muito bem, minha gente — disse Azur. — Tendo em conta a nossa conversa de hoje, escrevam um texto sobre a Demanda da Certeza e de Deus, de Descartes. Antes de porem as ideias no

papel, façam pesquisa. Especulação sem conhecimento não passa de conversa fiada e comodista. Perceberam?

— Sim, professor — responderam os alunos em coro.

Quando Peri saiu para a rua, tinha as ideias a martelarem-lhe a cabeça. O vento e a força das coisas para lá do seu controlo; a dualidade do bem e do mal; a necessidade de dar sentido ao caos; os códigos inscritos nos sonhos e a qualidade onírica da vida; a solidão de um jovem filósofo em busca da verdade; o primeiro verso de um antigo poema que ainda hoje é pertinente: «Que caminho deverei eu escolher na vida?» Algo dentro dela mudara, enquanto ouvia Azur... uma mudança tão subtil que era quase impercetível e, ao mesmo tempo, irreversível, deixando um vazio para dentro do qual ela tinha medo de espreitar, com receio do que encontraria. Por detrás da fachada do seu eu habitualmente reticente, abria-se uma fissura, expondo o seu coração galopante. Desejou que ele continuasse a falar durante dias a fio, para ela e só para ela.

Quando Azur falava de Deus, da vida, da fé e da ciência, as suas palavras agarravam-se umas às outras como diminutos grãos de arroz cozido a vapor, prontos para alimentar mentes esfomeadas. Na companhia dele, Peri sentia-se completa, inteira, como se houvesse, efetivamente, outra maneira de olhar para as coisas: diferente da perspetiva do seu pai e da da sua mãe. Nas palavras de Azur, encontrava um caminho para sair da cansativa dualidade com que crescera em casa dos Nalbantoğlus. Ao lado de Azur, conseguia abraçar as muitas facetas da sua própria personalidade e, ainda assim, ser bem-vinda. Não tinha de suprimir, controlar nem esconder nenhuma parte de si mesma. O universo de Azur existia

fora das rígidas dicotomias de bem e mal, Deus e o Diabo, luz e trevas, superstição e razão, teísmo e ateísmo. Ele próprio estava acima de todas as brigas que Mensur e Selma tinham tido ao longo dos anos e que, de alguma maneira, haviam transmitido à filha. Peri sentiu no âmago da sua alma — embora o negasse durante muito tempo, o tempo que foi possível — que estava embeijada pelo seu professor. Havia algo de assustadoramente perigoso em pensar que alguém tinha a resposta para a maior parte das nossas perguntas e que, através dessa pessoa, haveria, daí em diante, um atalho para tudo o que permanecesse por deslindar.

A cornija

Oxford, 2001

— Procurem novas narrativas, sempre no plural. Muitas vezes tentamos reduzir o nosso entendimento de Deus a uma só resposta... uma fórmula. Está errado!

O Professor Azur andava muito depressa de um lado para o outro, de mãos nos bolsos.

Explicou que, até há umas décadas, os estudiosos, inclusive os melhores, estavam convencidos de que, no século XXI, já a religião teria sido erradicada da face da Terra. Em vez disso, a religião regressara estrondosamente no final dos anos 70, como uma diva regressando ao palco, e, desde então, viera para ficar, impondo uma voz que se tornava mais forte a cada ano que passava.

— Atualmente, as discussões mais acesas giram em torno das questões da fé.

Esse século ia ser mais religioso do que o anterior, pelo menos demograficamente, porque os crentes tendiam a ter mais filhos do que os laicos. Mas, com essa nossa fixação pelos conflitos religiosos, políticos e culturais, deixávamos escapar um enigma crucial: Deus. Enquanto, antigamente, os filósofos — e os seus discípulos — abordavam mais a ideia de Deus do que a religião,

agora acontecia o oposto. Até os debates com teístas e ateus, que se tinham tornado muito populares nos meios intelectuais de ambos os lados do Atlântico, se prendiam mais com política e religião e o estado do mundo do que com a possibilidade de Deus. Ao enfraquecermos a nossa capacidade cognitiva de levantar questões existenciais e epistemológicas sobre Deus e ao cortarmos o nosso laço com os filósofos de tempos idos, estávamos a perder a natureza divina da imaginação.

Peri reparou que a maior parte dos alunos estava a tirar apontamentos, decididos a captar todas as palavras. Ela preferia escutar simplesmente.

— Há demasiadas pessoas a sofrer de uma determinada maleita — declarou Azur. — Alguém sabe qual é?

— Obesidade? — lançou Kevin.

— Machismo? — acrescentou Elizabeth.

Azur sorriu como se estivesse à espera daquelas respostas e disse:

— A Maleita da Certeza.

A certeza estava para a curiosidade como o Sol para as asas de Ícaro. Se uma brilhasse com demasiada intensidade, a outra não podia sobreviver. Com a certeza vinha a arrogância; com a arrogância, a cegueira; com a cegueira, as trevas; e com as trevas, mais certeza. A isto chamava ele «a natureza invertida das convicções». Durante aquelas aulas, eles não iam ter certezas de nada, nem sequer do programa do seminário, que estava, como tudo o resto, sujeito a mudanças. Eram pescadores a lançar compridas redes no oceano do conhecimento. Talvez acabassem por apanhar um espadarte; mas também podiam regressar de mãos a abanar.

Eram igualmente viajantes, companheiros de estrada, que ainda não tinham chegado a um destino em especial e talvez nunca chegassem. Estavam apenas a tentar, a procurar. Num mundo de esquiva complexidade, só uma coisa era clara: a diligência era melhor do que a indolência, a vivacidade preferível à apatia. As perguntas eram mais importantes do que as respostas; a curiosidade era superior à certeza. Resumindo, eram «Aprendizes».

Embora fosse impossível uma pessoa libertar-se para sempre da Maleita da Certeza, podia imaginá-la como um manto que se despe.

— Sim, é uma metáfora, mas não tratem as metáforas de ânimo leve; elas alteram o falante. No fim de contas, a palavra vem do grego *metaphorá*, «transferir».

A partir daí, explicou Azur, gostaria que todos eles, antes de entrarem na sala, despissem esse manto. Isso incluía-o a si, porque também ele tinha propensão para o usar.

— Imaginem que é um casaco velho e pendurem-no num cabide. Até fixei um à parede, do lado de fora da porta. Podem ir verificar à vontade.

Os alunos demoraram um instante a perceber que ele estava a falar a sério. Sujatha foi a primeira a pôr-se de pé. Atravessou a sala, abriu a porta e saiu para o corredor. O seu rosto abriu-se num sorriso ao ver que havia mesmo um cabide. Fingindo que tinha um manto nos ombros, tirou-o, pendurou-o e voltou para dentro da sala, triunfal. Um a um, os outros alunos seguiram-lhe o exemplo. Por último, o Professor Azur foi lá fora. Pela maneira como agitou os braços no ar, o manto parecia ser bastante pesado. Depois de se libertar dele, voltou para a sala e bateu palmas.

— Genial! Agora que nos livrámos dos nossos Egos, pelo menos simbolicamente, comecemos.

— Para que é que fizemos isto? — perguntou Bruno, abanando a cabeça.

— Os rituais são importantes, não os subestimes — respondeu Azur. — As religiões compreendem isso muito bem. Mas os rituais não precisam de ser religiosos. Nós teremos os nossos próprios hábitos partilhados neste seminário.

Pegou num marcador e escreveu no quadro: DEUS COMO PALAVRA.

— A civilização como a definimos hoje tem cerca de seis mil anos de idade. Mas os seres humanos existem há muito mais tempo, foram encontrados crânios que datam de há 290 milhões de anos. O que sabemos sobre nós próprios é trivial comparado com o que ainda está por descobrir. As provas arqueológicas deixam bem claro que, durante milhares de anos, os seres humanos pensavam num deus ou deuses de diversas formas: uma árvore, um animal, uma força da natureza ou uma pessoa. Depois, algures no decorrer da História, deu-se um salto de imaginação. De Deus enquanto coisa palpável, os humanos passaram para Deus enquanto palavra. A partir de então, nunca mais nada foi como antes.

Azur olhou em redor, reparando que Peri era a única que não estava a tirar apontamentos.

— Está a acompanhar o meu raciocínio, menina de Istambul?

Tentando não corar sob o olhar esquadrinhador de Azur, Peri endireitou as costas.

— Sim, professor.

Os olhos dele, francos e confiantes, demoraram-se nela mais uns segundos, como se estivesse à espera de uma resposta diferente e, por conseguinte, tivesse ficado desiludido. Dirigiu o comentário seguinte a toda a turma:

— Se eu vos dissesse que por detrás desta porta se encontra Deus, vocês não O/A conseguem ver, mas conseguem ouvir-Lhe a voz, o que é que gostariam que Ele/Ela vos dissesse? Não a vocês enquanto representantes genéricos da humanidade, mas enquanto indivíduos únicos.

— Eu gostaria de ouvir que Ele me ama — disse Adam.

— Sim, que me ama e que fica feliz por saber que eu o Amo também — corroborou Kimber.

«Amor...», repetiram vários colegas, nas suas respostas.

— Quem concorda comigo... que toda esta conversa sobre Ele é uma treta — disse Kevin.

— Espera aí! Deus não te pode dizer isso se não existir — lembrou Avi. — Estás a contradizer-te.

Kevin franziu o sobrolho.

— Só estou a alinhar neste jogo parvo.

Foi a vez de Mona.

— Gostaria de ouvir da boca de Alá que o Céu existe... e que é para lá que vão as pessoas boas e que o amor e a paz vão prosperar, *inshallah*.

Azur virou-se para Peri, tão depressa que ela não teve tempo de desviar os olhos e não conseguiu despregá-los dos dele.

— E você? O que é que gostaria que Deus lhe dissesse... Peri?

— Gostaria que Ele pedisse desculpa — respondeu. Não fazia ideia de onde aquilo saíra, mas não fez qualquer tentativa para reprimir as suas palavras.

— Pedir desculpa... — disse Azur. — Porquê?

— Por todas as injustiças — retorquiu Peri.

— Refere-se às injustiças cometidas contra si ou contra o mundo?

— Ambos — disse Peri, mais baixinho do que queria.

Lá fora, uma solitária folha do velho carvalho retorceu-se no vento uma última vez e caiu da árvore. Dentro da sala, os alunos estavam tão atentos que o silêncio quase era palpável.

Em plena quietude, Azur exclamou:

— Justiça! Que palavra cara. Justiça segundo o quê ou quem? Os maiores déspotas da História cometeram as piores injustiças em nome da justiça.

O tom de Azur tornou-se mais duro.

— Como podem ver, emergiram da nossa discussão duas abordagens a Deus. E agradecemos ao Kevin por ter alinhado no jogo. A primeira associa Deus ao amor. Quando nos viramos para Deus, procuramos amor. Depois, temos a abordagem da Peri, que busca justiça.

Peri engoliu em seco. Tinha aberto o seu coração e Azur pegara num bisturi e estava a cortá-lo em frente de todos. Se não tolerava a opinião dela, porque é que, à partida, a incentivara a falar? Além disso, como é que alguém a poderia acusar de potencial fanatismo? Logo ela, filha de quem era! A última coisa que podia ser era uma déspota!

Azur não ouviu nenhum destes protestos silenciosos. Apontou com um dedo para Peri.

— É melhor ter cuidado com essa «justiça» poderosa. É bem possível que pessoas com as mesmas ideias que a Peri estejam a tornar este mundo pior. Todos os fanáticos têm uma coisa em comum: vivem no passado. Como você!

A aula acabou pouco depois. Peri não ouviu os últimos minutos. Tinha a mente longe dali, com as ideias a martelarem-lhe a cabeça. Não se conseguia mexer nem olhar para ninguém, com medo de

que percebessem que estava magoada. Depois de todos se terem ido embora, incluindo Azur, deu por si sozinha com Mona.

— Ei, Peri — disse Mona, pousando uma mão no ombro dela. — Eu sei que ele foi indelicado contigo. Ignora-o, a sério.

Peri baixou o rosto, sentindo os olhos encherem-se-lhe de lágrimas.

— Não entendo. Pensava que ele era espetacular. A Shirin sempre disse que era. Mas é tão...

— Condescendente — rematou Mona, solícita.

Saíram juntas da sala.

— Podes sempre desistir do seminário... — disse Mona. — Se ele te enervar.

— Sim — respondeu Peri, fungando. — Provavelmente vou desistir. Odeio-o!

Nessa noite, Peri não dormiu bem. A sua mente, sobrecarregada durante anos com tantas ansiedades e medos, estava fixada num pensamento e apenas num só. Por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em Azur. Teria ela vislumbrado uma faceta horrível da personalidade dele, que ele escondia, à espera de uma ocasião para atacar, ou seria aquilo tudo a maneira de Azur lhe mostrar que se preocupava com ela e com o seu desenvolvimento intelectual?

De manhã, viu Mona e Bruno num café, sentados um em cada ponta de uma mesa, ambos com uma expressão tensa, a raiar a animosidade mútua. Azur pedira-lhes para trabalharem juntos e passarem uma noite na biblioteca a fazer investigação. *Partilhem comida, partilhem ideias*. Ele estava a fazer de propósito: a obrigar

Bruno, que nunca escondera a sua aversão por muçulmanos, a formar uma equipa com Mona, que era muito melindrosa em relação à sua fé. O que Azur não parecia compreender era que o seu plano de estabelecer uma relação entre eles, por muito nobre que pudesse ser, não estava a funcionar. Ambos os alunos estavam angustiados.

Por essa altura, já Peri não tinha dúvidas de que não havia nada de accidental nos seminários de Azur. Tudo fora meticulosamente planeado e orquestrado. Cada aluno era uma peça de um quadro mental, num jogo que ele disputava consigo próprio e com mais ninguém. As suas faces ardiam só de pensar que também ela não passava de um peão. Detestou-o por isso.

Um dia depois, Peri encontrou outro bilhete para si na portaria.

«Para a Peri,

A rapariga que lê Emily Dickinson e Omar Khayyam e leva tudo tão a sério; a rapariga que não consegue deixar o seu país para trás e o leva consigo para todo o lado; a rapariga que discute, não tanto com os outros, mas sobretudo consigo própria; a rapariga que é o seu crítico mais impiedoso; a rapariga que espera um pedido de desculpa de Deus, ao mesmo tempo que não para de pedir desculpa aos seus pares humanos...

Provavelmente julga que sou uma pessoa horrível e está a pensar desistir do seminário. Mas, se desistir agora, nunca saberá se as suas suspeitas são verdadeiras. Não é a procura da Verdade incentivo suficiente para continuar?

Não desista, Peri. Lembre-se de que atrever-se a “conhecer-se a si próprio” significa atrever-se a “destruir-se”. Primeiro, temos de nos desfazer. Depois, com as mesmas peças, construiremos um novo Eu.

O que importa é que a Peri acredite no que estamos a fazer.»

Com o bilhete enfiado no bolso, Peri calçou as sapatilhas e foi correr. Inspirando fundo, apertou o fecho da sweatshirt até ao queixo

e partiu. Doíam-lhe os músculos; as articulações, perras e doridas, gemiam. Enquanto avançava através do ar matinal, carregado de cheiros a terra húmida e folhas outonais, soltou uma praga. Que sacana arrogante, quem é que ele julgava que era?! Que se foda!

Sim, pela primeira vez na vida, Peri disse uma série de palavrões, cada uma das palavras um grão de sal na sua língua, no vento gelado. Porque é que nunca o fizera antes? Praguejar e correr era uma excelente combinação. Deliciosa. Poderosa.

A profecia

Istambul, 2016

Um silêncio eletrificado cobriu a mesa como um toldo, enquanto os convidados esperavam que o médium aparecesse. Pela porta aberta, ouviram a anfitriã a dar-lhe as boas-vindas, a voz dela tilintando como carrilhões de vidro.

— Onde é que se meteu?

— Foi o trânsito! Um inferno — irrompeu uma voz masculina, aguda e nasal.

— A quem o diz! — respondeu a mulher de negócios. — Entre, querido, tenho convidados mortinhos por o conhecer.

Segundos depois, o médium entrou na sala, envergando umas calças pretas, uma camisa branca e um colete de brocado às cornucópias, em tons de verde-água e dourado, saído de outros tempos. Tinha uma barbinha muito curta, aos retalhos, que parecia ter despontado a caminho da festa. Uns olhos pequenos e muito juntos, um rosto anguloso pontuado por um nariz estreito e afilado, e um queixo que parecia ter sido desenhado à última hora, o que lhe dava, no todo, um ar de raposa à caça.

— Tantos convidados! — exclamou, entrando calmamente. — Terei de cá ficar acampado, se todos quiserem que lhes leia a sina.

— Esteja à vontade — replicou a mulher de negócios.

— São só as senhoras — explicou o homem de negócios, do seu canto. No que lhe dizia respeito, não havia nada tão entediante como ouvir as sinas das outras pessoas. Gostava de traçar a sua própria sina, a sua fortuna. Queria ter uma conversa em particular com o administrador executivo do banco, enquanto a mulher se entretinha com as suas tolices. — Porque é que as senhoras não se mudam para os sofás, onde ficarão mais confortáveis? — sugeriu.

Obedientemente, a mulher de negócios conduziu o médium e as mulheres para os sofás de cabedal. Fez sinal a uma empregada:

— Traga ao nosso novo convidado um...

— Pode ser um chá quente — disse o médium.

— O quê? Que disparate! Tem de beber alguma coisa mais forte, faço questão.

— No fim, quando acabar o meu trabalho — insistiu o médium.

— Por agora, o meu copo tem de estar límpido, como a minha mente.

Peri, que ouvira esta troca de palavras, pensou: «Chá não é propriamente límpido. E este tipo também não.» Entretanto, os convidados masculinos tinham-se agrupado sob uma instalação de arte, uma escultura de parede de um gigantesco peixe pré-histórico, de lábios vermelhos e um fez otomano com uma borla. Finalmente livres da companhia feminina, os homens podiam dizer os palavrões todos que quisessem e soprar fumo de charuto para onde lhes apetecesse. O homem de negócios fez sinal à mesma empregada:

— *Evladim*¹, traga-nos conhaque e amêndoas.

Tendo saído da mesa como todos os outros convidados, Peri deixou-se ficar no meio da sala. Sentia-se dividida, como lhe acontecia sempre naquelas situações. Não gostava da segregação

entre sexos, comum no convívio social em Istambul. Nas casas conservadoras, a separação ia a tal ponto que homens e mulheres podiam passar uma noite inteira sem trocar uma palavra, reunidos em assoalhadas diferentes. Os casais separavam-se à chegada e voltavam a encontrar-se no final do serão, a caminho da saída.

Nem os meios liberais excluía este hábito. Depois do jantar, as mulheres juntavam-se como se precisassem do carinho, consolo e reconforto umas das outras. Conversavam sobre uma série de tópicos, mudando de estado de espírito em uníssono: vitaminas, suplementos alimentares e receitas sem glúten; filhos e escolas; pilates, ioga e ginástica; escândalos públicos e mexericos privados... Discutiam celebridades como se fossem suas amigas e as amigas como se fossem celebridades.

Quanto a Peri, regra geral, preferia as conversas masculinas às femininas, apesar de os assuntos dos primeiros tenderem a ser mais negros. Antigamente, juntava-se automaticamente aos homens e imiscuía-se nas suas discussões sobre economia, política, futebol... Eles não se importavam com a sua presença, considerando-a mais ou menos um deles, embora nunca falassem sobre sexo na companhia dela. O comportamento de Peri chamava a atenção das mulheres e, por vezes, suscitava nelas uma certa raiva. Reparara, desconcertada, que algumas mulheres ficavam aborrecidas ao vê-la sentada junto dos seus maridos. Aos poucos, abandonou esse seu pequeno ato de rebeldia; mais um sacrifício que fez no altar das convenções sociais.

Nesse instante, não queria companhia nem feminina nem masculina, apetecia-lhe simplesmente estar sozinha. Discretamente, esgueirou-se para o terraço. Um vento gelado, vindo do mar, arrepiou-a. Sentia o cheiro a maré baixa. Do outro lado do Bósforo,

na parte asiática da cidade, o céu adquirira um tom escuríssimo de azul. Um nevoeiro esfiapado erguia-se da água, fazendo lembrar tiras esgaçadas de musselina. Ao longe, um barco de pesca preparava-se para zarpar. Peri pensou nos pescadores, austeros e taciturnos, falando em vozes abafadas para não assustar os peixes, de olhos fixos nas águas que lhes davam o seu sustento diário. Uma parte de si ansiava por estar naquele barco, naquela quietude esperançosa.

Nesse instante, como que troçando dos seus desejos, sirenes da polícia rasgaram o ar, algures no lado europeu da cidade. Enquanto ela estava parada a contemplar a paisagem, alguém estava a ser espancado, alvejado, violado... e, sim, naquele instante, alguém se estava a apaixonar em Istambul.

Na sua mão esquerda, tinha o telemóvel do marido. Apertando o aparelho de metal com mais força, Peri decidiu-se. Não falava com Shirin havia anos. O número até já podia nem ser o mesmo. E se fosse, não havia certezas nenhuma de que Shirin quisesse falar consigo. Contudo, o desejo de tentar, acontecesse o que acontecesse, era demasiado forte para o ignorar. Tendo deixado o passado infiltrar-se no presente, sentiu-se esmagada por uma onda de arrependimento.

Mexericando no telemóvel, Peri andou com a lista de contactos para cima e para baixo. O seu polegar deteve-se num nome familiar: Mensur. Ao lado dele, lia-se «*Baba*». Os rituais do casamento... os pais do nosso cônjuge tornavam-se automaticamente nossos pais, como se o passado de outra pessoa — todos aqueles anos de amor, desentendimento e frustração — pudesse, num só dia e com uma só assinatura, ser transferido. O seu marido não apagara o nome de Mensur após a sua morte súbita. Talvez fosse esse o primeiro sinal

de envelhecimento: deixar que amigos e familiares mortos continuassem a ter uma existência virtual, não os apagando da lista de contactos. Porque, um dia, também nós seríamos um desses nomes e um desses números.

Peri marcou o número que a sua mãe lhe enviara. Esperou, sentindo o silêncio que emanava do telefone expandir-se; esse segundo de *suspense*, em que não sabemos se vamos ouvir o toque de chamada na linha ou o toque de interrompido; a dúvida fugaz que precede todos os telefonemas internacionais.

— Não vens, Peri?

Ela virou-se, com o telemóvel encostado ao ouvido. Adnan pusera a cabeça de fora, debruçando-se na soleira, com um copo de água na mão. Embora, ao longo de quase todo o seu casamento, Peri se tivesse sentido aliviada por ver que ele não era, nem se tornaria alcoólico, havia alturas em que desejava que ele se descontrolasse... que, de vez em quando, cometesse erros dos quais se arrependesse no dia seguinte.

— As pessoas já perguntaram onde é que te meteste — disse Adnan.

Nesse segundo, o telefone começou a tocar, a uma distância de terras e mares, em Inglaterra, numa casa que ela imaginou completamente diferente daquela.

— Já vou ter contigo — respondeu.

Adnan fez um aceno de cabeça e uma sombra perpassou-lhe o rosto.

— Está bem, querida. Não te demores.

Ela viu-o virar-se e dirigir-se para junto do grupo, que parecia mais animado e divertido do que quando ela se afastara. Contou: um, dois, três... Um clique. O seu coração sobressaltou-se,

enquanto se preparava para ouvir a voz de Shirin. E foi a voz dela, de facto, que ouviu, mas uma versão fria e automática. A mensagem de voice mail.

«Olá, ligou para a Shirin. Neste momento, não posso atender. Se tiver coisas simpáticas para dizer, por favor deixe a sua mensagem, nome e número de telefone depois do apito. Senão, fale antes do apito e não volte a ligar!»

Peri desligou imediatamente. Detestava deixar mensagens de voz, o seu tom de falsa afabilidade. De seguida, marcou outra vez o número. Desta feita, deixou uma mensagem.

«Olá, Shirin... sou eu, a Peri.» Apercebeu-se da debilidade da sua voz. «Provavelmente não queres falar comigo e eu entendo. Já lá vão anos...» Engoliu, sentindo a boca seca como giz. «Preciso de falar com o Azur. Tenho de ouvir da boca dele, se me perdoou...»

Um apito. O ecrã ficou em branco. Peri não se mexeu, digerindo as implicações das palavras que lhe tinham escorregado dos lábios, quase como se tivessem vontade própria. Estranhamente, sentiu-se aliviada. A sua mente já não era uma orquestra de ansiedades e hipóteses e segredos e desejos reprimidos. Fizera-o. Telefonara a Shirin. Fosse qual fosse o resultado, estava pronta para o enfrentar. Sentiu a noite, não como uma força externa, mas interna... a avolumar-se-lhe dentro do peito, a arder-lhe nos pulmões, a avançar ao longo das suas veias, atrevendo-se a manifestar-se. «Não há ligeireza», pensou, «como a que sentimos quando conquistamos um medo de longa data».

¹ «Minha menina.»

A limusina

Oxford, 2001

Em pleno inverno, Shirin entrou no quarto de Peri, puxando uma mala cor-de-rosa com rodinhas. Ia passar as férias de Natal com a família. Toda a gente ia a casa nas férias: estudantes, professores, funcionários. Toda a gente, exceto Peri, que, tendo excedido em muito o seu orçamento para o período letivo, deixara para demasiado tarde a compra de um bilhete de avião e resignara-se a ficar em Oxford.

— Tens a certeza de que não queres vir comigo para Londres?
— perguntou Shirin pela nona ou décima vez.

— Tenho. Fico bem aqui — respondeu Peri.

Na verdade, não ia ficar exatamente ali. Em Oxford, os alunos deviam abandonar os seus quartos durante as férias, para que as residências universitárias pudessem ser usadas para alojar turistas ou pessoas que fossem assistir a conferências. Quanto aos estudantes que precisassem de ficar, a universidade arranjava-lhes espaços alternativos, temporários e mais pequenos.

Shirin deu um passo na direção de Peri, fitando-a intensamente nos olhos.

— Ouve, Ratito, estou a falar a sério. Se mudares de ideias, liga-me. A minha mãe ia gostar imenso de te conhecer. Adora que as minhas amigas fiquem lá em casa. Assim, pode queixar-se de mim durante horas. É uma família passada da cabeça. Damos cabo uns dos outros, mas somos muito queridos para quem vem de fora. Serás muito bem tratada.

— Prometo telefonar, se me sentir demasiado sozinha — disse Peri.

— Está bem. Mas não te esqueças: quando eu voltar, vamos sair daqui. Está na hora de arranjarmos uma casa.

Peri tinha esperança de que Shirin se tivesse esquecido da ideia, mas pelos vistos, não. Inúmeros alunos de Oxford tinham feito aquele mesmo percurso: começavam a vida de estudante no aconchego íntimo de uma residência universitária, onde tudo era relativamente fácil, com empregados, sala de jantar, biblioteca e salas de convívio; aos poucos, sentiam que aquele ambiente se tornava sufocante; depois, no segundo ano do curso, reuniam um grupinho de potenciais colegas de casa e mudavam-se para um apartamento. Muitos tinham de o fazer, de qualquer maneira, porque as residências não dispunham de quartos suficientes para todos.

Até aí, sempre que Shirin trouxera o assunto à baila, Peri rejeitara a sugestão, educadamente mas com firmeza. Todavia, Shirin era incansável, como em tudo, e o seu entusiasmo quase contagioso. Partilhando fotografias das casas que um agente imobiliário lhe mostrara, garantiu a Peri que não lhe fazia diferença pagar um pouco mais por mês, se, em troca, conquistasse o seu espaço privado e paz de espírito. Como detestava a solidão, nunca arrendaria uma casa sozinha, por isso, se Peri aceitasse a proposta, Shirin é que ficaria em dívida para com ela e não o contrário.

— Vou pensar nisso — respondeu Peri, constrangida.

— Não há nada para pensar. A vida na residência universitária é para os caloiros. Os únicos que cá ficam são os alunos demasiado tímidos para fazerem a mudança... e os totós.

— E aqueles que não têm dinheiro.

— Dinheiro? — repetiu Shirin, com o tipo de desdém que reservava para as pessoas insuportáveis e para as chatices inevitáveis, como problemas de esgotos e lixo por recolher. — Esse é o menor dos teus problemas. Deixa isso comigo.

De vez em quando, Shirin dera a entender, embora nunca abertamente, que a sua família era abastada. Tivera a sua quota-parte de dificuldades na vida, sem dúvida, mas falta de dinheiro não fora uma delas. Peri depreendeu que a casa em Londres, que ela descrevia como degradada e com infiltrações, não fosse nada assim. Shirin estava disposta a pagar a renda na totalidade. Peri só tinha de enfiar os livros e as roupas numas quantas caixas e segui-la naquela nova aventura.

— Muito bem, querida, tenho de ir. — Shirin deu dois beijinhos a Peri, envolvendo-a numa nuvem de perfume. — Feliz Ano Novo! Estou desejosa de que chegue 2002! Tenho a sensação de que vai ser o melhor período das nossas vidas.

Peri pegou na garrafa de água que estava na sua secretária e acompanhou a amiga à portaria.

O porteiro principal encontrava-se na entrada. Ex-oficial do exército, parecia conhecer todos os estudantes pelo nome.

— Boas férias, Shirin, e até para o ano — disse ele alegremente. — E para si também, Peri.

Peri teve a sensação de que ele se despedira de si com um pouco mais de carinho na voz. Provavelmente tinha pena dela, a

única aluna que não ia passar as férias a casa.

Lá fora, estava uma limusina preta com um motorista à espera. Enquanto via Shirin afastar-se, empoleirada nos seus saltos altos, vacilando ligeiramente com a mala a reboque, Peri sentiu-se dilacerada por emoções contraditórias. Partilhar casa com Shirin podia exacerbar o sentimento de intimidação que a inundava devido à personalidade forte da amiga. Além disso, queria ela realmente ficar em dívida para com Shirin, ou com quem quer que fosse? E, no entanto, não seria maravilhoso terem uma casa só para elas?

Enquanto o carro se afastava, Peri despejou a água no seu rasto, cumprindo uma velha tradição turca: «Vai como água e regressa como água, minha amiga.»

O floco de neve

Oxford, 2001

A época festiva aproximava-se a um passo desenfreado. Peri, que estava habituada a umas celebrações de Ano Novo mais pacatas, primeiro ficou espantada e, depois, divertida ao ver os preparativos: ruas adornadas com arcos de luzes cintilantes, lojas a abarrotar de produtos, cantores de músicas natalícias transportando lanternas que reluziam como pirilampos no escuro.

Oxford sem estudantes parecia perder a sua alma; ser um estudante sozinho no Natal era duplamente alienador, até para Peri, que normalmente se sentia bastante bem sozinha. Comia todos os dias sozinha, num restaurante chinês com apenas três mesas. A comida era boa, mas estranhamente inconsistente. «Talvez o cozinheiro fosse bipolar», pensou, e os pratos refletissem as suas mudanças de humor. Nalguns dias, ficava maldisposta depois da refeição.

Voltou para o seu emprego a tempo parcial na Dois Tipos de Inteligência. Os donos disseram-lhe que, durante anos, tinham experimentado várias ideias para a montra, para atrair clientes no período natalício — um boneco de neve sentado numa cadeira de

braços a ler um livro, fiadas de abecedários dependuradas do teto — mas, nesse ano, queriam uma coisa diferente.

— Que tal uma árvore de Natal de Livros Proibidos? — sugeriu Peri. À semelhança da Árvore do Conhecimento que gerara o fruto proibido, a árvore deles poderia carregar livros que tivessem sido banidos no mundo.

Gostaram da ideia o suficiente para lhe confiar a tarefa. Muito concentrada, Peri montou uma árvore prateada no centro da montra. Dos seus ramos dependurou *Alice no País das Maravilhas*, *1984*, *Catch-22*, *Admirável Mundo Novo*, *O Amante de Lady Chatterley*, *Lolita*, *Festim Nu*, *O Triunfo dos Porcos*... A lista de títulos proibidos na Turquia era, por si só, tão longa que teve de utilizar vários galhos e, mesmo assim, não chegavam. Kafka, Bertolt Brecht, Stefan Zweig e Jack London encontraram-se com Omar Khayyam, Nazim Hikmet e Fatima Mernissi. Espalhados pelos ramos pôs os cartões fosforescentes que tinha preparado: «Banido», «Censurado», «Queimado».

Enquanto trabalhava, a sua mente divagou, recordando outro Natal — ela devia ter uns dez ou onze anos — em que Mensur levara para casa uma árvore de plástico. Nenhuma outra casa no bairro tinha uma árvore daquelas, embora existissem em muitas lojas e supermercados.

Entre a entrada e o canto escolhido, a árvore perdeu várias agulhas de plástico, como a criança do conto que vai deixando migalhas no chão para depois conseguir encontrar o caminho para casa. Apesar disso, Peri e Mensur decoraram-na com esmero, usando papel estanhado em prata, ouro e azul. Quando se lhes acabaram os enfeites, fizeram eles próprios as decorações: nozes pintadas, pinhas cobertas de tinta em *spray*, caricas e animais de

cortiça. Tudo na árvore deles era barato e desemparelhado e, no entanto, adoravam-na.

Quando Selma chegou a casa depois de tratar de uns assuntos, ficou estupefacta.

— Qual é a necessidade disto?

— Vem aí o Ano Novo — respondeu Mensur, na eventualidade pouco provável de a sua mulher não saber.

— É um costume cristão — disse Selma.

— Não temos direito a um pinga de prazer? — Mensur revirou os olhos. — Achas que Ele não me amará, se me divertir um pouco?

— Porque é que Alá te haveria de amar, quando não fazes nada para Lhe agradar? — ripostou Selma.

Ciente de que o pai comprara aquela controversa conífera só para Lhe agradar, Peri sentiu-se responsável pela tensão que pairava na sala. Tinha de arranjar uma maneira de remediar o assunto. Nessa noite, esperou que todos adormecessem e pôs o seu plano em ação, ficando a pé até de madrugada.

Na manhã seguinte, quando os Nalbantoğlus entraram na sala, encontraram uma árvore perene com uma curiosa roupagem. A adornar os seus ramos estavam as queridas contas de oração de Selma, os seus gatos de porcelana e os lenços de seda, estes últimos rasgados às tiras. No cimo da árvore via-se uma pequenina mesquita de latão e, ao lado dela, o Livro de *Hadiths*, em cuidadoso equilíbrio.

— Vê? Já não é cristã — disse Peri, com um sorriso de orelha a orelha.

O mundo pareceu imobilizar-se, enquanto ela esperava pela reação da mãe. Selma ficou boquiaberta, horrorizada e incrédula, aparentemente à beira de dizer qualquer coisa. Mas, antes que

pudesse falar, Mensur, parado atrás delas, começou a rir-se, sacudindo os ombros. Ao ouvir o riso divertido do marido, a expressão de Selma toldou-se ainda mais e ela saiu da sala.

Peri ficara sem saber, até à data, o que a mãe teria dito e o que pensara verdadeiramente da sua árvore de Natal islâmica.

Na véspera da noite de fim de ano, Peri foi novamente trabalhar para a livraria. Tirando uma senhora de idade, que lá estava mais pelo calor do que pela literatura, não havia clientes. Os donos tinham ido visitar um amigo e o resto dos funcionários tirara o dia de folga.

Peri limpou o pó às prateleiras, fez café, varreu o chão, ajeitou os pufes, verificou o stock, sentindo-se à vontade num espaço ao qual acabara por se afeiçoar. Cumpridas as tarefas, pegou num livro de A.Z. Azur e enroscou-se numa poltrona, com almofadas à sua volta. Procurara toda a lista de obras do professor na livraria: nove publicações com títulos sedutores e capas geométricas. Os dados indicavam que se vendiam bem. O que ela estava a ler nesse momento era uma das primeiras obras: *Guia para Preservar a Perplexidade*.

A senhora idosa arrastou-se para a cadeira em frente e sentou-se, deixando as pálpebras fechar-se e a cabeça pender. Daí a nada, dormia. Peri foi buscar uma manta que estava por baixo da caixa registadora e pousou-a delicadamente sobre ela. O tempo distendeu-se e abrandou, um mistério glutinoso como a resina das coníferas de Anatólia. A sensação de que o universo estava cheio de possibilidades atravessou-lhe a mente, como uma droga inebriante. Rodeada de livros, que gostaria de ler na totalidade, e

acompanhada pela escrita de Azur — meio provocadora, meio balsâmica —, sentiu-se em paz como não lhe acontecia havia anos. Era verdade que ainda estava irritada com ele, mas não conseguia ficar irritada com a obra que ele produzira. E não parava de pensar no seminário. Não conseguia.

Ainda mal tinha acabado um capítulo quando a porta se abriu, fazendo tilintar uma campainha de latão. Uma lufada de ar gelado entrou na livraria a par com, nada mais, nada menos do que o Professor Azur, de sobretudo escuro e comprido, e cachecol cor de açafrão digno de causar inveja a qualquer monge budista. Um chapéu de veludo, que mal lhe conseguia domar os caracóis rebeldes, rematava o seu elegante visual.

— Podemos entrar? — perguntou, sem se dirigir a ninguém em especial.

Quando ela se levantou e se precipitou para a porta, batendo com um dedo do pé na racha de uma tábua do soalho, Peri percebeu o porquê do plural. Ao lado dele, estava um *collie* de focinho afilado e pelo comprido e denso, em tons de negro, mogno e branco.

Azur arqueou as sobrancelhas.

— Olá, Peri. Que surpresa. Que fazes aqui?

— Trabalho na livraria, a tempo parcial.

— Que maravilha! E então, que faço ao *Espinosa*?

— Desculpe?

— O meu cão — explicou ele. — Está demasiado frio lá fora.

— Ah, não tem mal, ele pode entrar — respondeu Peri e, depois, lembrando-se da aversão dos donos à presença de cães na livraria, hesitou. — Talvez fosse melhor... o *Espinosa*... esperar por si na entrada?

Contudo, o Professor Azur já tinha entrado, com o cão a reboque, e postaram-se ambos de cabeça erguida e olhos fixos em frente, como dois hieróglifos egípcios.

— Já cá não vinha há uns tempos — disse Azur, observando a livraria. — Está diferente. Parece maior... e mais luminosa.

— Mudámos umas coisas de sítio e livrámo-nos dos móveis pesados — explicou Peri. Viu *Espinosa* a farejar o espaço e a instalar-se no pufe mais macio, com o pelo derramando-se sobre o chão.

Se o Professor Azur reparou no constrangimento dela, não deu sinais disso. Com a sua voz ondulante, tão característica, já avançara para outro assunto.

— Adoro a Árvore Proibida que está na montra. Excelente ideia.

Peri sentiu uma centelha de orgulho. Teve vontade de lhe dizer que a ideia fora sua, mas não queria que pensasse que se estava a gabar. Disse, portanto, a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Anda à procura de algum livro específico?

— Neste momento, não — disse Azur. — A minha agente disse-me para vir cá autografar uns exemplares e eu prometi-lhe que o faria. — Os seus olhos recaíram na poltrona onde Peri estivera sentada. — Conheço esse livro de algum lado. Está a lê-lo?

Peri mudou de posição, nervosa.

— Sim, comecei agora.

Ele esperou que ela preenchesse o silêncio. Ela esperou também, como se ainda não tivessem descoberto a língua em que poderiam verdadeiramente comunicar. No fim, acabou por dizer:

— Faça o favor de se sentar. Eu vou buscar os seus livros.

Eram tantos. Dispunham de sete títulos em stock; os outros dois tinham sido reencomendados. Com dez a quinze exemplares de

cada, havia livros suficientes para construir uma pequena torre. O Professor Azur pegou numa cadeira, tirou o casaco, sacou de uma caneta de tinta permanente e começou diligentemente a autografar as obras. Ela levou-lhe uma chávena de café e entreteve-se num canto de onde o podia observar.

A meio da pilha, Azur deteve-se e fixou-a com uma expressão inquiridora por cima dos óculos.

— Porque é que não foi comemorar a passagem de ano com a sua família?

— Não pude viajar — respondeu Peri, fazendo um gesto descontraído com a mão, como se Istambul estivesse ali mesmo à porta. — Mas não tem mal, o Natal não é nada de importante para nós.

Um olhar longo e penetrante.

— Quer dizer que não ficou triste por não poder passar as férias em família?

— Não foi isso que eu disse. — Ela conhecia-o havia meses, mas continuava com a impressão de que ele fazia de propósito para a interpretar mal. — É só que esta época do ano é mais importante para os estudantes cristãos. — Fez uma pausa. Teria dito alguma coisa de errado? Era sempre cuidadosa a escolher as palavras, como se pisasse gelo, detendo-se para verificar, de vez em quando, se a superfície debaixo dos seus pés não tinha rachado... ainda.

Ele perscrutou-a, com um brilho estranho nos olhos que pareciam trespassá-la.

— Os seus pais são muçulmanos praticantes?

— A minha mãe e um dos meus irmãos são — respondeu Peri.
— Mas o meu pai e o meu outro irmão, não.

— Ah, que cisão — comentou Azur, com o tom triunfal de quem acaba de descobrir a peça que faltava num puzzle que estivera diante dos seus olhos o tempo todo. — Deixe-me adivinhar: é mais chegada ao seu pai e ao seu irmão mais velho.

Ela engoliu em seco.

— Hum, sim, é verdade.

Fazendo que sim com a cabeça, ele voltou a concentrar-se nos livros.

— E o professor? — perguntou Peri, hesitante. — Vai comemorar em família?

Ele pareceu não a ouvir, continuou a assinar os livros e ela não se atreveu a repetir a pergunta. Durante uns minutos, ou o que lhe pareceram uns minutos, os únicos ruídos que se ouviam na livraria eram os do *collie* a dormir, as ressonadelas da senhora idosa, o tiquetaquear de um relógio de pé e o arranhar da caneta nas páginas. Ela viu-o mover o maxilar inferior com ar resoluto e reparou que os olhos se lhe desfocaram momentaneamente. Tudo nele parecia transitório, evanescente, em movimento. Sem passado, sem futuro, apenas aquele momento presente, já fugaz e desaparecido.

Ele bebeu um gole de café.

— A minha família agora é o *Espinosa*.

Agora. A maneira como ele pronunciou a palavra fez Peri sentir-se como se tivesse aberto a tampa de uma caixa em que não devia ter mexido e vislumbrado uma tristeza no interior.

— Desculpe — disse.

A caneta parou de escrever.

— Vamos fazer um acordo, nós os dois — disse Azur. — Já me pediu desculpa tantas vezes que, a partir de agora, mesmo que faça uma coisa horrível, não a quero ouvir pedir desculpa. Promete?

Peri sentia o coração a martelar-lhe as costelas, embora não soubesse muito bem porquê; era como se o pacto tivesse qualquer coisa de ilícito. Ainda assim, não hesitou.

— Prometo.

— Ótimo! — Tendo assinado a pilha de livros, ele pôs-se de pé.
— Obrigado pelo café.

— Vou pôr autocolantes nos livros, a dizer «exemplar autografado».

— Obrigado. — Ele sorriu-lhe.

Encaminharam-se para a porta, o professor de cabelo comprido e o *collie* de pelo comprido, os seus corpos numa harmonia aperfeiçoada por anos de amizade. Quando levou a mão à maçaneta, Azur deteve-se, virou-se e olhou para ela.

— Olhe, vai haver um jantar, uma coisa simples com uns amigos de longa data, uns quantos colegas, assistentes, um deles mais ou menos da sua idade. Tanto pode ser agradável como um tédio, mas a Peri não devia passar a noite de fim de ano sozinha. A Inglaterra tem o condão de fazer os estrangeiros sentirem-se excitantemente livres e deprimentemente sozinhos. Quer jantar connosco?

Antes que ela pudesse pensar na resposta, já ele sacara do bloco de notas, arrancara uma folha e escrevera a morada e a hora.

— Tome, pense nisso, sem stresse. Se lhe apetecer, apareça. Não é preciso levar nada. Nem flores, nem vinho, nem Turkish Delight, apareça simplesmente.

Azur abriu a porta e saiu. Começara a nevar. Os flocos rodopiavam ao acaso no vento, sem rumo, como se tivessem descolado em espiral do chão em vez de caído do céu. Oxford parecia uma aldeia dentro de um globo de vidro.

— Fabuloso — disse Azur, para o cão, para si próprio ou para Peri.

— Lindo! — exclamou ela baixinho, da entrada.

Depois, ela fez algo particularmente inesperado. Apesar da hora tardia e do frio, e de ele estar de saída e ela a tremer, de camisola de lã e braços cruzados, Peri desatou a falar sobre o livro dele, desenfreadamente, enquanto o ar lhe saía da boca em nuvens de condensação.

— Diz que a nossa vida é apenas uma entre muitas vidas possíveis que poderíamos ter tido. E, no fundo, creio que todos sabemos isso. Até em casamentos felizes e carreiras de sucesso existe um elemento de dúvida. Não podemos deixar de pensar como teriam sido as nossas vidas, se tivéssemos escolhido outro caminho... ou caminhos, sempre no plural! E diz-nos que a nossa ideia de Deus é apenas uma entre muitas. Por isso, de que serve sermos dogmáticos acerca de Deus... quer sejamos teístas quer ateus?

— É isso mesmo — confirmou Azur, esquadrinhando-lhe o rosto, surpreendido e contente ao ouvi-la falar assim, de jorro.

— Mas sabe, de certeza, que existem muitas pessoas neste mundo, como a minha mãe — continuou Peri —, cuja sensação de segurança advém da fé. Estão convencidas de que só existe uma interpretação de Deus: a delas. Estas pessoas já têm muito com que lidar e o professor quer tirar-lhes a sua única proteção: a certeza. A minha mãe... às vezes, olho para ela e vejo tanta mágoa que percebo que teria enlouquecido, se não tivesse a fé a que se agarrar.

O silêncio abriu-se entre eles, delicado como um leque de seda.

— Eu compreendo. Mas qualquer tipo de absolutismo é uma fraqueza — disse Azur. — O ateísmo absoluto ou o teísmo absoluto. A meu ver, Peri, são igualmente problemáticos. A minha tarefa é injetar uma dose de fé nos descrentes e uma dose de ceticismo nos crentes.

— Mas porquê?

Os olhos de Azur trespassaram-na.

— Porque não sou um purista. O purismo inibe o desenvolvimento intelectual. — Um floco de neve pousou-lhe no chapéu, outro no cabelo. — Alguns estudiosos estão dispostos a dividir e categorizar; outros, a misturar e unir. Os divisores e os aglutinadores. Enquanto eu quero todos os meus sentidos despertos, como o seu polvo prodigioso. Não quero que dependamos de um cérebro único e centralizado. Vamos trazer a poesia para a filosofia e a filosofia em cheio para dentro das nossas vidas diárias. O problema de hoje é que o mundo valoriza as respostas em detrimento das perguntas. Mas as perguntas deviam ser muito mais importantes! Acho que, no fundo, quero trazer o diabo para dentro de Deus e Deus para dentro do diabo.

— E como é que eu... nós... conseguimos isso?

— Sempre que virmos uma dualidade, desfazemo-la em pedacinhos. Transformaremos a singularidade em pluralidade e a simplicidade em complexidade.

— O que é que isso significa?

— Significa que vamos baralhar tudo, turvar as linhas. Uniremos ideias irreconciliáveis e pessoas improváveis. Imagine: um islamóforo que se apaixona por uma mulher muçulmana... ou um antissemita que se torna o melhor amigo de um judeu... e por aí fora, até compreendermos o que as categorias realmente são: frutos

da nossa imaginação. Os rostos que vemos nos espelhos não são verdadeiramente nossos. São apenas reflexos. Só podemos encontrar os nossos verdadeiros eus nos rostos do Outro. Os absolutistas veneram a pureza, nós, o hibridismo. Eles querem reduzir toda a gente a uma só identidade. Nós lutamos pelo oposto: multiplicar toda a gente numa centena de pertenças, num milhar de corações a bater. Se sou um ser humano, deveria ser suficientemente grande para ter sentimentos pelas pessoas do mundo inteiro. Olhe para a História. Observe a vida: evolui da simplicidade para a complexidade e não o contrário. Isso seria degeneração.

— Mas não será excessivo? — perguntou Peri. — As pessoas precisam de simplificação.

— Que disparate, minha querida! O nosso cérebro está programado para voltas e reviravoltas!

Dito isso, não havia nada a acrescentar. Ele ergueu a mão num gesto de despedida e ela fez um aceno de cabeça. Assim entraram, homem e cão, na escuridão que se estendia diante deles. Peri sentiu uma fraqueza no estômago, a respiração irregular; estava simultaneamente exultante e aterrorizada, à beira de algo desconhecido. Observou-os até dobrarem a esquina. Aquele não foi, para si, um momento banal. Uma pessoa reconhecia sempre o momento em que se apaixonava.

O médium

Istambul, 2016

O cheiro a café, conhaque e charutos, desconfortavelmente misturado com os perfumes caros que pairavam no ar, atingiu Peri assim que ela voltou para dentro da sala. Ainda estava a pensar na mensagem que deixara no voice mail de Shirin quando reparou no médium, a uns passos de si. Com um sorriso satisfeito espalhando-se-lhe pelas feições, o indivíduo estava sentado numa espreguiçadeira, rodeado de mulheres ajoelhadas e derretidas, como um sultão numa grotesca fantasia orientalista. O gestor americano de fundos de investimento também ali estava, esperando pacientemente que lhe lessem a sina nas borras de café.

Peri encaminhou-se para o círculo dos homens, ignorando as regras de conduta social. Sentou-se no meio do grupo, ao lado do marido, debaixo de nuvens de fumo cinza-azulado de vários charutos.

Adnan pousou a mão no ombro dela e apertou-o ao de leve. Uma vez, duas vezes. Um código entre eles que queria dizer: «Estás entediada?» Ela pegou-lhe na mão e apertou-a só uma vez. «Estou bem.»

— Ouçam o que eu vos digo: o mapa do Médio Oriente vai ser retraçado — disse o arquiteto a todos os que o rodeavam. — É evidente que as potências ocidentais têm um plano supremo.

— Sem dúvida. Nunca permitirão que nós, muçulmanos, prosperemos — concordou o magnata dos jornais islamita. — As Cruzadas nunca acabaram!

— Sim, mas a Turquia já não é a mesma — salientou o arquiteto nacionalista. — Não somos nenhum cordeirinho indefeso. Já não somos o elemento doente da Europa. A Europa agora tem medo de nós... e fará de tudo para fomentar a instabilidade.

O magnata concordou.

— De facto, sabem instigar o caos. Uma mão invisível carrega num botão e tudo explode novamente, o derramamento de sangue e a violência. Temos de nos manter alerta.

O resto dos homens escutava atentamente, alguns fazendo que sim com a cabeça, outros em silêncio.

Através do fumo de charuto, Peri fitou-os.

— O que estão a dizer parece-me pura paranoia — disse, baixinho. — Europeus... ocidentais... russos... árabes... Se os conhecessem, não enquanto categoria, mas enquanto indivíduos, veriam que somos todos, mais ou menos, o mesmo, física e mentalmente. — Fez uma pausa. — Só nos podemos reconhecer a nós próprios nos rostos... do Outro.

O arquiteto e o magnata olharam para ela, estupefactos. Adnan piscou-lhe o olho.

— Muito bem dito, querida.

Sorrindo para o marido, Peri pediu licença e levantou-se. Atravessou a sala até à outra ponta e aproximou-se do grupo das mulheres.

Ao vê-la, a relações públicas debruçou-se e sussurrou algo ao ouvido do médium. O homem escutou-a, arqueando as sobrancelhas. Levantou os olhos e cravou-os em Peri. Sorriu. Ela, não. O sorriso dele alargou-se. Como todos os indivíduos que estão habituados a ser lisonjeados e bajulados, também ele ficou intrigadíssimo com a única pessoa que tentou fugir de si.

— Porque é que a sua convidada não se junta a nós? — perguntou o médium à anfitriã, que estava sentada em frente dele, com *Pom-Pom* aninhado no colo.

Resoluta, a mulher de negócios pôs-se de pé de um salto. Com uma mão debaixo da barriga do *Pom-Pom*, pôs a outra em concha no cotovelo de Peri, guiando-a, suavemente mas com firmeza, para junto do convidado de honra.

— Já conhece a nossa amiga Peri? — perguntou ela ao médium.
— Chegou atrasada, tal como você. Teve um acidente pelo caminho.

— Parece que teve um dia difícil — comentou o indivíduo, observando a mão enfaixada de Peri e o vestido sujo e rasgado.

— Nada de grave... — respondeu Peri.

— Merece uma prenda. Quer que lhe leia o futuro? — Levantou-se e acrescentou com um sorriso: — De graça.

A namorada do jornalista e a relações públicas, sentadas de cada lado dele, à espera da sua vez, não ficaram contentes.

Peri abanou a cabeça.

— Já tem muito que fazer.

— Não se preocupe, eu chego para todos. — Um sorriso alastrou-se-lhe lentamente pelo rosto, como se tencionasse dizer mais qualquer coisa, mas tivesse decidido guardá-la para si.

— Acho que, por hoje, dispenso.

Ele soltou uma gargalhada, embora os seus olhos tivessem adquirido um brilho frio e cortante.

— Ando nisto há vinte e cinco anos e ainda estou para conhecer uma mulher que não queira saber o seu futuro.

A relações públicas viu nessa deixa uma oportunidade.

— E que tal o passado?

— Mas não... não lhe *interessa* — disse o indivíduo, de olhos fixos em Peri e esticando-lhe a mão. — Apesar disso, foi um prazer conhecê-la.

Peri estendeu o braço esquerdo, quase que por reflexo. Em vez de lhe dar um aperto de mão, ele pegou-lhe no pulso e não o soltou. Houve algo que passou dele para ela, uma sensação de formigueiro, uma onda de calor.

Segurando-lhe na mão, ele disse:

— Desconfie de charlatães, mas não de um médium genuíno.

— Oh, ele é o melhor de todos, não tem nada a ver com os outros — confirmou a mulher de negócios.

— Talvez noutro dia — disse Peri, puxando o braço para trás.

Assim que ela se afastou um passo, a voz do médium apanhou-a.

— Tem saudades de uma pessoa.

Peri olhou para ele por cima do ombro.

— O que é que disse?

Ele aproximou-se.

— Uma pessoa que amou. E ficou sem ele.

Peri recompôs-se rapidamente.

— Podia dizer o mesmo a metade das mulheres, e dos homens, do mundo.

Ele riu-se, com uma falsa alegria na voz.

— Isto é diferente.

Involuntariamente, ela cruzou os braços sobre o peito, decidida a não ter mais contacto físico com o médium.

— Consigo ver a primeira letra do nome dele — disse, num tom confidencial, mas suficientemente alto para que todas as mulheres o ouvissem. — É um A.

— A maior parte dos nomes masculinos começa por A — retorquiu Peri, sem pensar. — O do meu marido, por exemplo.

— Sabe que mais? Não vou embará-la à frente de toda a gente. Vou escrevê-lo num guardanapo.

— *Kizim* — gritou a mulher de negócios, estridente. — Traga-nos uma caneta, depressa!

Maliciosamente, a relações públicas comentou:

— Se é uma história antiga, porque é que não a partilha?

— Quem disse que é antiga? — redarguiu o médium. — Está viva e bem viva.

Peri conseguiu manter a calma, enquanto, dentro de si, se formava uma tempestade. Só queria que ele a deixasse em paz. Não só ele, mas todas aquelas mulheres e aqueles homens, e aquela cidade, com o seu caos sem fim.

A empregada apareceu com o objeto pedido, tão depressa que parecia ter estado à espera daquele momento. O médium escreveu de maneira muito teatral para que os outros não vissem e dobrou o guardanapo com gestos penosamente lentos e cerimoniais.

— É uma prenda que lhe dou — disse ele, entregando-o a Peri.

— Está bem, obrigada.

Peri afastou-se das mulheres, passou pelos homens e foi para o terraço. O barco de pesca já tinha desaparecido, a água estendia-se diante de si, mais escura do que o remorso mais profundo. Um

automóvel passou na rua a toda a velocidade, com o motor a rugir e música — uma canção romântica em inglês — a tocar em altos berros pelas janelas abertas. Peri semicerrou os olhos, tentando imaginar o tipo de homem — sempre um homem — que ouviria uma música daquelas, naqueles decibéis, àquela hora.

Cautelosamente, descerrou o punho esquerdo, a mão que usava para escrever, a sua mão mais forte. Na superfície de um guardanapo amarrotado, o médium tinha desenhado três figuras femininas... como os três macacos sábios. *Elas as três.*

Por baixo da primeira, lia-se: «Ela Viu o Mal.» Por baixo da segunda: «Ela Ouviu o Mal.» E, por baixo da terceira, estavam escritas as seguintes palavras: «Ela Praticou o Mal.»

Quarta Parte

A semente



Oxford, 2001

Na véspera do Ano Novo, Peri estava tão empolgada que não fez sequer metade das coisas que queria. De manhã, foi correr, mas não conseguiu manter o ritmo habitual, e teve uma câibra tão dolorosa na canela que se viu obrigada a terminar a corrida mais cedo. Quando se sentou à secretária a ler, percebeu que era incapaz de se concentrar, as palavras rastejavam como formigas esfomeadas de uma ponta à outra do papel branco. Sentia-se igualmente faminta. Como tinha tendência para crises de «comer para se consolar», receou que, naquele estado alvoroçado, não fosse capaz de parar de comer, se provasse um simples lanche. Por isso, pôs-se a mordiscar maçãs. E a ouvir rádio. O som constante ajudou a acalmar-lhe os nervos. Sintonizou nas notícias internacionais, nas notícias locais, em debates políticos e num documentário da BBC sobre o Império Asteca. Mas um documentário — até sobre os poderosos Astecas — não dura eternamente. Por mais que tentasse tirar o jantar da cabeça, a ideia impunha-se-lhe na mente. Quando chegou a hora de se arranjar, foi

um alívio. Um jantar com o Professor Azur não podia ser pior do que a expectativa que o precedera.

Peri pôs rímel, *eyeliner* preto e batom de brilho nos lábios, e mais nada. Examinou o rosto no espelho e achou o nariz que herdara da mãe demasiado cheio. Não fazia ideia se haveria uma maneira, com os cosméticos certos, de o fazer parecer mais afilado. Se Shirin ali estivesse, provavelmente ter-lhe-ia pedido conselho. Mas, se Shirin ali estivesse, provavelmente Peri não iria ao jantar de Azur. «Não devia passar a noite de fim de ano sozinha», dissera o professor. Esperava que ele não a tivesse convidado por pena.

Foi difícil escolher o que vestir. Não é que tivesse milhentas escolhas, mas, com as poucas peças que tinha, fez várias combinações e experimentou-as, uma a uma. A saia preta de ganga com a blusa larga, a blusa com as calças de ganga, as calças de ganga com o casaco verde... Não queria parecer uma estudante, ou, pior, parecer que não queria parecer uma estudante. Por fim, com uma pilha de roupa em cima da cama, optou por uma saia de veludo e uma camisola de lã azul-cerúleo, tão macia que passava por caxemira. Rematou o visual com um colar azul-escuro de contas contra o mau-olhado.

Embora ele tivesse dito expressamente para não levar nada, a mãe de Peri ensinara-lhe a nunca ir a lado nenhum de mãos a abanar. Comprou oito tartes pequeninas numa pastelaria em Little Clarendon Street, o que foi uma tolice, uma vez que custaram mais do que um bolo inteiro.

Foi para a paragem do autocarro e esperou. Passados menos de cinco minutos, chegou o autocarro. Ficou parada a ver as portas abrirem-se e fecharem-se outra vez. Depois, viu o autocarro partir

sem ela, pois decidiu voltar para trás e ir ao quarto mudar de roupa. Um vestido preto, comprido, com umas botifarras. Bem melhor.

Azur vivia nos arredores da cidade, ao fundo de Woodstock Road, a cerca de vinte minutos de autocarro, na aldeia de Godstow. Na primavera, a povoação estaria envolta na verdura luxuriante do campo inglês, com uma vista desafogada sobre Port Meadow até às torres sonhadoras de Oxford, mas, naquele momento, já tinha caído a noite. Quando saiu do autocarro, começara novamente a nevar; ficou com flocos fofos e grandes no cabelo e no casaco. Não havia outras casas diretamente à vista, o que não surpreendeu Peri. Já tinha desconfiado, por mais do que uma vez, que o professor era um misantropo encapotado.

A casa era imponente, com uma fachada simétrica, de pedra, embora fosse difícil adivinhar quantos anos teria, como acontecia com o seu dono. Parecia saída do passado, uma casa com histórias. Encaminhou-se para ela devagar, com cuidado para não escorregar, ao longo de um caminho serpeante ladeado de carvalhos despidos. O vento atravessava-lhe o casaco. Tremeu, tanto dos nervos como do frio. Olhou para trás, para a paragem do autocarro, como se tivesse receio de que desaparecesse durante a noite. Como é que voltaria para casa? De certeza que haveria alguém na festa que vivia em Oxford e lhe daria boleia. Era uma característica sua, enervar-se por causa do final de um serão antes mesmo de ele ter começado.

Das janelas do rés do chão derramava-se uma luz quente e dourada como mel. Com a caixa de bolos encostada ao peito, Peri postou-se à porta, escutando o barulho que lhe chegava do interior:

conversas animadas, repiques de riso e, ao fundo, ondas de música. O tipo de música que nenhum dos seus amigos ouvia, nem ela. A música, tal como a luz, era ao mesmo tempo convidativa e intimidadora.

Quando Peri deu um passo em frente, ouviu um silvo, como o zunido de um carro a passar ao longe. Mas não havia nada na estrada. Nem autocarro, nem moto e, claro, nenhuma bicicleta, por causa do tempo. Entretanto, uma parte diferente do seu cérebro, mais lenta e mais sábia, avisou-a de que o som estava muito mais perto. Observou o espaço em redor. O seu olhar recaiu na sebe alta à sua direita. Ficou imóvel e o coração acelerou-lhe. Nada se mexia, nem sequer o vento e, no entanto, tinha a certeza de que algo ou alguém a perscrutava.

Instintivamente gritou:

— Quem está aí?

Na escuridão turva, Peri ficou com a impressão de ter visto uma silhueta a mover-se muito depressa atrás dos arbustos. Deu um passo em frente.

— Troy! És tu?

O rapaz mostrou-se, com ar pálido e embaraçado.

— Meu Deus, assustaste-me — disse Peri. — Andas a seguir-me?

— A ti, não, sua tola — ripostou Troy, e apontou com a cabeça para a casa. — É do diabo que ando atrás. — Fez uma pausa. — O que é que estás aqui a fazer?

Peri recusou-se a responder.

— Andas a espiar o professor!

— Eu disse-te que o vou levar à justiça. Preciso de provas para apresentar em tribunal.

«Estás obcecado por ele», pensou Peri. Era estranho como, de entre os muitos tipos de obsessão, o amor e o ódio só tinham umas *nuances* de diferença, como se fossem tons adjacentes na paleta de um artista.

Uma onda de riso emergiu de dentro de casa. Troy voltou a correr para trás da sebe.

— Por favor, não digas a ninguém que estou aqui.

Peri franziu o sobrolho.

— Não tens o direito de fazer isto. Vou entrar e esperar dez minutos. Depois, venho cá fora ver. Se ainda aqui estiveres, conto ao Azur. Se ele não chamar a polícia, chamo eu!

— Ei, calma aí! — disse Troy, levando as mãos ao ar. — Não me mates.

Ela deixou-o e virou-se para a porta de casa, que tinha um vitral em tons de âmbar, azeitona e carmim. Apressou-se a tocar à campainha. Um som que fazia lembrar um pássaro rasgou o ar. Mais parecia, não um doce canário ou um rouxinol, mas um papagaio a gritar, zombando do visitante indefeso. Os barulhos que vinham do interior pararam por um instante e, logo a seguir, recomeçaram. Do outro lado do vidro colorido apareceu uma sombra. Peri ouviu passos a aproximar-se. Não retocara o batom de brilho, mas agora era demasiado tarde.

A porta abriu-se.

A barrar a entrada, estava uma mulher. Uma loura alta, tonificada, ágil e bem-parecida. Observou Peri de cima a baixo, com a boca fixa num sorriso que poderia ter sido amigável, não fosse o ar imperioso. Sabia que era sexy; o vestido sem alças azul-noite que se lhe colava ao corpo revelava uma silhueta curvilínea. «É tudo menos professora», pensou Peri. Ficou contente por ter mudado a

camisola. Não queria ter nada em comum com aquela mulher. Nem sequer uma tonalidade de azul.

Azur tinha dito que o cão, *Espinosa*, agora era a sua família, mas isso não significava que não tinha namorada. Até podia ser casado. Não usava aliança, mas nem todos os maridos se sentiam na obrigação de o fazer. Porque é que não lhe passara pela cabeça que ele pudesse ter alguém na sua vida? É claro que tinha. Com a idade dele, toda a gente tinha.

— Olá, cara jovem e linda — disse a mulher, tirando a caixa da mão de Peri. — Deves ser a rapariga turca.

Nesse instante, com o som de passos apressados, apareceu Azur, com uma garrafa de vinho selada na mão, apontada em cheio a elas como um canhão de navio em miniatura. Vestia uma camisola cinza-chumbo de gola alta e um casaco de lã e caxemira cor de vinho.

— Peri, afinal sempre veio! — exclamou o professor, com a testa a brilhar à luz. — Não fique aí ao frio. Entre, entre!

Ela seguiu-o, ou melhor, seguiu-os, até à sala. As paredes ao longo do corredor estavam cobertas de fotografias emolduradas. Retratos de pessoas de diferentes partes do mundo, fitando-a, distraídas e egocêntricas, como se já soubessem algo que ela ainda não tivesse descoberto.

— Que fotografias fascinantes! Quem é que as tirou? — perguntou Peri.

Azur respondeu com uma piscadela de olho.

— Eu.

— A sério? Deve ter viajado imenso.

— Um pouco. Já fui à Turquia.

— A Istambul?

Ele abanou a cabeça. A Istambul, não, onde toda a gente vai ou acha que tem de ir um dia. Não, Azur visitara outros lugares: o monte Nemrut, com as suas estátuas gigantescas de divindades antigas; o mosteiro bizantino de Sumela, aninhado num penhasco íngreme; e o monte Ararat, aonde fora parar a Arca de Noé. Peri engoliu em seco, com medo de que ele lhe fizesse perguntas sobre esses sítios, onde ela nunca fora.

Na sala de estar, havia estantes até ao teto a forrar duas paredes opostas. Entre elas, encontrava-se um elegante grupo de pessoas, a conversar animadamente, segurando em *flûtes* de champanhe e copos de vinho.

Virando-se para os convidados, Azur disse a um rapaz:

— Darren, chega aqui. Quero que conheças uma das minhas melhores alunas. — E assim que o viu aproximar-se, desapareceu.

Darren era um aluno de Física. Ofereceu um copo de champanhe a Peri, muito polido e educado. Elogiou-lhe o sotaque «exótico», uma honra que ela parecia ter conquistado. Interrogou-a sobre o seu *background*, mas estava mais desejoso de falar de si próprio, debitando palavras como que a contrarrelógio. Sim, era inteligente, ambicioso... e estava desesperadamente carente. Tentou fazê-la rir, dizendo piadas, uma atrás da outra, provavelmente porque lera algures que as mulheres gostavam de homens com um grande sentido de humor. Revirava os olhos de cada vez, como se nem sequer ele achasse graça à sua maneira de se exprimir. Mas era querido. «O tipo de homem que amaria e respeitaria a namorada, em vez de competir com ela», pensou Peri.

Contudo, ela sabia que nunca haveria mais do que uma faísca fugaz entre eles. Porque é que as coisas tinham de ser assim? Porque é que não se sentia atraída por aquele rapaz, que era

amável e bem-apegoado, próximo da sua idade e provavelmente bom para ela? Em vez disso, era pelo professor que Peri ansiava secretamente... um homem não só velho, desconhecido e indisponível, mas também errado. Desconcertava-a profundamente o facto de não se interessar, e de nunca o ter feito, pela felicidade, essa palavra mágica que era tema de tantos livros, workshops e programas de televisão. Não queria ser infeliz. É claro que não queria. Só que não lhe passava pela cabeça procurar a felicidade como um objetivo meritório na vida. Senão, como é que poderia estar apaixonada por um homem como Azur?

Inspirou fundo. Uma ousadia que nunca pensou sentir na vida começou a envolvê-la, como um perfume inebriante. Conseguiriam as outras pessoas perceber que ela estava a mudar por dentro? Para lá de todas as palavras corteses e sorrisos forçados da vida social, existia uma fronteira que separava os indivíduos responsáveis dos inadaptados que procuravam o confronto e dos piratas que buscavam aventuras. Uma linha ténue como um sussurro, que mantinha raparigas turcas pudicas longe de todos os tipos de sarilhos e pecados. Qual seria a sensação de se aproximar devagarinho dessa barreira, de chegar tão perto que conseguisse sentir o fim da terra firme sob os seus pés e o início do vazio e, de repente, se deixar cair, leve e lânguida?

Embora Peri não fosse nem corajosa nem excêntrica, uma semente de heterodoxia plantara-se-lhe no coração, algures ao longo da viagem da sua juventude, germinara, despercebida, e estava à espera de romper a camada superior do solo. Nazperi Nalbantoğlu, sempre decorosa, cuidadosa e equilibrada, ansiava por transgredir, ansiava por prevaricar.

— Hora de jantar — anunciou Azur, com um sorriso sedutor, do outro lado da sala, brandindo um grande garfo de servir como se fosse uma espada destinada a um convidado incauto.

A noite

Oxford, 2001 /2002

Peri seguiu toda a gente até uma grande mesa de refeitório, em carvalho, que poderia ter servido de adereço numa peça medieval. Imaginou-a rodeada de lordes e cavaleiros, carregada de carnes assadas no espeto, pavões recheados e geleias reluzentes. Só que esta não tinha bandejas prateadas e copos dourados, apenas louça banal.

Atrás da mesa havia uma lareira com azulejos de majólica dos dois lados da cornija e, por cima, uma fotografia a preto e branco emoldurada. Peri aproximou-se do fogo intenso, atraída pela dança das chamas. Cada um dos azulejos parecia representar uma personagem diferente: na sua maioria, homens, mas também umas quantas mulheres, com roupas de outra época e expressões sérias. Eram imagens de profetas, mensageiros e santos. Alguns azulejos tinham os seus nomes inscritos: rei Salomão, São Francisco, Abraão, Buda, Santa Teresa, Ramananda... As personagens transportavam água, escreviam em pergaminhos, conversavam com os seus discípulos ou caminhavam sozinhas numa paisagem desértica. Pareciam aleatoriamente dispostas. Era estranho vê-las lado a lado, como se participassem, também elas, num banquete.

Era mais fácil imaginar aquelas figuras sagradas em separado. O olhar de Peri procurou o Profeta Maomé, perguntando-se se também teria sido incluído. E ali estava ele, ascendendo ao céu num corcel, de rosto velado, a cabeça rodeada de chamas, como nas iluminuras persas e turcas de tempos idos. Havia igualmente a Virgem Maria com o Menino Jesus, a sua pele pálida como a neve que caía lá fora, escoltada por anjos alados. Viu Moisés a apontar para uma vara no chão, metade da qual tinha sido transformada numa serpente.

Porque é que Azur colocara aquelas imagens à volta da lareira? Se não era uma questão estética, seria uma manifestação das suas crenças? E, se assim era, em que acreditava ele ao certo? Por essa altura, já ela lera vários livros dele, mas Azur permanecia um enigma. Incapaz de responder às perguntas que lhe atormentavam a mente, concentrou-se na fotografia por cima da lareira.

Era uma imagem da casa, claramente tirada uns anos antes. O carvalho que ela vira ao descer do autocarro ali estava, bem como o caminho serpeante. Na fotografia também se via um jardim cheio de flores e umas nuvens brancas compactas e pesadas, tão perto que pareciam tocar no telhado. A casa afigurava-se diferente, mais pequena; talvez tivesse sido ampliada ao longo dos anos. Embora a imagem captasse a primavera e a natureza no seu melhor, Peri sentiu que representava uma Arcádia perdida, uma época de alegria e ligeireza, desaparecida para sempre.

Os convidados rodeavam a mesa, de copo na mão, esperando pacientemente que lhes indicassem onde se deveriam sentar.

— Azur, como é que queres que nos sentemos? — perguntou um homem magro, de queixo saído e faces encovadas, que,

descobriu Peri mais tarde, era um conhecido professor de Física Quântica.

— Até parece que ele nos diria onde nos devemos sentar! Nesta casa, isso é uma questão de escolha pessoal — disse outro homem, consideravelmente rotundo. Professor da Faculdade de Teologia e Religião, era um velho amigo de Azur e uma das pessoas que o conhecia melhor. Para enfatizar o seu argumento, puxou uma cadeira e sentou-se.

Seguindo-lhe o exemplo, os outros convidados, um a um, instalaram-se em redor da mesa. Assim que Peri arranjou uma cadeira livre, Darren ocupou a do lado. A bonita loura sentou-se à frente deles, ao lado de Azur.

O professor de Teologia recostou-se, apreciando a música que continuava a tocar baixinho. Passado um instante, ergueu o copo.

— Quero fazer um brinde ao nosso generoso anfitrião. Agradecemos-lhe por nos ter reunido a todos, almas esquecidas e abandonadas em Oxford, consumidas pela noite gelada.

Olhando por cima de um candelabro de ferro com três velas acesas, que lançavam sombras sobrepostas nas paredes, Azur retribuiu o elogio com um sorriso.

Peri olhou para os seus companheiros de jantar: um grupo heterogéneo de professores e alunos de várias disciplinas. Quando chegara, partira do princípio de que todas aquelas pessoas, apesar das suas diferenças, partilhavam o mesmo ponto forte: a inteligência. Concluía que deviam ser especiais para pertencerem ao grupo íntimo de Azur, deviam ser mais cultas e mais sensíveis do que a maior parte das pessoas. Que presunção a sua. O que todas tinham em comum era que, por algum motivo, iam passar o fim de

ano sozinhas... até que Azur interviera e as recolhera, como se fossem conchas numa praia isolada.

— Gostava de fazer um brinde ao nosso anfitrião por mais um motivo — continuou o professor idoso. — Por tocar Bach sem parar. Se toda a gente ouvisse Bach dez minutos por dia, garanto-vos que a quantidade de crentes aumentaria.

Azur abanou a cabeça.

— Cuidado, John. Como sabes melhor do que eu, Bach é um campo teológico minado. É verdade que a música dele é considerada o instrumento sublime da voz de Deus. Mas, quanto mais a ouvimos, menos Deus parece necessário à sua criação. Acabamos por compreender a obra dele simplesmente como a expressão suprema do espírito humano. Bach pode fazer de nós um crente... ou um verdadeiro cético.

Várias pessoas riram-se.

— Sirvam-se, por favor — disse Azur, abrindo as mãos.

Os convidados concentraram-se imediatamente na comida. No meio da mesa, estavam três grandes travessas. Na primeira, havia uma pilha de feijão cozido a vapor; na segunda, arroz preto; e, na terceira, um grande peru assado no forno, de pele dourada. E uma garrafa de cristal com um vinho vermelho-rubi. Mais nada. Não havia molhos, nem temperos. Era tudo simples, quase pretensiosamente simples. Peri sorriu, lembrando-se da mãe. Selma preferiria morrer a servir uma mesa tão modesta. Dissera à filha que o segredo de um jantar de sucesso era «certificares-te de que serves dois pratos especiais por pessoa. Para quatro convidados, precisas de oito pratos; para cinco, têm de ser dez». Nessa noite, eram doze comensais e três pratos. A mãe teria ficado horrorizada.

Os convidados começaram a servir-se de cada travessa e, depois, passavam-na à pessoa do lado. Quando chegou a sua vez, Peri serviu-se de doses generosas, apercebendo-se, de repente, de que não comera o dia todo.

A loura sem nome inclinou-se para Azur.

— Fizeste tudo sozinho?

Peri empertigou-se. Se ela não sabia a resposta, então não podia ser mulher dele.

— Sim, minha querida, vejamos se gostam — respondeu Azur e, depois, dirigindo-se a todos, acrescentou: — *Bon appétit*.

À luz bruxuleante das velas, os seus olhos eram verde-floresta; as pontas das pestanas pareciam brilhar e os lábios, que Peri nunca se atrevera a examinar antes, tinham uma cor quase tão forte como o vinho que ele estava a beber.

Azur inclinou a cabeça e olhou de lado para Peri por entre as pálpebras baixadas, com uma expressão ligeiramente surpreendida. Ela corou, percebendo, horrorizada, que estivera especada a olhar para ele. Virou-se imediatamente para Darren, grata pela presença do rapaz.

A sobremesa foi bolo de Natal¹. Azur verteu um pouco de conhaque em cima do bolo ainda quente e deitou-lhe fogo com um fósforo. A superfície cobriu-se de chamas azuis, que rodopiaram, alegres, exalando depois o derradeiro suspiro das suas vidas breves e inocentes. Com uma mão experiente, Azur cortou o bolo e serviu um pedaço generoso a toda a gente, com molho de ovos. Os convidados, que se tinham calado enquanto observavam a

performance, provaram a primeira garfada e elogiaram o anfitrião pelos seus dotes culinários.

— Devias escrever um livro de culinária — sugeriu o professor de Física. — Está delicioso. Como é que o fizeste?

— Uma pessoa vai aprendendo — murmurou Azur.

Essas palavras deram a Peri uma pista sobre a vida privada do professor. Deduziu que devia ser solteiro. Esperou que alguém sondasse a questão, mas ninguém o fez. Os convidados mergulharam, ao invés, numa conversa sobre a invasão do Afeganistão. A energia em redor da mesa mudou, quando alguns expressaram o seu descontentamento com Tony Blair, elogiando a rebelião de bastidores do Partido Trabalhista. Ainda assim, havia uma calma no tom deles que Peri tinha dificuldade em associar à política. Na Turquia, todas as discussões políticas a que assistira, desde as dos amigos do pai até às suas próprias, eram cercadas pelos três *R* maiúsculos: Ressentimento, Raiva e Resignação. Quando os temas eram pesados, as emoções inflamadas e muito fraca a perspectiva de as coisas melhorarem, o estilo era a primeira coisa a ser sacrificada numa conversa. Enquanto, ali, falavam dando prioridade ao estilo e não ao conteúdo. A sua mente estava tão repleta de comparações culturais que perdeu o fio à meada da conversa e, quando viu toda a gente a olhar para si, não percebeu imediatamente porquê.

O professor idoso socorreu-a.

— Estávamos a dizer que o seu país é interessante.

Lembrando-se do aviso de Shirin sobre a palavra «interessante», Peri olhou para o professor, mas Azur, observando-a por cima da borda do corpo, parecia curioso para ver que resposta ela ia dar.

— Qual é a sua opinião? Acha que, um dia, a Turquia vai ter oportunidade de entrar para a União Europeia? — perguntou uma mulher de cabelo branco, curto, espetado em fiapos penugentos. Era casada com o professor de idade.

— Espero que sim — disse Peri.

— Não lhe parece que é culturalmente... diferente? — interveio a loura.

— Não sei o que entende por «diferente» — respondeu Peri, abrindo-se-lhe um campo de batalha na alma. Por um lado, queria falar criticamente, uma vez que havia tantas coisas no seu país que a frustravam. Por outro lado, queria que aquelas pessoas gostassem da sua terra-mãe. Ergueram-se-lhe as defesas. Foi tomada por uma sensação de responsabilidade. Nunca antes sentira que estava a representar uma entidade coletiva.

— Então, não vê a religião como um obstáculo? — perguntou o professor de Física. — Não tem medo de que a Turquia se torne como o Irão?

— Há esse perigo — disse Peri. — Mas o Irão é uma sociedade de memória e tradição. Nós, turcos, temos muito jeito para a amnésia.

— Qual é que te parece preferível? — perguntou Darren, ao seu lado. — Recordar ou esquecer?

— Têm ambos as suas desvantagens — respondeu Peri, sem hesitar. — Mas eu prefiro esquecer. O passado é um peso. De que serve recordar, se não podemos mudar nada?

— Só os jovens se podem dar ao luxo de esquecer — comentou o professor idoso.

Peri baixou a cabeça. Não quisera falar como um jovem. Aliás, quisera falar como uma pessoa inteligente e sensata. Para surpresa

sua, porém, reparou que Azur fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Se eu tivesse de escolher, talvez também optasse pela perda de memória. Estou desejoso de contrair Alzheimer.

A loura bonita pousou a mão na de Azur.

— Não estás a falar a sério, querido.

Peri desviou os olhos. Não conhecia aquelas pessoas; os seus passados, as suas ligações, tudo lhe era desconhecido. A única coisa que conseguia fazer era pressentir, mas não decifrar, as palavras que deixavam por dizer, os assuntos que evitavam com rodeios.

Pouco antes da meia-noite, quando estavam a servir o chá e o café, pediu licença e foi à casa de banho. O rosto que viu no espelho enquanto lavava as mãos foi o de uma jovem que, vezes sem conta, era incapaz de ser confiante e leve de espírito. Sempre se recriminara por não saber ser alegre. De certeza que fizera algo de errado para gerar infelicidade indesejada. Mas talvez as pessoas que não conseguiam passar no Teste da Felicidade não tivessem culpa. A tristeza não era uma manifestação de preguiça ou de autocomiseração. Talvez essas pessoas tivessem simplesmente nascido assim. Esforçarem-se por ser mais felizes era tão fútil como esforçarem-se por ser mais altas.

Ao sair da sala, no corredor, entre retratos de todos os tipos, Peri viu uma fotografia que a fez deter-se.

A mulher da fotografia — maçãs do rosto altas, olhos muito afastados, lábios carnudos — estava nua, só com um lenço carmim amarrado na cintura com um nó frouxo. Tinha o cabelo puxado para trás num totó descuidado, os ombros pálidos e reluzentes, como ornamentos de marfim polido. Os seios eram grandes e redondos,

com os mamilos eretos no meio dos círculos escuros; o umbigo era ligeiramente saliente e, com uma mão, segurava no tecido que lhe cobria as pernas, pronta para o soltar a qualquer instante. O sorriso que exibia nos lábios indicava que tinha prazer em ser fotografada. E mostrava que conhecia o fotógrafo.

Aturdida, Peri vacilou para a frente, como se tivesse invadido uma zona proibida. Ficou imóvel, paralisada naquele momento. Algures nas entranhas da casa, tiquetaqueava um relógio. Sentiu um pressentimento, que lhe era familiar, mas ao qual não se conseguia habituar. Com uma onda de nervosismo, adivinhou a presença do bebé na bruma, assustadoramente perto. Ali estava, o mesmo rosto redondo, os olhos crédulos, a mancha roxa cobrindo-lhe metade do rosto. Estava a tentar dizer-lhe qualquer coisa... sobre a mulher da fotografia. Tristeza. Havia tanta tristeza ali... intensa, intacta. Peri não percebeu se tinha esbarrado numa mágoa antiga ou se a levava consigo.

— Vai-te embora! — sussurrou Peri, horrorizada. Não tinha paciência para ele. Não naquele momento. Não ali.

O bebé na bruma fez beicinho.

— O que é que estás a querer dizer-me? Não podes vir aqui, a esta casa...

Uma voz interrompeu-a.

— Com quem está a falar, Peri?

Ela virou-se e deparou com Azur, atrás de si. Os olhos dele, com centelhas douradas, não deixavam transparecer qualquer emoção.

— Estava a falar sozinha... e a observá-la — disse Peri, apontando para a parede. Espreitando pelo canto do olho, ficou aliviada ao ver que o bebé na bruma começara a dissolver-se, uma espiral de vapor no ar.

— A minha mulher — explicou Azur.

— A sua mulher?

— Morreu há quatro anos.

— Oh, desculpe.

— Outra vez? — disse ele, o seu olhar saltando da mulher na fotografia para a que estava à sua frente. — Tem mesmo de parar com isso...

— As feições dela são do Médio Oriente — acrescentou Peri rapidamente, para se esquivar à crítica dele.

— O pai dela era argelino. Berberes, como Santo Agostinho.

— Santo Agostinho era berbere? Mas ele era cristão.

Azur fitou-a, observando-lhe a boca.

— A História é vasta. Os Berberes eram judeus, cristãos, até pagãos, em tempos. E muçulmanos. O passado está cheio de encontros que nos podem parecer estranhos, hoje, mas que, na época, faziam todo o sentido.

As palavras, embora não tivessem nada que ver com Peri, abriram um vazio dentro dela, um espaço inexplorado. Na sua experiência, não era só o passado que estava cheio de encontros que desafiavam a razão; o presente também.

— Está pálida — disse ele.

Foi então que ela se abriu com Azur. Enquanto ali estavam parados a ouvir os sons dos convidados, Peri contou ao professor que, desde criança, por um motivo qualquer que não conseguia discernir, tinha «experiências surreais». Contara-as ao pai, que as rotulara de mera «crendice», e à mãe, que temera que ela estivesse possuída por um *jinni*. Desde então, não contara a mais ninguém, para que não a julgassem.

Azur escutou-a, com uma expressão de espanto espalhando-se-lhe pelo rosto.

— Não posso comentar a sua experiência «surreal». Mas posso dizer-lhe uma coisa com convicção: não tenha medo de ser diferente. A Peri é muito especial.

Uma irrupção de vozes excitadas vinda da sala de estar interrompeu-os.

— Deve ser meia-noite! — exclamou Azur, passando os dedos pelo cabelo. — Continuaremos esta conversa mais tarde. Temos de o fazer! Venha ao meu gabinete.

Aproximou-se dela e deu-lhe um beijinho em cada face.

— Feliz Ano Novo!

Depois, foi dar um beijo aos outros convidados.

— Feliz Ano Novo, professor! — murmurou Peri, nas costas de Azur, sentindo ainda o calor dele na sua pele.

«Venha ao meu gabinete.» Este não era, de certeza, um comentário banal. Uma onda de excitação inundou-a. Azur dissera que ela era especial... muito especial. Ele era a única pessoa que a conseguia ver como ela era verdadeiramente. Enquanto ali estava, imóvel, contemplativa, tudo se tornou cada vez mais claro, a última gota antes de todas as suas expectativas, todas as suas esperanças, se cristalizarem. Quando voltou para a festa, já se convencera de que o professor também sentia alguma coisa por si.

Pouco depois da meia-noite, os convidados começaram a ir-se embora. Só quando saiu para a noite fria é que Peri se lembrou de Troy. Lançou um olhar nervoso à sebe alta, mas não viu nada, a não ser a escuridão.

Aparentemente, toda a gente tinha carro, menos Peri e Darren. A loura bonita — uma orgulhosa abstinência, segundo a sua própria descrição — ofereceu-lhes boleia.

O regresso a Oxford foi rápido e estranhamente silencioso, depois do rebuliço da festa. A Antena 4 da BBC transmitia um programa sobre as cartas de amor de Gustave Flaubert. O automóvel encheu-se de palavras sensuais, que inundaram quem as ouvia de uma sensação de solidão, um anseio por um romance que ainda estava por vir. Sentada ao lado da condutora, Peri perguntou-se se, no passado, as pessoas compreenderiam melhor o amor. Encostou a cabeça ao vidro meio coberto de geada e manteve os olhos na estrada em frente, que surgia aos retalhos nos sítios onde os faróis a iluminavam e depois desaparecia, engolida pela noite. Pensou em Azur e na mulher da fotografia. Como é que teria sido a vida sexual deles? Lembrou-se do sorriso dele, quando vira os convidados voltarem a encher os pratos; da maneira como pegara na caneca de café com as duas mãos e a erguera, apreciando o vapor que lhe acariciava o rosto; do modo como ajudara as mulheres a vestir os casacos, incluindo Peri, quando se despedira de toda a gente no final do serão; e pensou que, em casa, ele tinha um comportamento muito diferente do que exibia nas aulas: era meigo, inofensivo, surpreendentemente frágil.

Quando chegaram a Oxford, Peri e Darren saíram do carro juntos. O frio cortante do anoitecer fora substituído por um ar tonificante. Caminharam, sem parar de falar, até chegarem ao alojamento temporário de Peri. Beijaram-se à luz do lampião. Beijaram-se novamente no escuro. Sentindo-se embriagada, mais devido à intensidade da noite do que ao efeito do vinho, Peri fechou os olhos, deixando-se contagiar pela excitação dele.

— Posso subir? — perguntou Darren.

Ela imaginou-o em menino, de mão dada com a mãe a atravessar a rua, aprendendo a tratar as mulheres com respeito. Se dissesse que não, sabia que ele não insistiria. Iria à sua vida, porventura desiludido, mas sem ser malcriado. No dia seguinte, se se cruzassem, ele seria delicado e ela também.

— Podes — disse Peri, movida por um impulso que preferiu não questionar.

Tinha noção de que, de manhã, acordaria angustiadíssima. Cheia de culpa por ter ido para a cama com uma pessoa que, na verdade, pouco interesse lhe despertava; culpa por desiludir o pai e por tornar reais os piores receios da mãe. Embora eles nunca viessem a saber daquilo, ela teria um peso na consciência da próxima vez que falasse com eles e provavelmente durante muito tempo depois disso. Todavia, havia algo que a incomodava ainda mais. Enquanto retribuía os beijos e carícias de Darren, estava a pensar noutra pessoa. Anulando todas as suas emoções, impunha-se a certeza de que era pelo professor que ela sentia desejo.

Dizia-se que o que fazíamos nas primeiras horas do Ano Novo determinaria o que faríamos no resto do ano. Quem lhe dera que não fosse verdade. Porque entrara no primeiro dia de janeiro com sentimentos complicados a pesarem-lhe no coração. Esperava que 2002 não fosse o ano da culpa.

¹ No original, «*Christmas pudding*», o tradicional bolo de Natal inglês, muito parecido com o bolo de mel madeirense. (N. da T.)

A mentira

Oxford, 2002

Antes de terminarem as férias, Peri apanhou o comboio para Londres, tendo decidido aceitar o convite de Shirin. Viu alunos e famílias com filhos pequenos entrar para as carruagens. No seu compartimento — comprara um bilhete em primeira classe, por engano — iam três homens de meia-idade, elegantemente vestidos e indistintos uns dos outros, e uma mulher de idade incerta, de cabelo castanho-acobreado penteado na perfeição. Olharam para Peri com frieza, como quem diz: «Não tens cara de quem viaja em primeira classe.» Assim que encontrou o seu lugar, mergulhou na leitura da obra mística completa do Mestre Eckhart.

Tinha levado o seu diário sobre Deus e, nele, escreveu: «O olho através do qual vejo Deus é o mesmo através do qual Deus me vê, diz Eckhart. Se abordar Deus com uma postura rígida, Deus abordar-me-á a mim com uma postura rígida. Se vir Deus através do Amor, Deus ver-me-á através do Amor. O meu olho e o olho de Deus são Um só.»

O comboio avançava com ímpeto e o seu ritmo repetitivo martelava-lhe a consciência. Daí a pouco, apareceu um empregado, entrando estrepitosamente no compartimento com um carrinho, para

distribuir tabuleiros de plástico com o pequeno-almoço e servir uma variedade de bebidas. Quando chegou a vez de Peri, informou-a de que tinha dois menus à escolha. O primeiro: croissant misto. O segundo: ovos mexidos com salsicha de porco.

Peri abanou a cabeça.

— Não tem mais nada?

— Vegetariano? — perguntou o empregado.

— Não, alguma coisa sem porco — explicou Peri.

Os olhos do indivíduo, escuros e encovados no rosto de barba rala, perscrutaram-na por um breve instante. O olhar de Peri deslizou para o nome dele no crachá: Mohammed.

— Vou ver o que se pode fazer — disse ele, e desapareceu.

Um minuto depois, Mohammed voltou com uma sanduíche de frango. Deu-a a Peri, com um sorriso. Só quando ele se foi embora é que Peri pensou que, às tantas, ele lhe oferecera a sua própria comida. Provavelmente o seu almoço. Fios invisíveis de solidariedade unindo desconhecidos que, ao descobrirem que partilhavam a mesma religião ou nacionalidade, desenvolviam afinidades imediatas. Uma camaradagem que se manifestava através dos mais pequenos pormenores: um sorriso, um aceno de cabeça, uma sanduíche. Peri sentiu-se, contudo, uma impostora. Aparentemente, o homem tomara-a por uma boa muçulmana, mas será que ela o era realmente?

Culturalmente, era, sem dúvida, muçulmana. No entanto, podia contar pelos dedos de uma mão a quantidade de preces que sabia de cor. Não praticava a sua religião nem admitia, como Shirin, que era uma muçulmana desnaturada. Havia qualquer coisa na palavra «desnaturada» que lhe fazia lembrar ovos fora do prazo de validade ou manteiga rançosa. A sua relação com o Islão, quer praticante

quer não, não *expirara*. A sua confusão era um estado persistente. Vivo. Perpétuo. Se pertencia a alguma facção, era à dos desnorteados. Mas, se o dissesse a Mohammed, queria ele a sua sanduíche de volta?

Quando Peri era pequena, todos os anos, no Eid al-Adha, irrompiam discussões em sua casa. Mensur opunha-se ao ritual de sacrificar animais. Afirmava que, em vez de gastar dinheiro num cordeiro, mais valia dá-lo aos necessitados. Assim, os famintos poderiam encher a barriga, enquanto os saciados se poderiam congratular pelo seu gesto, sem que nenhum animal fosse sacrificado.

Selma discordava. Dizia que havia um motivo para que Deus tivesse querido que as coisas se passassem daquela maneira.

— Se te desses ao trabalho de ler o Livro Sagrado, compreenderias.

— Eu li-o — respondeu Mensur. — Isto é, li essa parte. Não tem lógica nenhuma.

— O que é que não tem lógica? — disse Selma, irritada.

— No Alcorão, Deus não deu ordem a Abraão para sacrificar o filho... o tipo entendeu tudo mal.

— O tipo!

— Escuta, mulher, Abraão não ouviu Deus ordenar-lhe com todas as letras que matasse o filho. Ele teve um sonho, não foi? E se ele o interpretou erroneamente? Eu acho que Deus, em toda a Sua misericórdia, viu que Abraão percebeu tudo mal e para salvar o Seu filho, Ele enviou o cordeiro.

Selma suspirou.

— Pareces um menino birrento em ponto grande. Já criei os meus filhos, graças a Deus! Não me apetece ter mais nenhuma criança em casa.

Decidida a comprar, ela própria, uma ovelha, Selma punha dinheiro de parte. O animal era guardado no jardim, pintado com hena e alimentado, até ser abatido. A carne era, então, distribuída por sete vizinhos e pelos pobres.

Uma vez — Peri devia ter treze anos —, os mesmos vizinhos decidiram juntar as suas liras para comprar um touro. Contavam adquirir uma criatura majestosa que emanasse poder e arrastasse a sua sombra negra a reboque. O touro que receberam, embora fosse enorme, parecia nervoso, quase enlouquecido de medo. Não era nem um fraco cordeiro sacrificial nem uma gloriosa oferenda. Era uma desilusão.

Puseram o animal na garagem onde, nos dois dias que se seguiram, a sua aflição se agravou drasticamente. À noite, ouviam-no a debater-se, a tentar fugir, rugidos que pareciam sair-lhe do fundo da alma. Talvez tivesse pressentido o seu destino. Ao terceiro dia, assim que o levaram para o sol, o touro soltou-se. Galopando a toda a velocidade, atacou o primeiro homem que lhe apareceu pela frente, um incauto transeunte, arrastando-o para o chão. O indivíduo conseguiu libertar-se das patas do animal e esconder-se atrás de um caixote do lixo. Os espectadores que, entretanto, se tinham agrupado riram-se. Alguém deu umas palmadas nas costas do sobrevivente. Acorreram crianças para ver que rebuliço era aquele. Trepando ao muro do jardim, Peri conseguiu ver os cornos do touro a agitarem-se no ar, a besta solitária a espaventar a multidão, dominada por um terror que era quase absoluto.

Ao contrário dos cordeiros antes da matança, o touro era um lutador, e que luta ele armara, contra vinte homens que o perseguiam por todos os lados! Correram para a autoestrada, um campo de batalha de alcatrão, onde fora rodeado por um exército de monstros de metal. Os homens demoraram três horas a controlar o animal e só depois de o terem atingido com um dardo tranquilizante é que o conseguiram matar. Mais tarde, umas quantas pessoas chamaram a atenção para o facto de a carne não ser *halal*, uma vez que os tranquilizantes tinham deixado o touro zozinho. Mas, por essa altura, já todos se estavam nas tintas para a opinião delas.

— Que raio de barbárie é esta? — queixara-se Mensur à mulher, em casa. — O Islão diz para não fazermos mal a ninguém, incluindo aos animais. Aquela pobre criatura morreu com medo. Torturaram-na. Recuso-me a comer a carne dela.

Selma ficou calada um instante.

— Tudo bem, não a comas. Talvez eu também não a coma. Mas não faças críticas. Tem respeito, marido.

Peri, que estava à espera de uma discussão, ficou surpreendida ao ver os pais concordarem, por uma vez na vida. A carne que lhes cabia foi dividida por famílias carenciadas.

Nessa noite, à mesa do jantar, Peri reparou que o pai encheu o copo demasiadas vezes.

— Que dia, hein? — comentou ele, distraído. — Correr atrás de pessoas que andam a correr atrás de um touro. Não me sentia tão cansado desde que vocês os dois nasceram e nos impediam de dormir metade da noite. — Falou arrastando as palavras.

Peri, que estava a encher um copo com água de um jarro, quase a despejou em cima da mesa.

— Como, «vocês os dois»?

Mensur passou a mão pela testa. A sua expressão foi a de um homem que acaba de se aperceber de que deu um passo em falso. Por um instante, pareceu debater-se se deveria continuar a falar.

— De certeza que te lembras.

— De certeza que me lembro de quê?

— Que tinhas um gémeo, um rapaz. Que morreu.

Na orla da sua consciência, algo começou a ganhar forma.

— Porquê?

— Ai, abelhinha, não perguntes. Foi há tanto tempo — respondeu Mensur, mas depois, avassalado pela curiosidade, acrescentou: — Não fazes mesmo ideia do que se passou?

— Não sei de que estás a falar, *Baba*.

— Está bem, que estranho... Sempre achei que talvez te lembrasses... de algumas coisas.

Peri demoraria anos a descobrir o que ele queria dizer com aquilo.

O comboio parou na estação de Paddington. Shirin estava à espera, junto das bilheteiras automáticas, com um casaco de peles cinza-prateado que lhe chegava aos joelhos. Em pleno coração da cidade, parecia uma criatura das estepes.

— Quantos animais foram mortos para fazer esse casaco? — perguntou Peri.

— Não te preocupes, não é verdadeiro — respondeu Shirin, dando-lhe dois beijinhos.

Peri perscrutou o rosto da amiga.

— Estás a mentir, certo?

— Hum! — bufou Shirin. — É a primeira vez que me apanhas. Parabéns, fico muito feliz por ti, Ratito. Estás a abrir os olhos.

Peri sabia que ela estava a meter-se consigo. Apesar de se rir, sentiu uma pontada de constrangimento ao detetar uma pequena verdade nas palavras da amiga: Shirin já tinha mentido antes, provavelmente mais de uma vez, mas sobre o quê ou porquê, só mais tarde Peri viria a descobrir.

A bailarina do ventre

Oxford, 2002

Peri abriu a janela, desfrutando do toque do ar frio. Estava contente por ter voltado para o seu quarto, embora ansiasse por um espaço maior. Sentou-se na cama com um livro na mão e puxou as pernas para si. Numa das suas primeiras aulas, Azur pedira aos alunos para lerem um artigo sobre a ideia de Deus na filosofia kantiana. Ela achara Kant mais desconcertante à segunda leitura do que à primeira. Percebia porque é que os teólogos se sentiam atraídos pelas ideias do filósofo alemão. Mas, por outro lado, pensadores famosos do campo oposto, por exemplo Nietzsche ou Darwin, também tinham sido influenciados por ele. Peri concluiu que Immanuel Kant, tal como Istambul, tinha uma natureza multifacetada.

Não era de admirar que Azur gostasse tanto dele. Também o professor era multifário. Havia vários Azurs, uma série deles. O orador confiante do painel de debate; o ator da vida diária que adorava e ansiava por atenção; o professor intimidativo das aulas; o exigente Inquisidor no seu gabinete; o delicado anfitrião na privacidade de sua casa... quantas mais facetas teria ele? Os pensamentos de Peri regressaram ao jantar de fim de ano e ao seu

rescaldo. Desde então, andava a fugir de Darren, embora ele tivesse ligado inúmeras vezes e deixado mensagens que pareciam cada vez mais preocupadas, e magoadas. Peri ter-se-ia de bom grado trancado no quarto até conseguir pôr a cabeça em ordem, não fosse ter aulas e o emprego na livraria... e Shirin, que arranjava sempre uma desculpa para lhe bater à porta.

A sua atração por Azur tinha tornado a vida quotidiana penosamente intensa. Sempre que ia ter com ele ao gabinete, para falar sobre o bebé na bruma, interpretava e reinterpreta cada gesto dele, cada palavra, incapaz de o encarar com um mínimo de equanimidade. Como um necromante que via sinais divinos em toda a parte, procurava mensagens secretas nas coisas mais banais. Estudava mais do que nunca, decidida a causar boa impressão em Azur com a sua inteligência e a sua genialidade. Mas a oportunidade para o impressionar, o momento da revelação pelo qual ela esperava ansiosamente, nunca chegou. Junto dele, Peri permanecia retraída a maior parte do tempo, com um nó na barriga. De vez em quando, guinava na direção oposta. Armada de uma coragem súbita, ou de desespero, protestava e debatia, desafiava e questionava, e depois remetia-se novamente ao silêncio.

Pensara que nunca lhe aconteceria uma coisa assim. Não era uma daquelas raparigas que ficavam obcecadas por homens mais velhos; raparigas que, na sua opinião, andavam à procura da figura paterna que lhes faltava na vida. Porque é que se sentia atraída por Azur era algo que não conseguiria explicar a ninguém, muito menos a si própria. Se bem que não tivesse vontade nenhuma de contar o que sentia por ele. Tal como o diário sobre Deus que tinha desde a infância, tal como o bebé na bruma, também Azur se tornara um segredo cuidadosamente guardado. Apesar disso, habituara-se a

adormecer com um dos livros do professor nas mãos, seguindo o traçado das letras do nome dele com os dedos no escuro, ao som de uma música lamechas. Durante o dia, zanzava perto da faculdade dele, olhando furtivamente a uma esquina para ver se ele aparecia. Sempre que não tinha aulas de grupo ou individuais, ia tomar café à pastelaria que ele frequentava de manhã, e que lhe ficava completamente fora de caminho, mas, das poucas vezes que o vira chegar, escondera-se na casa de banho. Enquanto fazia essas coisas ridículas, uma parte de si, distante e crítica, observava reprovadoramente o seu comportamento, esperando que tudo não passasse de uma fase de loucura temporária.

Incapaz de suportar os seus pensamentos e os de Kant, Peri calçou as sapatilhas e foi correr. Apesar do frio, a promessa de alegria pairava no ar do entardecer como cristais de orvalho. A ausência de barulho que a impressionara quando se mudara para Oxford, vinda de Istambul, já não a surpreendia.

À esquina de Longwall Street, viu uma cabina telefónica. Dada a diferença de duas horas, o pai devia estar em casa a beber... sozinho ou com amigos.

Mensur atendeu o telefone.

— Estou?

— *Baba...* Desculpe, liguei em má hora?

— Peri, minha querida! — exclamou ele. — Como, «em má hora»? Podes ligar quando quiseres. Quem me dera que o fizesses mais vezes.

Ela sentiu um nó na garganta ao ouvir a ternura na voz do pai.

— Estás bem?

— Estou — disse ela. — E a mãe?

— Está no quarto. Queres que a chame?

— Não, falo com ela noutra altura. — Suavemente, acrescentou:
— Tenho tantas saudades suas.

— Ai, assim fazes-me chorar, abelhinha.

— Sinto-me péssima por não ter ido a casa no fim de ano.

— Oh, que importância tem o fim de ano? — retorquiu Mensur.

— A tua mãe deixou o peru demasiado tempo no forno e queimou o *pilaf*, por isso comemos carne seca como um tição e arroz preto. Jogámos Tômbola. A tua mãe ganhou. Ela diz que não fez batota, mas alguém acredita nisso? Ah, e vimos uma bailarina do ventre na televisão... quero dizer, eu vi. E mais nada.

Houve coisas que ele omitiu, mas que Peri adivinhou: o consumo excessivo de álcool de Mensur e a bailarina do ventre quase despida a abanar as ancas tinham certamente deixado Selma furiosa e provocado mais uma discussão entre os pais.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Mensur disse:

— Bebi uns copos, sim. Queres melhor ocasião para isso? Sabes o que se costuma dizer: a maneira como passamos as primeiras horas do Ano Novo determinam o que faremos no resto do ano.

Peri ficou desconsolada.

— Não tem mal não teres vindo — disse Mensur. — Teremos muitos anos para comemorar. A escola é o mais importante de tudo, agora.

«A escola...» Ele não disse «a universidade» ou «a faculdade», disse «a escola». Essa palavra básica que tinha um sentido quase sagrado para inúmeros pais que, não tendo eles próprios muitos estudos, acreditavam no ensino e investiam tudo o que podiam no futuro dos filhos.

— Como é que está o meu irmão? — perguntou Peri. Não sentiu necessidade de especificar qual deles. Só podia ser Hakan, uma vez que raramente falavam sobre Umut e, quando o faziam, era sempre num tom diferente.

— Está bom. Estão à espera de bebé.

— A sério?

— Sim — respondeu Mensur, numa voz que se encheu de orgulho. — Um menino.

Tinha passado mais de um ano desde a terrível noite no hospital, mas a recordação ainda estava muito fresca na mente de Peri. O cheiro a desinfetante, a tinta verde-musgo, as meias-luas vermelhas nas palmas das mãos da noiva... E, agora, Feride ia ter um bebé. As palavras da sua mãe ressoaram-lhe na cabeça: «Muitos casamentos foram construídos sobre alicerces mais frágeis.»

— Acho que nunca conseguiria fazer uma coisa dessas.

— O quê?

— Casar com uma pessoa que me trata mal.

Mensur bufou, meio suspiro, meio riso.

— A tua mãe e eu adoramos-te — disse ele, e fez uma pausa, devido à falta de hábito de falar dos dois no mesmo fôlego. — Nós apoiamos-te nas decisões que te fizerem feliz.

Os olhos de Peri encheram-se de lágrimas. Quando as pessoas a tratavam com compaixão, sentia-se sempre mais vulnerável do que quando a tratavam com animosidade.

— O que é que se passa, minha alma? Estás a chorar?

Ela ignorou a pergunta.

— Mas, *Baba*... e se um dia eu o envergonhar? Rejeita-me?

— Nunca hei de rejeitar a minha própria filha, aconteça o que acontecer — respondeu Mensur. — Desde que não me tragas para

casa um imã barbudo como genro. Isso, sim, daria cabo de mim! E provavelmente também não devias namorar com um daqueles músicos com bíceps tatuados, como é que se chamam? Metaleiros. Não me importava, mas a tua mãe enlouqueceria. Por isso, tirando o imã e o metaleiro, há muitas outras opções.

Peri riu-se. Lembrou-se dos rituais de pai e filha diante da televisão, das vezes em que ele a ensinara a assobiar, a fazer bolas com pastilha elástica, a comer sementes de girassol com sal, partindo destramente as cascas com os dentes.

— A sério, diz lá: quem é o rapaz sortudo? — perguntou Mensur.

A palavra «rapaz» fê-la recompor-se. Na perspetiva do pai, ela só podia gostar de um rapaz, de alguém da sua idade.

— Oh, é só um aluno, nada de sério. Sou demasiado nova para ter uma relação séria.

— Sim, Pericim. — Ele pareceu aliviado. — Isso há de passar. Concentra-te nas aulas.

— Sim, *Baba*.

— Ah, e não contes nada disto à tua mãe. É escusado preocupá-la.

— Claro que não.

Depois de desligar, Peri correu durante uma hora bem medida. Os pés escorregavam-lhe nas pedras geladas, mas ela não desistiu. Quando voltou para o quarto, tinha as canelas a latejar de dor, por ter abusado do exercício, e sentia a garganta dorida sempre que engolia, os primeiros sinais de uma gripe valente. Adormeceu imediatamente e continuou a correr em sonhos, agarrada a um bilhete que Shirin lhe escrevera e deixara em cima da cama.

«Peri, encontrei a casa perfeita para nós! Prepara-te, vamos sair da residência universitária!»

A lista

Istambul, 2016

— Já sabem o que aconteceu? Que horror, que horror!

Era a relações públicas, dirigindo a sua pergunta à sala em geral. Saíra para ir à casa de banho, mas voltara de imediato, com o rosto corado.

— O que foi desta vez? — perguntou alguém.

Existem dois tipos de cidades no mundo: as que dão garantias aos seus residentes de que o dia seguinte e o outro a seguir e o outro serão mais ou menos todos iguais; e as que fazem o contrário, relembrando insidiosamente aos seus moradores a incerteza da vida. Istambul pertence à segunda categoria. Não há espaço para a introspeção, não há tempo para esperar que os relógios acompanhem o ritmo dos acontecimentos. Os habitantes de Istambul precipitam-se de uma notícia de última hora para outra, movendo-se depressa, consumindo ainda mais depressa, até acontecer outra coisa qualquer que exija a sua total atenção.

— Vi no *feed* do meu Twitter, uma explosão — anunciou a relações públicas.

— Em Istambul? — perguntou a mulher de negócios. — Quando?

As três perguntas fundamentais, sempre por essa ordem: O quê? Onde? Quando? O quê: uma explosão terrível. Onde: num dos bairros mais populosos do centro histórico da cidade. Quando: havia cerca de quatro minutos. A explosão tinha sido tão forte que desmoronara a fachada do edifício onde ocorrera e estilhaçara os vidros da rua toda, ferindo transeuntes, fazendo disparar alarmes de automóveis e pintando, por um breve instante, o céu noturno de um castanho-ferrugento.

A maior parte dos convidados, conduzidos pela mulher de negócios, correu para o andar de cima, para ver as notícias na televisão. Peri seguiu-os, ainda que lentamente, até à sala luminosa e confortável. Manteve-se atrás do grupo, de onde conseguia vislumbrar o grande ecrã plano. Uma repórter alvoroçada — uma rapariga com o cabelo tão comprido que o poderia ter usado como manto — falava muito depressa, segurando no microfone com as duas mãos. «Continuamos sem saber quantas pessoas morreram, quantas ficaram feridas, mas as perspetivas não são boas. Nada boas. A única coisa que sabemos para já é que se tratou de uma bomba de grande impacto.»

Uma bomba. A palavra, como um fumo tóxico saído do nada, ficou a pairar no meio da sala. Até aí, os convidados tinham esperado, no seu âmago, que tivesse sido uma fuga de gás ou um gerador avariado a causa da destruição. Não teria atenuado a gravidade do que acontecera, mas uma bomba era diferente. Uma bomba significava não só um incidente trágico, mas também a intenção de matar. Os desastres eram assustadores, sem dúvida. O mal aliado aos desastres era aterrorizador.

Ainda assim, tinham aprendido a viver com bombas... ou com a possibilidade delas. Acreditavam que os terroristas, por muito

aleatórios e erráticos que fossem, seguiam determinados padrões. Não atacavam à noite. Escolhiam quase sempre as horas em que houvesse luz e pudessem atingir o máximo número de pessoas, no mínimo espaço de tempo, e sair nas parangonas do dia seguinte. A noite, embora perigosa por muitos outros motivos, estava a salvo desse tipo de violência. Ou assim julgavam eles.

Donde, a pergunta da mulher de negócios:

— Uma bomba? A esta hora?

— Provavelmente os terroristas também ficaram presos no trânsito — comentou o homem de negócios, sarcástico. — Já nada anda a horas em Istambul, nem sequer Azrael.

Riram-se, um riso breve e sem alegria. Perante uma calamidade, as piadas faziam as pessoas sentir-se sujas, culpadas, mas, ao mesmo tempo, dissolviam o medo e atenuavam o peso da incerteza, que era demasiado grande.

Entretanto, no ecrã de televisão, em pano de fundo, juntara-se uma multidão de crianças e homens, suspensos de cada palavra da repórter, desejosos de que ela os escolhesse para serem entrevistados. Um rapaz, que não devia ter mais de doze anos, acenou, excitado por ver a câmara apontada a si.

A imagem mudou para um plano tirado de um helicóptero, mostrando o bairro visto de cima. Casas construídas em cima umas das outras, tão amontoadas que pareciam um bloco único de betão. Porém, analisando mais de perto, as diferenças eram discerníveis. Um edifício, em especial, parecia ter passado por anos e anos de guerra civil. Janelas estilhaçadas, paredes queimadas, vidros partidos no passeio.

«Estávamos em casa, a família inteira, a ver televisão, quando ouvimos um estrondo e o chão tremeu. Pensei que fosse um

terramoto», disse uma testemunha, um homem baixo e entroncado, de pijama. A sua voz denotava um entusiasmo que ele mal conseguia conter, atordoado por estar a falar para milhões de pessoas no mesmo canal de televisão que ainda há pouco estivera a ver. Quando começou a descrever «como se sentia», a pedido da repórter, uma faixa vermelha deslizou no ecrã em rodapé anunciando o número de mortos.

Na mansão à beira-mar, os convidados voltaram para a sala, um a um, para porem o resto do grupo a par das notícias.

— Cinco mortos, quinze feridos.

— Esse número pode aumentar. Alguns dos feridos encontram-se em estado crítico — disse o jornalista, que ficara na sala para telefonar para a redação.

Com o à-vontade com que antes passavam pratos de comida à mesa do jantar, distribuíam agora pormenores sangrentos. Não importava a redundância e menos ainda a repetição. Quanto mais partilhavam, menos verdadeiro tudo se lhes afigurava. A tragédia era um bem como outro qualquer: destinava-se a ser consumido, individual e coletivamente.

A namorada do jornalista encheu os pulmões de ar antes de dizer:

— Portanto, estavam a fabricar uma bomba dentro de casa. Imaginem só. Montaram as peças como se fosse uma espécie de Lego demoníaco e a bomba detonou. A boa notícia é que os terroristas morreram na hora. A má notícia é que os vizinhos de cima também perderam a vida. O senhor era um professor aposentado.

— Provavelmente dava aulas de Geografia, coitado — disse o homem de negócios, arrastando ligeiramente as palavras. — Que

destino... Devia ser um cidadão honesto, que corrigia exames de alunos e usava fatos puídos. Ao fim de anos de trabalho árduo, reforma-se. Já não tinha de aturar os putos ignorantes. Um bando de terroristas instala-se no andar de baixo... e c'os diabos, começam a fazer bombas... Bum! Lá se foi o professor. Ensinava aos alunos o que eram cotovelos de rio e quais as capitais dos países, quando estamos rodeados pela porra da geografia do terror!

Ninguém falou durante um momento.

— Sabe-se quem eram os bombistas? — perguntou a relações públicas. — Eram marxistas? Separatistas curdos? Islamitas?

O arquiteto soltou uma gargalhada.

— Que belo cardápio!

Peri ouviu o marido pigarrear ao de leve.

— Não é só o terrorismo e o horror de tudo isto que está em causa — disse Adnan. — É a facilidade com que nos habituamos a este tipo de notícia. Amanhã, por esta hora, poucas pessoas estarão a falar sobre o professor. Daqui a uma semana, já ninguém se lembrará dele.

Peri baixou os olhos, sentindo a tristeza das palavras dele chegar-lhe ao coração e instalar-se dentro de si, como o calor que perdura nas brasas morredoiras de uma fogueira.

O rosto do outro

Oxford, 2002

Um táxi esperava-as ao portão. Fizeram o caminho em silêncio durante uns momentos, até Peri pontuar o sossego com um espirro.

— Santinho, Ratito!

— Obrigada... Ainda não acredito que vou viver contigo — gemeu Peri, vendo as ruas deslizar pela janela.

Ignorando as reticências de Peri, Shirin continuara a procurar casa. Conseguira convencer as autoridades da universidade de que podiam desistir dos quartos na residência a meio do ano letivo. Com o seu zelo indomável, rapidamente arranajara uma casa. Diligente como uma abelha zumbindo de flor em flor, pagara a caução e o primeiro mês de renda, e contratara um carro para transportar os seus modestos pertences. Organizara tudo de maneira tão fluida e implacável que, quando chegou o dia, Peri só teve de pegar no casaco e acompanhar a amiga porta fora.

— Descontra-te, vai ser divertido — disse Shirin, entusiasmada.
— Nós as três!

Peri susteve a respiração.

— Quem é que vai viver connosco?

Shirin tirou um estojinho de base da carteira e observou-se no espelho, como se tivesse de verificar a sua expressão antes de responder.

— A Mona.

— O quê? E só agora é que me dizes?

— Olha, para partilhar casa, é melhor três pessoas do que duas.

— Shirin sorriu; nem ela parecia acreditar nas suas palavras.

Peri abanou a cabeça.

— Devias ter-me pedido a opinião.

— Desculpa, esqueci-me. Tenho andado com a cabeça cheia. —

A voz de Shirin suavizou-se. — O que foi? Pensei que gostasses da Mona.

— E gosto, mas vocês as duas não se dão bem!

— Precisamente — retorquiu Shirin. — Preciso desse desafio.

— O que é que queres dizer com isso?

A explicação de Shirin teria de esperar. Tinham chegado à morada. Uma casa vitoriana em banda, em Jericho, com janelas de sacada no rés do chão, tetos altos e um pequeno jardim nas traseiras.

Mona estava parada nos degraus da entrada, com sacos e caixas ao seu lado. Acenou-lhes e foi ao encontro delas, com uma expressão a denotar nervosismo. Bastou uma olhadela para Peri perceber que Mona tinha sido enredada na teia de Shirin... exatamente como ela própria.

— Olá, Mona — disse Shirin, depois de pagar e sair do táxi.

Constrangidas, as três ficaram postadas no passeio, a cumprimentarem-se. As diferenças entre elas contrastavam com a harmonia arquitetónica da rua: Mona com o seu comprido casaco ocre e lenço bege na cabeça; Shirin com a sua camada de

maquilhagem, vestido preto curto e botas de salto alto; Peri de calças de ganga e gabardina azul.

— Depois, mandamos fazer cópias — anunciou Shirin, tilintando as chaves na mão. — Isto vai ser uma aventura.

Dito isso, abriu a porta e correu para dentro de casa. A seguir, entrou Mona, com o pé direito primeiro, movendo os lábios numa prece.

— *Bismillah ir-rahman ir-rahim.*

A última a entrar foi Peri, espirrando e tossindo. Embora já tivesse visto fotografias da casa, e apesar de estar mobilada, pareceu-lhe meio vazia. Viver debaixo do mesmo teto com outras pessoas, interagir com elas a horas imprevisíveis, todos os dias, afigurou-se-lhe assustador... Essa proximidade forçada entre pessoas que, não sendo amantes, partilhavam uma certa intimidade. Tentou não dar importância aos seus receios, mas não conseguiu. O destino era um jogador que adorava aumentar as apostas. Peri pressentiu que, no fim daquela experiência, ou seriam grandes amigas, irmãs para a vida, ou iam acabar em brigas e lágrimas.

Se as casas tivessem personalidade, aquela teria a de uma adolescente rabugenta. Nunca parava de se queixar. As escadas chiavam, as tábuas do soalho rangiam, as dobradiças das portas lamuriavam-se, os armários da cozinha protestavam, o frigorífico rouquejava e a máquina do café resmungava, ressentindo-se de cada gota que era obrigada a verter. Apesar disso, pertencia-lhes, desde que pagassem a renda. Até tinham um jardimzinho, onde tencionavam organizar um churrasco quando o tempo melhorasse.

Dos três quartos do andar de cima, dois eram mais ou menos do mesmo tamanho, enquanto o dos fundos era mais pequeno e escuro. Peri insistiu em ficar com esse. Dado o seu parco contributo financeiro, pareceu-lhe justo. Desconfiava que Shirin e Mona tinham, sem a consultar, decidido partilhar as despesas. A maior parte do dinheiro sairia dos bolsos de Shirin, fiel à sua palavra. Mona contribuiria para pagar as contas, que provavelmente não excederiam o que ela costumava pagar pelo quarto na residência universitária. Quanto a Peri, deveria ajudar apenas nas compras de supermercado. Nestas circunstâncias, ela nunca aceitaria instalar-se num dos quartos maiores.

— Que disparate! — protestou Mona. — Temos de tirar à sorte. A que ficar com o palito mais curto dorme no terceiro quarto.

— Quer dizer que preferes deixar isso nas mãos do destino? — disse Shirin, abanando a cabeça, espantada.

— O que é que sugeres? — perguntou Mona.

— Tenho uma ideia melhor — respondeu Shirin. — Alternamos. Todos os meses, arrumamos as coisas e mudamos para o quarto ao lado, como as tribos nómadas. Seremos como os Hunos, mas mais pacíficas. Assim, toda a gente será tratada como igual.

— Bom, agradeço-vos muito, às duas, mas nem pensar — atalhou Peri. — Ou fico com o quarto mais pequeno ou vou-me embora.

Shirin e Mona trocaram um olhar divertido. Nunca a tinham ouvido falar naquele tom.

— Tudo bem — cedeu Shirin. — Mas tens de parar de stressar por causa de dinheiro. A vida é demasiado curta. Sabe-se lá quanto é que eu te vou ficar a dever no fim? Talvez me ensines alguma lição valiosíssima, hã?

Nas horas seguintes, recolheram-se aos respetivos quartos e entretiveram-se a arrumar as suas coisas. Apesar do tamanho reduzido e do mobiliário escasso, o espaço de Peri, cuja janela tinha vista sobre o jardim, seduziu-a de imediato. A sua maior surpresa foi, no entanto, a pesada cama de dossel envolta em cortinados. Era um vestígio de outra época e, quando se deitava nela e fechava as cortinas, Peri sentia-se numa carruagem puxada por cavalos. Havia também um nicho aconchegado junto da janela. Colocou aí uma cadeira e declarou que era o «canto de leitura».

À hora do jantar, bateu à porta do quarto de Mona, que ficava em frente do seu. As duas desceram à cozinha, desejosas de preparar a sua primeira refeição juntas. Ficaram surpreendidas ao ver Shirin já à mesa, a dispor uma garrafa de vinho, um pacote de sumo de maçã, um prato com azeitonas e três copos.

— Temos de comemorar — disse Shirin. — Três raparigas muçulmanas em Oxford! A Pecadora, a Crente e a Confusa.

Seguiu-se um breve silêncio, enquanto Mona e Peri decidiam qual dos epítetos se destinava a cada uma. Peri pegou no copo de vinho e ergueu-o:

— À nossa amizade!

— À nossa crise existencial coletiva! — brindou Shirin.

— Fala por ti — retorquiu Mona, bebericando o sumo de maçã.

— Bom, tu estás em negação — comentou Shirin. — Neste momento, nós, muçulmanos, estamos a passar por uma crise de identidade. Especialmente as mulheres. E as mulheres como nós ainda mais!

— Esse «como nós» significa o quê?

— Significa as mulheres que estão expostas a mais do que uma cultura. Estamos a fazer perguntas muito importantes. Rói-te de

inveja, Jean-Paul Sartre! Vê bem! Temos uma crise existencial como tu nunca viste!

— Não gosto desse tipo de conversa — disse Mona, sentando-se. — Porque é que achas que somos assim tão diferentes dos outros? Falas como se viéssemos de outro planeta.

Shirin bebeu um trago de vinho.

— Vê se acordas, mana! Andam loucos pelo mundo fora a fazer coisas completamente doentias em nome da religião, da *nossa* religião. Talvez não da minha, mas decididamente da tua. Isso não te incomoda?

— O que é que isso tem a ver comigo? — perguntou Mona, espetando o queixo. — Pedes a todos os cristãos que conheces para se desculparem pelos horrores cometidos pela Inquisição?

— Se vivêssemos na Idade Média, sim, provavelmente pedia.

— Ah, quer dizer que os cristãos e os judeus de hoje são todos anjinhos sem asas? — redarguiu Mona. — Já alguma vez passaste por um posto de controlo em Gaza? Não me parece! E o genocídio no Ruanda? Srebrenica? Não culpas todos os cristãos do mundo por essas matanças horrendas, como é óbvio! Então, porquê culpar todos os muçulmanos pelos atos de um bando de tarados?

— Hum, importam-se de parar de discutir? — pediu Peri, entre duas tossidelas. Sentia-se febril.

Shirin insistiu.

— É claro que há montes de marados entre os cristãos e os judeus, e temos de condenar todos os tipos de fanatismo, venham de onde vierem. Mas não podes negar que, neste momento, há mais fanatismo no Médio Oriente do que em qualquer outro lugar. Consegues andar sozinha no Egito sem seres sexualmente atacada? E nem estou a falar de andar na rua à noite! Conheço

pessoalmente várias mulheres que foram assediadas a caminho de uma peregrinação. Em lugares sagrados! Em plena luz do dia! Nas barbas da polícia saudita! As mulheres não denunciavam estas coisas, porque sentem vergonha. E porque é que somos nós quem sente vergonha e não os molestadores? Há uma tonelada de coisas que temos de questionar.

— Eu *estou* a questionar — respondeu Mona. — Eu questiono a História. A política. A pobreza mundial. O capitalismo. As diferenças salariais. A fuga de cérebros. A indústria da guerra. Não te esqueças do legado atroz do colonialismo. Séculos de pilhagem e exploração abusiva. É por isso que o Ocidente é tão rico! Deixemos o Islão em paz e comecemos a falar sobre as questões verdadeiramente importantes.

— Típico — retorquiu Shirin, atirando as mãos ao ar, de exasperação. — Culpar os outros pelos *nossos* problemas.

— Hum... e se jantássemos? — tentou Peri mais uma vez, mas sem esperar resposta. Era uma situação que conhecia demasiado bem... era como se estivesse outra vez a viver com os pais. Acusações iradas a voarem de um lado para o outro, um pingue-pongue de mal-entendidos. Apesar disso, agora era-lhe mais fácil fazer o papel de espectadora. A tensão no ar não a afetava como acontecia em casa. Shirin e Mona não eram os seus pais, a esganarem-se. Não sentia necessidade de fazer de mediadora. Sem qualquer responsabilidade emocional a pesar-lhe nos ombros, a sua mente tinha liberdade para analisar. Por isso, escutou-as, invejando-as intimamente. Apesar da polaridade gritante entre elas, exprimiam-se com igual paixão. Mona tinha a sua fé; Shirin, a sua fúria. E ela, agarrava-se a quê?

— Só estou a dizer — continuou Shirin — que os desafios que um jovem muçulmano tem de enfrentar hoje são mais profundos do que os desafios que se colocam a um monge budista ou a um ministro mórmon. Temos de aceitar isso como um facto.

— Eu não aceito nada — ripostou Mona. — Enquanto tiveres um preconceito contra a tua própria religião, não é possível conversarmos como deve ser.

— Lá vamos nós outra vez — disse Shirin, elevando o tom de voz. — Assim que abro a boca e digo o que penso, ficas ofendida. Alguém me pode explicar porque é que os jovens muçulmanos se ofendem por tudo e por nada?

— Talvez por estarmos a ser atacados? — replicou Mona. — Todos os dias tenho de me defender, quando não fiz nada de mal. As pessoas esperam que eu *prove* que não sou uma potencial bombista suicida. Sinto-me permanentemente examinada à lupa... fazem ideia da solidão que isso causa?

Como que em resposta, as nuvens de chuva que se tinham acumulado ao longo do dia rebentaram sobre a cidade, fustigando a janela. Peri pensou no rio Tamisa, ali perto, inchando, tentando libertar-se do seu leito.

— Solidão, tu? Não me lixes! — ripostou Shirin. — Tens milhões de pessoas do teu lado. Governos. A religião tradicional. Os média dominantes. A cultura popular. Também partes do princípio de que tens Deus do teu lado, o que deve valer alguma coisa. Ainda queres mais companhia do que essa? Sabes quem são os verdadeiros solitários da nossa região? Os ateus. Os Yazidis. Os gays. As drag queens. Os ambientalistas. Os objetores de consciência. Esses é que são os marginalizados. A menos que recaias numa dessas categorias, não te queixes de solidão.

— Tu não entendes nada — disse Mona. — Já fui intimidade, insultada, expulsa de um autocarro, tratada como se fosse burra... tudo só por causa do lenço que uso na cabeça. Nem imaginas a maneira horrível como já fui tratada! É só um bocado de pano.

— Então, porque é que o usas?

— É uma escolha minha, é a minha identidade! Se eu não me importo com a tua maneira de estar na vida, porque é que te hás de importar com a minha? Quem é que é liberal aqui, pensa lá!

— Que porra de ignorância — retorquiu Shirin. — Primeiro é um lenço, depois são dez, de repente são milhões. Quando dás por ti, é uma república de lenços na cabeça. Foi por isso que os meus pais saíram do Irão: o teu *bocado de pano* forçou-nos ao exílio!

A cada palavra que era proferida, a expressão de Peri tornava-se mais dura. Cravou os olhos na mesa de madeira, lascada num canto. Sempre se sentira atraída por cicatrizes e imperfeições por baixo de uma superfície lisa.

— Qual é a tua opinião, Peri? — perguntou Shirin, de repente.

— Sim, diz lá: qual de nós tem razão? — disse Mona.

Peri mudou de posição, nervosa sob o olhar delas. Fitou um rosto expectante e depois o outro, procurando desajeitadamente as palavras. Shirin tinha razão nalguns aspetos, disse, e noutros era Mona quem estava certa. Por exemplo, concordava que a vida podia ser sistematicamente injusta para um membro de uma minoria — fosse esta cultural, religiosa ou sexual — numa cultura muçulmana fechada, embora também tivesse noção das dificuldades que se deparavam a uma mulher que usasse lenço na cabeça numa sociedade ocidental. Para si, dependia tudo do contexto. E queria sempre ajudar quem fosse impotente, quem estivesse em desvantagem em determinado lugar e em determinado momento.

Por isso, não era categoricamente a favor de ninguém, a não ser da parte mais fraca.

— Isso é demasiado abstrato — respondeu Shirin, tamborilando os dedos impacientemente na mesa. A avaliar pela expressão de Mona, por uma vez pareciam concordar uma com a outra. A resposta de Peri, por muito equilibrada que fosse, não satisfizera ninguém.

— Deixa-me esclarecer uma coisa — disse Mona, virando-se novamente para Shirin. — Não tenho nada contra os ateus. Nem contra os gays. Nem contra as drag queens. A vida é deles. Mas não gosto de islamóforos. Se te vais pôr a falar como uma neoconservadora belicosa, é melhor eu sair desta casa.

— Eu, neoconservadora? — Shirin pousou o copo com tanta força que o vinho salpicou a mesa. — Queres ir-te embora? Tudo bem! Mas isso é a saída mais fácil. Temos de tentar captar o que a outra está a dizer.

«Captar. Tenho de me lembrar desta expressão», pensou Peri.

— Concordo — disse Mona.

— Excelente — respondeu Shirin. — Vamos escrever um Manifesto das Mulheres Muçulmanas. Daria uma bela sigla, MMM. Pomos no texto tudo o que nos deixa frustradas. O fanatismo. O sexismo.

— A islamofobia — acrescentou Mona.

— Acho que devíamos mesmo começar a preparar o jantar — disse Peri.

Riram-se todas. Por um instante, foi quase como se a tempestade tivesse passado. Reinava a acalmia. Lá fora, a chuva abrandara; o entardecer transformou-se em anoitecer; a Lua era um talismã nacarado no colo do céu. O Tamisa, do lado de lá de Port

Meadow, corria com força em redemoinhos profundos, serpeando, prateado, na escuridão.

— Sabes que mais — disse Mona, com um suspiro resignado, como se revelasse algo que demorara algum tempo a compreender. — Nasceste numa religião extraordinária, deram-te um Profeta maravilhoso como guia, mas, em vez de te dares por abençoada e tentares ser melhor enquanto pessoa, a única coisa que fazes é queixares-te.

— Por falar no Profeta — disse Shirin —, há coisas que me parecem...

— Nem penses — atalhou Mona, com a voz trémula pela primeira vez. — Podes atacar-me. Não tem mal. Mas não permito que ataquem o meu Profeta quando pouco ou nada sabem sobre ele. Podes criticar o mundo muçulmano à vontade, mas deixa-o fora disso.

Shirin bufou de frustração.

— Porque é que havemos de poupar seja quem for ao pensamento crítico? Especialmente se estamos na universidade!

— Porque aquilo a que chamas pensamento crítico é um disparate interesseiro! — retorquiu Mona. — Porque eu sei o que vais dizer e também sei que o teu olhar é impuro e o teu conhecimento contaminado. Não podes avaliar o século VII através da lente do século XXI!

— Posso, sim senhora, se o século VII estiver a tentar dominar o século XXI!

— Quem me dera que te sentisses orgulhosa de quem és — disse Mona. — Mas sabes o que és?... Uma muçulmana que odeia ser muçulmana.

— Ai! — redarguiu Shirin, fingindo-se magoada. — Nunca percebi as pessoas que se sentem orgulhosas de ser americanas, árabes ou russas... cristãs, judias ou muçulmanas. Porque é que haveria de sentir satisfação por uma coisa que não escolhi? É como dizer que me orgulho de medir um metro e setenta e cinco. Ou congratular-me por ter um nariz de papagaio. É a lotaria genética!

— Mas sentes-te muito contente com o teu ateísmo — disse Mona.

— Bom, eu costumava ser uma ateia militante... já não sou, graças ao Professor Azur — explicou Shirin, num tom teatral. — Mas esforcei-me muito para ser cética. Empenhei-me nisso de corpo e alma e com muita coragem. Separei-me de multidões e congregações! Não foi uma coisa que me aterrou no colo, por isso, sim, orgulho-me do percurso que fiz.

— Então, é verdade, desprezas a tua cultura. Desprezas... desprezas-me a mim. Para ti, eu sou antiquada ou sofri uma lavagem ao cérebro. Sou oprimida. Ignorante. Mas eu estudei o Alcorão, ao contrário de ti. Achei-o profundamente eloquente, sábio, poético. Estudei a vida do Profeta. Quanto mais lia sobre ele, mais admirava a sua personalidade. A minha fé dá-me paz. Mas provavelmente isso nem te interessa! Não sei porque é que aceitei vir cá para casa.

Dito isso, Mona precipitou-se escada acima e foi para o quarto. As tábuas do soalho protestaram sob o peso das emoções da rapariga.

Shirin pegou no copo vazio e atirou-o com toda a força contra a parede. Choveram pequeninos fragmentos, como tristes *confetti*. Peri estremeceu, mas levantou-se de imediato para varrer o chão.

— Não te mexas — disse Shirin. — Fui eu que fiz esta porcaria toda. Eu limpo.

— Está bem — respondeu Peri. Sabia que Shirin só apanharia os cacos maiores e que as lascas ficariam espetadas entre as tábuas, prontas para alguém se cortar nelas, um dia. — Vou para o quarto.

Shirin soltou um suspiro.

— Boa-noite, Ratito.

Peri deu uns passos, mas depois hesitou, de olhos fixos em Shirin, cujo rosto perdera subitamente a sua audácia.

— Ele avisou-me que não seria fácil — murmurou Shirin para dentro, quando pensava que já estava sozinha.

— Quem é que te avisou? — perguntou Peri.

Shirin levantou a cabeça, as suas pálpebras a adejarem, alvoroçadas.

— Nada — respondeu. O seu tom denotava uma certa irritação que não existia antes. — Ouve, mais tarde conversamos, está bem? Agora, preciso de um banho de imersão. Foi um dia muito longo.

Incapaz de dormir, sozinha na cozinha, Peri serviu-se de mais um copo de vinho, com a mente num turbilhão. Teria ela descoberto um segredo, por acaso? O comentário inadvertido de Shirin aborreceu-a. Quer através da intuição quer da razão, desconfiou que, por trás da ânsia de Shirin de irem viver juntas, se encontrava um mestre manipulador: Azur.

Lembrou-se de um trecho de um dos primeiros livros dele, em que explorava a ideia peculiar de que as pessoas com discordâncias amargas e recriminações mútuas deveriam ser fechadas juntas num

espaço e obrigadas a encararem-se olhos nos olhos. Um recluso supremacista branco deveria ser posto na mesma cela que um recluso negro; um mineiro de jade numa sala com um ambientalista; um caçador de animais selvagens com um conservacionista de espécies em perigo. Quando lera essas linhas, não lhes dera muita importância, mas, de repente, tudo encaixava. Estava dentro de um jogo, desempenhando involuntariamente um papel, controlada por um cérebro à distância.

Consternada, subiu as escadas. A porta do quarto de Mona estava fechada. Da casa de banho, ao fundo do corredor, chegou-lhe o som de água a correr. Lá dentro, Shirin entoava uma canção que lhe pareceu vagamente conhecida, uma melodia insistente.

Peri entrou no quarto de Shirin em bicos dos pés. Havia caixas de cartão em todos os cantos. Era óbvio que Shirin não arrumara quase nada. Numa das caixas maiores, aberta, estava escrito em letras maiúsculas: LIVROS. Peri viu que alguns tinham sido postos na prateleira, mas, pelos vistos, Shirin cansara-se da tarefa, deixando o resto onde estava.

Peri vasculhou o conteúdo. Não demorou a encontrar o que procurava. Título a título, tirou toda a bibliografia do Professor Azur. Pegando no primeiro, abriu-o na folha de rosto. Estava autografada, como adivinhara.

«Para a doce Shirin,
Eterna emigrante, rebelde destemida, proscrita filosófica,
A rapariga que sabe fazer perguntas e não tem medo de perseguir as respostas...
A.Z. Azur»

Peri fechou o livro com uma pontada de ciúmes. Sabia que Shirin ia ao gabinete do professor regularmente, pelo menos duas vezes por semana, e que os dois eram bastante chegados, mas foi uma

tortura ver como Shirin era preciosa aos olhos dele. Verificou os outros títulos e descobriu que também eles estavam assinados. O último em que pegou, a publicação mais recente de Azur, tinha uma inscrição mais longa.

«Para a Shirin, que é, ao contrário do seu nome,
doce e intensa, como as romãs da Pérsia,
a terra do leão e do Sol...
Mas tem de aprender a conhecer, se não a amar, o que despreza;
porque só no espelho do Outro
podemos vislumbrar o rosto de Deus.
Ama, minha querida,
Ama a tua meia-irmã...
A.Z. Azur.»

Qual meia-irmã? Peri sabia que Shirin não tinha nenhuma meia-irmã... a menos que fosse uma metáfora para «a outra mulher».

Peri inspirou fundo quando se apercebeu da enormidade do esquema. Shirin desprezava a religião e as pessoas religiosas. Embora atacasse todas as crenças, a que ela mais criticava era a fé em que fora criada. Era particularmente alérgica às raparigas muçulmanas que cobriam a cabeça por vontade própria. «Os mulás e a polícia da moral silenciam-nos por fora. Mas as raparigas que acreditam genuinamente que se devem cobrir para não seduzirem os homens silenciam-nos por dentro», dissera ela, uma vez. Quanto mais Peri pensava no assunto, mais se convenciu de que o Professor Azur colocara Shirin num laboratório social, para a obrigar a interagir com a sua «Outra»: Mona.

Embora Peri se sentisse abalada com essa descoberta, havia algo que a perturbava ainda mais. Talvez não fosse só Mona. Engoliu em seco, vendo-se a si própria, pela primeira vez, através dos olhos de Shirin. A sua falta de certeza, a sua hesitação, timidez,

passividade... Características que uma pessoa como Shirin abominaria. *Três Mulheres Muçulmanas em Oxford: a Pecadora, a Crente e a Confusa*. Não era só Mona quem tinha sido escolhida para aquela bizarra experiência social. De repente, Peri percebeu tudo: a segunda meia-irmã era ela própria.

Arrumou o livro, fechou a caixa, saiu do quarto. Estava tão arrependida de ter deixado a paz e sossego do seu quarto na residência universitária e ido para aquela casa, onde todos os seus gestos seriam relatados ao Professor Azur. Sentiu-se uma mosca dentro de um frasco de vidro; quente e segura à primeira vista, mas, ainda assim, encurralada.

Os chacras

Istambul, 2016

— O professor aposentado será esquecido — repetiu Adnan. — Já nada nos choca. Tornámo-nos insensíveis.

— Mas, meu querido, não estará a ser um nadinha duro? Que alternativa temos nós? — perguntou a mulher de negócios. — Se não fosse assim, enlouqueceríamos!

Ouvindo isto, o médium juntou-se à conversa, sacudindo a cabeça, impaciente:

— As nações têm um signo do zodíaco, como as pessoas. O nosso país nasceu no dia 29 de outubro. Escorpião, governado por Marte e Plutão. Quem é Marte? O Deus da Guerra. Quem é Plutão? O Deus do Submundo. Os planetas dizem tudo.

— Patacoadas astrológicas — disse o magnata dos jornais, que era crente. — O que é que quer dizer com «deuses», se acreditamos todos num só Alá?

O médium endireitou as costas, com ar ofendido.

— Todo o Médio Oriente tem os chacras bloqueados — disse o jornalista.

— Não admira — exclamou o homem de negócios. — A única energia que conhecem é a do petróleo. Sabem lá o que é energia

espiritual!

— E na sua opinião profissional, quais são os chacras que precisam de ser abertos? — perguntou a mulher de negócios, ignorando o comentário do marido.

— O quinto — foi a resposta. — O chacra da garganta. Pensamentos reprimidos, desejos sufocados. Começa no fundo da boca e faz pressão no esófago e no estômago.

Uns quantos convidados levaram a mão ao pescoço.

— Por falar nisso, tenho a garganta seca, preciso de abrir o meu chacra — comentou o homem de negócios. — *Kizim*, traga-nos mais whisky.

O médium continuou:

— Há uma técnica que pode ser usada para desbloquear os chacras de uma nação...

— Chama-se democracia? — sugeriu Peri.

O cirurgião plástico consultou o relógio.

— Ai, já é tão tarde. É melhor eu ir andando. O meu voo é de manhã cedo. — Embora se tivesse instalado em Estocolmo havia muito tempo, regressava com frequência a Istambul, onde tinha interesses comerciais e, segundo os rumores, uma amante com idade para ser sua filha.

— Tudo bem, você põe-se a andar e nós ficamos cá a lidar com a porcaria — ripostou a relações públicas.

Quem partia em busca de uma vida melhor em terras estrangeiras era simultaneamente invejado e rebaixado. Não tinha nada que ver com Nova Iorque, Londres ou Roma. O problema, para quem ficava para trás, era a mera *ideia* de uma vida longe dali. Também eles ansiavam por caminhar sob um novo céu. Durante pequenos-almoços e *brunches*, elaboravam planos complexos para

se mudarem para o estrangeiro, o que significava quase sempre o Ocidente. Mas os seus planos, tal como castelos de areia, desfaziam-se lentamente, assolados pela maré cheia da familiaridade. Familiares, amigos e recordações partilhadas ancoravam-nos. Aos poucos, esqueciam os seus anseios por outro país... até ao dia em que esbarravam em alguém que efetivamente realizara o que em tempos eles desejaram fazer. Era então que o ressentimento entrava em cena.

O cirurgião plástico apercebeu-se do ambiente hostil.

— A Suécia também não é o paraíso — disse.

Um fraco argumento que não convenceu ninguém. No dia seguinte, ele voltaria para a Europa e deixá-los-ia sozinhos com os seus problemas. Comeriam pãozinhos com canela, enquanto eles lidariam com instabilidade regional, turbulência política e bombas.

Peri sorriu-lhe, solidária.

— Não é fácil ficar, nem é fácil partir.

Queria explicar que quem ficava para trás, apesar das dificuldades, desfrutava de amizades duradouras e de redes sociais mais amplas, enquanto os que emigravam para sempre permaneciam incompletos, puzzles aos quais faltava uma peça crucial.

— Bom, que tragédia ele ter de viver nos Alpes! — comentou a namorada do jornalista, que, apesar das cotoveladas do namorado, continuava a beber.

— Os Alpes são na Suíça e não na Suécia — corrigiu alguém, mas a namorada do jornalista ignorou o comentário. Com a barriga enfiada numa minissaia justa, pôs-se de pé de um salto e apontou com uma unha pintada e meio roída para o cirurgião plástico.

— Vocês todos são uma cambada de desertores! Vão viver para o estrangeiro, com todo o conforto... Nós é que temos de lidar com o extremismo, o fundamentalismo, o sexismo, o... — Virou-se, como se procurasse outro «ismo» qualquer à sua volta. — São as *minhas* liberdades que correm perigo...

— Por falar em perigo... — A anfitriã virou-se para o médium. — Querido, tenho de lhe mostrar a casa. Você é a única pessoa que me poderá explicar porque é que tivemos tantos acidentes aberrantes. Primeiro, foi a inundação, depois, o relâmpago. E soube da história do navio? Entrou-nos pela casa dentro, como num filme de ação! — Olhou para o marido para ver se se teria esquecido de alguma coisa.

— A  rvore — acrescentou o homem de negócios, muito prestável.

— Ah, sim, caiu-nos uma árvore em cima do telhado! Acha que foi mau-olhado?

— Parece. Nunca subestime o poder da inveja — disse o médium. — Inspeccionou os quartos das criadas? Uma delas pode ter-lhe lançado uma praga.

— Acha que se atreviam? Ponho-as na rua num abrir e fechar de olhos, se encontrarmos alguma coisa suspeita. — A mulher de negócios palpou a garganta como se não conseguisse respirar. — Por onde quer começar?

— Pela cave. Quando se procura um bruxedo, verifica-se sempre os cantos mais escuros.

Quando o médium e a anfitriã passaram por ela, Peri sentiu uma vibração. S  passado um segundo percebeu que era o telemóvel do marido. Empalideceu. Era Shirin.

A casa em Jericho

Oxford, 2002

Rapidamente perceberam que cada uma tinha a sua parte preferida da casa. A de Shirin era a casa de banho, mais precisamente a banheira com pés em forma de garra. Usando velas, sais de banho, cremes e óleos, transformou-a num santuário de prazer. O seu ritual noturno era encher a banheira até cima com água quente, a que juntava uma estonteante mistura de fragrâncias. De molho durante uma hora, lia revistas, ouvia música, limava as unhas, sonhava acordada.

O local preferido de Mona era a cozinha. Acordava cedo, cumprindo sempre a sua prece matinal. Fazia as suas abluções, estendia um tapete de oração, de seda — uma prenda da avó —, e rezava por si e por outras pessoas, incluindo Shirin, que, a seu ver, precisava de um empurrãozinho divino. Deixaria nas mãos de Alá qual a força desse empurrão, uma vez que Ele sabia o que era melhor. No fim, ia à cozinha preparar o pequeno-almoço para todas: panquecas, *ful mudammas*, omeletes.

Quanto a Peri, o seu espaço preferido era a sua cama de dossel. Shirin dera-lhe um conjunto de lençóis de algodão egípcio, macios como pele de coelho, o que deixou Peri ainda mais apegada a essa

sua peça de mobiliário. Estudava aí. À noite, quando se deitava, ouvia o vento restolhar nos ramos de cima do amieiro, lá fora, ou a corrente distante do rio. Na parede em frente, as sombras balouçavam a um ritmo silencioso. Via formas que lhe lembravam mapas de países, reais e imaginários; territórios pelos quais tinham sido mortos milhares de pessoas, sangue sobre sangue. Cansada da sua imaginação prolífica, adormecia, aconchegada pela certeza de que, quando acordasse no dia seguinte, o mundo ainda ali estaria, tal e qual.

De manhã, enquanto Shirin, que se levantava tarde, ainda estava na cama, e Mona, que se levantava cedo, rezava, Peri ia correr. Enquanto instava o seu corpo a avançar, pensava em Azur. Que esperava ele, quando urgira Shirin a juntá-las às três? O que teria ele a ganhar? Quanto mais tentava resolver esse mistério, mais forte era o seu ressentimento, que subia por si acima, como b́ilis.

A maior parte do azedume girava em redor da mesa da cozinha, muitas vezes enquanto o cheiro a pão no forno pairava no ar. Uma vez, Shirin foi-se embora intempestivamente, aos gritos, «acabou-se!», mas, depois, voltou à hora do jantar. Doutra vez, foi Mona quem agiu assim. As discussões delas prendiam-se com Deus, religião, fé, identidade e, umas quantas vezes, com sexo. Mona acreditava em casar virgem — uma devoção que exigia a si própria e ao seu futuro marido —, enquanto Shirin troçava da ideia. Quanto a Peri, que não era nem devota da ideia de virgindade, nem tão confortável com a sexualidade como gostaria, ouvia-as, sentindo-se algures no meio, como lhe acontecia tantas vezes.

Numa quinta-feira à tarde, quando Peri regressou à casa de Jericho, encontrou Mona e Shirin a verem, mudas, uma cena de caos na televisão. A câmara andava aos sacões ao som de sirenes uivantes, vidros partidos, sangue no chão. Uma sinagoga na Tunísia tinha sido atacada por terroristas. Uma carrinha carregada de gás natural e explosivos fora detonada em frente do edifício, matando dezanove pessoas.

Mordendo a bochecha por dentro, Mona disse:

— Queira Deus que não tenha sido um muçulmano o autor do atentado.

— Deus não te vai ouvir — respondeu Shirin.

Mona lançou-lhe um olhar gélido. Quando falou novamente, a brandura desaparecera-lhe da voz.

— Estás a gozar comigo!

— Estou a gozar com a futilidade da tua prece — retorquiu Shirin. — Achas mesmo que podes alterar os factos, se rezares com muita força? O que aconteceu aconteceu.

A irritação mútua entre Mona e Shirin avolumava-se de minuto a minuto. A discussão que tiveram nessa noite foi a pior de sempre.

Peri retirou-se para o seu quarto sem jantar, atirou-se para cima da cama e tapou os ouvidos com as mãos, enquanto a gritaria continuava no andar de baixo.

«Amanhã de manhã», pensou, e esperou, «elas vão ter vergonha das coisas que disseram uma à outra».

O mais provável, porém, era deixarem o assunto para trás, até à discussão seguinte. Das três, Peri era a única que registava na memória cada palavra, cada gesto, cada mágoa. Desde a infância era uma arquivista zelosa, uma registadora de reminiscências dolorosas. Tratava a sua memória como se fosse um dever, uma

responsabilidade que tivesse de honrar até ao fim... embora sentisse que um fardo tão pesado poderia afundá-la, um dia.

Quando Peri era pequena, conseguia compreender a linguagem do vento, ler os sinais esculpidos em campos meio ceifados ou na neve que caía das acácias, cantar com a água que escorria de uma torneira. Até pensou que, um dia, conseguiria ver Deus com os seus próprios olhos, se tentasse simplesmente. Uma vez, enquanto passeava com a mãe, viu um ouriço-cacheiro que tinha sido atropelado por um carro. Insistiu em rezar pela alma dele, o que deixou Selma estupefacta. O Céu era um espaço pequeno e confinado, reservado a uns quantos eleitos. Os animais não eram aceites no Céu, explicou-lhe a mãe.

— E quem mais é que não pode ir para o Céu? — perguntou Peri.

— Os pecadores, os malfeitores, as pessoas que abandonam a nossa religião e se desviam do caminho do bem... e os suicidas. Nem sequer têm direito a uma prece fúnebre.

E, pelos vistos, os ouriços-cacheiros. O animal foi despejado no caixote do lixo. Nessa noite, Peri esgueirou-se de casa e tirou a criatura morta do recipiente malcheiroso. Não conseguira arranjar umas luvas e, quando tocou no corpo sem vida, estremeceu, como se algo tivesse passado do cadáver do animal para dentro de si. Cavou um buraco com as mãos, enterrou o ouriço e assinalou o lugar com uma lápide que fez com uma régua de madeira. Depois, rezou. Aos poucos, tornou-se uma das suas brincadeiras preferidas, coreografar funerais. Organizou enterros para abelhas mortas e pétalas murchas, borboletas de asas partidas e brinquedos estragados. Todos os proscritos do *Cennet*.

À medida que foi crescendo, aprendeu a reprimir as suas excentricidades, uma a uma. Todas as suas anomalias foram pulverizadas pela família, pela escola e pela sociedade, reduzidas a um insípido pó de banalidade. Excetuando o bebé na bruma. Mas ela sempre soubera que era *diferente*. Uma estranheza que tinha de fazer os possíveis por esconder; uma cicatriz que lhe ficaria para sempre inscrita na pele. Esforçava-se tanto por ser normal que, muitas vezes, não lhe sobrava energia para ser mais nada e acabava por se sentir desprezível. A dada altura, sem que ela se tivesse apercebido, a solidão deixara de ser uma escolha e tornara-se uma maldição. Um vazio dentro do seu peito, tão profundo e permanente que imaginava que só poderia ser comparado com a ausência de Deus. Sim, talvez fosse isso. Carregava dentro de si a ausência de Deus. Não era de admirar que lhe parecesse tão pesado.

O peão

Oxford, 2002

Peri atravessou Radcliffe Square de bicicleta, com um saco cheio de livros e um cacho de uvas que sobrara do almoço. Em frente à Câmara de Radcliffe, avistou Troy sentado num banco com um grupo de amigos, a falar animadamente. Quando ele viu Peri, soltou-se do grupo e dirigiu-se para ela.

— Olá, Peri. Ainda andas a estudar com o Azur?

— E tu... ainda andas a espiá-lo?

A maneira como ele revirou o lábio foi suficientemente expressiva.

— Esse tipo não devia ser autorizado a dar aulas numa instituição digna de respeito. Sabias que ele se está a borrifar para os alunos? A única coisa que lhe interessa é o ego dele.

— Os alunos gostam dele.

— Sim, claro. Sobretudo as alunas... A tua amiga, por exemplo, a Shirin. — Deu uma estranha sacudidela à cabeça, quando pronunciou o nome dela.

Peri fincou o tacão do sapato no cascalho.

— O que é que ela tem?

— Oh, deixa-te de coisas, como se tu não soubesses. — Ficou especado a olhar para ela. — É preciso dizê-lo com todas as letras?

— Dizer o quê?

Os olhos de Troy cintilaram.

— Que o Azur tem um caso com a Shirin.

Um silêncio conturbado abateu-se entre eles os dois, embora por pouco tempo.

— Mas ela foi aluna dele... — disse Peri, deixando as suas palavras esmorecerem.

— Ela andava enrolada com ele quando estava a fazer o seminário. Aposto que corrigiam os testes dela na cama, juntos.

Peri desviou os olhos. Nesse momento, viu o que lhe tinha passado despercebido durante todo esse tempo: o ódio que Troy sentia por Azur tinha muito ciúme à mistura. O rapaz estava apaixonado por Shirin.

— Às vezes, ela vai ao gabinete dele. Trancam a porta e ficam lá dentro vinte minutos a meia hora, dependendo do dia. Já os cronometrei, enquanto esperava lá fora.

— Para. — Peri sentiu o rosto aquecer.

— Eu sei que também vais ao gabinete dele. Já te vi.

— Para falar sobre o meu... — Peri fez uma pausa antes de acrescentar: — ... o meu trabalho.

— Mentirosa, não tens seminário com ele este período!

— Eu... eu tinha uma coisa importante para lhe dizer — explicou Peri.

Não lhe podia contar que tinha ido ao gabinete umas quantas vezes para falar sobre o bebé na bruma. Azur fizera-lhe dezenas de perguntas exaustivas sobre a primeira vez que vira o bebé e a maneira tão diferente como os pais dela tinham reagido. O medo do

jinn, a ida ao exorcista, as coisas que ela rabiscava no seu diário sobre Deus... Ela contara-lhe tudo, transformando as suas recordações de infância numa ponte que, esperava ela, lhe permitiria, um dia, alcançar o coração dele. Quando Azur se fartara, porém, desmontara a ponte e pusera fim aos convites para ela ir ao seu gabinete.

— Ainda não percebeste? — insistiu Troy. — O homem é um predador egocêntrico. Anda à procura de mentes jovens e corpos jovens para se alimentar.

— Tenho de me ir embora — disse Peri, numa voz sumida.

Assolada por uma terrível enxaqueca, passou por uma farmácia a caminho de casa. Desde que chegara a Oxford, já experimentara todos os analgésicos de venda livre. Percorreu os corredores familiares, abrindo junto das prateleiras cheias de contraceptivos em variedades que nunca vira em Istambul. Embalagens reluzentes, cores voluptuosas, designs grotescos, palavras fervilhantes. Passou-lhe pela cabeça que, se os pais tivessem usado um daqueles produtos, ela nunca teria nascido. Nem *e/e*. Teria sido um delicioso nada. Sem sofrimento, nem culpa, nada.

Demorara muitos anos a descobrir a verdade que os pais tinham cuidadosamente escondido de si, enquanto era pequena. Era verdade que Selma tinha tido uma gravidez inesperada numa idade tardia, mas dera à luz duas crianças e não uma. Uma menina e um menino. Peri e Poyraz: para a menina, o nome de uma fada feita de fio dourado e, para o menino, o nome do vento nordeste mais selvagem.

Quando tinham quatro anos, numa tarde quente e mormacenta, Selma deixou as crianças por breves instantes sozinhas no sofá, enquanto ia à cozinha. Estava a fazer doce de ameixa, uma das

suas especialidades. Tinham comprado a fruta em abundância no mercado local e havia algumas peças numa taça, em cima da mesinha de apoio, e as restantes estavam na bancada da cozinha à espera de serem cozidas, adoçadas e conservadas. O mundo estava tingido de roxo.

Entediada, Peri conseguiu descer do sofá para o tapete. Levou a mão às ameixas da taça, pegou numa, inspecionou-a com curiosidade e deu uma dentada. Demasiado ácida. Mudou de ideias. Deu-a ao irmão, que aceitou a prenda com júbilo. Aconteceu numa questão de segundos, apenas. Quando Selma voltou para a sala, o filho tinha deixado de lutar para respirar e o seu rosto estava da cor do fruto que lhe bloqueava a passagem do ar. Peri assistira a tudo, sem compreender, sem se mexer.

— Porque é que não me chamaste?! — gritou Selma à filha, em frente de familiares e vizinhos que se tinham reunido lá em casa, depois do funeral. — O que é que te passou pela cabeça? Viste o teu irmão morrer e não deste um ai. És má!

A distância entre elas nunca seria superada. Peri percebeu, no seu âmago, que a mãe a culparia sempre pela morte do seu irmão gémeo. «Qual é a dificuldade para uma criança de quatro anos de gritar por ajuda? Se ela me tivesse chamado, eu tê-lo-ia salvado.»

Entorpecimento. Era isso que Peri procurava acima de tudo. Se conseguisse simplesmente não sentir ou não se lembrar de nada... Mas, por mais que tentasse, o passado teimava em voltar e, com ele, a dor. A recordação dessa tarde acompanhava-a através do fantasma latente do seu irmão gémeo. E o mesmo acontecia com a culpa e a vergonha e o ódio a si mesma, que se lhe instalara no peito, como se fosse, não um sentimento, mas uma substância dura e física.

Nessa mesma noite, Peri encontrou Shirin na cozinha, a cortar tomate às rodelas para uma salada. Shirin estava a ter cuidado para não engordar, porque o seu peso oscilava como o seu estado de espírito. Mona saíra para jantar com uns familiares que tinham vindo de fora e ia chegar tarde a casa.

— Preciso de te perguntar uma coisa — disse Peri.

— Sim, força.

— Isto foi um plano do Azur? Partilharmos casa. A nossa amizade, desde o primeiro instante... foi ideia dele?

Shirin arqueou uma sobrancelha.

— O que é que te leva a pensar uma coisa dessas?

— Por favor não mintas... não me voltes a mentir — disse Peri.

— Isto é uma experiência dele, certo? O laboratório social do Azur.

— Uau, que conspiração! — Shirin atirou o tomate para dentro de uma taça com alface e acrescentou umas azeitonas. — O que é que tens contra o professor?

— Tenho a sensação de que ele gosta de interferir na vida dos alunos.

— Hum! — disse Shirin. — Se não o fizer, como é que pode ensinar? Como é que achas que os estudiosos ensinaram os seus discípulos, ao longo da História? Mestres e aprendizes. Filósofos e os seus protegidos. Anos de trabalho árduo e disciplina. Mas nós esquecemo-nos de tudo isso. Atualmente, as universidades dependem de tal maneira do dinheiro que os estudantes que têm capacidade de pagar propinas são tratados como se fossem da realeza.

— Ele não é nosso mestre e nós não somos as aprendizas dele.

— Pois eu sou — retorquiu Shirin, pegando nos talheres e começando a mexer a salada. — Eu sou uma discípula devota.

Peri ficou calada, sem saber o que responder.

— O respeito que sentimos pelo Azur é a única coisa que a Mona e eu temos em comum. O que é que se passa contigo? Pensei que gostasses do professor.

Peri sentiu as faces enrubescerem; detestava o facto de ser tão transparente.

— Preocupa-me que ele espere demasiado de nós e que não consigamos estar à altura das expectativas.

— Ah, estás com medo de o desiludir — concluiu Shirin, com um sorriso cúmplice, pegando na taça e dirigindo-se para o quarto. — Então, não o desiludas.

— Espera — pediu Peri.

Tinha a boca seca. Temia as consequências, se revelasse a pergunta que andava a roê-la por dentro e, no entanto, tinha de a fazer.

— Tens um caso com ele?

Shirin, a meio das escadas, deteve-se. Pondo uma mão na balaustrada, fixou a amiga, com os olhos como bolas de fogo.

— Se me perguntas isso por paranoia, o problema é teu e não meu. Se me perguntas isso por ciúmes, mais uma vez o problema é teu e não meu.

— Não é nem por paranoia nem por ciúmes — respondeu Peri, incapaz de baixar a voz.

— A sério? — Shirin riu-se. — No Irão, a *Mamani* ensinou-me um provérbio: «Quem se faz de rato será comido por gatos.»

— O que é que estás a querer dizer?

— Para não te meteres na minha vida, Ratito, senão como-te viva.

Dito isso, Shirin subiu intempestivamente o resto dos degraus, deixando Peri na cozinha, a sentir-se pequenina e insignificante.

Detestava Azur! A arrogância dele. A temeridade. A indiferença com que a tratava a si, enquanto namoriscava com Shirin e sabia-se lá com quem mais. Sentiu-se tonta; dentro da sua alma, girava uma roda de ódio, rodopiando desgovernadamente. Criara expectativas tão altas em relação a ele. Com a sua sabedoria e visão, ele indicarlhe-ia o caminho para sair do dilema que a atormentava desde a infância. Mas não, ele não fizera nada disso.

Acima de tudo, detestava-se a si própria: a sua mente atormentada, que gerava ansiedades e pesadelos em vez de pensamentos felizes; o seu corpo inapropriado, que ela suportava como um fardo diário, incapaz de se deleitar com os seus prazeres; as suas feições insípidas, que tantas vezes desejara trocar com as de outra pessoa qualquer... com o seu irmão gêmeo, por exemplo. E porque é que ele morrera e ela sobrevivera? Seria mais um dos terríveis erros de Deus?

Tinha a certeza de que não conseguiria ser nem como Shirin — ousada, confiante — nem como Mona — crente, resiliente. Estava cansada de si própria, magoada com o passado, receosa do futuro. Negra de espírito, confusa por natureza, tímida como um tigre recém-nascido, mas incapaz de fazer jus ao seu lado selvagem... Ninguém podia imaginar como era esgotante ser Peri. Quem lhe dera adormecer e acordar transformada noutra pessoa. Ou melhor, nem sequer acordar.

Nessa noite, o bebé na bruma voltou a aparecer. A mancha roxa na face parecia ter aumentado. Verteu lágrimas roxas nos lençóis da cama dela. Uma cor escura e intensa espalhou-se a toda a volta, remanescente de ameixas maduras. O bebé não parava de falar na

sua linguagem truncada, urgindo-a a fazer algo que há muito já deveria ter feito. Dessa vez, Peri compreendeu o que ele lhe dizia e acedeu. Talvez reencontrasse o malfadado ouriço-cacheiro. O que seria feito do animal, do seu corpo, da sua alma? Descobriria, em primeira mão, o que acontecia às criaturas a quem era recusada a entrada no paraíso divino.

A passagem

Istambul, 2016

Quando Peri saiu para o terraço, para ligar a Shirin, reparou que estavam duas pessoas encolhidas a um canto e, embora se encontrassem meio na sombra, era impossível não as reconhecer: o homem de negócios e o administrador do banco. De ombros curvados, cabeças baixas, olhos fixos no chão, pareciam estar a discutir um assunto de uma certa gravidade.

— E, então, que vais fazer? — perguntou o administrador.

— Ainda não decidi — respondeu o homem de negócios, cuspendo uma pluma de fumo de charuto. — Mas juro por Deus que vou fazer aqueles cabrões pagar pelo que fizeram. Vão perceber com quem se meteram.

— Certifica-te de que não há nada por escrito — aconselhou o administrador.

Os dois homens não tinham visto Peri parada junto da porta. Discretamente, ela afastou-se, com a cabeça tonta devido ao que acabara de ouvir. As fotografias emolduradas que vira no escritório e que exibiam os laços dele com líderes corruptos e ditadores do Terceiro Mundo; os rumores em como ele desviava fundos públicos; a sua ligação a chefes da máfia... tudo encaixava. Os negócios do

seu anfitrião eram duvidosos e ela desconfiava que vários convidados do jantar — incluindo, porventura, o seu marido — sabiam disso. Não iam, contudo, deixar que uma reputação dúbia interferisse com um bom serão passado na companhia de um homem rico e poderoso. Em que momento é que uma pessoa se torna cúmplice de um crime: quando participa de maneira ativa no seu processo ou quando finge, passivamente, não saber de nada?

Havia uma pequena passagem entre a cozinha e a sala de estar, com um espelho ao longo de uma parede. Peri postou-se aí, nesse espaço estreito, agarrada ao telemóvel como se tivesse receio de que alguém lho tirasse. Sempre que uma empregada entrava ou saía pela porta de vaivém, ela espreitava para dentro da cozinha; o chefe estava a picar alho, batendo com a faca na tábua de madeira ao ritmo de um fandango. O fulano parecia cansado, irritado. Depois da comida toda que tinha preparado, acabavam de lhe pedir para cozinhar uma sopa de tripas, como cura para os efeitos do consumo de álcool, segundo a tradição de Istambul.

Peri viu o chefe murmurar qualquer coisa ao seu assistente, que lançou a cabeça para trás, rindo-se. Tinha a certeza quase absoluta de que eles haviam escutado tudo o que fora dito à mesa e feito troça de toda a gente. A porta fechou-se, separando-a do mundo animado da cozinha. A sós no corredor, foi invadida por uma sensação familiar de pânico. Ousar fazer uma coisa que foi adiada durante demasiado tempo era como mergulhar num mar gelado. Se hesitássemos um mero segundo, perderíamos a coragem. Rapidamente, marcou o número de Shirin. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Olá, Shirin... É a Peri.

Uma inspiração profunda.

— Sim, eu sei.

A voz dela não tinha mudado absolutamente nada: o mesmo tom ríspido, ressonante, confiante.

— Já lá vai algum tempo — disse Peri.

— Nem quis acreditar quando ouvi a tua mensagem — respondeu Shirin. Depois, mais branda: — Tem piada, eu tinha ensaiado este momento. Planeado o que diria, se alguma vez voltasses a ligar, mas agora...

— O que é que dirias? — perguntou Peri, passando o telemóvel para o outro ouvido.

— Acredita que é melhor nem saberes — respondeu Shirin. — Porque é que não telefonaste antes?

— Tive medo de que ainda estivesses irritada.

— E estava — confirmou Shirin. — Continuo sem perceber, sem te perceber *a ti*. Foi uma loucura o que fizeste a ti própria... e a ele. Nem sequer lhe pediste desculpa.

— Nós tínhamos feito um acordo — disse Peri. As palavras, à semelhança de cada centímetro do seu corpo, pareceram-lhe frágeis, quebradiças. — Ele obrigou-me a prometer que nunca lhe pedia desculpa, acontecesse o que acontecesse.

— Tretas.

Peri engoliu um suspiro.

— Eu era muito nova.

— Eras uma ciumenta, isso sim.

Peri fez um sinal de assentimento para si.

— Era... era, sim.

A porta da cozinha abriu-se; saiu uma empregada, apressada, com uma bandeja grande cheia de tigelas fumegantes. Um cheiro intenso a alho e vinagre bafejou as narinas de Peri.

— Onde é que estás? — perguntou Shirin.

— Numa festa, numa mansão à beira-mar. Aquários, carteiras de marca, charutos bem grossos, trufas... las detestar.

Shirin riu-se.

— Tive um dia tão bizarro — contou Peri. Agora que já começara a falar, as palavras fluíam-lhe sem esforço. — Fui assaltada. Podia ter matado o sacana. — Não disse que ele tinha tentado violá-la. Se Shirin tivesse passado por uma experiência semelhante, tê-la-ia partilhado, sem qualquer vergonha. Eram tão diferentes, em novas; e continuavam a sê-lo. — Ele encontrou uma fotografia nossa que eu guardo na carteira.

— Andas com uma fotografia nossa na carteira? — perguntou Shirin. — Qual?

— Lembras-te daquela que tirámos à frente da Biblioteca Bodleiana, no inverno? — Peri não esperou pelo comentário de Shirin. — Tu, a Mona e eu... e o Professor Azur. Durante estes anos todos, convenci-me de que tinha deixado Oxford para trás, mas tenho andado a enganar-me a mim própria.

— Nunca percebi como é que pudeste perder o interesse pelos estudos. Eras uma aluna brilhante.

— As pessoas mudam... — respondeu Peri. — Tenho filhos, marido... — Fez uma pausa. — Sou dona de casa, membro de uma obra de beneficência. Organizo festas para receber o patrão do meu marido... exatamente o tipo de mulher em que sempre tive pavor de me transformar. Uma versão moderna da minha mãe. E sabes que mais? Eu gosto... pelo menos, a maior parte do tempo.

— Andaste a beber? — perguntou Shirin.

— Mais do que devia.

Um riso baixinho como um leve restolhar de folhas. Se Shirin disse mais alguma coisa, Peri não ouviu, porque, nesse instante, o médium passou por si, de braço dado com a anfitriã, tendo inspecionado a casa toda à caça do mau-olhado. Virou-se de lado e olhou para Peri com um ligeiro revirar de lábios, como soubesse com quem ela estava a falar.

— Os teus gémeos estão bons? — perguntou Shirin.

— Como é que sabes que tenho gémeos?

— Ouvi dizer. — Peri não teve dificuldade em adivinhar quem era a fonte; ao longo dos anos, tinham ambas mantido o contacto, em separado, com Mona.

— Estão cada vez mais crescidos. A minha filha lançou-se numa guerra fria contra mim. Até ver, está a ganhar.

Shirin soltou um suspiro de empatia. Estava a ser simpática... muito mais simpática do que Peri esperava.

— Como é que vai tudo aí em casa? — perguntou Peri. Também ela tinha ouvido histórias. Sabia que Shirin e o seu parceiro de longa data — um advogado de defesa dos direitos humanos — tinham perdido a conta à quantidade de vezes que se haviam separado e voltado a juntar.

— Bem... na verdade, estou grávida. O bebé nasce em maio.

Então, era isso. As hormonas. Shirin estava prestes a ser mãe. Encontrava-se numa fase em que o perdão surgia mais naturalmente do que o rancor. Era difícil uma pessoa guardar velhos ressentimentos quando se preparava para acolher uma nova vida.

— Parabéns, que notícia maravilhosa — disse Peri. — Fico muito feliz por ti. Menino ou menina?

— Menino.

— Já escolheste o nome? — perguntou Peri, e adivinhou imediatamente a resposta.

— Acho que já sabes que nome lhe vou dar — respondeu Shirin. Seguiu-se um brevíssimo silêncio. Um vestígio de inimizade infiltrou-se no silêncio, como fumo de um velho samovar. — Odiei-te durante tanto tempo que já se me esgotou o ódio.

— E o Azur? O que é que ele sente em relação a mim?

Tinham passado quase catorze anos desde a última vez que falara com ele. Por vezes, Peri ficava na dúvida se a presença do professor na sua vida teria sido tão forte como se lembrava, de tal maneira ele se esbatera por completo no passado.

— Descobre por ti. Ele deve estar em casa neste momento. Tens uma caneta?

Apanhada de surpresa, Peri olhou em redor.

— Espera um segundo.

Abriu a porta da cozinha, de telemóvel colado à orelha, e com a mão enfaixada, fez um gesto de quem escreve. O chefe deu-lhe uma caneta de tinta permanente que tinha no bolso do casaco e uma página de uma bloco de notas que estava colado no frigorífico.

— Obrigada — agradeceu Peri, baixinho.

Shirin repetiu o número, mais para ter qualquer coisa para dizer do que por ser necessário. Acrescentou:

— Liga-lhe.

Nesse instante, o toque da campainha no andar de baixo ecoou pela mansão inteira. Uma empregada saiu a correr da cozinha para ir ver quem era. Parecia levar comida escondida na mão. Peri perguntou-se se os empregados teriam podido provar algum dos pratos fabulosos que tinham servido; se teriam sequer jantado.

Ouviu-se um estrondo súbito: uma porta aberta a bater contra uma parede, seguida de uma sucessão de ruídos: um guincho, abafado; passos, precipitados e pesados.

— Tenho saudades tuas — disse Peri, involuntariamente.

— Também tenho saudades tuas, Ratito.

Do corredor, Peri viu, no lado oposto da sala de estar, dois homens entrarem de rompante, com as caras tapadas por lenços pretos e de metralhadora nas mãos. Um deles gritou, em altos berros:

— Toda a gente de pé!

— O que é que se passa? — gritou a mulher de negócios.

— Cala-te! Obedeçam-nos, imediatamente!

— Não podem falar comigo assim...! — A mulher de negócios emitiu um som abafado e asfíxiante. O marido ainda devia estar no terraço.

— Mais uma parvoíce e eu juro por Deus que se vão arrepender!

O clique metálico de um gatilho. Era a segunda vez na vida que Peri via uma arma de tão perto. Ao contrário daquela com que o seu irmão Umut fora apanhado, as armas dos saqueadores eram grandes e verde-escuras.

— Estás aí, Ratito? — perguntou Shirin.

Peri não podia responder. Nem uma palavra. Muito devagar, silenciosa como o nevoeiro que avançava sorrateiramente vindo do Bósforo, desligou.

O copo de xerez

Oxford, 2002

O alojamento do reitor ocupava um lado inteiro de um edifício do século xv. Azur dirigiu-se para a porta preta e polida e tocou à campainha. Uns segundos depois, um empregado mais velho apareceu e mandou-o entrar para o átrio amplo.

— Faça o favor, senhor professor, siga-me — disse o homem, conduzindo Azur ao longo de umas escadas de carvalho isabelinas, através de um comprido corredor apainelado até ao gabinete do reitor.

Lá dentro, o reitor estava ocupado a organizar a sua papelada — a prioritária no tabuleiro marfim; a importante, mas menos urgente, no tabuleiro castanho, e tudo o resto no amarelo — como fazia sempre que tinha uma reunião que preferia não ter. Ia ser uma conversa difícil e precisava de ordenar as ideias. Entretanto, concentrou-se em arrumar a secretária. Os post-its, o agraphador, o abre-cartas de madrepérola com o cabo de prata... Guardou os lápis — todos afiados na perfeição — numa caixa cilíndrica de couro, uma prenda da sua filha.

Uma pancada seca na porta arrancou-o aos seus pensamentos.

— Entre.

Azur entrou, envergando um casaco de veludo, de um roxo profundo e intenso, perfeito. Por baixo, levava uma camisola de gola alta de um tom mais claro. O cabelo estava, como sempre, estudadamente desgrenhado.

— Bom dia, Leo. Há quanto tempo.

— Azur, que bom ver-te — respondeu o reitor, numa voz educada e afetuosa, mas tensa. — Há quanto tempo, sim. Estava a pensar em tomar um chá. Fazes-me companhia ou... que horas são?... preferes um copo de xerez?

Azur nunca adotara o hábito dos professores de tomar xerez ao fim da manhã, mas nesse dia pensou que ele, ou o reitor, talvez precisasse de uma bebida mais forte.

— Sim, pode ser.

Daí a uns segundos, apareceu um empregado ainda mais velho, com um semblante reservado como que esculpido em pedra e as costas curvadas pelos anos de serviço. Tal como os retratos nas paredes e as cadeiras de carvalho góticas junto da janela, era difícil imaginar uma época em que ele não tivesse feito parte da universidade.

Durante uns momentos, os dois homens observaram o empregado, com um braço atrás das costas e a mão a tremer, a servir o xerez com uma angustiante lentidão. Garrafa de prata, copos de cristal, amêndoas com sal.

— Li a entrevista que deste recentemente ao *Times*, muito boa — comentou o reitor, quando ficaram novamente a sós.

— Obrigado, Leo.

Seguiu-se um silêncio constrangido.

— Sabes que te admiro imenso — disse o reitor. — Temos sorte por podermos contar contigo como professor. E eu gostava muito da

Anissa.

— Obrigado, mas não me chamaste para me falares sobre a minha falecida mulher — atalhou Azur. — Conheço-te há tempo suficiente para saber quando estás aborrecido. O que é que se passa, diz lá?

O reitor pegou nos seus blocos de post-its. Tinha-os ordenado por cores: os laranjas, os verdes, os rosas. Sem levantar os olhos para Azur, murmurou:

— Surgiram queixas acerca de ti.

Azur perscrutou o reitor: o cabelo grisalho nas têmporas, a testa enrugada, a contração nervosa da boca; os traços, sem tirar nem pôr, do funcionário da Tesouraria que em tempos foi.

— Não precisas de pôr paninhos quentes — disse.

— Não, claro que não. Nem me passaria pela cabeça fazê-lo. Sempre que foste atacado, e sabe Deus que isso já aconteceu umas quantas vezes... quer por causa das tuas opiniões quer devido ao teu estilo de ensino... Isto é, és popular, mas nem toda a gente gosta de ti, sabes disso certamente... Enfim, sempre te apoiei, este tempo todo.

— Eu sei — respondeu Azur calmamente.

O reitor construiu uma pequena torre com os blocos de post-its.

— Fiquei do teu lado, porque acreditava na tua integridade intelectual. Respeitava o teu empenho no conhecimento e na objetividade. — Um suspiro. — Porquê, pergunto-te eu, porque é que incomodaste tanta gente?

Estudantes em lágrimas, protestos orais e escritos contra Azur e os seus métodos de ensino, acusando-o de pressionar demasiado os alunos, de expor as fraquezas deles, de os humilhar em frente dos colegas, de ser ostensivamente controverso e ofensivo.

— Ofensivo — disse o reitor em voz alta.

— Eles têm de aprender a não ficar ofendidos — explicou Azur.

— Não estamos no jardim de infância. Estamos numa universidade. Está na hora de crescerem. Não podem ser mimados e tratados nas palminhas das mãos para sempre. Os nossos alunos têm de aprender a lidar com as coisas, com as merdas que acontecem.

— Sim, mas não é propriamente essa a tua função.

— Eu acho que é.

— A tua função é ensinar-lhes Filosofia.

— Precisamente!

— A Filosofia dos manuais.

— A Filosofia da *vida*.

Mais um suspiro.

— Eles não podem andar por aí a sentir-se ofendidos e pressionados até ao limite. Tenho demasiadas queixas de alunos. — O reitor derrubou a torre de blocos de post-its. — Mas há mais uma coisa... importante.

— O que foi?

— Uma aluna.

As palavras ficaram a pairar no ar, recusando-se a dissolver-se.

— Dizem que andas metido com algumas das alunas — informou o reitor.

— Isso não é da conta de ninguém, pois não? Desde que não me esteja a aproveitar de ninguém... nem a permitir que se aproveitem de mim.

O reitor abanou a cabeça.

— Do ponto de vista moral, essa questão é discutível.

— Isto tem que ver com a Shirin? Ela não é minha aluna, como deves saber. Foi, mas já não é.

— Hum... Não, não é esse o nome da rapariga.

Azur franziu o sobrolho, desconcertado.

— De quem é que estás a falar?

— De uma aluna turca. Está na tua turma. — O reitor levantou os olhos cansados. — Tentou suicidar-se ontem à noite.

Azur empalideceu.

— A Peri? Oh, meu Deus! Ela está bem?

— Sim, está tudo bem... a juventude! — exclamou o reitor. — Uma overdose de paracetamol. Tem um fígado resistente.

— Eu nem acredito... — Azur afundou-se na cadeira, com o rosto completamente destituído do seu habitual vigor.

— A história que contam por aí é que tiveste um caso com ela... e depois a largaste.

Azur inspirou fundo como se tivesse levado um soco.

— Ela disse isso?

— Bom, não propriamente. A rapariga não está em condições de falar, neste momento — explicou o reitor. — Foi aquele rapaz que te pôs um processo, o Troy... Ele ameaçou falar com a imprensa. Parecia muito agitado. Tenho um depoimento dele, por escrito.

— Posso lê-lo?

— Infelizmente, não. Tem de passar pela Comissão de Ética.

— Eu garanto-te que não aconteceu nada entre mim e a Peri. Basta perguntares-lhe. Tenho a certeza de que ela te dirá a verdade.

— Ouve, és um ótimo professor, mas, acima de tudo, és docente nesta universidade. Não podemos deixar que o bom nome da instituição seja posto em causa. Certamente tens noção de que fizeste muitos inimigos ao longo dos anos. — O reitor bebeu um gole de xerez. — Estás a imaginar os média... vão regalar-se com esta história, são uns canibais.

— O que é que estás a sugerir?

— Bom... podias considerar a hipótese de fazer um breve interregno. Suspende as aulas durante uns tempos. Deixar que o assunto esmoreça e que a comissão termine o inquérito. Assim que a aluna fizer o depoimento, tudo ficará bem. Até lá, temos de pôr a tampa nesta... coisa.

Azur fixou-o intensamente, esquadrinhando-o. Depois, levantou-se.

— Leo, conheces-me há muito tempo, nunca me comportei de uma maneira que não fosse ética.

O reitor também se pôs de pé.

— Ouve...

— O depoimento do Troy está errado, garanto-te que está. O que é que a Anaïs Nin disse? «Não vemos as coisas como elas são. Vemo-las como somos.»

— Pelo amor de Deus, a Anaïs Nin é a última pessoa que deverias citar nestas circunstâncias.

— Eu vou esperar que a Peri diga a verdade — retorquiu Azur. Depois, abanou a cabeça. — Coitada da miúda, que diabo de ideia...

Dito isto, retirou-se. Como fazia parte dos quadros da universidade, com certeza não o poderiam mandar embora, se não quisesse ir. Contudo, embora não se importasse com o que as pessoas pensavam dele, nem sequer naquele momento, no seu âmago sabia que se tornara um motivo de embaraço para a universidade. Sentia a cabeça a latejar como se tivesse alguma coisa há muito tempo presa dentro dela a tentar parti-lhe o crânio para fugir. Com passadas rápidas e ritmadas, saiu do edifício e enfrentou a chuva, que caía sem parar desde manhã cedo.

O som da ausência de Deus

Oxford, 2002

Quando Peri recuperou os sentidos num quarto do Hospital John Radcliffe, não percebeu imediatamente onde estava. As cores eram demasiado fortes, agressivas: o branco dos lençóis demasiado imaculado, os azuis das cobertas demasiado alegre. O cinza do céu, do lado de fora da janela, lembrou-lhe os pedaços de chumbo que a mãe derretia contra o mau-olhado. Ouvia murmúrios dentro da sua cabeça, preces fúteis. Apreensiva, tentou fechar os olhos outra vez, desejando que o som desaparecesse, mas a doente ao seu lado — uma mulher de aproximadamente sessenta anos — parecia desejosa de falar.

— Aleluia, rapariga, finalmente acordaste! Pensei que ias dormir para sempre.

Falando com um entusiasmo vivaz, a senhora disse que tinha sido casada durante quarenta anos e fora internada tantas vezes que já conhecia o nome de todos os funcionários. A voz dela preenchia o quarto como um balão a inchar, aumentando a pressão nos ouvidos de Peri.

— Então, e tu, rapariga? Foi a primeira vez ou és recidivista?

Peri pigarreou ao sentir um sabor horrível a químicos chegar-lhe à boca. Tentou a voz e abanou a cabeça, incapaz de falar. Encolhendo-se nos lençóis, virou o rosto para a janela. Fragmentos da véspera começaram a vir-lhe à mente. O que é que fizera?

Uma lágrima escorreu-lhe pela face, quando se lembrou do pai e recordou as suas palavras: «És a minha filha inteligente. Só tu de entre os meus filhos podes fazer isto. Os estudos salvar-te-ão e tu salvarás a nossa família destrozada. Jovens como tu resgatarão este país do seu atraso.» A criança de sonho, mandada para Oxford para dar orgulho aos Nalbantoğlus, brindara-os, ao invés, com humilhação e fracasso. Sem se aperceber, Peri começou a soluçar tanto e tão ruidosamente que a outra doente, temendo pela sua sanidade mental, carregou no botão de emergência e chamou a enfermeira. Minutos depois, deram a Peri um líquido cor de pêssego, que tinha um cheiro horroroso, mas, estranhamente, era desprovido de sabor. Enterrou a cabeça na almofada, com as pálpebras pesadas de exaustão.

No seu estado de semidelírio, o único rosto que via recorrentemente era o do bebé na bruma. Onde estava, agora que ela precisava dele? Teria uma existência e uma vontade independente dela, ou seria simplesmente uma ilusão criada por uma mente atormentada pela culpa?

No dia seguinte de manhã, Peri teve a sua primeira consulta com o psiquiatra. Era um médico jovem, com um sorriso amável e generoso. Não está sozinha, disse ele. Trabalhariam em equipa. Ele dar-lhe-ia as ferramentas com as quais ela poderia construir uma nova Peri; ela seria uma arquiteta da sua alma. A autora de si

própria. Ele tinha a mania de fazer demasiadas pausas e terminar todas as frases com a pergunta: «Parece-lhe bem?» Explicou que o tratamento não faria com que os pensamentos autodestrutivos desaparecessem, mas ensiná-la-ia a lidar com eles, caso voltassem. Pela maneira como falou, parecia que as tendências suicidas eram como o tempo, como um aguaceiro forte. Não podíamos evitá-lo, mas, se soubéssemos abrigar-nos da chuva, seríamos menos afetados.

— Mais uma coisa — disse ele. — Quando estiver pronta, sem qualquer pressão, possivelmente vão-lhe fazer umas perguntinhas sobre um certo professor. Parece que ele é acusado de intimidar alunos, incluindo a Peri, em frente de toda a gente. A universidade está a investigar estas alegações... para o seu bem e para o bem de outros alunos. Quando estiver pronta, sem pressa. Parece-lhe bem?

Peri sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Então, pensavam que tinha sido Azur quem desencadeara a sua tentativa de suicídio. Apesar de ter ficado estupefacta com a ideia, não disse nada.

A metasequoia

Oxford, 2002

Na manhã em que deveria comparecer perante a comissão, Peri sentou-se sozinha no Jardim Botânico, à saída de Magdalen Bridge. Sempre que ali ia, tinha a sensação de passear num dos seus lugares preferidos da infância, de tal modo se sentia à vontade naquele espaço. Uma metasequoia com quase vinte metros de altura erguia-se sobranceira ao banco onde ela estava sentada. A árvore, que anteriormente só era conhecida através de fósseis, tinha sido encontrada a crescer num longínquo vale chinês. Ela adorava essa história mágica de descoberta botânica.

Com o Sol nas costas, puxou as pernas para si e os joelhos para o queixo, sentindo uma estranha calma entre as plantas e as árvores raras. Na mão, tinha uma chávena de café, que encostou à face; o calor reconfortou-a como a carícia de um amante.

A voz de Shirin ressoou-lhe nos ouvidos. «Porque é que fazes de ti uma pessoa sempre tão infeliz, Ratito? Porquê essa cara triste e cansada? Parece que uma pessoa de noventa anos se apoderou de ti. Quando é que aprendes a divertir-te um bocado?»

Contudo, Azur dizia que a melhor maneira de abordar «a questão divina» era através da solidão e não da religiosidade nem do

ceticismo. Havia uma razão para todos os ascetas e eremitas se terem isolado no deserto para levarem a cabo a sua demanda espiritual. Na companhia de outras pessoas, mais depressa comungávamos com o diabo do que com Deus, argumentava Azur. Era uma piada, claro... embora, com Azur, uma pessoa ficasse sempre na dúvida.

Sim, ela testemunharia a favor dele. Devia-lhe isso. Ele contribuíra efetivamente para a sua infelicidade — um amor não correspondido era a última coisa de que ela precisava na vida —, mas ele não podia ser responsabilizado pela sua tentativa de suicídio. Além disso, estava-lhe grata. Ele abrira-lhe outra dimensão na sua consciência que, sem ela se dar conta, estivera dormente. Azur esperava, não, *exigia*, que os alunos encarassem os seus preconceitos culturais e pessoais e, em última instância, se livrassem deles. Era um professor extraordinário, um estudioso íntegro. Conseguira abaná-la, motivá-la, desafiá-la. Ela trabalhara com mais afínco para o seminário dele do que para qualquer outro. Ele mostrara-lhe a poesia que existia na sabedoria e a sabedoria que existia na poesia. Nos seus seminários, todos eram bem-vindos e tratados de igual maneira, independentemente das suas origens e opiniões. Se havia uma coisa sagrada para Azur era o conhecimento.

Peri adorava a maneira como os últimos raios do Sol tingiam de dourado os cabelos dele e o modo como os olhos cintilavam, quando a sua mente se entusiasmava a falar sobre um livro ou um filósofo prediletos. Ela adorava o amor que ele nutria pelo ensino, que às vezes parecia mais forte ainda do que a sua vontade. Havia tantos professores que lecionavam sempre o mesmo programa, todos os anos, enquanto ele improvisava a cada aula. No universo

de Azur, não havia rotinas, somente riscos que valia a pena correr. Lembrou-se de ele citar Chesterton: «A vida parece um nadinha mais matemática e regular do que é; a sua exatidão é óbvia, mas a sua inexatidão esconde-se da vista; o seu lado selvagem encontra-se à espreita.»

Contudo, por muito embeijada que estivesse por ele, abominava o seu ar de superioridade, o seu orgulho inchado, a arrogância que o infundia de cima a baixo. Ele menosprezava as preocupações dos outros, incutia à força nos alunos a sua própria opinião, exercendo uma forma de poder sobre eles, magoando-os amiúde.

Imaginou a mão dele a passar nos cabelos de Shirin e a deslizar-lhe pelo pescoço abaixo... era insuportável. A ideia deles juntos... a conversar, a rir, a fazer amor. Eram essas imagens que desfilavam sem parar na sua mente, quando deitava a cabeça na almofada, à noite. Azur era tão próximo de Shirin, enquanto consigo se mantivera distante e inacessível. Só quando soubera dos episódios sobrenaturais que ela tivera com o bebé na bruma é que lhe prestara mais atenção. Para ele, Peri fora apenas mais uma experiência científica, mais uma fonte de curiosidade. Rapidamente perdera o interesse nela, como uma criança mimada com um brinquedo novo. Ela detestava a ganância que ele fundia com um espírito de investigação, a vaidade que escondia por detrás da pesquisa académica. Não sabia qual das duas coisas a angustiava mais: se o facto de ele ter andado a dormir com Shirin às escondidas, ou de se ter recusado a amá-la a si da mesma maneira. Azur entrara de rompante na sua vida e deixara destruição na sua esteira. Sim, testemunharia contra ele.

Shirin e Mona tinham ficado profundamente chocadas quando souberam da tentativa de suicídio de Peri. Assim que tiveram

autorização para a visitar, tinham ido ao hospital, sem lhe levarem nada, apenas a sua consternação gravada no rosto. Estavam empenhadas em descobrir porque é que ela fizera uma coisa daquelas, uma pergunta à qual Peri não sabia como responder. Shirin implorara-lhe que apresentasse argumentos em defesa de Azur. Pedira-lhe para salvar o seu querido professor. Seria por Shirin confiar nela e a considerar uma amiga querida, interrogou-se Peri; ou seria simplesmente por pensar que ela, o Ratito, era fácil de manipular?

«Sê objetiva», disse a si própria. «Separa os teus sentimentos dos factos, deves pelo menos isso ao Azur. Certifica-te de que não é a emoção que te move. Ele ensinou-te a fazer essa destrinça.» Quanto ao envolvimento dele com Shirin, enfim, eram ambos maiores e vacinados, nenhum estava a aproveitar-se do outro. Quanto aos motivos de Troy para o destruir, seriam inteiramente altruístas?

Num banco do Jardim Botânico, cada pergunta que lhe trespassava a mente conduzia a outra ainda mais complicada. O psiquiatra dissera-lhe que era melhor só tomar decisões sérias quando se sentisse melhor, mais forte. Mas como é que podia fazer isso naquelas circunstâncias? Peri sentia-se perdida; a fina corda que a amarrava partira-se e ela estava à deriva em águas desconhecidas, sem saber em que direção nadar. Daí a pouco, compareceria perante os membros da comissão. O que é que lhes diria? Que tipo de coisas poderiam eles perguntar-lhe? Os seus sentimentos rodopiavam, e tão depressa que ela não sabia se conseguiria transpô-los para palavras, muito menos em frente de estranhos e numa língua que não era a sua.

Consultou o relógio. Com o coração a bater com tanta força que parecia capaz de lhe saltar do peito, levantou-se e começou a dirigir-se para o edifício onde a reputação do Professor Azur seria julgada.

Envolto na tranquilidade do seu gabinete, Azur estava sentado à secretária, especado a olhar pela janela. Tentou não deixar que a sua mente se focasse demasiado no resultado da reunião da comissão. Sentia um peso terrível na consciência só de pensar que pessoas que gostavam de si poderiam ser prejudicadas por sua causa. Sabia que Shirin seria bombardeada com perguntas sobre o seu envolvimento amoroso. Ela tentaria camuflar a verdade, para o proteger. Em vão, porque ele já decidira contar tudo sem rodeios. Não tinha nada a esconder. Não fizera nada de errado.

Troy também seria convocado. Despejaria o chorrilho de mentiras a que chamava verdade. Nunca gostara daquele rapaz. Dissimulado. Fizera bem em pô-lo fora da turma. Ao longo dos anos, ouvira muitas histórias de alunos e professores que entravam em conflito por causa de definições políticas, perspetivas históricas e coisas afins. Da sua parte, raramente se incomodara com diferenças de opinião. Todos os anos, recebia uns quantos casos difíceis, alunos que queriam mostrar que eram espertos, especiais, muito melhores do que os colegas. E isso não tinha mal. O que o irritara fora a atitude de Troy nas aulas. Mandava nos outros alunos, fazia troça das pessoas com as quais não concordava, chamava-lhes nomes, seguia-as depois das aulas e intimidava-as com as suas opiniões sobre Deus. A princípio, pensara que a presença de Troy incitaria toda a gente a pensar com mais clareza, mas rapidamente

se tornara claro que a maior parte dos alunos se sentia intimidado por ele. Por isso, expulsara-o da turma, deixando o rapaz a sentir-se excluído, hostil e perigosamente vingativo.

Azur tinha noção de que os seus críticos, que eram muitos, estavam a esfregar as mãos de contentamento, entusiasmados com a ideia de haver um escândalo em torno dele. Alguns desejavam abertamente que fosse despedido. Havia um certo tipo de pessoa que se rejubilava com a infelicidade das outras, o que era tão disparatado como alguém pensar que encheria o estômago com a fome de outrem.

E Peri... a linda, tímida, frágil, autocrítica Peri. O que diria ela? Não estava preocupado com o depoimento de Peri. No fim de contas, as acusações em relação a ela eram infundadas e tinha a certeza de que a rapariga seria objetiva, sincera. O seu testemunho seria, se não a favor dele, pelo menos a favor da verdade, o que ia dar ao mesmo.

Azur tinha nas mãos uma balança imaginária, com os prós e os contras do seu caso em cada palma. Contra si: pressionar os alunos com trabalhos que alguns poderiam considerar condenáveis, inclusive ofensivos; fazer com que alguns se fossem abaixo nas aulas e desmoronassem psicologicamente; e, claro, ter um caso com a irresistível Shirin. Em sua defesa: a sua longa carreira de docente, investigador e o seu trabalho; o seu contributo para a vida intelectual e académica; a assiduidade com que publicava livros e artigos; e o facto de Shirin — a única questão «moral» do seu processo — não ser sua aluna quando se envolveram romanticamente.

Apesar do esforço de Troy e dos seus aliados, os argumentos contra si eram fracos.

Sempre defendera que, se uma pessoa não sabia receber um soco, também não saberia ganhar uma luta. Ainda assim, conseguia perceber até que ponto fora convencido. Quisera transformar Deus numa linguagem que fosse, se não falada, pelo menos compreendida e partilhada por muitos. Deus, não enquanto ser transcendental ou juiz vingador ou totem tribal, mas enquanto ideia unificadora, uma demanda comum. Poderia a busca de Deus, desprovida de todos os rótulos e dogmas, tornar-se um espaço neutro onde toda a gente, incluindo ateus e não monoteístas, poderia encontrar uma discussão válida? Poderia Deus unir as pessoas, simplesmente enquanto objeto de estudo? Era uma experiência mental: se cada alma na terra completava Deus, como Hafez afirmava, o que aconteceria quando indivíduos improváveis fossem postos na mesma sala, obrigados a encararem-se olhos nos olhos e incitados a completarem a *perceção* que cada um tinha de Deus? Admitia que era exigente e, por vezes, controlador. Era verdade que usara a sua sala de aulas como laboratório. Mas fizera-o por um bom motivo.

Os alunos... em desvantagem devido ao conhecimento, em vantagem devido à idade, rápidos a julgar e egocêntricos a cem por cento. Nunca lhes passava pela cabeça que os seus professores também tinham uma história, um segredo, uma vida fora da sala de aulas. Azur criara uma Torre de Babel com eles. Pressionara-os até poder. Fracassara.

Um dos seus grandes erros fora envolver-se com Peri. Despertara-lhe o interesse o facto de uma rapariga tão calada e retraída ter um lado oculto, estar em sintonia com aquilo a que ela chamava «o místico». Peri, mais do que qualquer outro aluno do seu seminário, tinha uma disputa pessoal com Deus e ele sentira-se

atraído por isso. Sim, passara horas extra com ela, embora tivesse percebido — era impossível não perceber! — que ela estava embeijada por si. Era demasiado nova. Demasiado ingénua. Demasiado reprimida. Ele deveria ter tido mais cuidado, mas quando é que alguma vez fora cuidadoso?

Azur não fora criado numa família religiosa. O pai era um empresário inglês abastado, cuja felicidade era inversamente proporcional ao seu sucesso; a mãe era uma pianista chilena, talentosa mas frustrada, cheia de ressentimento por não ter tido o reconhecimento em vida que julgava merecer. A sua família tinha um negócio em Havana, em Cuba, onde Azur nascera. O pai contava histórias em como tinha ido à pesca do tubarão com Ernest Hemingway, embora restassem poucas provas dessa amizade extraordinária, à parte umas quantas fotografias e bilhetes manuscritos. Azur escolhera a Filosofia como vocação para contrariar os deveres e expectativas familiares. Contudo, para agradar aos pais, aceitara tirar o curso de Economia, em Harvard.

No último ano do curso, a sua vida mudou, quando começou a ter aulas com um especialista em Estudos do Médio Oriente. O Professor Naseem desafiara o jovem Azur como nunca ninguém o fizera antes. Oriundo de uma família berbere argelina, expusera Azur a diferentes culturas, pontos de vista movediços e questões incómodas. Também lhe apresentara as obras dos místicos: Ibn Arabi, Mestre Eckhart, Rumi, Isaac Luria, Farid Ud-Din Attar e a sua *Conferência dos Pássaros*, e o seu preferido, Hafez.

Uma tarde, Azur visitou o Professor Naseem em sua casa, em Brookline. Foi aí que conheceu Anissa, a filha mais nova de Naseem. Uns grandes olhos cor de avelã, cabelo negro encaracolado e uma vivacidade que tocava e contagiava toda a

gente à sua volta. Falaram sem parar, sobre livros, música, política. Ela sonhava em ter o seu próprio apartamento. «Mas onde quer que viva, tenho de ver água», disse.

Nessa mesma noite, Azur foi convidado para ficar para o jantar. Claro está que a comida era ótima, diferente de tudo o que ele já provara antes, mas foram o riso espontâneo e as melodias árabes que o hipnotizaram. Os olhos de Anissa esquadriharam-no à luz das velas. Nesse instante, Azur desejou que aquela fosse a sua família. Como era diferente aquela espontaneidade, aquela efervescência natural, da cortesia e contenção de sua casa. Até hoje, Azur não sabia se se tinha apaixonado por Anissa ou pela família dela.

Ao fim de menos de sete semanas já eles estavam casados.

Rapidamente, o jovem casal descobriu que era incompatível. Anissa vivia a maior parte do tempo dentro do seu mundinho. Era terrivelmente possessiva e ciumenta, e propensa a esgotamentos nervosos, por vezes pelos motivos mais estúpidos. Andava medicada desde a adolescência.

Anissa tinha uma meia-irmã mais velha, Nour, fruto do primeiro casamento do Professor Naseem. Delicada, atenciosa, bondosa, sempre que a família se reunia, ela sentava-se à mesa ao lado deles, a ouvir a conversa entre Azur e o seu pai, fazendo perguntas interessadas. Aos poucos, Azur começou a vê-la com uma luz diferente. A doçura do seu sorriso, o brilho do seu olhar, a elegância dos dedos, a sua argúcia. Ela respeitava as opiniões dele. Ele respeitava as dela. Azur nunca tinha pensado que aquele tipo de respeito por si só pudesse ser uma fonte de atração.

No mesmo ano, no fim do verão, Azur e Nour pisaram o risco. A família rapidamente descobriu. O Professor Naseem, um velhinho

sempre tão educado, convocou Azur e gritou com ele; as veias do pescoço pareciam regatos azuis a saltarem-lhe da pele. Acusou o seu jovem prodígio de agir como o diabo, infiltrando-se em sua casa com o único intuito de destruir a sua paz e reputação arduamente conquistada.

Azur e Anissa saíram de casa dele e conseguiram fazer as pazes. Decidiram afastar-se de Boston. Começar do zero na Europa. «A tua vergonha não nos seguirá», disse Anissa. «A vergonha não consegue atravessar oceanos a nado.» Todavia, ela estava constantemente a falar sobre o caso, não abertamente, mas através de insinuações e comentários sarcásticos, convencida de que por muitos remorsos que Azur tivesse, não era possível consertar o que ele destroçara. De certa maneira estranha, ela parecia saborear o pecado do marido, como se isso lhe desse uma vantagem moral no seu casamento, uma sensação de superioridade mais doce do que bagas silvestres maduras.

Chegaram a Oxford, com vista sobre a água; Anissa pareceu adaptar-se facilmente e Azur depressa encontrou o seu lugar. Aliás, prosperou. A sua mulher foi acolhida pela comunidade de Oxford. O que ninguém que a conhecia conseguia ver era a profundidade da escuridão que lhe roía a alma. Quando estava feliz, mostrava-se eufórica. Quando estava triste, ficava esmagada. Na alegria e na tristeza, tudo em Anissa era levado ao extremo.

Estava grávida de quatro meses quando desapareceu. De manhã cedo, com a bruma pairando rente ao chão, foi dar um passeio ao longo do rio e nunca mais voltou. Encontraram o corpo dela, passados vinte e seis dias, embora os mergulhadores da polícia tivessem vasculhado o rio várias vezes. Saiu uma notícia no *Oxford Mail* com uma fotografia dela, de vestido de noiva e com uma

grinalda de flores primaveris. Azur nunca percebera como é que tinham deitado as mãos àquela fotografia. O porta-voz da polícia disse que a sua morte era *inexplicada*. Não havia suspeitas de crime. O magistrado encarregado do caso deixou o veredicto em aberto, mas Azur ficou obcecado com esse comentário: o inexplicado.

O Professor Naseem culpou Azur e o seu caso com Nour pelas mudanças de humor de Anissa e o seu desaparecimento súbito. A família nunca lhe perdoou e, no seu âmago, Azur também nunca se perdoou a si próprio. Tornou-se, porém, hipersensível a desculpas. Detestava que as pessoas pedissem desculpa por coisas triviais, quando havia pedidos de desculpa muito mais importantes na vida que nunca poderiam ser expressados. Entre o livre-pensamento da sua educação e a fé orientada pela justiça do Professor Naseem, ele abriu um espaço para si próprio. Ensinaria o inexplicado. Ensinaria Deus.

Enquanto o vento matinal se reduzia a uma brisa suave, Peri dirigiu-se para a audiência da comissão como se sonhasse acordada. Sentia as pernas pesadas e hirtas. O Sol escondeu-se atrás de uma nuvem, um gaivão elevou-se nos ares e parecia que a estação do ano tinha mudado, como se o mundo se tivesse alterado desde que ela deixara o Jardim Botânico e a metasequoia que a resguardara.

Troy andava de um lado para o outro na entrada. Shirin estava sentada nas escadas, de braços cruzados no peito e os olhos inchados de chorar. Estavam ambos desejosos de que Peri chegasse para a poderem puxar para o seu lado. Algures no interior

do edifício encontravam-se pessoas com expressões impenetráveis e perguntas impertinentes.

Peri perguntou-se onde estaria Azur e o que lhe iria na mente. Desejou que ele estivesse ao seu lado nesse momento, para se poderem abrigar no interior de uma das muitas fantasias que ela acalentava sobre ele. Passariam por aquelas pessoas, ignorando os seus olhares críticos, sem se deixarem afetar por aquela calamidade que se abatera sobre eles, vinda do nada. Desejou que fosse de noite e que ele conversasse consigo sobre poesia e filosofia e o paradoxo de Deus, palavras que voavam ao vento como faúlhas de uma fogueira; só eles os dois sob um céu que poderia ter sido em qualquer parte do mundo, numa pacata cidade universitária ou numa cidade buliçosa, a sua cabeça pousada na curva do pescoço dele. Desejou que todas as diferenças de idade, estatuto social e cultura entre ambos se evaporassem. Desejou que ele se debruçasse e lhe tocasse no rosto, a beijasse na boca e dissesse o seu nome como uma palavra mágica. Desejou que a sua mente e o seu coração se fundissem numa lâmina que destruísse o espírito de Shirin que vivia dentro dele. Há muito tempo que não desejava nada com tanto fervor.

Peri apertou mais o casaco, sentindo o frio penetrar-lhe na pele. Se testemunhasse a favor de Azur, como sentia que era seu dever moral, talvez ele compreendesse o quanto ela gostava dele e a amasse... pelo menos, um pouquinho. Talvez... No entanto, o seu coração sabia que nada disso era provável. Ele seria ilibado e iria celebrar a ocasião com Shirin... que conseguia sempre tudo o que queria.

Ao longe, Peri pensou nisto tudo. Depois, lentamente, como se tivesse ficado sem energia, deteve-se. Não era ela a menina que

vira o irmão gêmeo morrer asfixiado e não gritara por socorro? Sempre indecisa, com medo de dar nas vistas, incapaz de tomar partido, tão empenhada em não aborrecer ninguém que, no fim, toda a gente ficava desiludida. Apesar de todos os seus esforços para mudar, não tinha força suficiente para superar a paralisia emocional enraizada na sua alma. Ela, Peri, Nazperi, Rosa, Ratito, não testemunharia. Nem nesse momento nem mais tarde. Não era uma atriz, era uma mera espectadora. Aquele problema era *deles*. Aquele jogo estúpido era deles. Virou costas e afastou-se, como se fosse a reputação de um desconhecido que estivesse em causa e não o futuro do homem que ela amara, com o qual sonhara e que desejara de corpo e alma.

Só anos depois é que se apercebeu de que a sua passividade contribuíra ativamente para a destruição do homem que amava. Quando traiu Azur, traiu a verdade.

O guarda-roupa

Istambul, 2016

Um terceiro homem, com o rosto tapado por um lenço, juntara-se aos dois intrusos. Pela maneira como falava, parecia ser o chefe. Provavelmente tinha estado à espera no jardim que os outros dois invadissem a mansão e desimpedissem o caminho para ele entrar.

— Se nos obedecerem, ninguém se magoa — rugiu. Mas não parecia nem irritado nem alvoroçado; apenas frio, indiferente. — A escolha é vossa.

Peri percebeu que estava a tremer. Tinha o coração aos saltos na caixa torácica. Deveria ela fugir ou esconder-se? Quem eram aqueles homens: máfia organizada, vulgares ladrões ou terroristas, como os que povoavam Istambul em grandes quantidades? Ou seria aquilo uma questão de dinheiro? Quantas pessoas teria o homem de negócios enervado, enquanto acumulava dinheiro e inveja em iguais medidas? Lembrou-se da expressão inquieta dele, no terraço. Mas não havia tempo para pensar. Observando a porta da cozinha do corredor onde deu por si agachada, fez uma pausa. Não podia correr para lá sem que a vissem da sala. Deu um passo atrás. As suas mãos palpavam a superfície do espelho atrás de si.

Moveu-se ligeiramente... era a porta de um guarda-roupa embutido na parede.

Abriu-a. No armário havia casacos, caixas, sapatos, chapéus de chuva. Sem pensar, saltou lá para dentro e fechou a porta que prendia com íman. Encostando as costas ao fundo de madeira, enroscou-se toda no escuro. Uma vez mais na vida, tornou-se um ouriço-cacheiro apavorado.

Um minuto depois, talvez menos, alguém atravessou o corredor num sentido e depois no outro, batendo com os pés e gritando:

— Fora da cozinha! Toda a gente! Já!

Estavam a reunir o pessoal doméstico. O chefe, o assistente, as empregadas contratadas para servir à mesa naquela noite. Passos apressados. O batuque de botifarras. Sussurros assustados.

Dentro do guarda-roupa, Peri clicou no botão para tirar o som ao telemóvel e escreveu uma mensagem à mãe: «Chame a polícia, urgente. Sabe onde estou.»

— Porra! — disse, percebendo que provavelmente Selma já se fora deitar e poderia só ver a mensagem no dia seguinte de manhã. Sentiu um alívio profundo por Deniz se ter ido embora mais cedo e estar a salvo. Mas Adnan estava ali... *lá*. O seu marido, o seu confidente, o seu melhor amigo. O ar saiu-lhe dos pulmões com um gemido agudo.

Ouviu uma pancada seca. Uma mulher gritou. Peri discerniu um grito, que se transformou num riso histérico. Parecia a namorada do famoso jornalista.

— Não adivinhou que eles cá vinham? E ainda diz que é médium? Médium o tanas!

Abraçando os joelhos, Peri ficou petrificada. O que seria aquilo tudo? O homem de negócios a receber o castigo merecido? Ou

simplesmente uma coincidência, mais um acontecimento fortuito ao qual uma pessoa tentava, em vão, dar sentido? Lembrou-se das câmaras de vigilância e do arame farpado que vira à entrada... tudo inútil. O mundo estava cheio de perigos. O caos e a desordem encontravam-se à coca a cada esquina. Seria o mal uma espécie de paga divina pelos nossos atos, ou a obra instável de um destino arbitrário? Se a aleatoriedade dominava tudo, de que servia uma pessoa tentar ser melhor? Como é que se expiavam os pecados passados, se não modificando o comportamento pessoal? Ela fora uma boa pessoa... exceto para com o homem que amara havia anos e que, num qualquer canto intacto do seu coração, continuava a amar. O Professor Azur ensinara-lhe que a incerteza era preciosa. Mas e se a única coisa que existisse fosse simplesmente a confusão?

Enjoadíssima, ligou para a polícia. Um agente atendeu e começou imediatamente a bombardeá-la com perguntas, tratando-a mais como criminosa do que como testemunha. Peri interrompeu-o no tom mais baixo que conseguiu:

— Estão homens armados...

— Não consigo ouvi-la. Fale mais alto — repreendeu-a o agente. Peri deu-lhe a morada.

— Porque é que está nessa casa? — inquiriu o agente.

— Fui convidada — sibilou ela, frustrada. — Eles estão armados.

— Em que sítio da casa está? — perguntou o agente, mas não esperou pela resposta. Quis saber como se chamava, o que fazia, onde vivia. Perguntas inúteis. Fora uma cidadã exemplar durante aquele tempo todo, mas na base de dados do Estado era uma criação digital, um número sem uma história.

Por fim, o indivíduo disse:

— Está bem, vamos mandar uma equipa.

A seguir, ela verificou o nível da bateria. Duraria mais uns quinze minutos ou provavelmente menos. Perguntou-se o que aconteceria nesse interregno: seria apanhada e feita refém como os outros, ou chegaria a polícia e lançaria uma operação, durante a qual poderiam ser, todos eles, resgatados ou mortos? Quando a bateria morresse, talvez aquela Última Ceia da Burguesia Turca já tivesse terminado, para o bem ou para o mal. A vida afigurava-se amiúde injusta, mas a maior injustiça era a morte. O que era mais difícil de aceitar: que havia um objetivo oculto naquela loucura, se soubéssemos onde o procurar; ou que não havia lógica nenhuma e, por conseguinte, nenhuma justiça?

Tinha a mão a latejar novamente, como se tivesse vida própria, como se fosse o braço de um polvo. À luz fosforescente do ecrã do telemóvel, entalada entre os casacos e os sapatos, enquanto lá fora o marido e os amigos eram reféns de homens armados, observou o número que Shirin lhe dera.

E telefonou a Azur.

A desgraça

Oxford, 2016

Todos os dias ao anoitecer, Azur ia dar uma volta. Fazia uns bons oito a dez quilómetros, seguindo caminhos históricos, passando por matas antigas e campos agrícolas ondulantes. A mente imbuía-se de clareza quando uma pessoa estava ao ar livre, pensava ele, determinada e ponderada, mas sem um destino específico na cabeça. Se havia uma coisa em que acabara por acreditar firmemente, ao longo dos anos, acerca dos seres humanos era que se tratavam de camaleões mentais, capazes de se adaptarem até à vergonha e à desgraça. Sabia-o não por especulação, mas por experiência própria. Fora reduzido à vergonha. Caíra em desgraça. Se alguém tivesse dito ao seu eu mais jovem, enquanto progredia na Academia e na sociedade, ambicioso e sempre confiante, que um dia se estamparia na terra como se tivesse voado demasiado perto do Sol, teria considerado a ideia demasiado deprimente para ser verdadeira. Na verdade, o jovem Azur, cheio de princípios, provavelmente teria respondido que mais valia morrer do que viver em desonra. Contudo, ali estava ele, mais de uma década depois do escândalo, ainda presente, ainda vivo e ainda profundamente magoado por dentro.

Havia catorze anos, fora obrigado a abandonar o seu cargo de docente. Desde então, mantinha um laço frouxo com a universidade que, em tempos, fora a sua casa académica, como um cordão umbilical que já não o alimentava, mas que não podia ser cortado. Não o tinham convidado para voltar a dar aulas e ele não o pedira, não fosse o seu nome embaraçar os seus colegas ou o departamento. Ao longo dos anos, lera uma série de artigos sobre si próprio, mas havia um que se destacava. Acusava-o de ser um megalomaniaco com mania da autoridade, uma amálgama foucaultiana de poder e conhecimento que matava mentes jovens e inseguras, como uma praga. Traçando uma imagem do mal encarnado, o autor do texto relacionara a tentativa de suicídio de Peri e o desaparecimento de Anissa. «Eis um homem que claramente destruiu cada rapariga que seduziu intelectualmente.» Escrito num tom inflamado e assustadoramente bem pesquisado, o artigo desestabilizara Azur, empurrando-o para uma depressão tão profunda que lhe era impossível lembrar-se de uma época em que o seu mundo não estivera imbuído de melancolia. Apesar disso, continuara a trabalhar, como se soubesse que, se parasse de escrever, não teria motivos para querer viver mais um dia. O trabalho era um instinto de sobrevivência.

Podia ter ido para a América ou para a Austrália e começado do zero, mas preferira ficar. Sem responsabilidades administrativas e docentes, tinha muito tempo para ler, fazer investigação e escrever. Isso, aliado a uma nova paixão que se lhe apoderara da alma, motivara-o a publicar livro atrás de livro. Cada um dos títulos que lançara ao longo de todos esses anos impelira-o para a fama e o reconhecimento, de modo que, atualmente, se encontrava numa situação que nunca teria alcançado, se não tivesse perdido o seu

cargo de docente. Talvez Plutarco tivesse razão, no fim de contas. O destino conduzia, de facto, quem estava disposto a deixar-se conduzir e quem lhe resistia, como ele próprio, era arrastado à força.

Continuava a viver na mesma casa, com as janelas de sacada que davam para o bosque. Cultivava ervas aromáticas e legumes no jardim. Dava-se com um punhado de velhos amigos, apenas. Cozinha. A vida era pacata, organizada, e era assim que ele a queria. Ainda tinha amantes, várias, e já não importava se as mulheres com quem partilhava a cama estavam ligadas à universidade. Havia algo paradoxal na desgraça pública, na medida em que, roubando o papel social e a respeitabilidade a uma pessoa, a tornava mais livre. Sim, ele era livre como um pássaro e quase tão despreocupado. Mas sabia, claro está, que os pássaros são criaturas de hábitos, por conseguinte não eram propriamente livres e tinham muito com que se preocupar.

De vez em quando, recebia um telefonema ou um email de um jornalista decidido a entrevistá-lo, ou de um aluno que estava a escrever uma tese sobre os seus livros. Aceitava alguns, recusava outros, decidindo por mera intuição. A princípio, rejeitara terminantemente todas as tentativas para se imiscuírem no seu espaço privado. Estava ciente de que a primeira pergunta que lhe fariam seria sobre o escândalo, apesar da quantidade de tempo que passara. Mesmo que não o mencionassem na entrevista, haveria sempre uma referência no artigo, o que podia ser pior. Por isso, recusara-as enquanto pudera. A sua inacessibilidade, porém, tornara-o ainda mais atrativo aos olhos dos seus leitores. Tinha um público leal que conhecia, lia e partilhava tudo o que ele escrevia.

Como dissera um jornalista, entre os pensadores mais desonrados da atualidade, ele era o mais venerado.

Depois de *Espinosa* morrer, ele recusara-se a cuidar de outro cão. A decisão não durara muito. Um pastor-romeno-dos-cárpatos, com dois meses de idade, aparecera-lhe à porta com um laço dourado na coleira, uma prenda de anos de Shirin. Pelo denso, branco e fofo às manchas cinza-claras. Calmo e esperto, um animal feito para as montanhas. Pareceu-lhe adequado dar-lhe o nome do filósofo romeno famoso pelas suas opiniões melancólicas sobre Deus e tudo o resto. Além disso, era apropriado ao estado de espírito de Azur. A partir de então, *Cioran* passou a acompanhá-lo nos seus passeios.

Nessa tarde, Shirin batera-lhe à porta, com uma barriga enorme e as faces a arder. A gravidez dava a algumas mulheres um aspeto mais beatífico e Shirin era um exemplo disso. Se houvesse uma santa pecadora, seria ela.

— Vens, não vens? Por favor, não digas que não. Olha que armo um escarcéu — disse ela, tamborilando as unhas verde-garridas na mesa.

Shirin tornara-se uma ótima académica; depois do escândalo, fora para Princeton, de onde lhe escrevera quase todos os dias, sem falta. No seu regresso, arranjava um cargo de docente na sua antiga faculdade. Desde então, tinham-se mantido bons amigos, apesar da diferença de idades e dos seus estilos de vida discordantes. O facto de nenhum dos dois ter tentado reavivar o seu caso amoroso era louvável e a decisão certa, mas ao mesmo tempo era triste, pensara Azur. Sabia que estava a envelhecer.

— Ouve, este tipo é horrível. Racista. Homofóbico. Islamóforo. A coitada da Mona teria tido um ataque cardíaco. O homem não tem vergonha na cara. Diz que Deus fala através da boca dele.

Azur sorriu.

— Há muitos como ele. Habituem-se.

— Eu recuso-me — retorquiu Shirin. — Vem, por favor.

— O que é que queres de mim, querida? Achas que a minha presença significa alguma coisa para alguém, ainda por cima para ele? Sou uma desgraça ambulante, aos olhos deles. Além disso, deixei-me de debates sobre Deus. Já não me meto nisso.

— Não acredito minimamente nessa desculpa. Vem, por favor.

Quando ela se foi embora, Azur fez um chá e sentou-se à mesa da cozinha. Um raio do Sol que atravessava na diagonal a folhagem do sicómoro, lá fora, formava um retalho malhado no seu rosto, acentuando-lhe as feições buriladas. Tinha um jornal local dobrado ao seu lado. Trazia um artigo sobre o estudioso holandês conhecido pelas suas opiniões polémicas sobre o Islão, os refugiados, o casamento gay e o estado do mundo. Proclamava ter acesso direto a Deus, ser sócio desse clube só para eleitos. Havia quase dois séculos que a Oxford Union convidava oradores externos de renome, que iam desde o convencional ao controverso. Mas ninguém se lembrava de alguma vez uma palestra ter suscitado tanto alvoroço como a desse homem.

Azur pegou na chávena de chá, que deixou uma mancha no jornal à volta da cabeça do orador; assim, o indivíduo parecia, de facto, um santo. Observou a imagem durante um momento, hipnotizado. Depois, impulsivamente, pegou no casaco e nas chaves do carro.

Vinte minutos depois, quando Azur se aproximou do edifício, recortado contra o céu enevoadado, reparou num grupo de alunos à espera na rua, com letreiros a protestar contra o orador, exigindo que ele fosse expulso do território da universidade.

Um rapaz deteve-o. Caloiro, pelo aspeto. Não devia conhecer Azur.

— Estamos a fazer uma petição para deter este monstro. Assina? — Falava inglês com um sotaque forte, mas agradável ao ouvido.

— Não é tarde de mais para isso? — perguntou Azur. — O tipo vai falar daqui a dez minutos.

— Não tem mal. Se recolhermos suficientes assinaturas, a Union terá de pensar duas vezes antes de voltar a convidar alguém como ele. Além disso, planeamos entrar na sala e interromper a palestra. — Espetou uma esferográfica e um bloco na direção de Azur.

— Lamento desiludi-lo — respondeu Azur —, mas não vou assinar.

Um olhar de desprezo perpassou o rosto do rapaz.

— Quer dizer que concorda com ele? Com um fascista?

— Eu não disse que concordava com a perspetiva dele.

Mas o estudante, tendo perdido o interesse, virou as costas e afastou-se, a passos rápidos. Azur sentiu-se dividido entre deixá-lo partir e ir atrás dele.

— Espere! — Correu atrás dele.

O aluno virou-se, surpreendido.

— É muçulmano, não é?

Um aceno de cabeça cauteloso.

— Depreendo que já tenha lido Rumi. Lembra-se do verso? Se cada esfregadela te irrita, como é que o teu espelho vai ficar limpo?

— O quê?

— Deixe o tipo falar. As ideias têm de ser desafiadas com ideias. Os livros com livros melhores. Por mais estúpidas que sejam as vozes das pessoas, não as podem calar. Banir oradores não é o caminho certo.

— Guarde a sua filosofia pomposa para si — retorquiu o rapaz.

— Ninguém tem o direito de insultar a minha religião e o que é sagrado para mim.

— Mas imagine a liberdade que sentirá, se conseguir ser superior ao ódio deste homem. Temos de responder aos insultos com sabedoria.

— Rumi, outra vez?

— Por acaso é Shams, o companheiro dele e...

— Deixe-me em paz — disse o aluno, dirigindo-se a passos largos para os amigos e sussurrando-lhes qualquer coisa. O grupo todo fixou Azur.

Porque é que não conseguia ficar calado? Aquela sua mania de falar já lhe trouxera problemas de sobra na vida. Passando os dedos pelo cabelo ralo e manchado de grisalho, entrou na Oxford Union. Havia um cartaz na entrada com o título da palestra: «Salvar a Europa para os Europeus».

A multidão reunida na sala zumbia de excitação tensa. Algumas pessoas tinham ali chegado com sentimentos de raiva, desdém e incredulidade em relação ao orador, que fizera uma carreira à base de ofensas e troça; outras com uma arrogante satisfação porque alguém, finalmente, ia dizer em voz alta o que elas andavam a pensar.

Enquanto Azur abria caminho por entre a multidão, uns quantos colegas de antigamente acenaram-lhe, enquanto outros fingiram

nem reparar nele. A vergonha era um manto de invisibilidade. Ele usava-o em público. Já não o magoava tanto como antes ver a rapidez com que as pessoas estavam prontas para julgar e se distanciar. Nesses momentos, lembrava-se de Peri, perguntando-se o que faria em Istambul, que tipo de vida teria construído. Se ele tinha sido condenado a uma vida inteira de desgraça, ela fora certamente condenada a uma vida inteira de remorsos. Quem poderia dizer qual das duas era mais penosa para a alma?

Ao vê-lo chegar, Shirin levantou-se, acenando com uma mão e com a outra na barriga. A sua excitação era tão comovente que Azur se sentiu triste. Não foram os seus acusadores cobardes nem os seus rivais oportunistas que o fizeram sentir-se vulnerável. Foram aqueles que, acontecesse o que acontecesse, o amavam, respeitavam e apoiavam, contra tudo e todos. Tinham esperado que ele limpasse o seu nome. Ele recusara-se a fazê-lo. Sempre pensara que quanto mais uma pessoa reivindicasse a sua inocência perante os outros, mais culpada lhes pareceria. Além disso, reabrir antigos processos também teria magoado Peri.

— Obrigada por teres vindo — disse Shirin. — Eu sabia que virias.

— Mas vou sair cedo. Acho que não aguento ouvi-lo até ao fim.

Ela concordou.

Daí a pouco, o orador entrou em palco, de fato de caxemira azul-elétrico e sem gravata. Falou durante trinta minutos sobre os perigos que se apresentavam à civilização ocidental. A sua voz ondulava a um ritmo calculado, descendo aqui e ali para um sussurro rouco, elevando-se em palavras que ele sabia que induziriam o medo. Não era racista, disse. E nada tinha de xenófobo. A sua padaria preferida era gerida por um casal árabe, o seu médico particular era de

origem paquistanesa e ele passara as melhores férias da sua vida anos antes em Beirute, onde um taxista recuperara o seu porta-moedas perdido. Mas as portas da Europa tinham de ser firmemente trancadas. Era a única consequência lógica de um caos completo criado por terceiros. A Europa era o lar. Os muçulmanos eram forasteiros. Até uma criança de cinco anos sabia que não se convidam desconhecidos para dentro de casa. Toda a gente no mundo inteiro invejava a riqueza do Ocidente e esta tinha de ser protegida quer dos forasteiros quer dos traidores internos, que não percebiam que diluir uma cultura, adulterar uma raça, profanar o património estava errado. Errado! Errado! Os casamentos entre pessoas de raças e fés diferentes punham em perigo a integridade da sociedade ocidental. Não devíamos ter vergonha de falar de pureza. Pureza racial, cultural, social e religiosa. O indivíduo foi eloquente, bem-educado e, como todos os bons demagogos, sabia quando dizer uma piada.

O problema da Europa era que tinha abandonado Deus. As pessoas estavam finalmente a despertar para esse erro histórico. Estava na hora de trazer Deus, o Salvador, de volta... de volta para a Academia, de volta para a família, de volta para o espaço público. A liberdade nunca devia ser confundida com impiedade. A Europa andara a perder tempo a debater temas disparatados — como o casamento entre pessoas do mesmo sexo —, enquanto as hordas bárbaras se juntavam às nossas portas. Se as pessoas decidiam ser gays, tudo bem, mas tinham de arcar com as consequências. Não podiam reivindicar o direito ao casamento, claramente definido como uma aliança feita com Deus entre um homem e uma mulher. O caos atual — o terrorismo, a crise de refugiados, o extremismo islâmico em solo europeu — era a maneira de Deus ensinar aos europeus

uma lição. Testar, corrigir, limar, aperfeiçoar. No passado, o Senhor tinha lançado uma chuva de fogo e enxofre sobre as cidades pecadoras; hoje, lançava-nos uma chuva de refugiados e terroristas. Cada era acarretava o seu tipo específico de castigo.

— Meus amigos, Deus está aqui connosco, hoje. Tentaram bani-Lo das universidades. Ofenderam-No durante tanto tempo. Mas Ele está presente em toda a Sua glória. Eu não passo do Seu veículo, do Seu humilde porta-voz.

Do seu lugar na plateia, Azur resfolegou muito alto, arrojado e trocista, quebrando um momento de silêncio na sala. Todos os olhares se viraram para ele, incluindo o do orador.

— Quem é que eu estou a ver diante de nós? Se não me engano, o Professor Azur honrou-nos com a sua presença — disse o orador —, embora já não seja professor.

A sala foi percorrida por uma onda de sussurros, enquanto colegas e estudantes espetavam a cabeça para ver melhor o espectador desordeiro. Azur levantou-se. Ao seu lado, Shirin manteve-se imóvel, com o rosto pálido como o de um fantasma.

— Tem toda a razão. Já não dou aulas.

Com os cantos da boca descaídos, o orador disse:

— Sim, eu sei. A notícia chegou até ao nosso cantinho sossegado em Amesterdão. — Um sorriso falso de empatia espalhou-se-lhe no rosto. — Mas fico contente por ver com os meus próprios olhos que Deus o trouxe de volta para a luz.

— Quem disse que estive no escuro? — questionou Azur.

— Parece-me óbvio que estive...

Azur fez um gesto de assentimento.

— Nesse caso, tenho de lhe dar esperança. Já fui tudo o que há de ímpio. Se Deus consegue atuar sobre uma pessoa como eu,

então consegue fazer milagres em qualquer pessoa... talvez até consiga abrir uma mente fechada como a sua.

— Que bonito da sua parte citar São Francisco. Da maneira que mais lhe convém, imagino. Como fazem as pessoas. Um dia, teremos de organizar um debate. Será divertido.

E, dito isso, o pregador prosseguiu o seu discurso, deixando Azur de pé, mortinho por se lançar num debate que não lhe seria concedido no futuro próximo.

Quando regressou do seu passeio ao fim da tarde, revivendo ainda aquele instante na Oxford Union, a casa pareceu-lhe gelada. As fotografias nas paredes, os azulejos da lareira. Enquanto aquecia uma lasanha da véspera, o telefone começou a tocar. Um número desconhecido, parecia internacional. Como não estava com vontade de falar com ninguém, decidiu não atender. O toque parou de repente, um momento de silêncio total. *Cioran*, aos seus pés, soltou um gemidozinho. Depois, o telemóvel recomeçar a tocar.

Dessa vez, algo dentro de si o incitou a atender. E assim fez. Do outro lado da linha, numa mansão à beira-mar em Istambul, estava Peri, tentando encontrar a sua voz.

As três paixões

Istambul, 2016

Inspira. Expira. Por um instante, o tempo pareceu dissolver-se e ela voltou a ser a rapariga de antigamente, catapultada de um pesadelo ou atirada para o interior de mais um... o guarda-roupa dentro do qual se escondera era como a cela de detido do seu irmão. Entretanto, lá fora, os convidados e os empregados tinham sido levados para o andar de cima, para o escritório dourado. Peri ouvira-lhes os passos quando foram reunidos em rebanho e, agora, sobre a casa, abatera-se um silêncio agoirento. Apertou o telemóvel do marido com mais força, enquanto esperava pelo toque. Formou-se-lhe um súbito nó na garganta, quando ouviu a voz de Azur do outro lado da linha.

— Estou?

O timbre familiar trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Era como se tivesse a boca cheia de pequeninas partículas, grãozinhos de remorso. Era assustadora a velocidade a que o passado partilhado, como dor em estado líquido, se infiltrava nos silêncios do presente.

— Estou? Quem fala?

Ela quase desligou, tal foi a intensidade com que as palavras a abandonaram. Contudo, estava cansada de fugir de si própria e o

impulso de confrontar os seus medos impeliu-a.

— Azur... sou eu, a Peri.

— Pe-ri... — repetiu ele, e fez uma pausa, como se o mero invocar do nome dela abarcasse a totalidade das coisas, o bem e o mal e tudo o que existia entre um e outro.

Ela tinha a cabeça às voltas, desenfreada. O coração aos pulos. Porém, quando falou outra vez, a sua voz parecia calma.

— Eu devia ter ligado antes. Fui uma cobarde.

Azur ficou calado. Sempre soubera que aquele momento chegaria um dia, mas nunca se preparara para ele.

— Que surpresa — disse, por fim. Pareceu prestes a acrescentar algo, mas mudou de ideias. — Estás bem?

— Nem por isso — respondeu ela, sem dar mais explicações. Não lhe disse que estavam homens armados dentro de casa. Nem que a conversa poderia ser interrompida a qualquer instante, porque estava a ficar sem bateria. Ouviu um cão a ladrar ao fundo.

— É o *Espinosa*?

— O *Espinosa* morreu, minha querida. Espero que esteja num mundo melhor.

Ela começou a chorar, baixinho.

— Devo-te um pedido de desculpas, Azur. Devia ter falado perante a comissão.

— Não te recrimines — respondeu ele, suavemente. — Não estavas em condições de tomar uma decisão racional. Eras demasiado jovem.

— Já tinha idade suficiente.

— Bom... eu deveria ter sido mais cuidadoso.

O comentário apanhou-a de surpresa. Então, ele não a odiara durante todo aquele tempo, como ela temera. Ao invés, assumira

ele a culpa.

Teve vontade de lhe dizer: «Li o teu último livro. Li absolutamente tudo o que publicaste desde... Mudaste. Pareces mais cínico... desapaixonado. E pergunto-me se isso significa que perdeste a tua irrequietude, o espírito brincalhão que conseguia cativar os teus alunos e hipnotizar plateias inteiras. Espero que não.»

Do andar de cima, chegou-lhe o troar distante de passos. Um breve alvoroço. Um grito. Um tiro rasgou o ar. Uma pancada seca.

Todo o corpo de Peri ficou hirto e a sua respiração entrecortada e rouca.

— Que barulho foi esse? — perguntou Azur.

— Não foi nada.

— Onde é que estás?

«Dentro de um armário, numa vivenda chique em Istambul, que acaba de ser invadida por rufias e, na boca, sinto o sabor do medo e de uma trufa chamada Oxford.» Não, não lhe podia dizer isso.

— Tem importância? — perguntou ela, mantendo a voz incrivelmente baixa.

— Quando te conheci, Peri — disse ele —, pensei: esta rapariga não o sabe, mas carrega em si as três paixões de Bertrand Russell: o desejo de amor, a busca de conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade.

O rosto dela turvou-se.

— Tinha-las todas — disse ele. — Era tão profunda a tua necessidade de amor. A tua sede de conhecimento. A tua sensibilidade em relação aos outros... ao ponto de te apagares a ti mesma. Tive pena de ti. Mas também tive *raiva*. Fazias-me lembrar uma mulher do meu passado.

— A tua mulher? — perguntou ela, cautelosa.

— Não, minha querida. Uma pessoa chamada Nour. Fiquei ansioso, com medo de te magoar como a magoei a ela. A verdade é que eu sei que acabei por fazer mal a todas as mulheres que se aproximaram de mim.

— Exceto a Shirin.

— É verdade, ela era invencível. Parecia invencível. Era mais nova, mas forte, obstinada. Uma guerreira nata. Com ela, não havia motivo para preocupações. Nunca lhe aconteceria nada de mal.

— Querias um amor desprovido de culpa.

— Talvez — respondeu Azur. — Não és só tu quem pede desculpa a Deus.

No ecrã, a bateria passou de preto a vermelho.

— Fazes-me uma coisa?

— Diz lá.

— Gostava de ter mais um seminário. Agora.

Ele riu-se.

— Como, agora? Sobre o quê?

— Sobre perdão e amor — disse ela. — E conhecimento. Desta vez, serei eu o professor, combinado?

Uma pausa circunspecta.

— Sou todo ouvidos, querida.

— Então — disse ela. — A palestra de hoje é sobre Ibn Arabi e Ibn Rushd, ou seja, Averróis. Ibn Rushd era um eminente filósofo e Ibn Arabi um jovem e esperançoso estudante, quando os dois se conheceram. Sentiram imediatamente uma ligação entre eles, uma vez que eram ambos devotos aos livros e à aprendizagem e nenhum abraçava a ortodoxia. Mas eram também muito diferentes.

— Em que sentido?

— Olha, é a mesma questão acerca do Oriente e do Ocidente, ou não é? Como é que alargamos o nosso conhecimento de nós próprios e do mundo? Ibn Rushd tinha uma resposta clara: através do pensamento refletivo. Da razão. Do estudo.

— E Ibn Arabi?

— Ele queria a razão e a *intuição mística*. Acreditava que era nosso dever, enquanto seres humanos, expandir a nossa sabedoria. Mas também reconhecia que havia coisas para lá dos limites da mente. Antes de seguirem caminhos distintos, Ibn Rushd perguntou a Ibn Arabi, uma última vez: «É através da reflexão racional que desvelamos a Verdade?»

— E o que é que Ibn Arabi respondeu?

— Disse que sim e disse que não. «Entre o sim e o não», explicou, «os espíritos saem a voar da sua matéria e as mentes dos seus corpos». Achava que não havia ninguém tão ignorante como aqueles que procuram Deus e, no entanto, só quem procura uma verdade maior do que si próprio é que tem a possibilidade de a alcançar.

— Diz-me uma coisa, Peri, porque é que essa história te interessou?

— Porque sempre estive nesse limbo entre o sim e o não. Não sou alheia à fé e não sou alheia à dúvida. Indecisa. Vacilante. Nunca segura de mim mesma. Talvez toda essa incerteza tenha feito de mim quem sou. Ao mesmo tempo, tornou-se o meu pior inimigo. Não conseguia sair desse impasse. — Fez uma pausa. — Falei-te do bebé na bruma. Se não era uma alucinação, era um tipo de experiência de que nunca tinhas ouvido falar. Outro professor teria feito troça disso, mas tu não. Sempre te mostraste aberto às coisas novas. Admirei-te por isso.

— Achas que eras a única pessoa confusa, mas muitos de nós sentem essa mesma confusão.

Nós. Uma palavra que era um suspiro. Tão pequenina, tão descomunal. Nós, os confusos.

Peri abanou a cabeça.

— Admirei-te tanto. Agora consigo discernir as coisas com toda a clareza. Quando nos apaixonamos, transformamos a outra pessoa no nosso deus... que perigo que isso é! E quando essa pessoa não nos ama, reagimos com raiva, ressentimento, ódio...

Ela continuou:

— Há qualquer coisa no amor que se assemelha à fé. É uma espécie de confiança cega, não é? A euforia mais doce. A magia de criarmos uma ligação com um ser que está para lá do nosso eu limitado e familiar. Mas, se nos deixarmos arrebatados pelo amor, ou pela fé, transforma-se num dogma, numa obsessão. A doçura azeda. Sofremos nas mãos dos deuses que nós próprios criámos.

— Eu deveria ser uma das últimas pessoas à face da Terra a ser considerada um deus — comentou Azur.

— Não eras tu — disse Peri. — Era o Azur que eu criara para mim própria. O Azur de que precisava para dar sentido ao meu próprio passado fragmentado. Foi por esse professor que me apaixonei. O Azur que existia na minha mente.

Ela prosseguiu o seu discurso. Com a voz a ganhar força, os olhos já perfeitamente adaptados à escuridão, o telemóvel a tremeluzir na sua mão ferida, ela deu uma aula a um homem numa casa nos arredores de Oxford, enquanto o cão deste esperava pacientemente ao lado do dono. Podia facilmente ter acontecido a situação inversa: ele em perigo e ela em segurança. Nesse dia, ela

foi o professor, e ele, o aluno. Os papéis inverteram-se, as palavras nunca pararam de se mover. A forma da vida era um círculo e cada ponto nesse círculo estava a igual distância do centro, quer lhe chamemos Deus ou outra coisa completamente diferente.

Ouviu o som de sirenes a aproximarem-se da mansão à beira-mar. Daí a uns minutos, não mais do que isso, tudo iria mudar: um novo começo ou um fim demasiado precoce. Quando o telemóvel apitou uma última vez antes de a bateria morrer, ela abriu a porta do guarda-roupa e saiu.

Agradecimentos



A minha terra-mãe, a Turquia, é um país-rio, nem sólido nem estável. Durante a escrita deste romance, esse rio mudou muitas vezes, fluindo a uma velocidade estonteante.

Os meus sinceros agradecimentos a duas pessoas que me são muito queridas: o meu agente Jonny Geller e a minha editora Venetia Butterfield. Estou-lhes grata pelo incentivo, apoio e fé; por cuidarem das minhas ansiedades e ataques de pânico e por participarem nesta viagem. Um agradecimento especial a Daisy Meyrick, Mairi Friesen-Escandell, Catherine Cho, Anna Ridley, Emma Brown, Isabel Wall e Keith Taylor: as maravilhosas equipas da Curtis Brown e da Penguin; é um verdadeiro prazer trabalhar convosco.

Devo um «obrigada» do tamanho do trânsito de Istambul a Stephen Barber, que leu e releu este livro, oferecendo-me conselhos preciosíssimos. Estou grata a Lorna Owen pelos seus comentários e contributos valiosos. É uma bênção para um autor trabalhar com a genial Donna Poppy. Obrigada a Nigel Newton pelo entusiasmo e camaradagem.

Um sem-fim de obrigadas aos meus filhos, Zelda e Zahir, por aturarem os meus horários de escrita irregulares e suportarem a música que ouço enquanto escrevo. É demasiado barulhenta, eu sei.

Amamos a nossa terra-mãe, sem dúvida; mas, por vezes, ela também pode ser exasperante e enlouquecedora. Contudo, aprendi com o tempo que, para os escritores e os poetas para os quais as fronteiras nacionais e as barreiras culturas existem a fim de serem questionadas, uma e outra e outra vez, na verdade só existe uma terra-mãe, perpétua e portátil.

A terra das histórias.

Sobre a Autora

ELIF SHAFAK

Elif Bilgin nasceu em Estrasburgo em 1975. Alterou o seu nome para Elif Shafak como uma homenagem à mãe, a diplomata Shafak Atayman, com quem foi criada depois do divórcio dos pais — e viveu em Espanha, Jordânia, França, Estados Unidos (Massachusetts, Michigan, Arizona) e Reino Unido, experiência cosmopolita que modelou a sua escrita, os seus temas literários e também a sua relação com Istambul, o cenário de muitos dos seus livros, e que Elif concebe como uma identidade histórica feminina, cuja memória milenar convoca para o seu trabalho literário, juntamente com o feminismo, o «espírito da viagem», a mística Sufi ou a memória da tradição otomana. Numa entrevista de 2010, elogiou a cidade como um exemplo para outros combates pela diversidade: «Istambul faz-nos compreender, talvez não intelectualmente, mas intuitivamente, que o Oriente e o Ocidente são, em última análise, conceitos imaginários, e que podem, portanto, ser desconstruídos e reconstruídos.» Elif Shafak teve a sua cabeça a prêmio na Turquia, depois das purgas e perseguições que se seguiram ao golpe falhado de 2016.



Sobre a Tradutora

TÂNIA GANHO

Tânia Ganho (Coimbra, 1973) é autora de romances como *A Vida sem Ti*, *Cuba Libre*, *A Lucidez do Amor* e *A Mulher-Casa*. Foi também professora, durante algum tempo, e tradutora para televisão, vivendo entre Lisboa e Paris. Os leitores portugueses devem-lhe muito; foi ela a tradutora de autores como Ali Smith, Rachel Cusk, Chimamanda Ngozi Adichie, David Lodge, Nicholas Shakespeare, Gillian Flynn, Terenci Moix, Jeanette Winterson, Annie Proulx, Dan Brown e Anaïs Nin, entre outros.